



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARILZE TAVARES

**UM ESTUDO DAS ETNIAS GUARANI KAIOWÁ E
GUARANI ÑANDEVA A PARTIR DE SUAS IMPRESSÕES
SOBRE AS LÍNGUAS E DE UM RECORTE DO LÉXICO EM
USO**

Londrina/PR, 2015

MARILZE TAVARES

**UM ESTUDO DAS ETNIAS GUARANI KAIOWÁ E
GUARANI ÑANDEVA A PARTIR DE SUAS IMPRESSÕES
SOBRE AS LÍNGUAS E DE UM RECORTE DO LÉXICO
EM USO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina/UEL como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem.

Orientação: Prof. Dr. Ludoviko C. dos Santos

Londrina/PR, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

T231e	<p>Tavares, Marilze.</p> <p>Um estudo das etnias Guarani Kaiowá e Guarani Ñandeva a partir de suas impressões sobre as línguas e de um recorte do léxico em uso. / Marilze Tavares. – Londrina, PR : UEL, 2015.</p> <p>326f.</p> <p>Orientação: Prof. Dr. Ludoviko Carnaciali dos Santos.</p> <p>Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. Guarani Kaiowá. 2. Guarani Ñandeva. 3. Mato Grosso do Sul. 4. Variação Linguística. I. Título.</p> <p>CDD – 980.41</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

MARILZE TAVARES

**UM ESTUDO DAS ETNIAS GUARANI KAIOWÁ E GUARANI ÑANDEVA A
PARTIR DE SUAS IMPRESSÕES SOBRE AS LÍNGUAS E DE UM RECORTE
DO LÉXICO EM USO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina/UEL como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem.

Aprovada em 24/03/2015.

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE

Dra. ESTHER GOMES DE OLIVEIRA

UEL 

TITULARES

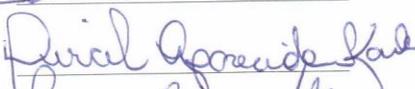
Dra. ROSANE DE SÁ AMADO

USP 

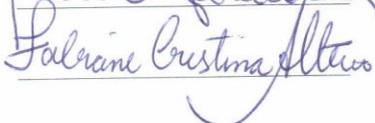
Dra. MARIA CERES PEREIRA

UNILA 

Dra. DIRCEL APARECIDA KAILER

UEL 

Dra. FABIANE CRISTINA ALTINO

UEL 

Londrina/PR, 2015

*Aos Guarani Kaiowá da Aldeia Panambizinho (Dourados/MS) e aos Guarani
Ñandeva da Aldeia Porto Lindo (Japorã/MS).*

AGRADECIMENTOS

Um texto de agradecimento é protocolar nas páginas iniciais de monografias, de dissertações, de teses e de outros trabalhos dessa natureza, mas muito mais que apenas um protocolo, agradecer acaba sendo um desejo sincero, quando se conclui um trabalho que envolveu direta ou diretamente muitas pessoas.

Inicialmente, tenho que registrar que a responsabilidade do que foi redigido neste trabalho é inteiramente minha, entretanto talvez eu não tivesse realizado esta pesquisa sem a colaboração de pessoas e de instituições, às quais sinto que é uma obrigação e um grande prazer agradecer.

Inicialmente agradeço aos colegas e à direção da FACALE – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados, por ter permitido meu afastamento durante parte do período em que estive envolvida com as atividades do doutorado.

À Pró-reitoria de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa da UFGD, por ter viabilizado minha participação no PRODOUTORAL – Programa de Formação Doutoral Docente, o que me proporcionou, por meio da Capes, o recebimento de bolsas por parte do período de minha capacitação.

Ao professor Ludoviko Carnasciali dos Santos, por ter acreditado em mim, na ideia do meu projeto de pesquisa e por ter aceitado orientar este trabalho. Gostaria de registrar que o professor Ludoviko sempre me deixou à vontade para tomar minhas decisões quanto a esta pesquisa, mas ao mesmo tempo sempre me atendeu prontamente quando as dúvidas apareciam.

A todos os professores do PPGEL – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UEL – Universidade Estadual de Londrina, especialmente àqueles com os quais tive aula: Edina Regina Pugas Panichi, Fabiane Cristina Altino, Ludoviko Carnasciali dos Santos, Paulo de Tarso Galembeck e Vanderci de Aguilera Andrade. E agradeço ainda à professora Aparecida Negri Isquerdo (também docente do PPGEL), que foi minha orientadora no período do mestrado, porque muito do que apresento aqui é resultado do que aprendi também com sua orientação naquele período.

A todos os técnicos da Secretaria do PPGEL, pelo atendimento sempre gentil e atencioso, sobretudo à secretária Rosely Fernandes Lopes, com quem mais frequentemente tive contato durante o curso.

Às professoras que participaram da banca do Exame de Qualificação – Dircel Aparecida Kailer, Fabiane Cristina Altino, Maria Ceres Pereira e Rosane de Sá Amado, cujas críticas, observações e sugestões foram valiosas e contribuíram muito para uma versão melhorada do trabalho.

A todos os colegas que conheci na UEL pela oportunidade de convivência e de debate, mas muito especialmente às colegas que se tornaram amigas queridíssimas com quem sempre estive durante o cumprimento dos créditos – Anna Chierotti, Gislaine Domingues, Marigilda Cuba, Valeska Gracioso.

Ao diretor Laucídio Flores (Terena) da Escola Municipal Pai Chiquito, da Aldeia Panambizinho de Dourados, e ao Capitão Guarani Kaiowá Valdomiro Osvaldo Aquino, que foram meus primeiros contatos nessa comunidade.

À assistente social e vereadora Arlene Terezinha Silva França Cavalcante, que gentilmente me acompanhou em minha primeira visita ao município de Japorã e me apresentou a alguns moradores da Aldeia Porto Lindo.

De forma muito especial, agradeço aos meus informantes Guarani Kaiowá e Guarani Ñandeva, que tiveram seus nomes substituídos durante a redação do trabalho, mas que agora faço questão de homenagear, citando seus nomes reais: Mizael Conscianza Jorge, Fabiana Severino Gonçalves, Anardo Conscianza Jorge, Rose Jorge Aquino, Ivanuza da Silva Pedro, Fábio Conscianza (Aldeia Panambizinho), Onésio Dias, Daiane Vilharva Cáceres Franzoni, Rogério Dias, Sirlene Rocha, Cirlene Martinez, Maciel Vilharva Cáceres (Aldeia Porto Lindo).

A todos os índigenas Guarani Kaiowá e Guarani Ñandeva das comunidades visitadas, pela receptividade, pela gentileza e pela amizade com que sempre me receberam durante as visitas para coleta de dados. Agradeço não apenas pelas informações que utilizei na pesquisa, mas pelas conversas informais interessantes e engraçadas e até por alguns presentes recebidos – frutos das hortas e das árvores dos quintais.

A toda minha família pelo apoio, principalmente a minha mãe, Conceição, que por muitas vezes tomou conta da minha filha Alice (que era quase um bebê quando iniciei o doutorado) para que eu pudesse estudar, realizar os trabalhos, viajar para eventos.

Aos alunos, estudante de graduação e pós-graduação da UFGD, Angélica, Jader, Jéssica e Thaize, que me auxiliaram na transcrição, digitação de dados da pesquisa e consulta a dicionários.

Ao meu namorado e amigo Rogério que, mesmo não sendo especialista em linguística e em língua indígena, se propôs várias vezes a discutir comigo (muito proveitosamente!) aspectos desta pesquisa, e, além disso, me acompanhou durante algumas visitas nas comunidades pesquisadas e me auxiliou na elaboração dos gráficos e outras figuras que apresento no trabalho.

A todas as pessoas não nomeadas com quem conversei sobre a pesquisa, pelas sugestões, pela indicação de material bibliográfico, pelas perguntas que me fizeram refletir sobre minhas escolhas no percurso do trabalho. Enfim a todos que de alguma forma colaboraram para que a ideia do projeto inicial se tornasse concreta.

RESUMO

O estado de Mato Grosso do Sul, sobretudo a região sul, caracteriza-se por um contexto linguístico que pode ser considerado complexo. Os dois principais fatores dessa complexidade são a fronteira com o Paraguai e a presença de um número relativamente grande de indígenas no estado, principalmente das etnias Guarani Nandeva e Guarani Kaiowá. Esses grupos indígenas, com frequência, são referenciados, pelos meios de comunicação, por exemplo, apenas como Guarani. Empiricamente observamos que os indígenas se queixam de que o tratamento generalizante não é adequado. Considerando essa problemática, este trabalho pretendeu realizar um estudo que pusesse em evidência as especificidades dos dois subgrupos étnicos, e teve os seguintes objetivos: i) verificar se, de fato, os indígenas têm percepção de diferenças culturais e linguísticas entre eles e verificar se as duas etnias percebem as supostas diferenças da mesma forma ou de formas distintas; ii) investigar se, ao menos no nível do léxico, existem diferenças linguísticas objetivas significativas entre as duas etnias; iii) averiguar se os usos linguísticos dos dois subgrupos, no que se refere ao recorte do léxico em estudo, encontram-se, da mesma forma, contemplados em dicionários de língua guarani; e iv) investigar se, entre as duas etnias, há diferenças em relação à atitude frente às influências linguísticas externas, especialmente em relação à adoção de empréstimos lexicais. Para o alcance desses objetivos, selecionamos seis informantes de cada uma das etnias, segundo critérios previamente estabelecidos, com os quais coletamos depoimentos sobre questões linguísticas, e uma amostra do vocabulário – esses dados constituíram o *corpus* da pesquisa. A análise dos dados revelou, em síntese, que, no que se refere às impressões sobre as línguas, os dois grupos étnicos demonstram posicionamento muito semelhante em relação ao que os diferencia e ao que os aproxima – ora enfatizam as diferenças, ora apontam para um processo de homogeneização linguística e cultural; quanto às diferenças no uso do léxico, observamos que elas existem e são significativas, entretanto, em geral, as unidades lexicais utilizadas pelos dois grupos estão devidamente contempladas nos dicionários de guarani (ressalta-se apenas que há pequena desvantagem para os Guarani Kaiowá no que se refere à dicionarização); já em relação às influências externas, mais exatamente ao uso de empréstimos lexicais, os dados revelaram que elas estão presentes, de forma significativa, na língua das duas etnias, mas que são mais recorrentes entre os Guarani Nandeva. De modo geral, o trabalho comprovou que existem diferenças linguísticas que devem ser consideradas na elaboração de materiais sobre a língua (dicionários e gramáticas, por exemplo). Essas diferenças, em um primeiro momento, podem parecer não relevantes do ponto de vista estritamente linguístico, mas são diferenças que os indígenas desejam que sejam evidenciadas, inclusive, por acreditarem que elas constituem as especificidades e a identidade de cada um dos grupos.

Palavras-chave: Guarani Kaiowá. Guarani Nandeva. Mato Grosso do Sul. Variação linguística. Léxico.

ABSTRACT

The South region of the state of Mato Grosso do Sul is especially characterized by a complex linguistic context. The two main factors of this complexity are the border with Paraguay and the presence of a relatively large number of indigenous people in the state, especially the Guarani Kaiowá and Guarani Nandeva. These indigenous subgroups are often referred by media just as Guaraní. We observed, empirically that indigenous subgroups complain about general treatment as not suitable. Considering this problem, this paper was intended to carry out a study to put in evidence the specificities of two ethnic subgroups and it has the following objectives: i) verify if the indigenous have perception of the cultural and linguistic differences between them and if these two ethnic subgroups perceive these differences in the same way or in distinct forms; ii) investigate, at least at the level of the lexicon, if there are significant linguistic differences between the two ethnicities; iii) check if the linguistic usages of these two subgroups are similarly covered in guarani language dictionaries; and iv) investigate if there are differences regarding the attitude to language external influences, especially in relation to adoption of lexical terms. To achieve these goals, we selected six informants from each ethnic subgroups, according to previously established criteria, in which, we collect testimonies about language questions, and a sample vocabulary – this data constitute the corpus of this research. In summary, the data revealed that, as regards the impressions about the languages: the two ethnic subgroups demonstrate very similar positioning in relation to what sets them apart and what brings them closer, sometimes emphasizes the differences, and sometimes points to a process of linguistic and cultural homogenization. As regards the differences in the use of the lexicon: that they exist and are significant, however, in general, the lexical units used by the two subgroups are properly included in Guarani dictionaries (it should be noted that there is little disadvantage to the Guarani Kaiowá in the dictionaries); as regards the relation to external influences, more exactly the use of lexical terms: the data revealed that they are significantly present in the language from the two ethnic subgroups, but they are most recurrent among the Guaraní Nandeva. In general, this work proves that there are linguistic differences that should be considered in the preparation of language materials (like dictionaries and grammars, for example). These differences, in a first moment, may seem relevant not only in the linguistic point of view, but they are the differences that the indigenous want to be highlighted because they constitute the specificities and the identity of each of these subgroups.

Keywords: Guarani Kaiowá; Guarani Kaiowá; Mato Grosso do Sul; Linguistic variation; Lexicon.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Povos indígenas em Mato Grosso do sul (1993)	31
Quadro 02 – Terras indígenas em Mato Grosso do Sul (2014)	33
Quadro 03 – Comparação de vocábulos de línguas da família tupi-guarani....	51
Quadro 04 – Línguas da família Tupi-Guarani no Brasil	52
Quadro 05 – Perfil dos informantes Guarani Kaiowá	94
Quadro 06 – Perfil dos informantes Guarani Nandeva	94
Quadro 07 – A escrita e as línguas indígenas	150
Quadro 08 – Fonemas e grafemas nas línguas Kaiwá e Guarani Paraguaio..	151
Quadro 09 – Exemplos de diferenças ortográficas	152
Quadro 10 – Respostas referentes ao item “estrela”	164
Quadro 11 – Respostas referentes ao item “pássaro”	165
Quadro 12 – Respostas referentes ao item “perto”	165
Quadro 13 – Respostas referentes ao item “menina”.....	166
Quadro 14 – Respostas referentes ao item “redondo”	167
Quadro 15 – Respostas referentes ao item “estreito”	172
Quadro 16 – Respostas referentes ao item “rir”	173
Quadro 17 – Respostas referentes ao item “lua”	173
Quadro 18 – Respostas referentes ao item “quem”	175
Quadro 19 – Respostas referentes ao item “sim”	176

Quadro 20 – Respostas referentes ao item “raso”	177
Quadro 21 – Respostas referentes ao item “quadrado”	179
Quadro 22 – Respostas referentes ao item “largo”	180
Quadro 23 – Respostas referentes ao item “grosso”	181
Quadro 24 – Respostas referentes ao item “segurar”	182
Quadro 25 – Respostas referentes ao item “pessoa”	183
Quadro 26 – Respostas referentes ao item “gordura”	184
Quadro 27 – Respostas referentes ao item “poeira”	185
Quadro 28 – Respostas referentes ao item “língua”	186
Quadro 29 – Respostas referentes ao item “pescoço”	187
Quadro 30 – Respostas referentes ao item “axila”	188
Quadro 31 – Respostas referentes ao item “peito”	189
Quadro 32 – Respostas referentes ao item “cintura”	190
Quadro 33 – Respostas referentes ao item “umbigo”	190
Quadro 34 – Respostas referentes ao item “panturilha”	191
Quadro 35 – Respostas referentes ao item “alegria”	192
Quadro 36 – Respostas referentes ao item “casa”	193
Quadro 37 – Respostas referentes ao item “madrasta”	193
Quadro 38 – Respostas referentes ao item “escola”	195
Quadro 39 – Respostas referentes ao item “banheiro”	196
Quadro 40 – Respostas referentes ao item “blusa”	197
Quadro 41 – Respostas referentes ao item “pai”	198

Quadro 42 – Respostas referentes ao item “noiva”	199
Quadro 43 – Respostas referentes ao item “família”	200
Quadro 44 – Respostas referentes ao item “tristeza”	201
Quadro 45 – Respostas referentes ao item “ciúme”	202
Quadro 46 – Respostas referentes ao item “teimoso”	203
Quadro 47 – Respostas referentes ao item “prostituta”	204
Quadro 48 – Respostas referentes ao item “bobo”	205
Quadro 49 – Respostas referentes ao item “xará”	205
Quadro 50 – Respostas referentes ao item “cama”	206
Quadro 51 – Respostas referentes ao item “guarda-roupa”	207
Quadro 52 – Respostas referentes ao item “cadeira”	209
Quadro 53 – Respostas referentes ao item “bicicleta”	210
Quadro 54 – Respostas referentes ao item “sapato”	211
Quadro 55 – Respostas referentes ao item “cerveja”	216
Quadro 56 – Respostas referentes ao item “voar”	222
Quadro 57 – Respostas referentes ao item “animal”	222
Quadro 58 – Itens que motivaram empréstimos (formulário 01)	224
Quadro 59 – Acomodação dos empréstimos (formulário 01)	226
Quadro 60 – Itens que motivaram empréstimos (formulário 02)	232
Quadro 61 – Respostas referentes ao item “sogra”	234
Quadro 62 – Acomodação dos empréstimos (formulário 02)	235
Quadro 63 – Principais alterações fonéticas e gráficas	238
Quadro 64 – Exemplos de neologismos híbridos	243
Quadro 65 – Exemplos de neologismos com elemento da própria língua	245

Quadro 66 – Neologismos Guarani Ñandeva (formulário 02)	245
Quadro 67 – Neologismos Guarani Kaiowá (formulário 02)	246

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Distribuição proporcional (%) da população indígena por região do Brasil, 2010	29
Gráfico 02 – Superfície de Terra Indígenas regularizadas em relação à superfície da unidade federada (Mato Grosso do Sul)	32
Gráfico 03 – Registro das lexias nos dicionários (Guarani Ñandeva – formulário 01)	158
Gráfico 04 – Registro das lexias nos dicionários (Guarani Kaiowá – Formulário 01)	159
Gráfico 05 – Registro das lexias nos dicionários (Guarani Ñandeva – formulário 02)	162
Gráfico 06 – Registro das lexias nos dicionários – Guarani Kaiowá (formulário 02)	163
Gráfico 07 – Percentual de Itens em que houve variação nas respostas dos dois subgrupos (formulário 01)	168
Gráfico 08 – Percentual de Itens em que houve variação nas respostas dos dois subgrupos (formulário 2)	169
Gráfico 09 – Percentual de itens com respostas homogêneas e respostas não homogêneas (Guarani Ñandeva – formulário 01)	212
Gráfico 10 – Percentual de itens com respostas homogêneas e respostas não homogêneas (Guarani Kaiowá – formulário 01)	213
Gráfico 11 – Percentual de itens com respostas homogêneas e respostas não homogêneas (Guarani Ñandeva – formulário 02)	214
Gráfico 12 – Percentual de itens com respostas homogêneas e respostas não homogêneas (Guarani Kaiowá – formulário 02)	214
Gráfico 13 – Percentual de empréstimos na amostra lexical dos Guarani Ñandeva (formulário 01)	220
Gráfico 14 – Percentual de empréstimos na amostra lexical dos Guarani Kaiowá (formulário 01)	221
Gráfico 15 – Percentual de referentes que motivaram empréstimos (Guarani Ñandeva – formulário 01)	223

Gráfico 16 – Percentual de referentes que motivaram empréstimos (Guarani Kaiowá – formulário 01)	223
Gráfico 17 – Empréstimos na amostra lexical dos Guarani Ñandeva (formulário 02)	230
Gráfico 18 – Empréstimos na amostra lexical dos Guarani Kaiowá (formulário 02)	230
Gráfico 19 – Quantidade de itens que motivaram empréstimos entre os Guarani Ñandeva (formulário 02)	231
Gráfico 20 – Quantidade de itens que motivaram empréstimos entre os Guarani Kaiowá (formulário 02)	232

LISTA DE MAPAS, FOTOS E OUTRAS FIGURAS

MAPAS

Mapa 01 – Localização dos povos indígenas Guarani Kaiowá e Guarani Ñandeva em Mato Grosso do Sul	36
Mapa 02 – Localização das comunidades <i>Panambizinho</i> e <i>Porto Lindo</i> em Mato Grosso do Sul	91

FOTOS

Foto 01 – Cacique Paulito Aquino, usando <i>tembetá</i>	44
Foto 02 – João Aquino, filho de cacique Paulito, usando <i>tembetá</i>	44
Foto 03 – Casa grande da Aldeia Panambizinho – Dourados/MS	46

OUTRAS FIGURAS

Figura 01 – Troncos, famílias, línguas (e variante)	50
Figura 02 – Língua e cultura	61
Figura 03 – Sistema, norma e fala	75
Figura 04 – Capa Montoya (2011[1639])	106
Figura 05 – Capa Montoya (2002 [1640])	103
Figura 06 – Capa Sampaio (1986)	103
Figura 07 – Capa Tibiriçá (1989)	103
Figura 08 – Capa Guasch & Ortiz (2001)	103
Figura 09 – Capa Assis (2008)	103
Figura 10 – Verbetes <i>apekũ</i>	106
Figura 11 – Verbetes <i>puku</i>	106
Figura 12 – Verbetes <i>teko</i>	110
Figura 13 – Excerto do quadro 01 do apêndice (dados dos Guarani Ñandeva)	144

Figura 14 – Esquema correspondente ao gráfico 7 (formulário 01)	169
Figura 15 – Esquema correspondente ao gráfico 8 (formulário 02)	170
Figura 16 – Possível tendência de diminuição de itens lexicais comuns	171

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 1 – OS POVOS, AS LÍNGUAS E OS TERMOS UTILIZADOS.....	28
1.1 Preliminares	28
1.2 A população indígena no Brasil e no Mato Grosso do Sul – ênfase aos povos Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá	28
1.3 Os Guarani Ñandeva	41
1.4 Os Guarani Kaiowá	42
1.5 Tupi, Tupi-Guarani e Guarani	46
CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	54
2.1 Preliminares	54
2.2 Sobre a distinção entre língua e dialeto	55
2.3 A relação entre língua, cultura e identidade	60
2.4 Da homogeneidade à variação linguística	66
2.5 Comunidade linguística e comunidade de fala	73
2.6 Sistema, norma e fala	75
2.7 O estudo do léxico	77
CAPÍTULO 3 – AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS	86
3.1 Preliminares	86
3.2 As questões propostas	87
3.3 A constituição do <i>corpus</i>	88
3.3.1 <i>Os locais da pesquisa</i>	88
3.3.2 <i>Os informantes</i>	92
3.3.3 <i>O tipo de pesquisa</i>	95
3.3.4 <i>Os materiais e os métodos utilizados para coleta de dados</i>	96
3.4 Os dicionários consultados para análise dos dados	102
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS – O QUE DIZEM OS INDÍGENAS	116

4.1 Preliminares	116
4.2 Impressões sobre o outro e sobre as línguas	116
4.2.1 <i>Sobre as diferenças culturais em geral</i>	118
4.2.2 <i>Sobre as diferenças linguísticas propriamente ditas</i>	122
4.2.3 <i>Sobre a importância da preservação e da transmissão da língua materna</i>	127
4.2.4 <i>Sobre a importância do aprendizado da língua portuguesa</i>	129
4.2.5 Sobre o preconceito em relação às línguas indígenas	134
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DOS DADOS – OS RECORTES LEXICAIS.....	142
5.1 Preliminares	142
5.2 Mais alguns esclarecimentos	142
5.2.1 Breves explicações gramaticais e ortográficas	146
5.3 Dicionarização dos vocábulos coletados	155
5.3.1 <i>Verificação do registro dos vocábulos coletados nos dicionários (formulário 01)</i>	155
5.3.2 <i>Verificação do registro dos vocábulos coletados nos dicionários (formulário 2)</i>	160
5.4 Variação nas escolhas lexicais	164
5.5 Itens em que não houve variação – vocabulário básico (formulário 01)	172
5.6 Diferenças lexicais mais significativas – vocabulário básico (formulário 01)	174
5.7 Itens em que não houve variação – vocabulário cultural (formulário 02)	192
5.8 Diferenças lexicais mais significativas – vocabulário cultural (formulário 02)	194
5.9 A coesão linguística no interior de cada grupo	211
5.10 Os empréstimos e os neologismos observados	216
5.10.1 <i>Empréstimos na amostra coletada com o formulário 01</i>	219
5.10.2 <i>Empréstimos na amostra coletada com o formulário 02</i>	228
5.10.3 <i>Neologismos nos dois subgrupos étnicos</i>	241
CONSIDERAÇÕES FINAIS	248

REFERÊNCIAS	255
APÊNDICES.....	262
Apêndice 05 – Roteiro para entrevistas	263
Apêndice 06 – Formulário 01.....	264
Apêndice 07 – Formulário 02	269
Apêndice 04 – Quadro 01 – Verificação do registro dos vocábulos Guarani Ñandeva nos dicionários (formulário 01) – CD room	274
Apêndice 05 – Quadro 02 – Verificação do registro dos vocábulos Guarani Kaiowá nos dicionários (formulário 01) – CD room	286
Apêndice 06 – Quadro 03 – Verificação do registro dos vocábulos Guarani Ñandeva nos dicionários (formulário 02) – CD room	299
Apêndice 07 – Quadro 04 – Verificação do registro dos vocábulos Guarani Kaiowá nos dicionários (formulário 02) – CD room	311

INTRODUÇÃO

Inicialmente gostaríamos de esclarecer o porquê da opção por aspectos das línguas guarani ñandeva e guarani kaiowá. Nosso interesse pelo tema surgiu em 2004 por ocasião de nossa pesquisa do mestrado. Realizamos, na época, um estudo sobre a toponímia da região sul de Mato Grosso do Sul e verificamos que mais de 30% dos topônimos inventariados para a pesquisa eram de origem indígena (TAVARES, 2004). Sabemos que a influência indígena na toponímia brasileira é uma realidade em todo o Brasil, mas constatamos, com aquela pesquisa de mestrado, que era na região sul do estado que os nomes geográficos de origem indígena se destacavam significativamente em relação às outras regiões. Por conta do *corpus* da pesquisa, foi necessário, então, que procurássemos informações sobre a população indígena dos locais onde os dados foram coletados e sobre suas línguas.

A partir disso, verificamos que havia vários trabalhos sobre questões indígenas nas áreas de Antropologia e de História, principalmente. Mas pesquisas com enfoque em questões linguísticas propriamente ditas, pelo menos que dessem conta da realidade local, eram escassos. Pela natureza do trabalho (um estudo lexical), dependíamos muito de dicionários de línguas indígenas para elucidação dos topônimos, mas essas obras também eram poucas e não contemplavam uma quantidade significativa dos nomes geográficos que havíamos coletado. Enfim, o material era insuficiente e os pesquisadores com quem pudéssemos conversar sobre o assunto também eram poucos.

Nossos primeiros contatos com a população indígena com finalidades de pesquisa, foi então, em razão do mestrado, no ano de 2003. Não conseguindo elucidar os topônimos de origem indígena com a ajuda dos dicionários de que dispúnhamos, recorríamos, algumas vezes, aos falantes de língua indígena da região, ou seja, aos próprios indígenas. Salientamos que, ainda assim, uma quantidade razoável de topônimos indígenas acabou ficando sem esclarecimento quanto ao seu sentido real, já que não encontramos fontes seguras que pudessem nos auxiliar nessa tarefa e, ainda, porque alguns nomes haviam tido sua escrita muito alterada, o que, supomos, dificultou o reconhecimento mesmo pelos falantes de língua indígena.

Após a conclusão do mestrado, tivemos a oportunidade de trabalhar em uma faculdade particular com uma disciplina de linguística que deveria discutir questões sociolinguísticas (variação, mudança, bilinguismo, multilinguismo...). Nosso interesse por temas voltados às línguas indígenas aumentou nesse período. Tínhamos a intenção de escrever um projeto de pesquisa relacionado ao assunto para participarmos de uma seleção para ingresso no doutorado, mas questões pessoais acabaram se sobrepondo e o projeto do doutorado foi sendo adiado.

Em 2006, ingressamos como docente na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E, estando no contexto de uma universidade pública, em que a pesquisa é uma exigência, logo pensamos em retomar os projetos de doutorado. Entretanto, como, para isso, seria necessário sair da cidade de Dourados, o que implicaria em um afastamento ao menos parcial do trabalho, era preciso, antes, passar pelo período de estágio probatório, ser incluída no plano de capacitação docente da instituição... Assim o projeto de doutorado teve que ser adiado um pouco mais.

Quando participávamos de eventos científicos fora de Mato Grosso do Sul, com alguma frequência ouvíamos algo como: “as pesquisas sobre línguas indígenas lá na universidade onde você trabalha, que tem curso de Letras, devem estar bastante avançadas”. A esse comentário não podíamos responder que as pesquisas não existiam, mas não estavam avançadas e não eram realizadas por professores da faculdade de Letras. Assim, começamos a pensar que conhecer e fazer conhecer ao menos parte da realidade linguística dos indígenas do estado era uma espécie de dever de nossa minha instituição e que deveríamos colaborar para isso.

No momento propício para pensarmos no projeto de doutorado, o que aconteceu em 2010, estávamos convencidos de que o tema deveria contemplar alguma questão relacionada à população indígena da nossa região. Era preciso definir um recorte.

Sempre ouvíamos, sobretudo na imprensa, a referência aos povos indígenas da cidade de Dourados e de outras cidades da região com a expressão “índios Guarani/Kaiowá”. A ideia que parece transparecer é a de que se trata de um mesmo e único grupo étnico. Sabíamos, por consequência do contato com alguns indígenas, que muitos não concordavam em serem tratados ou referenciados como se fossem da mesma etnia, aparentemente não porque houvesse qualquer conflito entre os

subgrupos. Na verdade, os indígenas Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá reivindicavam que suas especificidades fossem consideradas.

Pensamos, então, que essa poderia ser uma questão importante para uma pesquisa. Isso porque muito se fala sobre preservação das culturas, sobretudo de grupos minoritários como os indígenas. E tratar dois grupos que supostamente são diferentes como iguais é, em alguma medida, apagar características linguísticas e culturais de um e/ou de outro. Além disso, ao que consta, é objetivo das autoridades governamentais promover políticas públicas que considerem as diferenças, as especificidades dos grupos étnicos. Para isso, é preciso conhecer tudo o que for possível das características culturais e da realidade atual de cada grupo.

Assim, em 2011, ingressamos no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (PPGEL/UEL), com um projeto de pesquisa que pretendia fornecer uma espécie de diagnóstico que apontasse semelhanças e especificidades entre os grupos Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá da região sul de Mato Grosso do Sul. Com a ajuda de nosso orientador, fizemos alguns ajustes no projeto, mas a ideia inicial permaneceu.

A partir desse projeto, realizamos esta pesquisa, que foi dividida em duas partes: primeiro demos a palavra aos indígenas dos dois grupos para que dissessem o que pensam no que se refere a questões de língua e cultura em geral; depois, coletamos uma amostra linguística dos dois subgrupos Guarani (optamos por trabalhar com um recorte do léxico – isso porque, em síntese, no léxico estariam refletidos, mais evidentemente, aspectos da cultural, da história, do modo de vida dos grupos humanos). A pesquisa teve os seguintes objetivos:

a) investigar, a partir do que declaram indígenas Guarani Kaiowá e Guarani Ñandeva de duas comunidades indígenas do sul do estado de Mato Grosso do Sul, aspectos referentes às seguintes questões: percepção de diferenças culturais e linguísticas propriamente ditas entre os subgrupos, e opiniões/crenças sobre transmissão da língua materna, aprendizado da língua portuguesa e preconceitos em relação às línguas indígenas.

b) investigar, a partir de uma análise comparativa de um recorte do léxico, se existem diferenças linguísticas objetivas significativas (isto é, que podem ser relacionadas à coletividade) no vocabulário utilizado por representantes das duas etnias;

c) averiguar se os usos linguísticos dos dois subgrupos investigados, no que se refere ao recorte do léxico em estudo, encontram-se, da mesma forma, contemplados em dicionários de língua guarani; e

d) averiguar se, entre as duas etnias, há diferenças em relação à atitude frente às influências externas na língua, no que se refere, especialmente, à utilização de empréstimos lexicais.

Além desses objetivos, pretendemos também com a pesquisa, ainda que de forma indireta, contribuir para a descrição e o registro do léxico em uso atualmente, sobretudo entre os índios Guarani Kaiowá, tendo em vista as especificidades das duas etnias; oferecer informações/subsídios que possam ser úteis na elaboração de glossários e/ou dicionários, especialmente de Guarani Kaiowá (material praticamente inexistente até o momento); e contribuir para o conhecimento do universo sociocultural atual dos grupos investigados.

A pesquisa, como já mencionado, é uma investigação da área de Linguística com enfoque sociolinguístico. Ressaltamos que, no Brasil, entre as tarefas da Sociolinguística as mais conhecidas são as relacionadas aos estudos sociolinguísticos da língua portuguesa brasileira (com enfoque em análises das variedades ou dialetos, nas discussões sobre normas, registros etc). Outras tarefas, entretanto, também podem ser apontadas, como por exemplo, aquelas relacionadas aos estudos sociolinguísticos das línguas africanas e aos estudos dos aspectos sociolinguísticos da colonização estrangeira. Por fim, são ocupações desse ramo da Linguística as investigações de fenômenos decorrentes do contato do português com as línguas indígenas ou do contato entre línguas indígenas diferentes ou ainda qualquer estudo de natureza sociolinguística das línguas indígenas do Brasil.

Nesse particular, convém mencionar aqui que temas relacionados ao contato linguístico de modo geral são de interesse de vários pesquisadores no Brasil, entre os quais os que integram, por exemplo, o GELIC/USP – Grupo de Estudos de Línguas em Contato da Universidade de São Paulo. No site do grupo¹, podemos encontrar a informação de que temas como “as línguas indígenas em contato com outras línguas indígenas”, “as línguas indígenas em contato com línguas de

¹ <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/gelic/>

fronteira”, “estudos históricos sobre o contato de línguas” são investigados pelo membros do grupo².

Esta pesquisa também trata da temática de contato de línguas uma vez que investiga, entre outras questões, o contato de línguas indígenas com a língua portuguesa e também com a língua espanhola.

Rodrigues, desde 1966, afirmava que entre as tarefas da Linguística pura no Brasil, as investigações a respeito das línguas indígenas deveriam vir em primeiro lugar. Segundo esse pesquisador, “as línguas indígenas constituem, pois, um dos pontos para os quais os lingüistas brasileiros deverão voltar a sua atenção. Tem-se aí, sem dúvida, a maior tarefa da lingüística no Brasil” (RODRIGUES, 1966, p. 5). Conforme se observa, essas reflexões foram feitas há quase meio século, no entanto, há poucos anos, em uma conferência de abertura do Seminário do GEL – Grupos de Estudos Linguísticos de São Paulo, o autor reafirmou as mesmas ideias no que se refere à importância do estudo das línguas indígenas pelos linguistas brasileiros.

Rodrigues (1966) referia-se, especialmente, às línguas indígenas desconhecidas. Por isso, é preciso lembrar que, nesta pesquisa, a proposta não é estudar uma língua desconhecida e sem descrição, entretanto, a perspectiva do estudo tem como foco contribuir para o registro e até para o reconhecimento de uma língua (no caso o guarani kaiowá) que parece ser, de certa forma, “apagada” em favor da pretensa homogeneidade do guarani.

Até aqui relatamos o percurso realizado para que chegássemos ao tema desta pesquisa, as justificativas para a sua realização, os objetivos, e em que área a investigação se enquadra. Resta ainda esclarecer as opções que fizemos no que se refere a algumas questões formais, como a escrita dos etnônimos (nomes dos povos indígenas) e a estrutura do trabalho.

Quanto à grafia dos principais etnônimos, verificamos, nos diversos materiais consultados, o uso de *kaiowá*, *kaiwá*, *kaiová* entre outras. Como parece haver divergência em relação à escrita mais adequada, adotamos a primeira, que foi a

² Convém citar também o LALLI/UNB – Laboratório de Línguas e Literatura Indígenas da Universidade de Brasília constituído por pesquisadores que têm se debruçado, sobretudo, em aspectos de descrição de línguas indígenas. Para maiores informações, acessar o site do laboratório: http://www.laliunb.com.br/crbst_7.html.

mais usual nas fontes que utilizamos. Da mesma forma, temos verificado o uso de *ñandeva*, *nhandeva*, *nhandewa* entre outras. Como não localizamos nenhuma informação que aconselhasse o uso ou desuso de alguma delas, fizemos a opção pela primeira, que também é a mais usual, ao menos no material que consultamos. Além disso, convém esclarecer que os nomes dos povos indígenas, serão empregados sempre sem flexão de número, já que de acordo com Rodrigues (2002, p. 10), a convenção promovida em 1953 pela Associação Brasileira de Antropologia orienta que “os nomes de povos e de línguas indígenas sejam empregados como palavras invariáveis, sem flexão de gênero nem de número (...)”.

Ainda sobre os etnônimos, há outro ponto de divergência: o uso ou não de maiúsculas iniciais. Conforme informações do *site* do Instituto Socioambiental³, quando a denominação de um povo aparece com função de adjetivo, não haveria porque não escrevê-la com minúscula (língua guarani, por exemplo). Por outro lado, quando aparece como substantivo gentílico, seria mais adequado mantê-la com maiúscula, “porque, se é verdade que essas etnias não têm países (como os franceses, a França), também é certo que seus nomes são designativos de uma coletividade única, e não apenas de uma somatória de pessoas”. Assim deveríamos dizer os Guarani, os Kaingang etc. Diante dessas ponderações, optamos, neste trabalho, por utilizar as iniciais maiúscula apenas quando estivermos usando as palavras como substantivos gentílicos (os Guarani Ñandeva, os Guarani Kaiowá) ou quando a referência for aos nomes das etnias ainda que em função adjetiva (índios Guarani Kaiowá, informantes Guarani Ñandeva).

Por fim, em relação aos nomes dos subgrupos indígenas com os quais estamos trabalhando, alertamos que os Guarani Ñandeva se autodenominam apenas Guarani, enquanto os Guarani Kaiowá podem se tratar de Guarani Kaiowá ou, mais frequentemente, apenas de Kaiowá. Procuramos utilizar a designação composta, mas em alguns momentos, sobretudo quando analisamos as falas dos indígenas, verificamos que a forma da autodenominação prevalecerá.

Quanto à estrutura, o trabalho está organizado em cinco capítulos. No primeiro, “Os povos, as línguas e os termos utilizados”, apresentamos informações sobre as populações indígenas, partindo do âmbito nacional, depois passamos para

³ *Sobre o nome dos povos*. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/quem-sao/sobre-o-nome-dos-povos>. Acesso em 10 de outubro de 2013.

o contexto do estado de Mato Grosso do Sul e finalmente chegamos às regiões e aos grupos investigados; ainda nesse capítulo procuramos esclarecer as diferenças entre os termos tupi, tupi-guarani e guarani, uma vez que, com alguma frequência, temos verificado o uso inadequado desses termos.

No segundo capítulo, “Pressupostos teóricos”, apresentamos algumas discussões teóricas que consideramos pertinentes para o tema do trabalho, como, por exemplo, relações entre língua e identidade, possíveis distinções entre língua e dialeto, conceito e tipos de variação linguística, léxico e empréstimos lexicais.

No terceiro capítulo, “Escolhas metodológicas”, expusemos os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa, destacando principalmente o percurso para a constituição do *corpus*.

O quarto capítulo, “Análise dos dados: O que dizem os indígenas sobre suas línguas”, foi destinado à primeira parte da análise dos dados. Nesse capítulo examinamos as respostas dadas às questões abertas feitas aos informantes durante a coleta de dados. Essas questões dizem respeito à percepção dos informantes acerca da situação linguística dos dois subgrupos étnicos.

Já o quinto capítulo, “Análise dos dados: os recortes lexicais”, também foi destinado à análise dos dados. Nesse capítulo, apresentamos os resultados do exame das amostras do léxico coletadas com os dois subgrupos. Trata-se do capítulo mais extenso por ser nele que abordamos o tema principal do trabalho – a comparação das amostras do léxico dos dois subgrupos. Esse capítulo está dividido em dez seções.

Na sequência, estão as considerações finais, as referências e os apêndices. Sobre os apêndices, esclarecemos que os instrumentos utilizados para a coleta dos dados foram impressos, mas os que apresentam os quadros produzidos para demonstrar os resultados da pesquisa quanto à dicionarização dos vocábulos coletados, por serem relativamente extensos, estão digitalizados (ver CD room anexado ao final deste trabalho).

CAPÍTULO 01 – OS POVOS, AS LÍNGUAS E OS TERMOS UTILIZADOS

1.1 Preliminares

Neste capítulo, propomo-nos, primeiramente, a apresentar uma contextualização dos grupos Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá no Mato Grosso do Sul. Nesse sentido, trazemos, inicialmente, dados gerais da população indígena, considerando o âmbito nacional, com ênfase no estado de Mato Grosso do Sul. Depois apresentamos informações a respeito da localização atual dos grupos indígenas no estado e aspectos referentes à história, sobretudo da movimentação espacial dessa população; na sequência, há algumas informações específicas sobre a cultura material e imaterial de cada uma das etnias em questão. Para isso, utilizamos as seguintes fontes teóricas: Rodrigues (1945, 2002), Schaden (1974), Meliá (1992), Mangolin (1993), Martins (2002).

Ainda neste capítulo, expomos informações que contribuem para a compreensão do uso dos termos tupi, tupi-guarani e guarani em referência ao tronco, à família, à língua e ainda às variantes dialetais. Nessa seção, além de informações baseadas nos estudos de autores já citados, acrescentamos outras baseadas nos trabalhos de Edelweiss (1947), Chamorro (2009), Costa (2010).

1.2 A população indígena no Brasil e no Mato Grosso do Sul – ênfase aos povos Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá

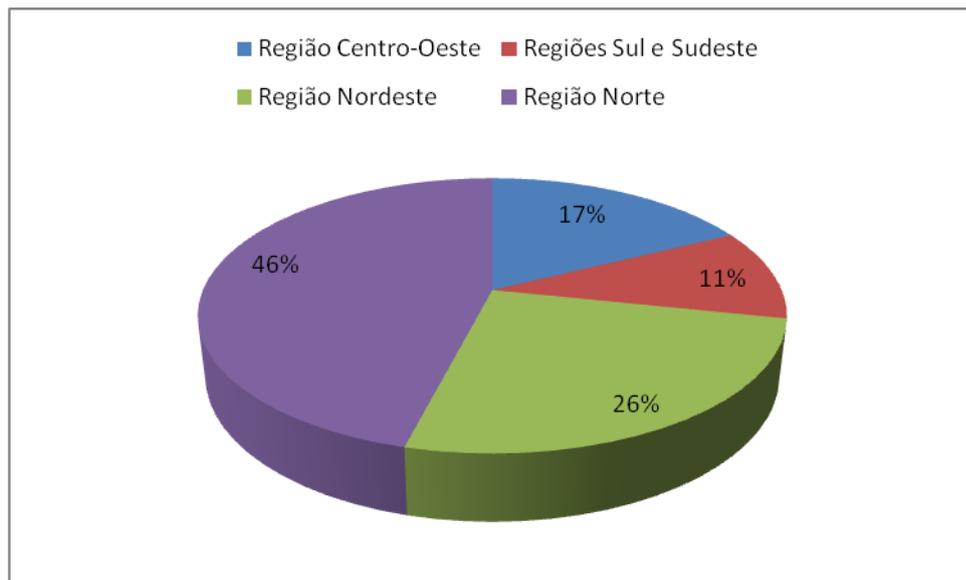
De acordo com o Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), o Brasil tem 896,9 mil indígenas em todo o território nacional, somando-se a população residente tanto em terras indígenas (63,8%) quanto em cidades (36,2%). Do total, 817,9 mil se autodeclararam índios no quesito cor ou raça

e 78,9 mil, embora se declarassem de outra cor ou raça, principalmente parda (67,5%), consideram-se indígenas pelas tradições e costumes⁴.

Já o Relatório de Gestão da Fundação Nacional de Saúde – FUNASA (2011), informa que, de acordo com o Sistema de Informação à Saúde Indígena (SIASI), o número de indígenas no Brasil, em 2010, seria de 600.518. Esse número é menor que o apresentado pelo Censo (2010) possivelmente porque se refere apenas à população cadastrada no SIASI.

O gráfico 01, a seguir, apresenta a distribuição percentual dessa população nas quatro regiões do Brasil

Gráfico 01 – Distribuição proporcional (%) da população indígena por região do Brasil, 2010



Fonte: Relatório de Gestão da Fundação Nacional de Saúde – FUNASA (2011)

O gráfico 01 mostra que o maior contingente de indígenas está na Região Norte, que concentra quase a metade da população indígena do Brasil (46%), e a segunda maior população está na Região Nordeste (26%). Já a Região Centro-Oeste

⁴ *Brasil tem quase 900 mil índios de 305 etnias e 274 idiomas.* Disponível em <http://www.brasil.gov.br/governo/2012/08/brasil-tem-quase-900-mil-indios-de-305-etnias-e-274-idiomas>. Acessado em 22 de dezembro de 2014.

concentra a terceira maior população (17%), e as Regiões Sul e Sudeste, juntas, concentrariam apenas 11%.

O estado de Mato Grosso do Sul, da Região Centro-Oeste, de acordo com o Censo Demográfico (2010), continua sendo o que possui a segunda maior população indígena do Brasil. Segundo a última contagem realizada, os indígenas do estado somariam 73.295⁵, sendo que desse total, mais da metade – 43.401 – pertenceria à etnia Guarani Kaiowá, que estaria entre as 15 com maior número de indígenas no Brasil⁶. Entre as informações divulgadas pelo IBGE, não localizamos os números relativos, em específico, à população Guarani Nandeva. A tarefa de contar os indígenas do Brasil, por muito tempo, foi apontada, pelo IBGE, por exemplo, como complexa.

A esse respeito, ou seja, sobre a contagem da população indígena, é preciso assinalar que existem problemas e dificuldades quando se deseja considerar as diferentes etnias. Rodrigues (2002) apontava um número aproximado de 170 línguas indígenas no Brasil, reconhecendo não ser possível determinar um número mais exato. O autor explica que nos recenseamentos oficiais brasileiros não estavam incluídas informações linguísticas e nem informações sobre os povos indígenas⁷. Essa ausência nos recenseamentos foi justificada pela dificuldade de se contarem línguas, por exemplo, mesmo quando são bem conhecidas. Entrariam aí os problemas relacionados à definição de língua e de dialeto e a distinção entre formas antigas e formas modernas. Também costuma ser apontado como dificuldade o fato de uma mesma etnia encontrar-se dispersa em locais distintos.

Informações históricas apontam que a população indígena que vive atualmente no estado representa os grupos que conseguiram sobreviver ao processo da chamada “civilização branca”. Mangolin (1993, p. 75) cita como sobreviventes, no Mato Grosso do Sul, os grupos Guarani/Kaiowá, Guató, Kadiwéu, Camba, Ofayé Xavante e Terena. Dezenas de outros povos indígenas teriam sido exterminados nesse processo nos últimos 200 anos. Em 1993, época da publicação

⁵ De acordo com o Censo 2010, as cinco maiores populações indígenas, além da de Mato Grosso do Sul, estão nos seguintes estados: Amazonas, 168.680; Bahia, 56.381; Pernambuco, 53.284; Roraima, 49.637; Mato Grosso, 42.538. A menor população está no Rio Grande do Norte, 2.597.

⁶ Disponível em <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&idnoticia=2194&busca=1&t=censo-2010-populacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274>. Acesso em 18 de fevereiro de 2014.

⁷ Apenas no Censo de 2010 esse tipo de informação começou a ser coletado.

de seu livro, o autor mencionava uma população de 51.208 indígenas, distribuída conforme o quadro que segue.

Quadro 01 – Povos indígenas em MS (1993)

Povo/etnia	Nº de Área	População
Guarani (Kaiowá e Nandeva)	24	29.377
Terena	12	19.379
Kadiwéu	01	1.265
Guató	01	700
Camba	01	400
Ofaié	01	87
<i>Total</i>	<i>40</i>	<i>51208</i>

Fonte: Mangolin (1993, p.79), reduzido e adaptado pela autora

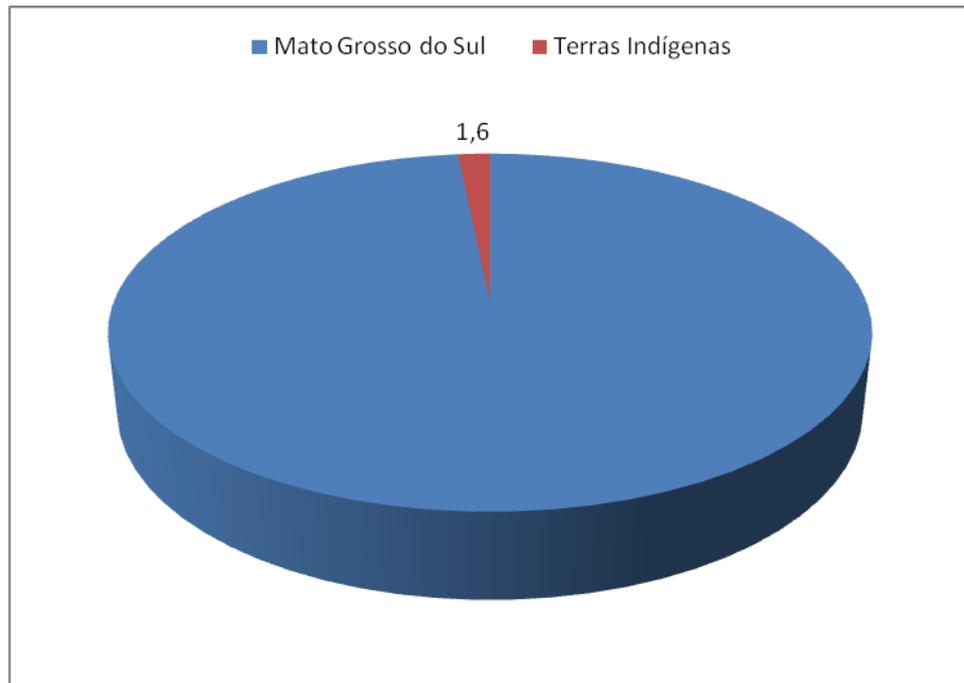
Como se observa a partir da comparação do número do último Censo (2010) e do que registra Mangolin (1993), há um aumento razoável da população indígena do estado nos últimos quase vinte anos. Martins (2002, p. 86), de uma posição bastante otimista, escreveu: “Nos últimos vinte anos, a população indígena sul-mato-grossense cresceu significativamente, recuperou sua auto-estima e passou a construir o seu próprio futuro”.

Apesar disso, isto é, desse otimismo, Martins (2002, p. 39) também registra que, no início do século XVI, por ocasião da chegada dos colonizadores ao Brasil, o território do atual estado de Mato Grosso do Sul era densamente povoado por sociedades indígenas, algumas inclusive, ainda não identificadas pela arqueologia e pela etno-história.

A história do Brasil registra que nos séculos seguintes ao que alguns chamam de “descobrimento do Brasil”, os indígenas foram assediados de várias maneiras, tiveram suas terras tomadas e foram, inclusive alvo de investidas escravagistas. A respeito dos Guarani, especialmente, Mangolin (1993, p. 18) registra que no decorrer da história, os pequenos espaços que restaram continuaram a ser invadidos por latifundiários. Assim, esse povo, que, há aproximadamente 200 anos, ocupava 40% do território que hoje compreende o estado de MS, atualmente,

conforme dados da FUNAI⁸ – Fundação Nacional do Índio, ocupa menos de 2% dessas terras. O gráfico 02 a seguir ilustra essa proporção.

Gráfico 02 – Superfície de terras Indígenas regularizadas em relação à superfície da unidade federada (Mato Grosso do Sul)



Fonte: FUNAI, 2014.

Conforme o gráfico 02 ilustra, restou, a essa população, uma superfície de terra muito pequena no estado. Em geral, os indígenas estão acomodados (ou podemos dizer, confinados) em pequenas reservas onde são comuns as queixas de que o espaço não é mais suficiente para a reprodução do seu modo de vida tradicional.

Conforme Martins (2002), os grupos indígenas que restaram no estado são os Guarani, os Kadiwéu, os Terena, os Guató e os Ofayé. O autor lembra que os Kaiapó Meridional e os Payaguá – que às vezes são citados como grupos indígenas do Mato Grosso do Sul – já estariam extintos da região desde meados do século XIX. Os Camba, mencionados por Mangolin (1993), não são citados por Martins, provavelmente por tratar-se de um grupo não reconhecido oficialmente.

⁸ Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoas/demarcacao-de-terras-indigenas?start=1#> Acesso em 20 novembro de 2014.

A título de contextualização, no que se refere às terras indígenas no Mato Grosso do Sul, apresentamos o quadro a seguir adaptado (e reduzido em razão do que nos interessa mais diretamente neste contexto) do que encontramos disponível no site da FUNAI⁹.

Quadro 02 – Terras indígenas em Mato Grosso do Sul (2014)

Terra Indígena	Etnia	Município	Situação¹⁰
Água Limpa	Terena	Rochedo	Em estudo
Aldeia Limão Verde	Guarani Kaiowá	Amambai	Regularizada
Amambai	Guarani Kaiowá	Amambai	Regularizada
Amambaipaguá	Guarani Kaiowá	Ponta Porã	Em estudo
Apapeguá	Guarani Kaiowá	Ponta Porã	Em estudo
Arroio-Korá	Guarani Kaiowá	Paranhos	Homologada
Brilhantepegua	Guarani Kaiowá	Paranhos	Em estudo
Buriti	Terena	Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia	Regularizada
Buriti	Terena	Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia	Declarada
Buritinho	Guarani Kaiowá	Sidrolândia	Regularizada
Caarapó	Guarani Kaiowá	Caarapó	Regularizada
Cachoeirinha	Terena	Miranda	Regularizada
Cachoeirinha	Terena	Miranda	declarada
Cerrito	Guarani Nandeva	Eldorado	Regularizada
Dourados	Guarani Nandeva, Guarani Kaiowá, Terena	Dourados, Itaporã	Regularizada
Dourados-Amambaipaguá	Guarani	Amambai, Dourados, Navirai	Em estudo
Guaimbé	Guarani Kaiowá	Laguna Carapã	Regularizada
Guasuti	Guarani Kaiowá	Aral Moreira	Regularizada
Guató	Guató	Corumbá	Regularizada

⁹ Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>. Acessado em 20 de março de 2014.

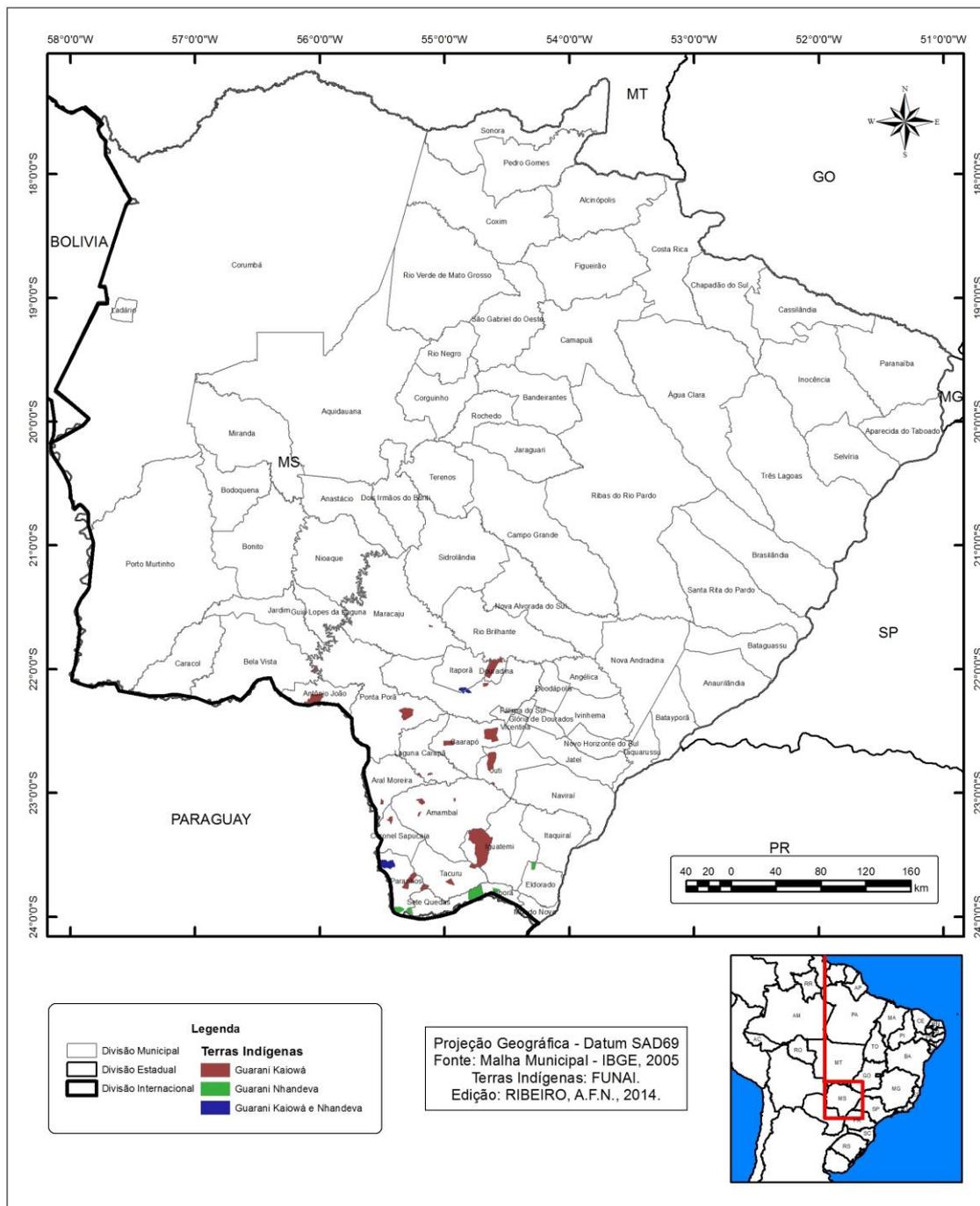
¹⁰ A “situação” se refere às fases do Processo Administrativo. Todas as Terras Indígenas mencionadas nesse quadro são consideradas “tradicionalmente ocupadas”. Conforme informações da FUNAI, de acordo com a Constituição Federal vigente, os povos indígenas detêm o direito originário e o usufruto exclusivo sobre as terras que tradicionalmente ocupam. As fases do procedimento demarcatório das terras tradicionalmente ocupadas são definidas por Decreto da Presidência da República e atualmente consistem em: i) *em estudo*, ii) *delimitadas*, iii) *declaradas*, iv) *homologadas*, v) *regularizadas* e vi) *interditadas*. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>. Acesso em 20 de março de 2014.

Guyraroká	Guarani Kaiowá	Caarapó	Declarada
Iguatemipeguá	Guarani Kaiowá	Sete Quedas, Iguatemi	Em estudo
Iguatemipegua I	Guarani Kaiowá	Iguatemi	Delimitada
Jaguapiré	Guarani Kaiowá	Tacuru	Regularizada
Jaguari	Guarani Kaiowá	Amambai	Regularizada
Jarara	Guarani Kaiowá	Juti	Homologada
Jatayvari	Guarani Kaiowá	Ponta Porã	Declarada
Kadiwéu	Kadiwéu, Terena, Kinikinau	Porto Murtinho	Regularizada
Lalima	Terena, Kinikinau	Miranda	Regularizada
Lalima	Terena, Kinikinau	Miranda	Em estudo
Limão Verde	Terena	Aquidauana	Regularizada
Nande Ru Marangatu	Guarani Kaiowá	Antônio João	Homologada
Ñandévapeguá	Guarani Ñandeva	Japorã	Em estudo
Nioaque	Terena	Nioaque	Regularizada
Nossa Senhora de Fátima	Terena	Miranda	Regularizada
Ofayé-Xavante	Ofayé	Brasilândia	Regularizada
Ofayé-Xavante	Ofayé	Brasilândia	Declarada
Panambi - Lagoa Rica	Guarani Kaiowá	Douradina, Itaporã	Delimitada
Panambzinho	Guarani Kaiowá	Dourados	Regularizada
Pilad Rebuá	Terena	Miranda	Em estudo
Pilad Rebuá	Terena	Miranda	Regularizada
Pirajuí	Guarani Ñandeva	Paranhos	Regularizada
Pirakua	Guarani Kaiowá	Bela Vista, Ponta Porã	Regularizada
Porto Lindo	Guarani Ñandeva	Japorã	Regularizada
Potrero Guaçu	Guarani Ñandeva	Paranhos	Declarada
Rancho Jacaré	Guarani Kaiowá	Laguna Carapã	Regularizada
Sassoró	Guarani Kaiowá	Tacuru	Regularizada
Sete Cerros	Guarani Ñandeva, Guarani Kaiowa	Paranhos	Homologada
Sombrerito	Guarani Ñandeva	Sete Quedas	Declarada
Sucuriy	Guarani Kaiowá	Maracaju	Regularizada
Takuaraty/Yvykuaru su	Guarani Kaiowá	Paranhos	Homologada
Taquaperi	Guarani Kaiowá	Coronel Sapucaia	Regularizada
Taquara	Guarani Kaiowá	Juti	declarada
Taunay/lpegue	Terena	Aquidauana	delimitada
Taunay/lpegue	Terena	Aquidauana	Regularizada
Urucuty	Guarani Kaiowá	Amambaí	Em estudo
Ypoi / Triunfo	Guarani Ñandeva	Paranhos	Em estudo
Yvy-Katu	Guarani Ñandeva	Paranhos	Delimitada

Fonte: FUNAI (adaptado pela autora).

Já no mapa 01, a seguir, podemos visualizar a localização dos povos Guarani Kaiowá e Guarani Nandeva no estado. A marcação em cor terra mostra que os Guarani Kaiowá se encontram um pouco mais espalhados em várias regiões do sul do estado, enquanto a marcação em cor verde mostra que os Guarani Nandeva estariam mais concentrados no extremo sul do estado, na fronteira com o Paraguai. Já as marcações em azul mostram onde as duas etnias estariam.

Mapa 01 – Localização das terras indígenas guarani kaiowá e guarani ñandeva em Mato Grosso do Sul



Fonte: A própria autora, com dados da FUNAI (2014).

Neste trabalho, dado ao recorte temático, interessa-nos particularmente as informações sobre os grupos Guaraní (Ñandeva e Kaiowá), que, no período colonial e ainda na atualidade, na região que hoje compreende o estado de Mato Grosso do Sul, constituem as sociedades indígenas mais numerosas, como já mencionado.

No que se refere à história do povo Guarani, verificamos que Rodrigues (1945, p.333) explica que os índios Tupi e os índios Guarani têm uma origem comum. Segundo o autor, alguns séculos antes da chegada dos europeus à América, havia na América do Sul um tronco tribal e linguístico que se localizava nas regiões delimitadas pelos rios Paraná e Paraguai, aproximadamente onde está situado hoje o Paraguai. Os descendentes desse tronco, mais tarde, na época da descoberta, depois de migrações diversas, constituíram os Tupis e os Guaranis encontrados pelos europeus.

Rodrigues (1945, p. 335) afirma que os Tupi deixaram seu primitivo *habitat*, dirigindo-se, em grande quantidade, para o oriente, atravessando os territórios dos atuais estados do Paraná e São Paulo, alcançando o litoral e estendendo-se por quase toda a costa. Pelo litoral, foram os Tupi dividindo-se em várias tribos, sendo que, no século XVI, foram encontradas pelos europeus as seguintes: Tupinembé, Tupinaquim (Tupiniquim, Tupinenquin e Tobajara (Tabajara), Temiminõ (Temininó), Ceeté, Maracajá, etc. Por sua vez, os Guarani, que se mantiveram ao sul, também se dividiram em outras tribos, sendo a sua maioria conhecida pelo nome de Carijó (Kari'ó), estendendo-se desde o litoral até as regiões paraguaias, pelo sul do trópico de Capricórnio.

Já Meliá (1992, p.16), sobre os movimentos migratórios, afirma que não se sabe ao certo qual era o lugar de origem, quando as migrações começaram e nem a rota que esses grupos seguiram, mas é possível afirmar que as migrações se deram quase todas ainda em época pré-histórica, e a maior foi a que se dirigiu para o litoral atlântico e, depois, para o norte.

Segundo alguns pesquisadores, essas migrações se davam em obediência a motivos de ordem religiosa. Para Curt Nimuendajú (1987)¹¹ (*apud* MELIÁ, 1992, p.17), por exemplo, “o motivo principal das migrações dos tupi-guaranis não era expansivo guerreiro, mas de outra natureza, provavelmente religioso”. Alfred Métraux (1979)¹² (*apud* MELIÁ, 1992, p.17) acrescenta que, conforme os escritos sobre os Tupi e Guarani de épocas coloniais e modernas, a hipótese de motivos

¹¹ NIMUENDAJÚ, Curt Unkel. As lendas da criação e da destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani. São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

¹² METRAUX, Alfred. A religião dos Tubinambás e e suas relações com as demais tribus tupi-guaranis. 2.ed. São Paulo: Ed. Nacional: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.

religiosos para as migrações pode ser confirmada, já que de acordo com esses documentos, os Guarani migravam em busca da “terra sem mal”, que fosse altamente produtiva e, portanto, adequada às necessidades econômicas e ao desenvolvimento de sua vida religiosa.

Rodrigues (2002) menciona que o distanciamento de grupos que viviam juntos e se separaram é causa do surgimento de diferenciação linguística.

Quando as vicissitudes de uma comunidade humana acarretam sua divisão em duas ou mais subcomunidades ou novas comunidades, reduz-se o contato entre as pessoas separadas nessas novas comunidades e, em consequência, diminui a necessidade de ajuste e aumenta a diferenciação linguística entre os grupos humanos correspondentes. Se as novas comunidades, resultantes da divisão do que foi antes uma só comunidade com uma só língua, distanciam-se no espaço geográfico e perdem de todo o contato entre si, desaparece inteiramente a necessidade de ajuste comunicativo entre eles (RODRIGUES, 2002, p. 18).

Assim, em outras palavras, podemos pressupor que, se os grupos não conviverem, se a comunicação frequente não for mais necessária, também não serão mais necessários os ajustes. Além disso, essas línguas, expostas a diferentes circunstâncias no decorrer do tempo, tornar-se-ão cada vez mais distintas umas das outras. Nesse sentido, se depois de um período, ainda é possível perceber elementos comuns entre essas línguas, a tendência é de que, com o decorrer do tempo, menor será a presença desses traços comuns.

Apesar disso, isto é, da dispersão que teria levado à formação de subgrupos étnicos e, por consequência, à diferenciação linguística, Schaden (1974) já havia mencionado que os subgrupos Guarani teriam, posteriormente, passado por um movimento de reagrupamento.

Se é possível ter havido em outras épocas diferenciação cultural, entre os vários bandos de fala guarani, não há dúvida, por outro lado, de que nos últimos quatro séculos se apagaram, em grande parte, as diferenças originais. Tanto as reduções jesuíticas disseminadas pela bacia do Prata como os efeitos da colonização ibérica em geral, desintegraram as primitivas configurações comunitárias, levando a reagrupamentos diferentes, que não poderiam deixar de conduzir a elevado grau de nivelamento e homogeneização culturais (SCHADEN, 1974, p.01).

Desse modo, considerando o grupo Guarani, é possível pensar em uma unidade inicial, que acabou desfeita em razão dos movimentos migratórios que distanciaram os subgrupos. Depois, entretanto, teria havido um novo reagrupamento resultado das reduções jesuíticas e dos efeitos da colonização ibérica, entre outros.

Para Schaden (1974, p.01), entre os Guarani contemporâneos não chegou a prevalecer a consciência de “unidade tribal”. Segundo ele, “cada subgrupo costuma acentuar e exagerar as diferenças existentes, a ponto de se criticarem e ridicularizarem uns aos outros”. As diferenças em relação à língua, às crenças, às práticas religiosas, de constituição psíquica e mesmo as diferenças físicas costumam dar margem à afirmação da superioridade de um grupo sobre o outro. Nesse particular, a partir dos dados coletados para este trabalho, como veremos na primeira parte da análise, os subgrupos indígenas continuam acentuando e, talvez, exagerando as diferenças. No entanto, é preciso registrar que notamos, ao menos entre a maioria dos indígenas (dos dois subgrupos) colaboradores desta pesquisa, um cuidadoso senso de respeito pelo outro: os Guarani Nandeva apontam as diferenças, mas, em geral, afirmam que não há elementos ou comportamentos mais adequados ou melhores, apenas diferentes; os Guarani Kaiowá costumam fazer o mesmo¹³.

Schaden (1974, p.1) afirma que, apesar das divergências entre os subgrupos Guarani, a “desintegração cultural” que ocorre em razão do contato e do convívio com os não indígenas tendem a dar lugar a uma consciência de índio, que compartilha semelhanças étnicas e também vivenciam problemas e dificuldades parecidos. Isso seria um fator responsável pelo desenvolvimento de atitudes de solidariedade e cooperação, especialmente entre grupos pequenos que vivem em pequenas áreas.

Hoje observamos que em virtude da necessidade do convívio em várias situações como, por exemplo, os eventos e reuniões relacionadas à luta pelos direitos e algumas festas em uma ou outra comunidade indígena, os subgrupos se reaproximam, fazem concessões e ajustes especialmente no que se refere aos usos

¹³ Ainda a esse respeito, reconhecemos que os discursos “anotados” são produtos de nossa interação com os informantes. A situação era de uma conversa entre professores – a professora pesquisadora e os professores das escolas indígenas. Assim, se Schaden (1974) notou que havia ridicularização e pretensa superioridade de um subgrupo em relação ao outro, provavelmente isso poderia ser confirmado com mais tempo de convívio com informantes de perfis diferentes.

linguísticos. Os informantes desta pesquisa, que são, na maioria, professores, como já afirmamos, enfatizam as diferenças, mas não deixam de mencionar a existência das situações de convívio, como os cursos de que participam na universidade, geralmente na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

O Referencial Curricular Nacional para as Escola Indígenas (RCNEI, 1998, p. 115), sobre o convívio de diferentes grupos indígenas registra:

A diferença lingüística não é, geralmente, impedimento para que os povos indígenas se relacionem e casem entre si, troquem coisas, façam festas ou tenham aulas juntos. Esses sistemas multilingues são um exemplo de que as pessoas podem viver lado a lado, em paz, sem terem que falar, todas, a mesma língua. Às vezes, nesses contextos, uma das línguas se torna o meio de comunicação mais usado, torna-se a **lingua-franca** (Destaque do documento).

Entendemos que o trecho desse documento esteja se referindo, especialmente, a grupos com línguas reconhecidamente distintas – uma situação, portanto, um pouco diferente da dos grupos com os quais estamos trabalhando. Ainda assim, recuperamos esse trecho por termos constatado que os Guarani Kaiowá e os Guarani Nandeva costumam fazer concessões em relação aos usos linguísticos que seriam específicos de cada subgrupo em favor da comunicação mais eficiente, da boa convivência.

Parece ser nesse sentido que um informante nos conta: “Mas a gente já combinou que quando a gente se encontra [...] a gente já é igual mesmo” (Antonio, Guarani Kaiowá).

Dessa tendência de aproximação e homogeneização mencionada pelos antropólogos e pelos próprios indígenas, trataremos com mais detalhe no decorrer do trabalho, também na primeira parte da análise dos dados. Antes, porém, como nesta pesquisa assumimos a importância de tratar os subgrupos Guarani em suas especificidades, passamos a alguns apontamentos tendo em vista essa divisão.

Para Schaden (1974, p.2), a divisão em três subgrupos (Nandeva, Kaiowá e Mbyá) se justifica por diferenças, sobretudo linguísticas, mas também por peculiaridades na cultura material e não-material. Salientamos que o autor refere-se apenas aos três grupos encontrados em território brasileiro.

Já Meliá (1992, p. 245) afirma que entre os povos Guarani, quatro teriam conservado fundamentalmente seu modo de ser, o que é expresso pela língua e por

outros elementos da cultura – os Ava Katú Eté, os Pai-tavyterã, os Mbyá e os Chiriguanos. Nesse caso, o autor refere-se também aos grupos encontrados no Paraguai.

Os primeiros, isto é, os Ava Katú Eté são os Guarani Ñandeva, conhecidos atualmente como Guarani apenas, e os segundos, isto é, os *Pai-tavyterã*, como Guarani Kaiowá, ou Kaiowá apenas. Como são apenas esses os subgrupos que estão sendo pesquisados neste trabalho não trataremos dos dois últimos (os Mbyá e os Chiriguanos)¹⁴.

1.3 Os Guarani Ñandeva

Costa (2010, p. 23-24) lembra que a divisão entre as etnias (que temos chamado aqui de subgrupos do grupo Guarani) é bastante confusa para a etnologia, o que se deve ao fato de o termo Ñandeva (ou Nhandewa) ser uma expressão que pode ser usada por qualquer Guarani. Por vezes, já foi traduzida por “nossa gente” ou “nosso povo”. Qualquer Guarani, segundo o autor, pode referir-se a outro por essa expressão. A confusão ocorre também porque existem nomes de diferentes procedências para um mesmo povo ou uma mesma língua – as autodenominações, as denominações acadêmicas, os nomes populares, os apelidos que um povo recebe de outra etnia, no Brasil e no Paraguai, por exemplo. Conforme já mencionado neste trabalho, os indígenas que pertencem ao subgrupo Ñandeva e que falam o dialeto que recebe, dos linguistas, o mesmo nome, também se autodenominam apenas Guarani.

Segundo ao que registra Meliá (1992, p. 245), os Ava Katú Eté seriam provavelmente descendentes dos antigos Guarani do Guairá e do Mbaracayú. Em contato com os cristãos do século XVI foram intensamente explorados no trabalho da erva-mate. Depois foram atacados, feitos escravos dos Bandeirantes de São Paulo, e muitos fugiram para o Sul. Quanto à denominação, esses indígenas já foram também referidos como Chiripá, Apapokúva, Oguauiva, Tañy-guá e Cheiru. Segundo o autor, a autodenominação Ñandeva teria sido preservada como a preferencial para essa

¹⁴ Ressaltamos que trabalhamos apenas com dois dos grupos Guarani porque não há grupos de Mbyá no Mato Grosso do Sul.

etnia, embora os mesmos indígenas utilizem também a forma Avá Guarani na autodenominação. Esses grupos se encontram atualmente no Paraguai e no Brasil.

Ainda de acordo com Meliá (1992, p. 245-246), esses indígenas são considerados como os mais aculturados, mas uma análise mais atenta de seu modo de vida pode revelar que a assimilação é apenas superficial uma vez que os elementos fundamentais de sua cultura são tradicionais. A autenticidade e singularidade desse povo estariam manifestadas na sua língua e na sua religião. Na verdade a “língua religiosa” é que teria conservado melhor os recursos linguísticos mais tradicionais.

No que se refere aos estudos linguísticos propriamente ditos sobre o Guarani Ñandeva, Meliá cita como mais importantes os que foram realizados por Cadogan (1959)¹⁵, Nimuendajú (1987)¹⁶ e Chase-Sardi (1992)¹⁷, sendo que Cadogan teria sido o primeiro a oferecer um vocabulário específico de termos próprios desse “dialetto”. A escassez de estudos dos níveis morfológico e léxico é suprida pelas coleções de textos literários reunidos por antropólogos e de textos didáticos elaborados por educadores e indigenistas (MELIÁ, 1992, p. 246).

1.4 Os Guarani Kaiowá

Os Pai-tavyterã seriam descendentes dos antigos Itatim. Quanto à denominação, do tempo em que eram conhecidos como “Caaguá Selváticos”, ficou o nome Kaiowá usado no Brasil. Mas sua denominação é Pai-tavyterã, que seria uma alusão clara ao modo de ser religioso. *Pai* seria o título com que deuses e habitantes do paraíso se saúdam e dirigem a palavra e *tavyterã*, os futuros habitantes do povoado do centro da terra (MELIÁ, 1992, p. 247).

Esses Guarani se encontram hoje divididos entre o Paraguai e o Brasil, na zona fronteira que separa o Departamento de Amambay (Paraguai) do estado de Mato Grosso do Sul (Brasil). Meliá explica que o processo de colonização, as características distintas dos dois países, entre outros fatores, fizeram com que essa etnia se diferenciasse muito quanto a sua situação sociocultural, econômica e política

¹⁵ CADOGAN, León. *Ayvu Rapyta*. Textos míticos de los Mbyá guarani Del Guairá. Edición corregida y aumentada. Asunción, 1992. (Observação: sem indicação de editora).

¹⁶ NIMUENDAJÚ, Curt Unkel. As lendas da criação e da destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani. São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

¹⁷ CHASE-SARDI, Miguel. *El precio de la sangre*: tугуу ñee repy. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos, 1992.

conforme o lado brasileiro ou paraguaio. No Brasil, por exemplo, os Guarani Kaiowá não praticam mais a cerimônia de perfuração dos lábios e adoção do *tembeta* (pedra nos lábios) nos adolescentes; já no Paraguai, essa tradição considerada importante para a afirmação da identidade dessa etnia, ainda está preservada.

A respeito da perfuração do lábio inferior, que é feita nos meninos em idade anterior à puberdade, Schaden (1974, p.19) explica que entre as mutilações físicas de costume dos povos Guarani, essa seria a mais importante. Teria sido costume também entre os Ñandeva, mas conforme foi ocorrendo o processo de aculturação, esse hábito foi sendo esquecido. De acordo com o autor, “[...] na mitologia desse grupo, *Tupã*, o deus do trovão, passa pelo céu com o *tembetá* reluzente, representado pelo raio [...]”. Isso poderia indicar que também os Guarani Ñandeva, em tempos mais remotos, conheceram esse adorno. Seriam os índios Guarani Kaiowá, entretanto, o que mais se prendem a esse costume, embora, já na época de suas pesquisas, Schaden tivesse observado vários homens Guarani Kaiowá adultos sem a perfuração nos lábios. De acordo com o autor e também pelo que pudemos verificar durante nossas visitas para coleta de informação, o furo labial é um importante distintivo desse subgrupo étnico.

Em 2012, em uma de nossas primeiras visitas à Aldeia Panambizinho, gravamos o seguinte depoimento de D. Iraci, indígena Kaiowá: “Kaiowá fura lábio. Queria fazer tudo com a boca furada [*refere-se aos filhos e netos homens*], mas aquele homem que fazia, Pai Chiquito, morreu. Ninguém mais faz. É complicado. Se não sabe fazer, se não faz a reza, é perigoso, criança morre.”

As duas fotos que seguem retratam homens Guarani Kaiowá de uma das regiões pesquisadas, usando o *tembetá* nos lábios perfurados.

Foto 01: Cacique Paulito Aquino, usando *tembetá*



Fonte: Guto Pascoal.¹⁸

Foto 02: João Aquino, filho do cacique Paulito, usando *tembetá*



Fonte: Guto Pascoal.¹⁹

É comum ouvir dos indígenas Guarani dos dois subgrupos que a destruição das matas e o espaço reduzido que lhes restou são problemas que dificultam o desenvolvimento e continuação de seu modo de vida, sobretudo da prática de sua religião. Para se fazer o *tembetá*, por exemplo, eles precisavam de um material que nos dias de hoje não é facilmente encontrado mais na região em que vivem.

Meliá (1992, p. 247) lembra que a destruição ecológica do *habitat* é um problema para os indígenas do Paraguai e do Brasil. Ainda assim, como entre os Ava Katú Eté, “a língua religiosa segue como o lugar onde os *pai-tavyterã* se afirmam com fidelidade e confiança em seu destino”.

No que se refere à cultura material dos Guarani Kaiowá, um dos mais imponentes símbolos, de acordo com Schaden (1974, p.26), é a casa grande que também é uma construção típica de numerosas outras tribos do grupo Tupi-Guarani. A respeito desse tipo de construção, o autor registra: “Do ponto de vista arquitetônico, duas são as características essenciais da casa grande dos Kaiowá: a falta de separação ou divisão entre cobertura e paredes e, em segundo lugar, a ausência de suporte para a linha central da cumeeira”. A foto seguinte é de uma dessas construções que podem ser encontradas na Aldeia Panambizinho.

¹⁸Do texto “Anciãos transmitem cultura indígena”. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/env06.htm>. Acesso em 20 de abril de 2014.

¹⁹ *Op.cit.*

Foto 03 – Casa grande da Aldeia Panambizinho – Dourados /MS



Fonte: A própria autora.

Atualmente essas construções são utilizadas apenas durante as festas e outras cerimônias. Em geral, tanto Guarani Ñandeva como Guarani Kaiowá hoje moram em casas, em geral, pequenas que abrigam apenas a família nuclear e mantém, embora não por regra, proximidade com os demais membros da família (pais, filhos e genros...).

No que se refere aos estudos linguísticos propriamente ditos sobre o Guarani Kaiowá, Meliá menciona a importância do *Summer Institute of Linguistics* (SIL), cujos investigadores têm se ocupado de determinar as características fonológicas e morfológicas dessa língua. Os vocabulários apresentados por Cadogan (1962)²⁰ e o vocabulário específico levantado por Meliá & Grünberg²¹ (1976), seriam, segundo o autor, menos técnicos, mas de maior significação cultural (MELIÁ, 1992, p. 248).

²⁰ *Op.cit.*

²¹ MELIÁ, Bartomeu; GRÜNBERG, G. y F. Los paĩ Tavyterã: etnografía guaraní del Paraguay contemporáneo. Suplemento Antropológico, 11, 1-2. Asunción, 1976. (sem indicação de editora).

1.5 Tupi, Tupi-guarani e Guarani

Atualmente ainda é comum ouvirmos, inapropriadamente, que os indígenas brasileiros falam a língua tupi-guarani. Trata-se de uma generalização que não pode ser atribuída à língua dos indígenas brasileiros, que pertencem a muitos grupos distintos e falam línguas distintas. Além disso, será que, em alguma medida, podemos afirmar que algum grupo indígena hoje fala tupi-guarani? Qual a relação das designações “tupi”, “tupi-guarani” e “guarani”?

Para uma melhor compreensão do sentido que cada um dos termos tem adquirido no contexto histórico da população indígena relacionada, passamos a algumas reflexões.

Conforme mencionado no item anterior deste capítulo, de acordo com Rodrigues (1945, p.333), antes da chegada dos colonizadores às Américas, os índios Tupi e os índios Guarani formavam um único grupo, mas, como vimos, com os movimentos migratórios, a língua que esse grupo falava, naturalmente, tomou rumos distintos em sua evolução, e assim, do antigo proto-tupi-guarani, surgem o proto-guarani e o proto-tupi. O proto-guarani ou guarani comum tornou-se a língua falada nas regiões paraguaias e pelas tribos que se espalharam daí para o oriente, pelo sul do trópico de Capricórnio; a língua que ficou sendo falada pelos Guarani. Já o proto-tupi ou tupi comum é a língua que ficou sendo falada pelos Tupi. O mesmo autor ainda esclarece:

Considerando-se, agora, os ramos *tupi* e *guarani*, tem-se que reconhecer, ainda, mais uma divisão em cada um: o *tupi antigo* e o *tupi moderno*, por um lado, e o *guarani antigo* e o *guarani moderno*, por outro lado. O *tupi moderno* – conjunto de dialetos tupis hodiernos – tem o nome especial de *nheengatú* e as tribos que o falam habitam a Amazônia; o *guarani moderno* – conjunto de dialetos guaranis hodiernos – é chamado *avanheém*, sendo falado no sul do Brasil, Paraguai e adjacências (RODRIGUES, 1945, p.336).

De acordo com essa explicação do autor, teríamos o tupi, em sua versão moderna, também conhecido como *nheengatú*, na Amazônia, e o guarani, em sua versão moderna, conhecido como *avanheém* no Sul do Brasil e no Paraguai. Assim, poderíamos falar, então, da existência de variantes dialetais subordinadas a uma

língua chamada tupi, e de variantes dialetais subordinadas a uma língua chamada guarani.

Apesar de nosso foco neste trabalho ser o idioma guarani, vale a pena mencionar mais algumas informações sobre o tupi. Em trabalho mais recente, Rodrigues (2002, p. 21) explica que “a língua indígena tradicionalmente mais conhecida dos brasileiros – conquanto esse conhecimento se limite em regra só a um de seus nomes, Tupí – é justamente o Tupinambá”. O autor lembra que, nos séculos XVI e XVII, essa foi a língua que predominou nos contatos entre portugueses e índios e seu uso era tão geral no século XVIII que chegou a ser proibida pelo governo português por meio de decreto.

Apesar da proibição, a língua geral, ainda no século XIX, era majoritária. Entretanto, no mesmo século, essa língua entra em declínio, sendo que vários fatores, entre os quais o extermínio de parte da população indígena, contribuíram para o seu desaparecimento. “Paradoxalmente, no período em que a língua geral entra em declínio surge um movimento romântico nativista que pretendia registrar a língua e as histórias tradicionais transmitidas em língua geral” (CRUZ, 2011, p.37-38).

Ainda, conforme registra Cruz (2011, p. 38), é possível que o termo *nheengatú*, pelo qual a língua passa a ser designada, tenha surgido em decorrência desse “movimento romântico”. O termo teria sido inventado por Couto de Magalhães a partir de *nheen* (língua/falar) e *katu* (ser bom), ou seja, *nheengatú* significa “língua boa”. Atualmente é falada pelos povos Baré, Baniwa e Warekena, no Alto Rio Negro, em particular no município de São Gabriel da Cachoeira (CRUZ, 2011, p. 42).

Voltando à questão do uso de alguns termos referentes a línguas e troncos linguísticos, verificamos que Edelweiss (1947) menciona, nas páginas iniciais de sua obra, que um dos seus objetivos é mostrar com uma série variada de “diferenças-tipos” que os Tupi são diferentes dos Guarani. Ele considera “absurda” a denominação “língua tupi-guarani” no lugar de “língua tupi” e “língua guarani”.

Desse modo, ao tratar do desenvolvimento histórico dos termos “tupi” e “guarani”, Edelweiss (1947, p. 3) lembra que foram as obras publicadas pelo jesuíta peruano António Ruiz de Montoya que mais contribuíram para tornar conhecido o nome Guarani, aplicado desde a primeira metade do século XVII, ao conjunto das tribos e dos dialetos indígenas da então Província Paraguaiá. Só muito tempo depois, há pouco mais de um século e meio, começou a difundir-se também, no

território brasileiro, a denominação Tupi, em referência às antigas tribos e dialetos da mesma família. O autor é enfático ao afirmar a necessidade de se fazer a distinção entre os dois termos. Segundo ele,

[...] muitos fazem a devida distinção entre guarani e tupi; todos aceitam o termo guarani, mas, quanto a tupi continuamos notando certa hesitação em nosso meio e não pequena resistência no dos vizinhos. O que falta é levar aos recalcitrantes a convicção de que tupi não pode ser e nunca foi sinônimo de guarani e vã seria a tentativa de negarmos uma diferenciação que já faz parte do acervo científico do século XVI (EDELWEISS, 1947, p. 08).

Teria sido, de acordo com o autor, uma “ideia infeliz” a de substituir as palavras simples tupi e guarani, pela composta tupi-guarani, cunhada pelo etnólogo Karl von den Steinen²², para, como substantivo, designar a grande família linguística, e como adjetivo, ser aplicada a todos os elementos culturais comuns às tribos da mesma família. Para Edelweiss,

[...] etnologicamente temos assim, as tribos tupi-guarani, constituindo a família tupi-guarani; a civilização e mesmo a linguística tupi-guarani, mas não se poderá nunca falar em língua tupi-guarani, reunindo, num só conceito, as duas línguas gerais brasileira e paraguaia, por serem numerosas e lexicologicamente bem fixadas as suas divergências coloniais; isto sem mencionar os dialetos modernos, alguns dos quais tão diferentes dos seus afins seis e setecentistas” (EDELWEISS, 1947, p.09).

Como se verifica, o equívoco maior, segundo o autor, seria o de utilizar o termo tupi-guarani para fazer referência a uma língua, quando, na verdade, são duas e com diferenças significativas.

Chamorro (2009), bem mais recentemente, continua pressupondo a existência de confusões ou, pelo menos, imprecisões em relação ao uso de termos utilizados para fazer referência às línguas e aos povos Guarani e Tupi. Por isso, também se propõe a esclarecer esses termos.

A autora, assim como Edelweiss (1947), menciona Montoya nas referências às línguas faladas pelos povos agrupados sob as designações Tupi e Guarani.

²² STEINEN, Karl von den. *Duch Central-Brasilien*, Lípsia, 1886 (apenas essas informações estão na obra de Edelweiss (1947)).

Segundo ela, o jesuíta peruano afirmava que essas tribos falavam uma língua muito universal que dominava ambos os mares, demarcando um imenso território ocupado. A autora lembra que depois de algum tempo o termo “tupi” caiu em desuso. Prova disso é que os jesuítas, em seus primeiros escritos, em 1575, utilizavam para se referirem à língua falada no Brasil as expressões “língua brasílica”, “língua geral da costa do Brasil”, “língua geral do Brasil” e não mais “língua tupi” ou “tupinambá”. O termo “tupi” só reapareceu em meados do século XIX (CHAMORRO, 2009, p. 70-71).

Ainda, de acordo com autora, os motivos que teriam levado os brasileiros a buscarem sua origem indígena no tupi estariam relacionados às disputas bélicas entre Brasil e Paraguai e à necessidade de se construir uma identidade nacional. Desde a Guerra da Tríplice Aliança, “guarani” era “língua dos inimigos, os paraguaios”. No entanto a língua guarani, com insignificantes alterações, era a mesma língua tupi falada no Brasil. Montoya sempre falou em língua guarani e nunca em língua tupi. Em sua *Apologia*, segundo Chamorro, ele mencionou as nações Tupi e Guarani como gente paraguaia, brasileira e do Marañón e chama Guarani inclusive as línguas faladas no Brasil e no Gran Marañón (CHAMORRO, 2009, p. 72).

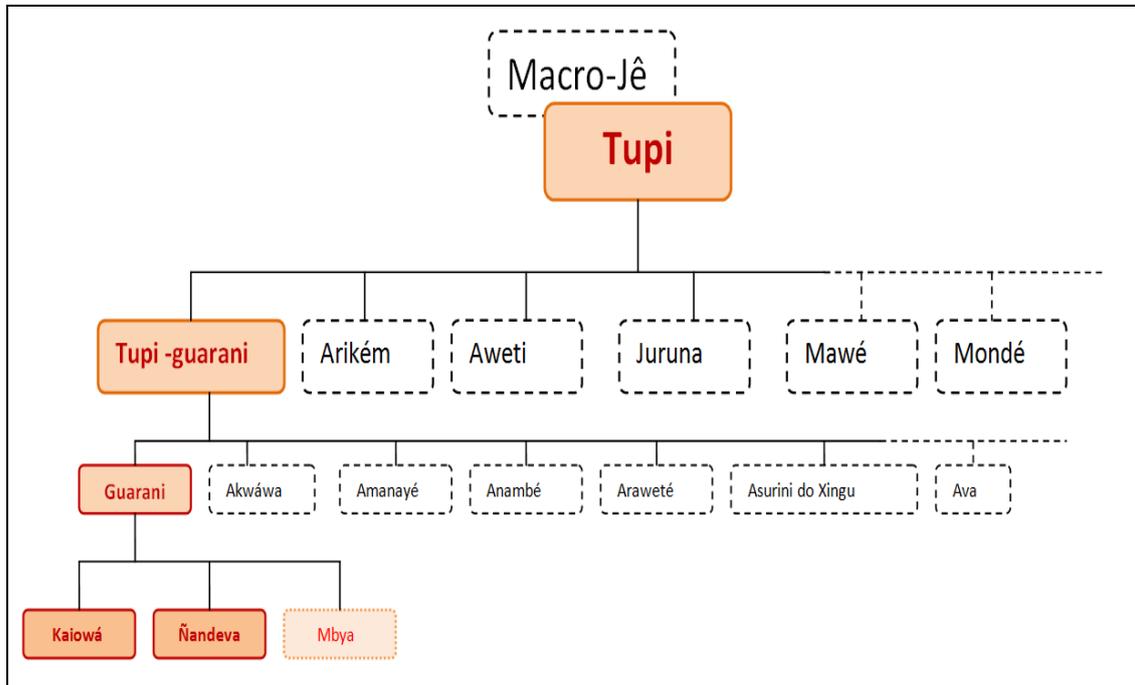
Como podemos notar, para Edelweiss (1947), teria sido um erro juntar no mesmo nome duas línguas que são numerosas e lexicologicamente divergentes. Já Chamorro (2009) afirma que entre a língua guarani e a língua tupi havia apenas insignificantes alterações. Desse modo, no sentido em que os termos foram aqui mencionados até agora, eles designam duas línguas – muito ou pouco divergentes, conforme a análise de um ou outro autor.

Atualmente, entretanto, continuamos usando os termos “tupi”, “tupi-guarani” e “guarani”, conforme a classificação das línguas indígenas brasileira de Rodrigues (2002), mas da seguinte forma: tupi²³ é proto-língua, ou seja, é o tronco linguístico; tupi-guarani é uma das famílias linguísticas do tronco tupi, e guarani é uma das

²³Convém acrescentar que o termo também faz referência a línguas indígenas da Amazônia, que seriam descendentes da língua tupi do passado. No que se refere às línguas indígenas brasileiras, essa está entre as mais conhecidas. Seu contato com a língua portuguesa ocorreu intensamente nos séculos XVI, XVII e XVIII. Atualmente não há quem desconheça a incorporação de muitas unidades do léxico tupi na língua portuguesa, principalmente quando se trata da nomeação de elementos da fauna e da flora. A toponímia brasileira também registra quantidade muito significativa de nomes oriundos da língua tupi. Sobre a influência da língua tupi no português, ver: CUNHA (1998). Sobre a toponímia de origem tupi, ver: SAMPAIO (1987).

línguas da família tupi-guarani. Os idiomas guarani kaiowá e guarani ñandeva, com os quais estamos trabalhando, estariam subordinados à língua guarani. A figura que segue ilustra essa relação, de troncos, famílias e línguas (e variantes).

Figura 01 – Troncos, famílias, línguas (e variantes)



Fonte: A própria autora, a partir de informações da obra de Rodrigues (2000).

No Brasil, além do tronco linguístico tupi, temos também o tronco denominado macro-jê²⁴; e a cada um desses troncos estão ligadas várias famílias linguísticas. Conforme explica Rodrigues (2002, p.29), uma família linguística, de acordo com o critério genético, “[...] é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no correr do tempo de uma só língua anterior”.

Ligadas ao tronco tupi, por exemplo, que nos interessa mais diretamente neste trabalho, temos as famílias tupi-guarani, arikém, aweti, entre outras. Rodrigues (2002, p.32) lembra que, dentre essas famílias, a primeira – tupi-guarani – se destaca pela notável extensão territorial sobre a qual estão distribuídas suas

²⁴ A título de exemplo, mencionamos as línguas apinayé, kayapó e kaiangáng que pertencem à família jê, que por sua vez é do tronco macro-jê, conforme Rodrigues (2002, p. 47- 48).

línguas. Considerando apenas o território brasileiro²⁵, essas línguas podem ser encontradas no Maranhão, no Pará, no Amapá, no Amazonas, em Mato Grosso, em Mato Grosso do Sul, em Goiás, em São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo.

O autor explica ainda que, apesar da grande dispersão geográfica, as línguas da família tupi-guarani são muito semelhantes entre si. No quadro que segue, podemos visualizar os dados de Rodrigues (2002) e, na última coluna, o resultado da verificação que fizemos dos mesmos vocábulos em dois dos dicionários de guarani²⁶ com os quais estamos trabalhando, o de publicação mais antiga e o de publicação mais recente (Montoya, 2011 [1639] e Assis, 2008).

Quadro 03 – Comparação de vocábulos de línguas da família tupi-guarani

Vocábulos em português	Mbiá do Paraná	Tapirapé do Araguaia	Parintintín do Rio Madeira	Wayampí do norte do Amapá	Língua Geral do alto rio Negro (AM)	Guarani
pedra	<i>itá</i>	<i>itã</i>	<i>itá</i>	<i>takúru</i>	<i>itá</i>	<i>ita</i>
fogo	<i>tatá</i>	<i>tãtã</i>	<i>tatá</i>	<i>táta</i>	<i>tatá</i>	<i>tata</i>
jacaré	<i>djakaré</i>	<i>txãkãré</i>	<i>djakaré</i>	<i>iakaré</i>	<i>iakaré</i>	<i>jakare</i>
pássaro	<i>gwyrá</i>	<i>wyrã</i>	<i>gwyrá</i>	<i>wýra</i>	<i>wira</i>	<i>guyra</i>
onça	<i>djagwareté</i>	<i>txãwãrã</i>	<i>dja'gwára</i>	<i>iáwa</i>	<i>iawareté</i>	<i>jagwarete</i>

Fonte: A própria autora, com dados de Rodrigues (2002, p.32).

Conforme se verifica no quadro 03, os exemplos mostram que, de fato, as semelhanças entre línguas da família tupi-guarani, são evidentes. Nesse raciocínio, quando tomamos duas variantes da mesma língua, como guarani kaiowá e guarani ñandeva (ou duas línguas, como preferem os falantes), a hipótese é de que as diferenças não sejam muitas. Apesar disso, lembramos, este trabalho pretende justamente apontar diferenças que possam representar as especificidades que os subgrupos Guarani desejam ver reconhecidas.

²⁵ Além do território brasileiro, línguas dessa família podem ser encontradas, por exemplo, na Venezuela, na Colômbia, no Paraguai, na Argentina.

²⁶ Lembramos que nas obras consultadas não temos a indicação de qual variante ou língua subordinada ao guarani está sendo considerada, o que nos leva a supor que os dicionários pretendem servir a todas as variantes do guarani..

Voltando à família tupi-guarani, a título de registro, lembramos que além das línguas que aparecem na figura 01, outras constituem essa numerosa família. No quadro que segue, podemos visualizar os nomes das línguas da família tupi-guarani e os estados da federação em que elas podem ser encontradas.

Quadro 04 – Línguas da família tupi-guarani no Brasil

N.	Línguas	Estado
01	Akwáwa	
	<i>Asurini do Tocantins (Asurini do Trocará, Akwáwa)</i>	PA
	<i>Suruí do Tocantins (Mudjetire)</i>	PA
	<i>Parakanã</i>	PA
02	Amanayé	PA
03	Anambé (Turiwára)	PA
04	Apiaká	MT
05	Araweté	PA
06	Asurini do Xingu (Asurini do Coatinema, Awaeté)	PA
07	Avá (Canoeiro)	GO
08	Guajá	MA
09	Guarani	
	<i>Kaiwá (Kayová)</i>	MS
	<i>Mbiá (Mbúa, Mbyá, Guarani)</i>	RS, SC, PR, SP, RJ, ES
	<i>Nhandéva (Txiripá, Guarani)</i>	PR, SP, MS
10	Kamayurá	MT
11	Kayabi	MT
12	Kokáma	AM
13	Língua Geral Amazônica (Nheengatu, Tupi Moderno)	AM
14	Omágua (Kambéba)	AM
15	Parintintin	
	<i>Diahói</i>	AM
	<i>Juma</i>	AM
	<i>Parintintin (kagwahiv)</i>	AM
	<i>Tenharin</i>	AM
16	Tapirapé	MT
17	Tenetehára	
	<i>Guajajará</i>	MA
	<i>Tembé</i>	MA, PA
18	Uruewauwáu	RO
19	Urubu (Urubu-Kaapór)	MA
20	Wayampi	AP
21	Xetá	PR

Fonte: Rodrigues (2002, p. 39), adaptado pela autora

O quadro 04 apresenta 21 línguas da família tupi-guarani, sendo que algumas ainda se subdividem em dialetos ou variantes (somando-se esses dialetos ou variantes, muitas vezes também nomeados de línguas, o número chega a 31).

Dessas, a língua guarani, em seus três dialetos ou variantes, é a mais disseminada no Brasil. Ela está presente em sete estados brasileiros: Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Após essas informações, que tiveram como objetivo uma contextualização sobre os povos estudados e suas línguas, no capítulo dois, apresentamos os pressupostos teóricos que entendemos como pertinentes ao tema da pesquisa.

CAPÍTULO 02 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Preliminares

Ao iniciarmos as leituras referentes ao tema do trabalho, logo percebemos que um único caminho teórico, ou seja, uma única teoria, não nos parecia suficiente para sustentar as reflexões que pretendíamos apresentar neste trabalho – o que não significa, evidentemente, que consideramos as teorias incompletas ou que, sozinhas, cada uma não pudesse sustentar a discussão de alguns temas ou alguns fenômenos linguísticos. Na verdade são as questões que julgamos que deveriam ser respondidas (ou se não respondidas, ao menos discutidas) que acabaram requerendo pressupostos teóricos diferentes, ainda que relacionados e complementares (da mesma forma, como veremos no próximo capítulo, destinado à exposição da metodologia adotada, não foi possível trilhar um único percurso metodológico).

Diante disso, neste capítulo, destinado à apresentação dos pressupostos teóricos, tratamos dos temas que consideramos direta ou subjacentemente relacionados ao nosso objeto de pesquisa e que sustentam a análise dos dados. Na sequência apresentamos esses temas e os principais autores que fundamentaram nossa reflexão:

- a) *Língua e dialeto*: Sapir (1971), Hudson (1984), Chambers e Trudgill (1994), Haugen (1966/2001);
- b) *Língua, cultura e identidade*: Moreno Fernández (1998), Cardoso de Oliveira (2006), Hall (2004);
- c) *Variação e mudança linguística*: Labov (2008)²⁷;
- d) *Comunidade linguística e comunidade de fala*: López-Morales (1993), Monteiro (2000);
- e) *Sistema, norma e fala*: Coseriu (1979)²⁸;

²⁷ A primeira edição é de 1972, mas neste trabalho, estamos utilizando a tradução, publicada em 2008.

²⁸ A primeira edição é de 1921, mas neste trabalho estamos utilizando a tradução, publicada em 1979.

- f) *Léxico e empréstimos lexicais*: Isquierdo (1996); Biderman (1981, 2001), Pires de Oliveira (1999, 2001); Carvalho (1989, 2009).

Como se nota, os temas elencados podem ser estreitamente relacionados, e, se por um lado, podemos falar em um trabalho interdisciplinar, por outro lado, poderíamos enquadrar o trabalho em apenas um rótulo: o da sociolinguística, em sentido mais amplo (macro-sociolinguística), que poderia dar conta de todas essas temáticas de forma interligada. Passemos, então, às reflexões teóricas.

2.2 A distinção entre língua e dialeto

Uma língua é um dialeto com exército e marinha.
(Autoria atribuída a Max Weinreich)

Nem sempre é fácil decidir se as diferenças entre duas comunidades linguísticas representam dois dialetos ou duas línguas distintas. Essa é uma afirmação introdutória, que, com alguma variação, encontramos em praticamente todos os textos que se propõem a discutir a questão. Procuramos aqui expor os principais motivos dessa complexidade e também esclarecer algumas opções feitas para este trabalho em relação aos termos língua e dialeto.

Sapir (1971, p. 154) explica que os termos língua e dialeto são termos puramente relativos, “conversíveis uns aos outros, conforme a nossa perspectiva se amplia ou se retrai”. Na mesma direção, Rodrigues (1996, p. 07), ao discutir as propriedades linguísticas em comum entre o tupinambá e o tupi, afirma: “se as línguas de um mesmo subgrupo, ou mesmo de subgrupos distintos devem ser chamadas de ‘línguas’ distintas ou de ‘dialetos’ de uma mesma ‘língua’ é uma questão muito relativa, porque relativos são os conceitos de “língua, como sabem todos os lingüistas”.

Antes de passarmos à revisão e à reflexão a partir do que alguns linguistas apresentam, recorremos ao trabalho lexicográfico de Dubois *et all* (1973). Entendemos que, para esse contexto, os termos língua e dialeto devem ser definidos sempre em relação um ao outro. Iniciemos observando a definição histórica registrada para o termo dialeto:

O grego *dialektos* designava diferentes sistemas usados em toda a Grécia, cada um para um determinado gênero literário, e considerados como a língua de uma região da Grécia, em que eles deviam recobrir dialetos no sentido moderno do termo, regionais ou sociais; o jônico, não somente na Jônia, mas em toda a Grécia, era usado para o gênero histórico; o dórico era para o canto coral (DUBOIS *et all*, 1973, p. 183).

Haugen (1966/2001, p. 98), também sobre a história do termo, explica que na Grécia não havia nenhuma norma linguística unificada – apenas um grupo de normas estreitamente aparentadas – por isso era necessário um termo desse tipo. O autor explica ainda que, embora os “dialetos” levassem os nomes das diferentes regiões gregas, não eram variedades faladas, mas escritas, cada uma especializada em um uso literário. Assim, a língua chamada “grego” era um conjunto de normas distintas, mas aparentadas, conhecidas como “dialetos”. Essa situação, verificada na Grécia, teria fornecido o modelo para todo o uso posterior dos termos “língua” e “dialeto”

Chambers e Trudgill (1994, p. 19), a respeito do conceito de dialeto, mencionam quais as definições mais usais para o termo:

Na linguagem cotidiana, um dialeto é uma forma de língua não padrão, de nível baixo, e frequentemente rústica, que geralmente se associa com o campesinato, a classe trabalhadora e outros grupos considerados de prestígio. Dialeto é também um termo aplicado frequentemente às línguas que não têm tradição escrita, em especial àquelas faladas nos lugares mais isolados do mundo. E por último também se entendem como dialetos algumas classes (frequentemente errôneas) de desvios da norma, aberrações da forma padrão ou correta de uma língua (tradução nossa)²⁹.

Como podemos observar, uma noção que perpassa à definição do termo é a de *prestígio*, ou melhor, de desprestígio. É a que mais intensamente se associa ao termo, que geralmente, por essa razão, acaba sendo raramente usado em referência

²⁹ En el lenguaje cotidiano un dialecto es una forma de lengua subestándar, de nivel bajo y a menudo rústica, que generalmente se asocia con el campesinado, la clase trabajadora e otros grupos considerados carentes de prestigio. Dialecto es también un término aplicado a menudo a las lenguas que no tienen tradición escrita, en especial a aquéllas habladas en los lugares más aislados del mundo. Y por último también se entienden como dialectos algunas clases (a menudo erróneas) de desviaciones de la norma, aberraciones de la forma estándar o correcta de una lengua (CHAMBERS E TRUDGILL, 1994, p. 19).

à variante linguística de pessoas instruídas, de comunidades urbanas ou da geração mais jovem, às quais, em geral, se associa a ideia de prestígio.

Assim, esses autores esclarecem que não adotam nenhum dos pontos de vista expostos nessas definições usuais que eles mesmos apresentam. Vão, inclusive, a uma direção exatamente contrária: “todos os falantes são falantes ao menos de um dialeto”. O inglês padrão, por exemplo, é um dialeto assim como outras formas de inglês e não faz sentido supor que uma é linguisticamente superior a outra. Mesmo assim, consideram útil classificar os dialetos como “dialeto de uma língua”, entendendo-os como subdivisões de uma língua em particular.

Na tentativa de definir os termos em questão, Hudson (1984) menciona três critérios: o *tamanho*, o *prestígio* e a *mútua inteligibilidade*. Para o critério do tamanho, é levado em conta que os dialetos são partes ou subconjuntos das línguas, mas não parece resistir ao argumento simples de que existem línguas muito pequenas em razão do reduzido número de falantes e que mesmo assim têm *status* de línguas e outros sistemas de comunicação utilizados por grande número de falantes que não são considerados línguas, mas dialetos. Já de acordo com o critério do *prestígio*, os dialetos seriam variedades menos prestigiadas do que as línguas. Trata-se de um critério sem nenhum fundamento linguístico e, portanto, frágil, como o primeiro.

O último critério apontado pelo autor, o da *mútua inteligibilidade*, é o que aparece mais recorrentemente entre os que discutem essa questão. Assim, para saber se “subdivisões” são de fato, subdivisões da mesma língua, bastaria verificar se o falante de um dialeto “A” entende o falante de um dialeto “B” e vice versa. Nesse sentido, ainda que se verificassem diferenças em todos os níveis linguísticos, tratar-se-ia da mesma língua. Esse é, a propósito, o critério utilizado no dicionário de língua, Houaiss (2001), onde o termo, em primeira acepção, está definido da seguinte forma:

[...] conjunto de marcas lingüísticas de natureza semântico-lexical, morfossintática e fonético-morfológica, restrito a dada comunidade de fala inserida numa comunidade maior de usuários da mesma língua, que não chegam a impedir a intercomunicação da comunidade maior com a menor [O dialeto pode ser *geográfico* ou *social*.] [...].

Chambers e Trudgill (1994, p.20) lembram que é comum a afirmação de que “uma língua é um conjunto de dialetos mutuamente inteligíveis”. Se a definição oferece, por um lado, a vantagem de caracterizar os dialetos como subpartes de uma língua e de proporcionar um critério para distinguir uma língua de outra, por outro lado, não é completamente satisfatória. Os autores citam, por exemplo, o caso de línguas consideradas distintas como o sueco, o norueguês e o dinamarquês, que seriam mutuamente inteligíveis uma vez que os falantes das três línguas podem entender-se e comunicar-se com facilidade. Outro exemplo é o caso de certos tipos de alemão que não seriam inteligíveis para os falantes de outros tipos de alemão (mas se constituem como a mesma língua).

Talvez em proporções menores, mas mesmo no Brasil, conforme lembra Bizocchi (2006, p.56), “(...) há casos em que a diferenciação regional chega a ser tanta que leva à mútua incompreensão”. Acreditamos que, se não leva à completa “mútua incompreensão”, essa diferenciação chega, ao menos a dificultar a compreensão.

Voltando as considerações de Chambers e Trudgill (1994, p.21), vale a pena mencionar fatores dos quais dependeria a mútua inteligibilidade, segundo esses autores: grau de exposição dos ouvintes a outra língua, o grau de instrução escolar, e vontade de entender o outro. Sobre esse último fator, um estudo concluído na África mostrou que enquanto os falantes de uma tribo “A” afirmavam que podiam entender a língua da tribo “B”, os falantes da tribo “B” diziam que não podiam entender os falantes da tribo “A”.

No contexto desta pesquisa com os índios Guarani dos dois subgrupos, constatamos que, em certos momentos, os falantes preferem dizer que não se entendem mutuamente, quando, na verdade, não parece ser o que ocorre e o que qualquer pessoa pode observar quando esses falantes se encontram. Há que se considerar, no entanto, que é possível que alguns não se entendam, porque em algum nível de sua consciência, não desejam que isso ocorra.

A partir da discussão sobre mútua inteligibilidade, teremos que concordar com a ideia retomada pelos autores de que “língua não é em absoluto uma noção particularmente linguística” (CHAMBERS E TRUDGILL, 1994, p.21). A ciência linguística já entendeu isso há muito tempo – os critérios que definem que determinados sistemas de comunicação são línguas autônomas e não dialetos subordinados são o resultado de um desenvolvimento histórico, geográfico, político,

sociocultural. Em outras palavras, não existe nenhum critério realmente válido que serviria para distinguir as noções de língua e de dialeto. O que faz com que um dialeto passe a ser chamado de língua é, em geral, uma decisão política, que acontece pelo desenvolvimento e reconhecimento da importância dos seus falantes.

Se o termo dialeto não parece ser o mais adequado, também língua, em alguns contextos, pode não ser. Assim, somos levados a concordar com a seguinte conclusão sobre o assunto:

O termo língua é, portanto, deste ponto de vista linguístico, um termo relativamente pouco técnico. Se queremos, pois, ser mais rigorosos em nosso uso de etiquetas descritivas, devemos empregar outra terminologia. Um termo que usaremos [...] é VARIEDADE. Empregaremos *variedade* como termo neutro que aplicaremos a qualquer classe particular de língua que desejamos considerar, por algum motivo, como uma entidade individual (CHAMBERS E TRUDGILL (1994.p.22. Destaques dos autores. Tradução nossa)³⁰.

Ao utilizarmos, então, *variedade*, estaríamos optando por um conceito mais neutro e nos afastando de possíveis conotações negativas que o outro termo (dialeto) poderia sugerir. O uso de “variedade” não aponta uma posição linguística específica, mas unicamente algumas diferenças em relação a outras variedades. Diante disso, esclarecemos que, neste trabalho, também faremos a opção por variedade, em substituição a dialeto, quando for o caso.

A despeito dessa discussão, temos ainda, outra opção a fazer: vamos dizer que Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá são variedades da mesma língua, Guarani, ou que são duas línguas, como preferem seus falantes? Do ponto de vista genético, isto é, pelo critério linguístico da origem comum mais próxima ou mais remota, os dois sistemas (ou subsistemas, nesse contexto) de comunicação são considerados variedades da mesma língua.

³⁰ El término *lengua* es, por tanto, desde un punto de vista linguístico, un término relativamente poco técnico. Si queremos, pues, ser más rigurosos en nuestro uso de etiquetas descriptivas, debemos emplear otra terminología. Un término que usaremos (...) es VARIEDAD. Emplearemos *variedad* como término neutro que aplicaremos a cualquier clase particular de lengua que deseemos considerar, por algún motivo, como una entidad individual CHAMBERS E TRUDGILL (1994.p. 22. Destaques dos autores).

Cardoso (2008, p. 18), no entanto, citando Guedes (1991)³¹, defende que "em relação aos povos autóctones ou as minorias étnicas do Brasil dificilmente questões relativas à distinção entre língua e dialeto são colocadas. Assume-se que são línguas". A pesquisadora, que estudou aspectos do guarani kaiowá, faz a seguinte ponderação:

Do ponto de vista político-social, a relatividade entre considerar o Kaiowá uma língua ou um dialeto Guarani, assume proporções nada relativas, uma vez que a denominação do falar assume um papel importante nas reivindicações culturais e políticas dos povos indígenas. Citamos alguns aspectos que estão diretamente ligados à identificação da linguagem dos Kaiowá e que devem ser garantidas: a reconquista de terras, a busca da auto-identificação, a valorização de sua cultura e o desenvolvimento de sua língua (CARDOSO, 2008, p. 18).

Como mencionado anteriormente, na questão posta estão em jogo fatores que não são apenas linguísticos, mas, sobretudo sociopolíticos. A autora menciona também que os índios Guarani Kaiowá denominam sua fala como sendo "língua Kaiowá", o que confirmamos durante esta pesquisa.

Diante disso, não desconsideramos, absolutamente, o critério genético, pois entendemos que, para se chegarem às classificações que se têm hoje, muitos esforços foram seriamente empreendidos. No contexto deste trabalho, entretanto, em consideração ao que sentem e declaram os falantes, vamos nos referir a essas variedades de guarani como línguas.

2.3 A relação entre língua, cultura e identidade

O que é uma pessoa sem língua? É morto, né? Sem identidade.
Orlando, Guarani Nandeva/Comunidade Porto Lindo

Outra questão que consideramos relevante discutir em razão da natureza desta pesquisa – muito recorrente em outros trabalhos voltados para a população indígena – é a de como a língua, que costuma ser entendida como o principal elemento da cultura, está diretamente associada à identidade dos falantes. Para se

³¹ GUEDES, M. *Subsídios para uma análise fonológica do Mbyá*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.

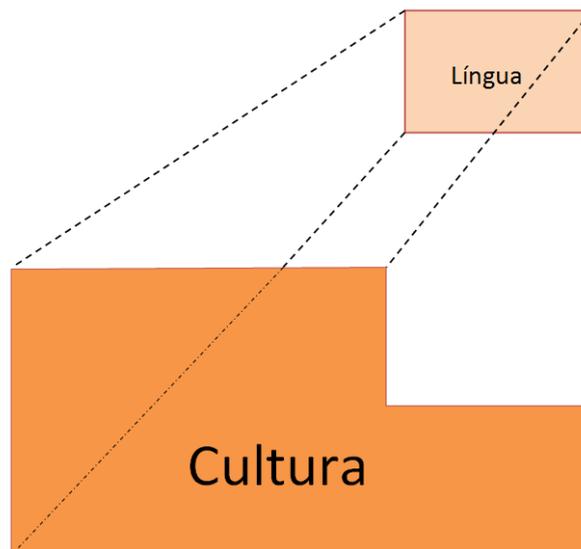
associarem essas três noções, entendemos que a cultura se constitui e se difunde por meio da língua e que é também por meio dela que ocorrem os processos de identificação do sujeito.

Convém lembrar que, se por um lado, há ressalvas em se associar diretamente língua e cultura pelo fato de que uma mesma língua pode servir a culturas distintas, por outro lado, no entanto, não há como negar a relação entre uma e outra. Câmara Jr. (1977, p. 18), sobre o assunto, afirma:

A língua se apresenta, pois, como um microcosmo da cultura. Tudo que esta última possui se expressa através da língua; mas também a língua em si mesma é um dado cultural. Quando um etnólogo vai estudar uma língua, vê com razão na língua um aspecto dessa cultura. Neste sentido, é o fragmento da cultura de um grupo humano a sua língua. Mas como, ao mesmo tempo a língua integra em si toda a cultura, ela deixa de ser um fragmento para ascender à representação em miniatura de toda a cultura (CÂMARA JR., 1977, p. 18).

O autor expressa o conteúdo da passagem transcrita acima por meio da figura que reproduzimos a seguir.

Figura 02 – Língua e cultura



Fonte: Câmara Jr. (1977, p. 18).

Pela citação e também pela figura, podemos compreender que a língua é parte de um todo – nesse caso, da cultura – mas, ao mesmo tempo, desse todo ela se destaca, uma vez que é pela língua que os demais elementos da cultura são veiculados.

Já em relação à noção de identidade, o antropólogo Cardoso de Oliveira (2006, p.20) explica que o termo é polissêmico e recobre uma variedade de conceitos que dependem da área de conhecimento. De forma geral, a identidade pode ser entendida como um conjunto de características a partir do qual é possível diferenciar um ser de outro ser; é, portanto, marcada pela diferença. Nesse sentido, ela é relacional e depende de algo fora dela. Para o contexto deste trabalho, consideramos adequado começar por uma definição de identidade utilizada no âmbito da sociolinguística. Temos, assim, o que afirma Moreno-Fernández (1998, p. 180):

A identidade é aquilo que permite diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro. Há duas maneiras elementares de definir uma identidade: de forma bem objetiva, caracterizando-a pelas instituições que as compõem e as pautas culturais que lhe dão personalidade; de forma bem subjetiva, antepondo o sentimento de comunidade compartilhado por todos os seus membros e a idéia de diferenciação a respeito dos demais (Tradução nossa)³².

O autor acrescenta que no conceito de identidade, definido de uma ou outra forma, sempre há lugar para a língua, já que uma comunidade também se caracteriza pela língua ou pelas variedades linguísticas utilizadas. Em outras palavras, para ele, a percepção do diferencial e do comunitário ocorre por meio dos usos linguísticos.

No mesmo sentido, transcrevemos também as palavras de Silva (2010), que lembra que cada língua constitui uma importante parte da identidade étnica. Essa pesquisadora afirma:

Percebe-se o estreito relacionamento existente entre a língua de um povo e a construção de sua identidade. Por meio da língua, as sociedades humanas elaboram grande parte do conhecimento que detêm acerca do mundo. Por esta razão, quando se fala em perda linguística, inevitavelmente, fala-se também em perda de uma parte substancial da identidade étnica, uma vez que a língua é o principal instrumento por meio do qual se veiculam pensamentos, crenças,

³² La identidad es aquello que permite diferenciar un grupo de otro, una etnia de otra, un pueblo de otro. Hay dos maneras elementales de definir una identidad: bien de forma objetiva, caracterizándola por las instituciones que la componen y las pautas culturales que le dan personalidad, bien de forma subjetiva, anteponiendo el sentimiento de comunidad compartido por todos sus miembros y la idea de diferenciación respecto de los demás (MORENO-FERNÁNDEZ, 1998, p. 180).

visão de mundo, conhecimentos tradicionais de um povo, dentre outros aspectos (SILVA, 2010, p.241).

A partir do que afirmam Moreno-Fernandes (1998) e Silva (2010), fica evidente que não há como negar a relação intrínseca entre língua e identidade. Para a última autora, inclusive, que discute justamente um contexto indígena, a perda da língua significaria a perda de uma “parte substancial da identidade”. Entretanto, se estamos considerando a língua como o principal elemento da cultura, vale a pena retomar a reflexão de Cardoso de Oliveira (2006, p. 20), para quem não existe “um elo causal entre uma e outra”, ainda que cultura possa simbolizar a identidade. Assim, uma mudança em uma não significa necessariamente mudança também na outra. Haveria uma relação de implicação, mas não necessariamente de causalidade. Segundo o autor, “uma etnia pode manter sua identidade étnica mesmo quando o processo de aculturação em que está inserida tenha alcançado graus altíssimos de mudança cultural” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p.36). Numa mudança cultural de graus altíssimos como menciona o autor, entendemos que também ocorrem perdas linguísticas. Mesmo assim, segundo o autor, seria possível manter uma identidade étnica, o que nos levaria a relativizar aquilo que afirma Silva (2010).

Essa reflexão nos direciona a outra. Maher (1998), ao discutir a relação da identidade com a “língua(gem)”, toca em um ponto que muito nos interessa, sobretudo porque discute a identidade indígena. Ela lembra que a identidade não deve ser entendida como “essência”, mas como construção:

A questão da identidade indígena, “o ser índio”, remete isto sim, a uma construção permanentemente (re)feita a depender da natureza das relações sociais que se estabelecem, ao longo do tempo, entre o índio e outros sujeitos sociais e étnicos: tal construção busca a) determinar especificidades que estabeleçam “fronteiras identificatórias” entre ele e um outro e/ou b) obter o reconhecimento dos demais membros do grupo ao qual pertence e da legitimidade de sua pertinência a ele. É, portanto, nesta sua relação no tempo e no espaço, com diferentes “outros” que o índio constrói cosmovisões específicas e “modos de ser” particulares que terminam por constituí-lo (MAHER, 1998, p.116-117).

Como se percebe, conforme a autora, a identidade é um “construto sócio-histórico”, que vai se moldando de acordo com as relações entre as pessoas. Isso ocorreria porque uma pessoa precisa marcar diferenças entre ela e outras, ou seja,

existe a necessidade de mostrar que cada pessoa ou cada grupo tem suas especificidades, suas diferenças em relação a outras pessoas ou outros grupos. Além disso, uma identidade pode ser reconstruída ou remoldada em razão da necessidade de pertencimento. Ainda que a autora esteja se referindo ao “ser índio”, a questão da característica mutável da identidade, obviamente, pode ser observada nas relações humanas de modo geral.

Na mesma direção, lembramos, aqui, as palavras de Hall (2004), que defende a não existência de uma identidade única.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2004, p. 12-13).

Dessa forma, de acordo com o pensamos de Hall (2004), assim como já explicitado, não temos uma única identidade, mas assumimos identidades diferentes em momentos diferentes. Essas identidades, inclusive, podem até se mostrar contraditórias entre si. Além disso, é uma comodidade e uma fantasia acreditarmos que nascemos e morremos com a mesma identidade; na verdade, conforme aumentam os sistemas de significação e representação cultural nos é dada a possibilidade de nos identificarmos de maneiras diferentes.

Voltando à reflexão a respeito da relação entre língua e identidade, citamos Rajagopalan (1998, p. 41-42), que também menciona a característica móvel da identidade. Para ele, “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua”. Ele acrescenta que “[...] a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em constante evolução e vice-versa”. Assim, em outras palavras, se a identidade se constrói na língua, e se a língua está em frequente transformação, o mesmo se pode dizer da noção de identidade.

Conforme o exposto, para Maher (1998), Rajagopalan (1998) e Hall (2004), a identidade não é sólida e unificada, mas vai sendo construída com o passar do tempo. Tudo o que acontece a nossa volta e todas as nossas experiências se transformam em elementos que entram na construção das múltiplas identidades que podemos assumir em função de cada tempo e espaço em que estamos vivendo.

A partir disso, podemos perceber que essa ideia de identidade cambiante ou em fluxo pode ser verificada de forma concreta, como a vivida pela população indígena. Durante muito tempo, as sociedades indígenas foram forçadas, em razão da repressão física e cultural, a reprimir e a negar suas culturas e identidades como forma de sobrevivência. Essa população fazia isso – e certamente há indivíduos que ainda fazem – porque negar a identidade, não se reconhecer como índio, se investir de outra identidade significava – ou significa ainda – a possibilidade de se ter uma vantagem social, uma vez que isso poderia elevar o nível de respeito do indivíduo. Lembramos que os diversos tipos de preconceito (em relação à etnia, à classe social, a orientação sexual...) sempre foram e ainda são obstáculos para o reconhecimento da identidade.

Se por um lado entendemos que não há como negar a existência da possibilidade de várias identidades para o mesmo indivíduo, por outro lado, entendemos também que a manutenção de certos aspectos da identificação deve ser um direito do indivíduo. Essa consciência, ou seja, a consciência da necessidade de ter a cidadania reconhecida sem ter que abdicar da própria identidade indígena demorou até que fosse adquirida inclusive por muitos indígenas, e levará um tempo ainda até que outros adquiram.

Atualmente, a medida que mais jovens indígenas têm acesso à instrução formal, cresce o interesse maior pela recuperação do valor e do significado da identidade indígena. Entre os indígenas que colaboraram com informações para esta pesquisa, todos se mostraram muito seguros quanto a sua identidade de índio/índia Guarani ou Kaiowá (conforme autodenominação). Na verdade, esses indígenas sabem do direito constitucional de serem respeitados em suas características étnicas/culturais. É preciso reconhecer, no entanto, que um longo caminho ainda deverá ser percorrido até que os direitos garantidos formalmente sejam respeitados de fato. Lembramos que as declarações a respeito de sua própria identidade e de suas línguas assim como as declarações sobre a identidade e as línguas dos outros foram tópicos de análise neste trabalho. Além disso, também conversamos com os

informantes sobre possíveis preconceitos observados. Todas essas questões serão retomadas no primeiro dos dois capítulos referentes à análise dos dados.

Outro assunto que interessa para este trabalho é o fenômeno da variação linguística. Ao compararmos os dados linguísticos (isto é, as amostras lexicais, conforme explicaremos no próximo capítulo, destinado aos procedimentos metodológicos) coletados com as duas comunidades indígenas, uma questão a considerar, além das diferenças atribuídas às etnias que os indígenas querem ver reconhecidas, são as diferenças geográficas – uma vez que os grupos investigados estão localizados em duas regiões com, ao menos, algumas características distintas.

2.4 Da homogeneidade à variação linguística

É comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer “a mesma” coisa.
(William Labov, 2008, p.221)

Conceituar língua, como sabemos, pode não ser muito fácil, se considerarmos que ela costuma ser definida conforme o enfoque do linguista ou do pesquisador³³. Alguns estudiosos, entre os quais Saussure (1916/1969), Bloomfield (1933), Chomsky (1965)³⁴, tomaram a língua como entidade autônoma, abstrata e independente de fatores externos; por consequência, homogênea e estática.

Há muito tempo, entretanto, é comum ouvirmos e lermos que a “língua é um fato social”. Isso porque essa ideia já aparece na base da linguística moderna, do início do século XX, cujo representante mais célebre é o suíço Ferdinand de Saussure. É preciso assinalar, porém, que embora Saussure tenha afirmado que a

³³ Especialmente em textos sobre o ensino de língua, é comum a referência às concepções de língua. Isso porque se acredita que a concepção que o professor tem ou adota reflete diretamente no seu trabalho. A partir dos estudos de alguns especialistas em ensino, como Travaglia (2002), por exemplo, existem, fundamentalmente, três tendências no que se refere à definição de língua: expressão do pensamento; instrumento de comunicação; forma ou processo de interação verbal. A primeira é a que estaria subjacente aos estudos considerados tradicionais e levaria à consideração de que as pessoas que não conseguem se expressar verbalmente não pensam; a segunda estaria associada à teoria da comunicação e entenderia a língua como código capaz de transmitir ao receptor certa mensagem; a terceira entenderia a língua sempre em um contexto sócio-histórico e ideológico e como meio de interação entre as pessoas (TRAVAGLIA, 2002).

³⁴ Esclarecemos que não é na perspectiva teórica desses autores que baseamos nossas principais discussões nesta pesquisa, entretanto, a retomada desses clássicos da linguística se justifica por entendermos que as novas teorias ou novos olhares sobre as questões linguísticas não surgem do nada; surgem como complemento ou contraponto do que se tinha antes.

língua é um fato social, ele não se ocupa da natureza social da língua e de nada que seja exterior ao funcionamento do sistema linguístico. Ele julgou necessário pressupor a homogeneidade e invariabilidade do sistema como requisito básico para a descrição.

Na mesma linha de raciocínio, Bloomfield (1933), conhecido como o fundador da linguística estrutural norte-americana, assim como Saussure, teria adotado uma perspectiva formalista da língua e desconsiderado sua natureza social.

Chomsky (1965), também norte-americano, em seus estudos, ao colocar em oposição a “competência” e o “desempenho” do falante, afirma que o objeto de estudo da teoria linguística deveria ser a competência de um falante ouvinte ideal de uma comunidade linguística que fosse homogênea. A partir disso, é possível entender que, da sua perspectiva de estudo, a língua não seria considerada em seu contexto de uso real.

Entendemos que o posicionamento desses linguistas, e de outros comumente rotulados como formalistas ou estruturalistas, esteve respaldado na necessidade de se fazer uma opção teórico-metodológica e não significa que esses pesquisadores não tivessem consciência do caráter social, histórico e da variabilidade da língua em uso efetivo. É evidente que os estudos desenvolvidos sob aquela perspectiva, que logo se constatou, não é a única, são também importantes e necessários para o desenvolvimento da ciência linguística.

Assim, outros estudos, a partir de perspectivas diversas, foram realizados por outros linguistas, como por exemplo, Meillet (1948), considerado discípulo de Saussure, e Labov (2008) cuja teoria nos interessa mais diretamente no contexto desta pesquisa. O primeiro, ou seja, Meillet já afirmava que a língua é um fato eminentemente social, e por isso mesmo as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam (MEILLET, 1948, 16).

Além disso, conforme lembra Calvet (2002, p.15), “[...] enquanto Saussure busca elaborar um modelo abstrato de língua, Meillet se vê em conflito entre o fato social e o sistema que tudo contém: para ele não se chega a compreender os fatos da língua sem fazer referência à diacronia, à história” – vale lembrar que a linguística saussuriana é sincronia, e separa estrutura de história.

Já Labov (2008), principal representante da teoria da variação, numa direção semelhante, parte do pressuposto de que a língua existe enquanto interação social e que é criada e moldada a partir do contexto sócio-histórico. Algumas subdivisões ou

disciplinas da linguística, entre as quais a sociolinguística, entendem que a variabilidade é uma característica inerente a qualquer sistema linguístico e que a língua, por ser dotada de heterogeneidade, é fator importante para identificar grupos e demarcar diferenças na comunidade. Nessa visão, o sistema linguístico de uma comunidade heterogênea e plural será também heterogêneo e plural para desempenhar plenamente as suas funções.

A partir dos estudos dessa segunda perspectiva, ou seja, tendo em vista o princípio da heterogeneidade, podemos considerar que em qualquer língua ou dialeto os falantes podem realizar certas escolhas entre possibilidades de sons, de vocábulos ou de estruturas. “É comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa” (LABOV, 2008, p. 221). As escolhas, entretanto, não são completamente livres ou arbitrárias; elas dependem, por exemplo, de fatores externos, que são compreendidos quando o fenômeno linguístico é estudado sob as perspectivas sincrônica e diacrônica.

Do ponto de vista sincrônico, é possível verificar que as línguas podem variar em razão de fatores como a região, a classe social, o contexto situacional em que se encontram os falantes; do ponto de vista diacrônico, verifica-se que a língua utilizada em um momento do passado, ao menos em alguns aspectos, é diferente daquela que se utiliza no presente.

Qualquer brasileiro sabe que, no Brasil, a variante³⁵ linguística em uso no sul é diferente da utilizada no norte, por exemplo. Também é fácil constatar que há diferenças entre o como se fala em regiões rurais e o falar de áreas urbanas. Sobre essa questão, Labov (2008)³⁶ afirmou:

Quando um falante rural chega na (SIC) cidade, descobre em geral que sua fala caipira é ridicularizada. Mesmo sendo um marcador de identidade local, e uma fonte de prestígio em casa, ele já pode ter consciência do caráter provinciano de sua fala antes de chegar na (SIC) cidade. Em conseqüência disso, vemos freqüentemente uma rápida transformação dos traços mais salientes dos dialetos rurais à medida que os falantes se incorporam à vida urbana (LABOV, 2008, p. 343).

³⁵ As formas em variação recebem o nome de "variantes linguísticas". Tarallo (1986, p. 08) afirma que: "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*".

³⁶ Trata-se de obra traduzida conforme se verifica nas referências bibliográficas deste trabalho.

Convém lembrar que o autor referia-se à situação da língua inglesa no contexto dos Estados Unidos³⁷. Entretanto, o fato pode ser observado em outras línguas, em outros contextos. Os diferentes falares, de comunidades linguísticas distintas, em espaços distintos – mas em um mesmo tempo histórico – são resultados do fenômeno que chamamos de variação geográfica, variação regional ou variação diatópica.

Se é verdade que podemos observar diferenças linguísticas quando nos deslocamos de uma região para outra ou de uma comunidade para outra, ou quando observamos a fala de pessoas de lugares diferentes, também é verdade que em uma mesma região há diversos usos linguísticos distintos. Isso ocorre, entre outros fatores, em razão das diferenças relativas à classe socioeconômica dos falantes. Como determinar classes socioeconômicas nem sempre é tarefa fácil, Labov (2008, p. 328) explica que nos Estados Unidos, para se obter uma estratificação geral mais precisa, combinam-se elementos como a profissão, a escolaridade, a renda e a área residencial. No Brasil, entretanto, conforme lembra Monteiro (2000, p. 77), o modelo de estratificação não conta com o grau de precisão desejado pelos investigadores sociolinguistas, mas de qualquer forma, ninguém discorda de que o grupo social a que pertence o indivíduo exerce forte influência em seu modo de falar. Em tese, os falantes pertencentes a classes mais elevadas, com nível superior de escolaridade seriam usuários de uma variante linguística mais próxima à considerada padrão, enquanto os analfabetos ou com pouca escolaridade utilizariam a variante popular, um pouco mais distante da variante padrão³⁸. Em síntese, a variação condicionada

³⁷ Wyld (1920) (*apud* LABOV, 2008, p 343) observa, inclusive, que “um padrão regular de desenvolvimento do inglês foi a transformação de dialetos rurais, regionais, em dialetos de classes sociais nas cidades”. Labov explica ainda que, nos Estados Unidos, “o movimento da população negra para as cidades do Norte suscitou a criação de um dialeto uniforme de casta – o inglês vernacular do Harlem e de outros guetos.

³⁸ Nesse contexto não consideramos necessário diferenciar “variante padrão” de “variante culta”. Esclarecemos, entretanto, que conhecemos a tendência atual de se apontarem distinções entre esses termos, e mais exatamente entre “norma padrão” e “norma culta”. De acordo com essa tendência, podemos dizer que a “norma padrão” advém do conjunto de regras impostas pela gramática normativa; tem a ver com a língua idealizada e dificilmente realizada pelos falantes, inclusive pelos falantes altamente escolarizados. A “norma culta”, por sua vez, representa uma variedade de língua que se aproxima das regras da gramática e, geralmente, é utilizada por falantes escolarizados em contextos formais. Em síntese, enquanto a “norma padrão” representaria o ideal; a “norma culta” seria o que realmente se usa nas práticas de interação.

pelas diferenças de nível socioeconômico dos falantes é chamada de variação social ou variação diastrática.

Além das diferenças linguísticas associadas aos fatores geográficos e de classes socioeconômicas, não é difícil observar que mesmo um falante com alto grau de escolaridade, que tem por hábito o uso da variante culta da língua, não fala da mesma maneira em todos os contextos situacionais em que se encontra. Em outras palavras, as escolhas linguísticas não são sempre as mesmas até para um mesmo falante porque não existe falante de um único estilo. No mínimo, há que se considerar a existência de momentos de mais formalidade, como, por exemplo, algumas situações de ambiente de trabalho; e de momentos de menos formalidade como, por exemplo, as interações familiares. A esse respeito, Labov (2008, p. 91) afirma que os linguistas sempre tiveram consciência dos problemas desse tipo de variação, mas como consideram as técnicas existentes inadequadas ou insuficientes para tratá-las corretamente, preferem colocá-las em segundo plano. A dificuldade seria em obter as amostras dos usos linguísticos dos diversos contextos possíveis que poderiam interferir nas escolhas de um ou outro estilo de fala. Como sabemos, os dados para as pesquisas sociolinguísticas são obtidos, em geral, por meio de entrevistas estruturadas, formais. É preciso considerar, porém, que

[...] a entrevista formal, em si mesma, define um contexto discursivo em que somente um estilo de fala normalmente ocorre, aquele que podemos chamar de *fala monitorada* [*careful speech*]. Muito da produção discursiva do falante em outras circunstâncias pode ser bastante diferente. Ele pode usar a fala monitorada em diversos outros contextos, mas na maioria das ocasiões estará prestando menos atenção a própria fala, e empregará um estilo menos monitorado que podemos chamar de *fala casual* [*casual speech*] (LABOV, 2008, p. 102).

Como se observa, o estilo utilizado na entrevista que o falante concede ao pesquisador será o da fala monitorada, que não é o que ele, de fato, utiliza na maioria das outras situações de interação em que se encontra. Dar conta das múltiplas formas que um falante pode utilizar em diferentes situações ainda é um desafio para os pesquisadores. Apesar disso, Labov (2008) afirma que dentro dos limites da entrevista, é possível observar alguns tipos de contextos (o monitorado, o de leitura, o de lista de palavras, o de pares mínimos). Vale ressaltar que os contextos citados pelo autor – possíveis de serem controlados – não são os únicos a

ocorrerem no uso real da língua. As diferenças linguísticas que são resultadas do contexto são chamadas de variação estilística ou variação diafásica.

Convém acrescentar que a variação diatópica, a variação diastrática e a variação diafásica são fenômenos linguísticos que podem ser observados a partir da perspectiva sincrônica, isto é, não é necessário ter em conta a passagem do tempo ou dois momentos temporais distintos para serem comparados.

Já a perspectiva diacrônica prevê justamente o que a sincrônica dispensa. Ou seja, para observar a variação que ocorre em virtude da passagem do tempo, é preciso ter uma amostra da língua que se usava em um momento do passado para ser comparada com o que usamos no presente, por exemplo. A variação que percebemos ao comparar alguns aspectos de um texto escrito antigo com um produzido no presente ou alguns aspectos da fala de uma pessoa idosa com a fala de uma pessoa jovem (sobretudo em relação ao léxico) é chamada de variação histórica ou variação diacrônica. Esse tipo de variação está diretamente associado ao fenômeno da mudança linguística, que é assim descrita por Labov (2008):

A explicação da mudança parece envolver três problemas: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. O modelo que subjaz a essa tripartição requer como ponto de partida a variação [...] e podem se difundir a ponto de formas novas entrarem em contraste com as formas mais antigas num amplo espectro de usos. Por fim, numa etapa posterior, uma ou mais das duas formas geralmente triunfa, e a regularidade é alcançada (LABOV, 2008, p. 19 – 20).

De uma forma ainda mais didática, Monteiro (2000) – a partir da leitura de Labov – afirma que três pontos devem ser considerados ao se explicar uma mudança linguística:

- a) a *origem* da mudança (em que se considera uma das inúmeras variações possíveis cujo uso se circunscreve a um pequeno grupo de falantes);
- b) A *propagação* (em que um número mais amplo de falantes adota a variante, que assim começa a consolidar-se em contraste com antiga forma);
- c) A *realização* completa (em que se estabelece a regularidade por meio da eliminação das variáveis que estavam em competição com a forma vencedora) (MONTEIRO, 2000, p. 10. Destaques do autor).

Nas fases explicadas em “a” e “b” ainda falamos em variação diacrônica; e vale acrescentar que duas ou mais formas (antigas e novas) podem permanecer de modo estável em uma língua até mesmo por séculos. Apenas depois da *realização* completa é que temos, de fato, uma mudança linguística. É nesse sentido, que podemos afirmar que toda mudança pressupõe a variação, mas nem toda variação resultará em mudança. Isso ocorre porque existem “pressões sociais” que fazem com que certas formas linguísticas adquiram algum tipo de prestígio ou de desprestígio. É, por essa razão que Labov (2008) lembra que

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008, p. 21).

Diante do exposto, o fato é que não há como discordar que toda língua em uso varia no espaço e muda com o tempo; a variação e a mudança são aspectos que naturalmente atingem a todas as línguas em uso.

Nesse sentido pensamos que se tomássemos como referência a língua de um grupo isolado, pequeno e com poucos falantes, é possível que não pudéssemos verificar todos os fatores que levam à variação. Isso porque se houvesse apenas um grupo de falantes dessa língua, não seria possível constatar diferenças regionais; dificilmente também poder-se-iam verificar diferenças do tipo sociocultural que interferissem no uso da língua; da mesma forma seria difícil perceber a variação que é observada com a passagem do tempo, uma vez que o isolamento leva ao conservadorismo e é o contato com o que é externo que possibilita a diversificação linguística; já em relação a diferenças estilísticas, talvez fossem observadas na comparação da fala do cotidiano familiar e na fala utilizada em algum momento de cerimônias ou rituais.

Se os principais fatores relacionados à variação nem sempre podem ser observados em todas as línguas de comunidades pequenas, esse não é o caso da língua guarani (ñandeva e kaiowá), mesmo no âmbito apenas do guarani indígena, principalmente porque está entre as línguas indígenas com o maior número de

falantes. Existem falantes guarani em espaços geográficos distintos, falantes com diferentes níveis de escolaridade e com padrões de renda diferenciados, falantes em situações de mais e menos contato com comunidades não indígenas. Tudo isso faz com que nessa língua, assim como em outras não indígenas, possam ser observadas variações condicionadas por fatores diversos.

Feitas algumas considerações sobre variação e mudança linguísticas, entendemos como importante retomar também, ainda que brevemente, a noção de *comunidade* à qual nos referimos com alguma frequência neste trabalho. Consideramos esse tópico necessário porque sabemos que produções e interpretações sobre a língua de apenas um falante não são objeto de investigação linguística e nem podem se constituir como unidades finais de análise, ao menos para o contexto desta pesquisa.

2.5 Comunidade linguística e comunidade de fala

As especificidades da fala de uma única pessoa geralmente não interessam aos pesquisadores da maioria das áreas da linguística. Isso porque se um falante substitui, por exemplo, um fonema por outro, pode tratar-se de um problema de audição e fonação, sem nenhuma relação com fatores externos, e que será tratado pela fonoaudiologia ou por outra área. Para determinadas áreas da ciência linguística, o que interessa são as ocorrências de, no mínimo, um grupo ou uma comunidade. Mas o que é uma comunidade linguística? E uma comunidade de fala?

Monteiro (2000, p. 39-45), ao tratar dessa questão, mostra que as definições dadas pelos linguistas nem sempre coincidem e nem sempre são esclarecedoras. Aproveitando-se do apanhado já realizado pelo autor, transcrevemos alguns trechos que mostram definições de comunidade de fala:

A expressão não pode ser aplicada a um grupo de falantes que utilizam todas as mesmas formas e, sim, a um grupo que segue as mesmas normas relativas ao uso da língua (LABOV, 1972 *apud* MONTEIRO, 2000, p.40).

Um grupo cujos membros têm pelo menos em comum uma variedade e compartilham acordos, regras ou normas para o seu emprego correto (AMUSATEGI³⁹, 1990 *apud* MONTEIRO, 2000, p.40).

³⁹ AMUSATEGI, K.R. Sociolingüística. Madrid: Editorial Sintesis, 1990.

Grupo de pessoas que não compartilham a mesma língua, mas compartilham um conjunto de normas e regras para o uso dela (ROMAINE⁴⁰, 1994 *apud* MONTEIRO, 2000, p.40).

Pelos trechos dos dois primeiros autores, para determinado grupo se constituir como uma comunidade de fala, é necessário que os falantes sigam ou compartilhem as mesmas regras e atitudes em relação ao uso da língua. Já pela terceira definição, é difícil compreender como as pessoas poderiam compartilhar normas e regras para o uso de uma língua que não é a mesma para todos.

Para este trabalho, consideramos úteis as explicações que distinguem comunidade linguística de comunidade de fala. Nesse sentido, a explicação de Lopez-Morales (1993, p.51) parece esclarecedora.

Madrid e Caracas, por exemplo, constituem a mesma comunidade linguística, mas são comunidades de fala distintas, justamente porque não compartilham uma série de atitudes linguísticas com relação a algumas variedades e conseqüentemente diferem nas regras de uso [...] (Tradução nossa)⁴¹.

Analogamente, talvez pudéssemos considerar a existência de uma comunidade linguística à qual pertenceriam todos os falantes da língua guarani e que esses fossem subdivididos em, pelo menos, três comunidades de fala (ñandeva, kaiowá, mbyá). Nesse sentido também nos parece possível pensar em uma comunidade linguística unida pelo uso de sistema linguístico à qual estariam associadas comunidades de fala, cada uma com suas normas mais ou menos específicas.

Essa discussão pode nos remeter à outra também bastante conhecida na linguística – a visão tripartida da linguagem proposta por Coseriu (1979).

2.6 Sistema, norma e fala

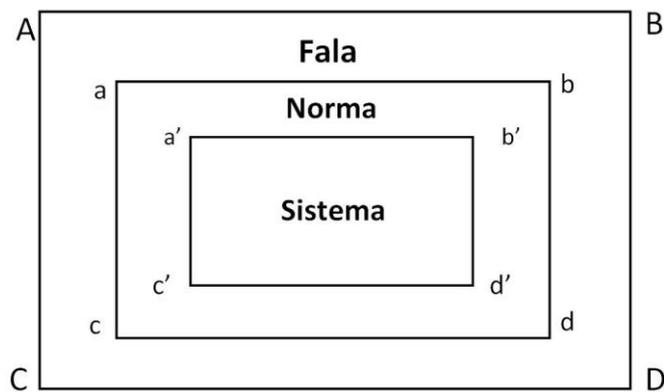
⁴⁰ ROMAINE, S. *Language y society – an introduction to socio-linguistic*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

⁴¹ Madrid y Caracas, por ejemplo, son constituyentes de la misma comunidad lingüística, pero son comunidades de habla distintas, precisamente porque no comparten una serie de actitudes lingüísticas con respecto a algunas variedades e conseqüentemente diferem en las reglas de uso [...] (LOPEZ-MORALES, 1993, p.51)

Em ensaio que se tornou clássico na linguística – *Sistema, norma e fala* – Coseriu (1979) apresenta uma espécie de acréscimo ou reforma da dicotomia língua e fala (*langue* e *parole*), proposta por Saussure (1916). Com a conhecida tríade, o autor colabora para derrubar o conceito rigidamente estático de sistema linguístico.

Entre língua (sistema) e fala, de acordo com Coseriu, seria preciso considerar a existência de outro elemento: a norma. Ressaltamos que norma, nesse contexto, não tem relação com a ideia de prescrição, isto é, não faz referência ao “como se deve dizer”, mas ao “como se diz”. A concepção do linguista costuma ser representada, graficamente, pelo esquema seguinte, reproduzido na figura 03.

Figura 03 – Sistema, norma e fala



Fonte: Coseriu (1979 [1921] p.72)

Na figura, o quadrado maior representa o *falar* efetivamente comprovado, os atos linguísticos concretamente registrados no momento da produção. O quadrado intermediário representa a *norma*, primeiro grau de abstração, que contém apenas aquilo que no falar concreto é repetição de modelos anteriores; da norma, em outras palavras, fica eliminado tudo o que é aspecto inédito, variante individual, ocasional ou momentânea e apenas se conservam os aspectos comuns. O quadrado menor representa o *sistema*, segundo grau de abstração ou formalização; do sistema fica eliminado tudo o que é simples hábito, simples tradição constante, elemento comum em todo o falar da comunidade considerada, mas sem valor funcional. Há ainda, entre os limites dessa norma, que é social, e os limites do falar, um campo intermediário que corresponde à norma individual – campo que compreende tudo

aquilo que é repetição, elemento constante no falar do indivíduo (COSERIU, 1979 [1921], p. 73).

Se na oposição língua/fala de Saussure, tínhamos somente um elemento de abstração, na concepção de Coseriu, ocorre uma dupla abstração já que o sistema e a norma são abstratos; são formalizações do falar. Mas, de outra perspectiva, também é possível considerar as normas (social e individual) e o falar como graus sucessivos de realização do sistema.

O autor resume os três conceitos da seguinte forma:

[...] **sistema** é um conjunto de oposições funcionais; a **norma** é a realização “coletiva” do sistema, que contém o próprio sistema e, ademais, os elementos funcionalmente “não-pertinentes”, mas normais no falar de uma comunidade; o **falar** (ou se se quer, **fala**) é a realização individual-concreta da norma, que contém a própria norma e, ademais, a originalidade expressiva dos falantes (COSERIU, 1979 [1921], p. 74. Destaques do autor).

Pensamos que, em certa medida, poderíamos afirmar que temos uma língua guarani, que é um sistema abstrato; temos as variantes – ñandeva e kaiowá, por exemplo –, que são “controlados por normas” que são comuns nas comunidades e realizadas pela fala individual e concreta.

Nesse ponto, ainda que tenhamos em vista a opção por respeitar o desejo dos falantes, pensamos novamente na questão que perpassa a nossa pesquisa: seria adequado considerar o guarani ñandeva e o guarani kaiowá duas normas (ñandeva e kaiowá), duas realizações coletivas do mesmo sistema? Nesse sentido, consideramos útil refletir sobre mais algumas palavras de Coseriu – agora mais especificamente sobre sistema:

O **sistema** é sistema de possibilidade, de coordenadas que indicam caminhos abertos e caminhos fechados: pode ser considerado como conjunto de “imposições”, mas também e talvez melhor, como **conjunto de liberdades**, pois que admite infinitas realizações e só exige que não se afetem as condições funcionais do instrumento linguístico: mais que “imperativa”, sua índole é consultiva. Se nos é permitida uma analogia, diríamos que o sistema não se impõe ao falante mais do que a tela e as cores se impõem ao pintor: o pintor não pode ultrapassar a tela e não pode empregar cores que não tem, mas, dentro dos limites da tela e no emprego das cores que possui, sua liberdade expressiva é absoluta [...] (COSERIU, 1979 [1921], p. 74. Destaques do autor).

De acordo com o autor, o sistema não se impõe ao falante e não limita sua liberdade de expressão. É na norma que podemos encontrar o conjunto de imposições sociais e culturais, por isso variável de uma comunidade para outra, que regulará a realização do sistema por meio da fala. Vale acrescentar ainda que dentro de uma mesma comunidade linguística e dentro do mesmo sistema funcional pode haver várias normas – a da linguagem familiar, a da linguagem erudita, a da linguagem vulgar, entre outras. E as distinções podem ser observadas especialmente no que tange ao vocabulário.

Essa última reflexão tem relação com a ideia de considerar a língua guarani como um único sistema ao qual se vinculam várias normas, ou seja, quando se leva em conta o critério linguístico que considera o ponto de vista genético que aproxima ou distancia as línguas conforme suas semelhanças ou diferenças. Não podemos perder de vista, entretanto, que se entendermos as duas variantes como línguas distintas, como desejam seus falantes, não poderíamos pensar em um único sistema.

Na sequência expomos algumas considerações acerca do léxico, que é o nível linguístico focado neste trabalho, e acerca do fenômeno a que denominamos empréstimos linguísticos – mais especialmente sobre os empréstimos lexicais.

2.7 O estudo do léxico

Se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência [...]
 Maria Tereza Camargo Biderman (1981, p.132)

Quando nos decidimos por estudar aspectos de uma língua, podemos optar por um ou mais de um dos seus níveis – fonético/fonológico, morfossintático, lexical, semântico, discursivo. Neste trabalho, conforme já mencionado, pretendemos realizar um estudo, cujo enfoque é um recorte do léxico das línguas guarani ñandeva e guarani kaiowá e, por isso, consideramos que inicialmente são necessárias algumas reflexões acerca da definição de léxico.

De acordo com Dubois *et al*, “como termo linguístico geral, a palavra *léxico* designa o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma

atividade humana, de um locutor, etc”. O termo *léxico* seria reservado à língua, enquanto o termo *vocabulário* seria reservado ao discurso. Esses autores explicam que o que um falante ou uma comunidade linguística executa (durante sua *performance*) é apenas uma amostra do seu léxico, já que “da execução não se pode deduzir a competência léxica” (DUBOIS *et al*, 1973, p. 364).

Como vemos, na primeira parte dessa definição, a palavra⁴² é definida como “termo linguístico geral”, o que resulta numa conceituação mais formal: “conjunto de unidades que formam a língua...”. Já na segunda parte, ainda numa perspectiva formal, os autores apresentam uma distinção entre as noções de “léxico” e de “vocabulário”, o que nem sempre é feito, já que os dois termos são tomados como sinônimos. A esse respeito, Correia (2011, p. 227) esclarece:

O léxico de uma língua é o conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta as regras e os processos de construção de palavras. O léxico inclui ainda os elementos que usamos para construir novas palavras: prefixos, sufixos, radicais simples ou complexos. Por seu turno, o vocabulário é um conjunto factual, entre muitos possíveis, de todos os vocábulos atestados num determinado registro lingüístico, isto é, um conjunto fechado de todas as palavras que ocorreram de facto nesse registro.

Voltando à definição registrada por Dubois *et al*, verificamos que, se nela, o sentido é mais geral, na de Borba (1975, p.270), conforme o próprio autor, é mais restrito: “conjunto de vocábulos providos de semantemas”. Vale ressaltar que a conceituação também é formal; e que por “semantemas” podemos entender a parte do vocábulo que contém a significação, que expressa o conceito ou a ideia. O autor registra ainda que é o léxico o elemento mais concreto e mais móvel da língua.

Já Pires de Oliveira (2001, p. 22), também conceituando o termo léxico, escreve que se trata de “um conjunto de vocábulos que representa a herança sociocultural de uma comunidade”. Nessa definição (ao menos no trecho apresentado), como se nota, há uma compreensão, em certa medida, mais sociológica do léxico, que é evidente também nas perspectivas de outros autores (Matoré, 1953; Sapir, 1969; Isquierdo, 1996; Biderman, 1981, 2001)

⁴² Neste trabalho, estamos utilizando “palavra”, “vocábulo”, “lexia”, “item lexical”, “unidade lexical” como sinônimos.

Em trabalho anterior, não exatamente sobre a definição direta do léxico, Pires de Oliveira registra uma ideia que julgamos importante para a reflexão sobre o tema:

O léxico é o nível da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e armazena o saber linguístico de uma comunidade. Todos os fatos e acontecimentos próprios do crescimento e do progresso verificados numa sociedade, antes de transferir-se para a língua e para a cultura, recebe um nome e esse nome é incorporado ao sistema lexical. O léxico torna-se, pois, o repositório de todo o saber linguístico e é através dele que um povo vê e apreende o mundo que o cerca (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 42).

Do trecho anterior, convém sublinhar principalmente o caráter extralinguístico do léxico, o que também já havia sido destacado por Sapir (1969), para quem a língua pode sofrer influência em qualquer de seus níveis, mas é no léxico que mais claramente estão refletidos os aspectos do ambiente físico e social em que se inserem os falantes. É o léxico de uma língua “o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que abarcam a atenção da comunidade [...]” (SAPIR, 1969, p. 45).

Na mesma direção referindo-se à amplitude do léxico, assim como faz Sapir, Biderman (2001, p. 13) acrescenta:

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nome aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada uma etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo.

Em outro texto, a mesma autora assegura que, “ao se considerar a dimensão social da língua, pode-se ver no léxico o patrimônio social da comunidade, juntamente com outros símbolos da herança cultural” (BIDERMAN, 1981, p. 132).

Como se observa a partir dos autores recuperados para esta breve reflexão, a ênfase, no que se refere aos estudos do léxico, tem sido no seu caráter extralinguístico, ou seja, sociocultural, que a perspectiva enfocada nesta pesquisa.

A propósito disso, isto é, da consideração do léxico num sentido mais social, lembramos um dos mais célebres estudiosos do léxico, o francês Matoré (1953), que considera a Lexicologia – ciência que estuda o léxico de uma língua – uma disciplina sociológica. Para este linguista, o léxico seria apenas testemunha de uma sociedade, de um determinado espaço de tempo, e para corroborar a ideia que defende, cita

vários exemplos de palavras que teriam surgido em função da necessidade de uma sociedade em uma época. Matoré faz referência a palavras como *exoterique* (exotérico) e *magasin* (loja), entre outras:

[...] *exotérico* que aparece em 1755 marca o início de uma reação contra o nacionalismo das luzes que responde qualificando de *charlatanismo* (1752) esta manifestação do espírito irracional. O nascimento de *loja* é também uma marca característica de uma nova concepção do comércio: a partir de 1820 ou 1825 a necessidade da concorrência incita os comerciantes (que tomam frequentemente o título mais nobre de negociantes) a comprar diretamente do fabricante e armazenar em grande quantidade mercadorias dentro do que batiza, então, de lojas” (MATORÉ, 1953, p. 66. Tradução nossa)⁴³.

Conforme se depreende da explicação do autor, as duas palavras *ésotérique* (exotérico) e *magasin* (loja) – testemunham uma época e estão associadas diretamente a fatos sócio-históricos, o que justificaria o caráter sociológico da disciplina que estuda o léxico, a Lexicologia. Ainda que essa abordagem do léxico seja legítima e procedente, concordamos com Isquierdo (1996, p. 95-96), que, retomando o pensamento de Matoré, adverte:

[...] se considerarmos que o nível lexical é o menos lingüístico de todos os níveis da língua, dada à necessidade de recorrência a elementos extralingüísticos no processo de explicação do significado de determinados termos, a visão do assunto apresentada por esse lexicólogo atende, sobretudo, abordagens sócio-etnolingüísticas do estudo do léxico. Evidentemente, que um estudo do léxico necessita levar em consideração aspectos internos e externos da unidade lexical, razão pela qual não se pode considerar a proposta do autor na sua íntegra, uma vez que a lexicologia é uma disciplina lingüística que se volta também para o estudo dos mecanismos de produção e de atualização dos itens lexicais, não significando isso que se deva deixar de valorizar a dimensão social na análise da significação.

⁴³ [...] *ésotérique* que apparait en 1755 marque le début d’une réaction contre le rationalisme des lumières qui repond en qualifiant de *charlatanisme* (1752) cette manifetation de l’espirit irrationnel. La naissance de magasin est elle aussi caractéristique, elle marque une nouvelle conception du commerce: à partir de 1820 ou 1825 les nécessités de la concurrence incitent les commerçants (qui prennent fréquemment le titre plus noble de negociants) à acheter directement au fabricant et à entreposer em grande quantité des marchandises dans ce qu’on baptise alors des *magasins*. (MATORÉ, 1953, p. 66.)

Em síntese, reconhecemos e valorizamos o aspecto extralinguístico do léxico, sobretudo porque neste trabalho, estamos tratando de aspectos como variação, para os quais os elementos externos são a base para a análise. Não deixamos, no entanto, de considerar as unidades do léxico como unidades linguísticas também formais, que podem ser examinadas, por exemplo, do ponto de vista morfológico. Nesse sentido, as definições apresentadas podem ser complementares umas das outras.

De Isquerdo (1996) ainda nos importa a seguinte ponderação:

[...] se efetivarmos um estudo comparado entre duas etapas de uma mesma língua falada por um mesmo grupo social ou entre duas regiões de uma mesma comunidade lingüística, detectaremos que cada um desses grupos emprega um significativo número de palavras específicas que nomeiam aspectos da sua respectiva realidade sócio-lingüístico-cultural (ISQUERDO, 1996, p.6-7).

Decorre também do que registra a autora nossa opção pelo recorte do léxico para a pesquisa que nos propusemos realizar. Ou seja, por meio de um conjunto de unidades lexicais⁴⁴, estamos procurando verificar as especificidades de duas comunidades linguísticas. Dentre essas especificidades estaria a atitude dos falantes indígenas em relação à nomeação de novos referentes introduzidos na cultura – em que medida os falantes procuram na própria língua elementos para nomear as novas noções e em que medida optam pela adoção de termos de outras línguas?

Novamente recorremos a Biderman (2001, p.14 – 15), que sobre “a geração do léxico básico das línguas naturais”, registra:

À medida que as comunidades humanas desenvolveram progressivamente seu conhecimento da realidade e tomaram posse do mundo circundante, o homem criou as técnicas e depois as ciências. Assim, as comunidades que atingiram tal estágio de civilização precisaram ampliar sempre mais seu repertório de signos lexicais para designar a realidade da qual tomavam consciência, ao mesmo tempo que precisavam rotular as invenções e noções novas desenvolvidas por essas ciências e técnicas.

⁴⁴ A propósito do termo “unidades lexicais”, esclarecemos que, neste trabalho, empregaremos com o mesmo valor semântico os termos “unidade lexical”, “lexia”, “item lexical”, “vocabulo”; evitaremos o uso de “palavra” – considerado um termo um pouco mais polissêmico –; aparecendo esse último termo, no entanto, terá sido utilizado com o mesmo sentido dos anteriores.

Nesse trecho a autora não está se referindo às línguas indígenas, e o foco é a expansão do léxico em razão da necessidade de nomear referentes oriundos do avanço das ciências e técnicas. Ainda assim nos interessa, principalmente, pela ideia de que as comunidades necessitam ampliar seu repertório léxico para designar uma realidade nova que se impõe com razão do seu desenvolvimento e do contato com outros grupos.

Na mesma direção do pensamento de Biderman, está a reflexão de Carvalho, que segue:

Com a evolução dos meios de comunicação, o indivíduo não fica isolado no seu *locus*, porém tem condições de receber e consumir bens reais ou simbólicos produzidos em outras culturas, incorporando a seu cotidiano valores de realidades distantes, fenômeno denominado por teóricos como *desterritorialização*. Desta forma, enfraquecem-se os vínculos com a comunidade mais próxima, junto com as noções de regionalismo e nacionalismo. A adoção indiscriminada de termos estrangeiros, provenientes da cultura que domina os *mass media*, torna-se uma consequência natural (CARVALHO, 2009, p.74).

Aqui, a autora também não discute o que ocorre com as comunidades indígenas exatamente, sobretudo no que se refere ao enfraquecimento das “noções de regionalismo e nacionalismo”. Entretanto, a ideia de que com a evolução dos meios de comunicação, e o acesso a eles, as pessoas não ficam mais isoladas, é perfeitamente pertinente aos grupos indígenas referidos nesta pesquisa.

Assim, para expandir seu léxico, cada comunidade humana cria, a partir de elementos do seu próprio sistema linguístico, novas unidades lexicais para designar os novos conceitos – nesse caso, essas novas unidades seguirão o padrão lexical já existente na língua – ou empresta de outra(s) língua(s).

Borba (1975, p. 271-275), em outras palavras, explica que o enriquecimento de uma língua se dá por meio de um processo intrínseco, pertencente ao próprio mecanismo do idioma e de um processo extrínseco, resultado de contatos diversos das línguas entre si. Segundo o autor, nas línguas neolatinas, o primeiro processo, o intrínseco, é herança do latim e consiste na *composição* – reunião de duas ou mais palavras numa só – e na *derivação* – processo pelo qual se forma uma palavra nova, tomando como base uma raiz ou radical, ou uma palavra já existente na língua.

Ainda em relação a esse primeiro processo, lembramos que é possível e comum a formação de unidades híbridas em que se verificam elementos de línguas diferentes. A título de exemplo, citamos o vocábulo *kasõpuku* em que *kasõ* é alteração de “calção”, em português, com pronúncia inspirada no espanhol, e *puku* está registrado nos dicionários de língua guarani, equivalendo a “comprido” em português. O vocábulo foi fornecido, por informantes desta pesquisa, como equivalente a “calça” (peça do vestuário masculino e feminino).

É por meio desse processo que surgem os neologismos, ou seja, as palavras novas (ou os novos sentidos para palavras já existentes). Sobre o assunto, Pires de Oliveira (1999, p.46) afirma:

Essa é maneira como a língua se ajusta à evolução da sociedade. Assim o estudo da neologia lexical de uma língua possibilita a análise da evolução verificada na sociedade que dela se utiliza, visto que todas as transformações sociais e culturais refletem-se, indubitavelmente, no acervo léxico dessa sociedade.

Em outras palavras, de acordo com a autora, o exame dos neologismos de uma língua tem ligação estreita com as modificações que ocorrem no mundo exterior. Por isso, acreditamos que se trata de um tema atraente para aqueles que pretendem verificar relações entre língua e cultura, língua e sociedade.

Já sobre o “processo extrínseco” de enriquecimento do léxico das línguas, Borba afirma:

Uma língua ou dialeto nunca se desenvolve ao abrigo da influência exterior. As línguas como as civilizações não se bastam a si mesmas e os contatos linguísticos são inevitáveis. As necessidades de intercâmbio põem os indivíduos em contacto direto ou indireto com línguas vizinhas ou culturalmente dominantes. Tal contacto, que é uma necessidade histórica, desempenha papel importante no desenvolvimento lingüístico, pois desencadeia penetração (BORBA, 1975, p. 276).

O autor menciona que é difícil citar uma língua ou um dialeto que não tenha recebido nenhuma influência, e lembra que a língua que normalmente é irradiadora de cultura está em melhores condições de emprestar do que tomar emprestado.

Convém esclarecer que, neste trabalho, o termo “empréstimo” está sendo utilizado em seu sentido mais usual, ou seja, o processo pelo qual uma língua incorpora ao seu sistema léxico ou gramatical formas e padrões utilizados em outra

língua. Ressaltamos que estamos tratando apenas de empréstimos lexicais ou vocabulares, que, dentre os empréstimos observados em uma língua, geralmente são os mais comuns e em maior quantidade.

Mencionamos ainda a noção de *interferência*, diretamente associada ao conceito de estrangeirismo. De acordo com Weinrich⁴⁵ (1953 *apud* CALVET, 2002, p.35-36), a palavra *interferência* designa um remanejamento de estruturas resultantes da introdução de elementos estrangeiros no sistema fonológico, na morfologia, na sintaxe e algumas áreas do vocabulário. No que se refere ao vocabulário, nível que nos interessa mais diretamente neste trabalho, Calvet explica:

Levada ao limite de sua lógica, a interferência lexical pode produzir o empréstimo. Mais que procurar na própria língua um equivalente para um termo de outra língua difícil de encontrar, utiliza-se diretamente essa palavra adaptando-a à própria pronúncia. Contrariamente à interferência, fenômeno individual, o empréstimo é fenômeno coletivo: todas as línguas tomaram empréstimos de línguas próximas [...] (CALVET, 2002, p. 39).

Como se nota, o autor esclarece que o empréstimo pode surgir em razão da interferência, que – a propósito, para Weinrich, é noção empregada em referência ao indivíduo bilíngue, como é o caso de todos os informantes desta pesquisa. Verificamos também, no trecho, uma distinção entre os conceitos de interferência (individual) e empréstimo (coletivo). Enquanto Calvet diferencia interferência de empréstimo, Carvalho (1989) chama a atenção para a distinção entre empréstimo e estrangeirismo.

Utilizando a dicotomia saussuriana *langue/parole*, enquanto o estrangeirismo faz parte da *parole* – uso individual –, o empréstimo passa a ser um elemento da *langue*, já socializado. Dentro deste aspecto alguns empréstimos continuariam como fatos da *parole* (não são retomados em novos enunciados) e outros tornar-se-iam fatos da *langue*, pela frequência de uso (CARVALHO, 1989, p. 43).

Para essa autora, o estrangeirismo seria um fenômeno individual, que pode não ser repetido, enquanto o empréstimo é fenômeno socializado, portanto, coletivo. É possível pressupor que os estrangeirismos se tornam empréstimos quando são

⁴⁵ WEINRICH, Uriel. *Languages in contact*. New York, 1953, republicado por Mouton, Haia, 1963.

acatados e retomados pela comunidade linguística com frequência. Aqui lembramos também as palavras de Alves (1988, p.01), que esclarece: “O estrangeirismo que está se instalando é um verdadeiro neologismo e somente se tornará empréstimo quando não mais for sentido como estranho ao sistema da língua, mesmo que conserve a ortografia da língua de que procede”. Salienta-se que a adoção do elemento estrangeiro precisa ser entendida como uma necessidade (de comunicação) para o grupo, naquele momento.

Acrescentamos ainda que, conforme ponderam Garcez e Zilles (2004, p. 15), o termo estrangeirismo atribui ao empréstimo “uma suspeita de identidade alienígena”. Nesse sentido, carrega valores simbólicos relacionados aos falantes da língua da qual se origina o empréstimo.

Nos dados que compõem o *corpus* deste trabalho, no que tange aos empréstimos verificados, observamos, conforme será apresentado na análise, i) vocábulos da língua portuguesa ou da língua espanhola que estão adaptados fonológica e ortograficamente à língua indígena, ii) vocábulos da língua portuguesa ou da língua espanhola que estão acomodados parcialmente aos padrões lexicais da língua indígena, e iii) vocábulos da língua portuguesa ou da língua espanhola, da forma original (utilizados em contexto em que a língua indígena estava sendo solicitada). No capítulo cinco, um dos destinados à análise dos dados, dedicamos um tópico a esse assunto.

Antes, porém, de passarmos à análise dos dados, apresentamos na sequência, o capítulo 03, no qual estão explicitados os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa.

CAPÍTULO 03 – AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS

3.1 Preliminares

Neste capítulo, descrevemos a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, isto é, apresentamos o tipo de pesquisa, os locais em que foram coletados os dados, o perfil dos informantes e os instrumentos e métodos utilizados para a constituição do *corpus*.

A pesquisa proposta se insere no campo da linguística e tem enfoque sociolinguístico. Como sabemos, existem as pesquisas chamadas de sociolinguísticas, que têm como foco a análise de fatores sociais sobre as estruturas linguísticas. Essas pesquisas, por meio de testes estatísticos, procuram evidenciar que fatores externos provocam a utilização, pelo informante, de uma ou outra variante de uma língua. Existem, por outro lado, as pesquisas que também são sociolinguísticas e investigam, a partir de métodos diversos, temas como multilinguismo, bilinguismo, diglossia, atitudes e julgamentos de falantes acerca de suas línguas e outros relacionados a línguas minoritárias.

Nossa pesquisa, conforme já mencionado, pretende ser um estudo de duas comunidades de fala que compartilham (ou não, a depender dos critérios estabelecidos para avaliar essa questão) uma mesma língua indígena. Para isso, inicialmente, examinamos as impressões e sentimentos dos falantes sobre a percepção de diferenças entre os dois grupos, especialmente em relação às línguas que utilizam. Depois confrontamos essas informações com uma amostra do léxico de cada comunidade.

Para fundamentar a análise dos dados, além da teoria já mencionada, valemo-nos, sistematicamente de dicionários de língua guarani. Neste trabalho utilizamos os dos seguintes autores: Montoya, (2011 [1639]), (2002[1640]), Sampaio (1986), Tibiriçá (1989), Guasch e Ortiz (2001), Assis (2008), entre outros. Neste capítulo, na última seção, apresentamos algumas considerações sobre cada uma dessas obras lexicográficas.

Vale acrescentar que temos verificado que trabalhos que investigam questões linguísticas considerando o contexto sociocultural dos falantes podem ter aportes

teóricos e metodológicos distintos, conforme o enfoque, a intenção do pesquisador e as questões às quais se pretende responder. Assim, se por um lado existe uma relativa liberdade quanto à escolha de caminhos já experimentados ou mesmo a escolha por um novo, por outro lado, não há como ficar completamente seguro quanto às decisões metodológicas tomadas. O que é certo é que os métodos devem ser suficientemente capazes de levar às respostas das perguntas propostas para a pesquisa.

3.2 As questões propostas

São as seguintes as principais questões às quais pretendemos responder com esta pesquisa:

a) Empiricamente temos observado que os indígenas afirmam que Guarani Kaiowá e Guarani Ñandeva são etnias diferentes, que falam duas línguas distintas; que os grupos falantes de cada uma se entendem, mas que normalmente um não fala a língua do outro. Os indígenas dos dois subgrupos étnicos confirmam, e da mesma forma, a impressão dessas diferenças quando questionados sobre elas?

b) O que pensam/declaram os indígenas dos dois subgrupos sobre transmissão de língua materna, importância do aprendizado da língua portuguesa, preconceito linguístico?

c) As supostas diferenças podem ser verificadas no nível do léxico, considerado o nível linguístico mais aberto e mais sujeito a variações, ou se trata apenas de uma questão de afirmação de identidade?

d) Os dicionários de guarani a que se tem acesso parecem pressupor uma homogeneidade dessa língua. Essas obras contemplam o uso dos falantes Guarani Ñandeva e dos falantes Guarani Kaiowá ou haveria a necessidade de investimentos em dicionários da língua guarani kaiowá ou mesmo de dicionários de guarani ñandeva que levassem em consideração os usos linguísticos dos dois subgrupos?

d) Apesar do respeito mútuo que os dois grupos fazem questão de evidenciar, um grupo costuma afirmar que o outro é demasiadamente concessivo em relação às influências externas na língua materna – os Guarani Kaiowá acreditam que Guarani Ñandeva utilizam muitos empréstimos lexicais; os Guarani, por sua vez, dizem os mesmo dos Kaiowá. Qual dos dois subgrupos incorporaram/incorporam mais empréstimos? Do português? Do espanhol?

3.3 A constituição do *corpus*

Definidos os objetivos do trabalho, foi preciso pensar em como coletar os dados e como constituir um *corpus* para análise. Labov (2008, p. 63) lembra que “toda pessoa que começa a estudar a língua em seu contexto social imediatamente se depara com o clássico problema metodológico: os meios empregados para coletar os dados interferem nos dados a serem coletados”. Essas palavras são aqui retomadas apenas para registrar que se tem consciência dessa situação e que essa realidade, na medida do possível, foi considerada durante a pesquisa.

Para se obterem os dados, foi necessário decidir onde eles seriam coletados, ou seja, em quais comunidades de fala; quais instrumentos seriam utilizados; quem seriam os informantes, que perfis deveriam ter. Na sequência, apresentamos essas informações e justificamos o porquê de algumas escolhas.

3.3.1 Os locais da pesquisa

Os dados que constituem o *corpus* desta pesquisa foram coletados em duas comunidades indígenas: aldeia *Panambizinho* e aldeia *Porto Lindo/Jakarey*.

Antes de apresentarmos algumas informações a respeito de cada uma dessas comunidades, é preciso esclarecer o porquê da escolha dessas comunidades. Para atender aos objetivos da pesquisa, necessitávamos de duas comunidades que fossem representativas – uma de cada subgrupo Guarani. A pergunta que fizemos inicialmente foi: “Onde, no Mato Grosso do Sul, poderíamos encontrar um grupo Guarani Kaiowá considerado tradicional, até onde isso fosse possível, no que se refere à preservação da língua materna e de outros costumes? E um grupo Guarani Nandeva também com essas características?”

Inicialmente consideramos a possibilidades de realizarmos a pesquisa nas aldeias Jaguapiru e Bororó, localizadas na Reserva Indígena de Dourados, que ficam muito próximas ao centro da cidade (cerca de 3,5 km) e com acesso bastante facilitado. Nessas duas aldeias, que são anexas, ou seja, uma faz divisa com a outra, vivem indígenas de três etnias: Kaiowá, Guarani (como se autodenominam) e Terena. Entretanto, após a realização de um pequeno projeto piloto nessas comunidades, que resultou em um trabalho de final de disciplina do Programa de

Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UEL, em 2011, verificamos que as duas etnias que seriam foco de nossa pesquisa encontram-se, “muito misturadas”, conforme os próprios indígenas afirmam. As crianças e jovens estudam nas mesmas escolas, com os mesmos professores e têm aula de um guarani que supostamente é o mesmo para duas das etnias. Os casamentos entre pessoas de etnias diferentes também é muito frequente nessas aldeias. Desse modo, percebemos que, para os objetivos de uma pesquisa mais ampla, essas comunidades não seriam as ideais, uma vez que pretendíamos evidenciar as especificidades de cada grupo étnico.

Após algumas leituras de textos sobre questões indígenas no Mato Grosso do Sul – Maciel (2005) e Landa (2005), por exemplo, referenciadas neste tópico do trabalho, conversas com indígenas e mesmo com outros especialistas no assunto, fomos concluindo que as aldeias Panambizinho e Porto Lindo, por serem constituídas quase que completamente por Guarani Kaiowá e Guarani Nãndeva, respectivamente, por terem menos contato com outros grupos indígenas e não indígenas (isso relativamente!) e por estarem mais distantes da área urbana seriam adequadas para a pesquisa.

Feitos esses esclarecimentos, passamos a algumas informações sobre cada uma das comunidades.

A aldeia *Panambizinho* localiza-se no município de Dourados/MS, no distrito de Panambi, à margem esquerda do córrego Laranja Doce, afluente do Rio Brilhante. Em relação às demais aldeias de Dourados (Jaguapiru e Bororó), é a mais distante da área urbana, estando a, aproximadamente, 23 quilômetros. Apesar disso, consideramos o acesso a ela fácil uma vez que a estrada é pavimentada até a entrada da aldeia e as vias no interior da aldeia são bem conservadas. Nessa comunidade, de acordo com seus moradores, vivem apenas indígenas Guarani Kaiowá. Não é possível, entretanto, afirmar com certeza que não haja nenhum indígena de outra etnia, pois não empreendemos nenhuma pesquisa para confirmar isso. Nessa comunidade vivem 452 pessoas, de acordo com o Censo (2010)⁴⁶.

Maciel (2005, p. 28), em seu estudo sobre a história dos Guarani Kaiowá da aldeia Panambizinho relata que, durante a implantação do projeto de colonização

⁴⁶De acordo com informações divulgadas pelo Censo de 2010, a população do distrito de Panambi é de 1.021 habitantes. A Aldeia Panambizinho, localizada no distrito, possui uma população de 452 indígenas. O contingente total do distrito é de 1.473 habitantes.

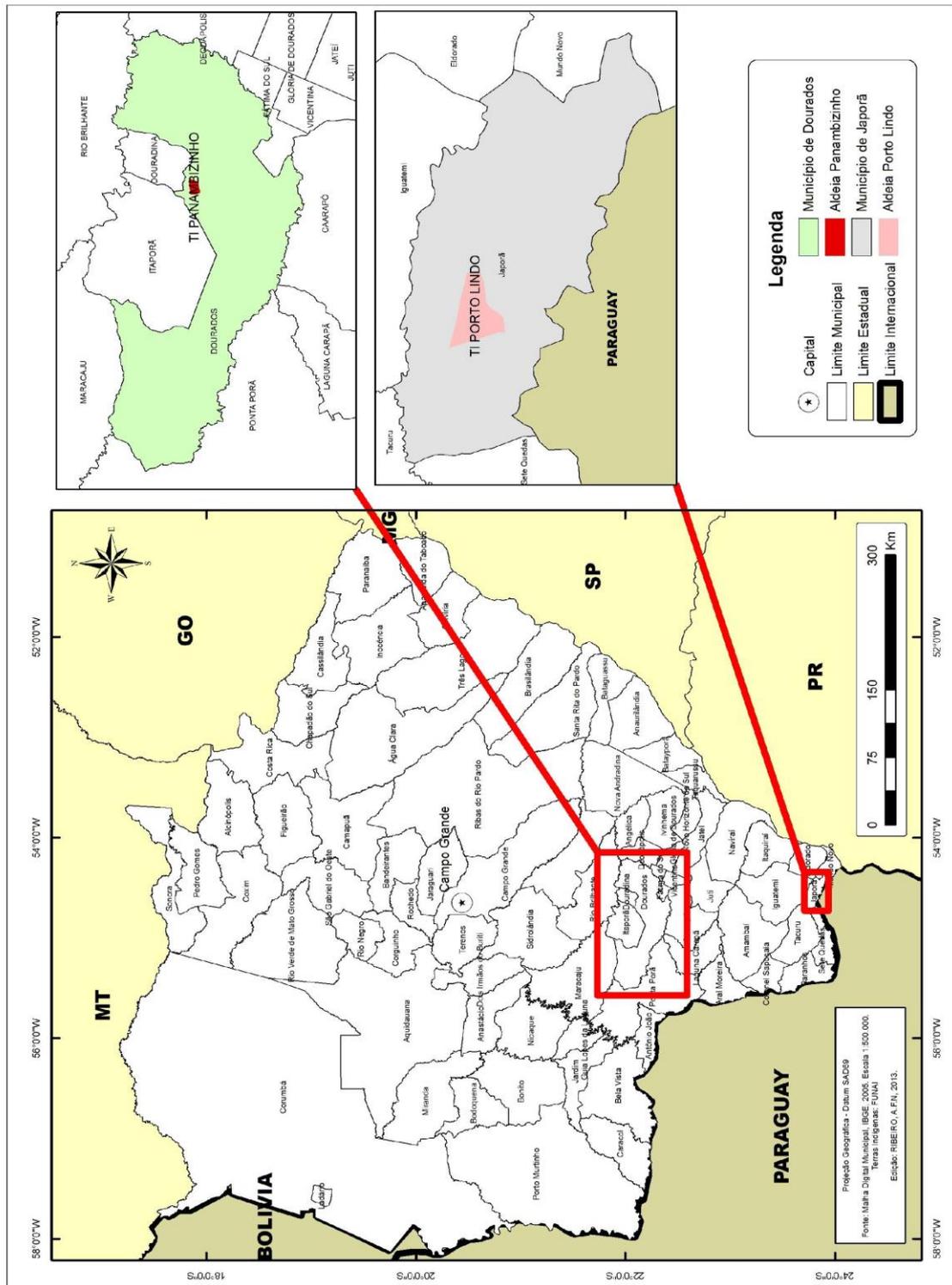
por meio da criação da CAND – Colônia Agrícola de Dourados, a região, que antes era território apenas indígena foi loteada pelo governo para entrega aos colonos. Assim, os Guarani Kaiowá deveriam ser deslocados para o Posto Indígena de Dourados (Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa), no entanto, por alegarem possuir fortes vínculos socioculturais com o território em que viviam resistiram à saída e permaneceram no local. Dessa forma, as numerosas famílias indígenas que viviam na região foram confinadas a uma área muito pequena em relação à que possuíam antes.

Já a aldeia *Porto Lindo/Jakarey* situa-se a 25 km da sede do município de Japorã/MS e nela vivem, de acordo com os próprios moradores, essencialmente indígenas da etnia Guarani Ñandeva. Segundo dados do Censo (2010), Japorã possui uma população de 7.731 pessoas, sendo que desse total 49,4% (3.822 habitantes) se autodeclararam indígenas.

Landa (2005) registra que de uma população de 3.661 pessoas da aldeia Porto Lindo/Jakarey, apenas 117 eram Guarani Kaiowá na época da sua pesquisa. A pesquisadora lembra que o fato de se encontrarem pessoas de outros subgrupos ou etnias nas aldeias é “resultado de uma política estadual que procurou colocar todos os índios em áreas previamente estabelecidas, sem respeitar a diversidade cultural que cada uma apresenta” (LANDA, 2005, p.103). A mesma autora lembra, no entanto, que se trata de uma área tradicionalmente reconhecida por ser ocupada por índios Guarani Ñandeva.

O mapa 02, a seguir, demonstra a localização das duas comunidades no estado de Mato Grosso do Sul.

Mapa 02 – Localização das comunidades Panambizinho e Porto Lindo em Mato Grosso do Sul



Fonte: A própria autora

Definidas as comunidades, foram realizadas algumas visitas para conhecimento dos locais e para primeiros contatos com a população.

Na comunidade guarani kaiowá *Panambizinho*, nosso primeiro contato foi com o diretor da Escola Municipal Pai Chiquito – o professor Laucídio Flores, que prontamente nos atendeu na escola. Durante a conversa, ele nos contou que é da etnia Terena, que morava em outra comunidade e que estava na direção daquela escola indígena porque ainda não havia outra pessoa (da etnia guarani kaiowá) interessada e em condições de assumir o cargo. Depois de conhecer os objetivos da nossa pesquisa, afirmou que considerava muito relevantes os trabalhos que pudessem, de alguma forma, demonstrar as especificidades das etnias Guarani Kaiowá e Guarani Ñandeva porque percebe, no cotidiano de seu trabalho, que nem sempre os Guarani Kaiowá se sentem contemplados quando ouvem, por exemplo, nos meios de comunicação, alguma referência que utilize, simplesmente, “índios Guarani”. Foi o diretor Laucídio Flores quem nos indicou alguns nomes de pessoas que poderiam colaborar com a pesquisa, alertando-nos que antes seria prudente que fôssemos conversar com o capitão, o senhor Waldomiro Aquino, conselho que aceitamos prontamente.

Já no município de Japorã, para acesso à comunidade Porto Lindo, nosso primeiro contato, foi com a assistente social e vereadora Arlene Terezinha Silva França Cavalcante, que, em razão de seus trabalhos como assistente social e depois como vereadora, possui um amplo conhecimento de toda comunidade de Japorã (indígena e não indígena). Ela nos acompanhou durante nossa primeira visita à aldeia, nos indicou alguns nomes e nos apresentou a possíveis informantes.

3.3.2 Os informantes

Inicialmente pensamos em selecionar para informantes da pesquisa falantes mais idosos, que tivessem o mínimo de influência do ensino da escola e que não saíssem com frequência das aldeias escolhidas. Esse seria o perfil de falantes que, segundo os próprios indígenas, conservariam “a verdadeira língua indígena”. No entanto, ainda que entendamos que os trabalhos de resgate à língua indígena tradicional sejam de extrema importância, a fala dos idosos constituiria uma variante relativamente restrita, não sendo mais aquela que, de fato, é transmitida e ensinada, inclusive nas escolas indígenas. Na verdade, pretendemos, com a pesquisa,

esboçar um retrato da situação que temos hoje (a partir do nosso recorte, evidentemente).

Além disso, consideramos que outro perfil de informante poderia, mais apropriadamente, dar conta de responder às questões propostas para a pesquisa. A opção foi, então, por informantes adultos, homens e mulheres, bilíngues na língua indígena e na língua portuguesa, que tivessem os pais (e o cônjuge, quando fosse o caso) da mesma etnia que as suas, que sempre tivessem vivido na comunidade e que apresentassem bom domínio da língua materna tanto oralmente como por escrito. Para avaliação do domínio da língua indígena, consideramos a avaliação de pessoas da própria comunidade ou pessoas de fora da comunidade que os conheçam, além da declaração do próprio informante sobre sua proficiência na língua indígena. Chegamos a ouvir de um informante, professor de Guarani da comunidade *Porto Lindo*, a seguinte declaração: “aqui nós falamos Guarani Ñandeva, mas se você quer saber alguma coisa da língua Guarani Kaiowá, tem que conversar com o Anardo e com o Maciel, lá da Panambizinho, que são as pessoas que mais entendem de Kaiowá no Mato Grosso do Sul” – os indígenas Kaiowá recomendados, para a nossa satisfação, já haviam se disponibilizado a colaborar com esta pesquisa.

Nos dois quadros que seguem, é possível verificar que a maioria dos informantes dos dois subgrupos é professor. Esses professores ou são responsáveis pelo ensino formal da língua materna ou, em alguns casos, pelo ensino de outras disciplinas do currículo das escolas indígenas onde trabalham. Apenas duas informantes, uma de cada grupo, ainda não eram professoras na época da coleta de dados. Apresentamos, na sequência, o perfil básico dos informantes da aldeia *Panambizinho*, representantes, neste trabalho, dos falantes da língua guarani kaiowá. Ressaltamos que optamos pela não identificação dos nomes reais dos informantes, por isso os nomes que aparecem nos quadros e no decorrer do trabalho são fictícios (os nomes reais estão citados na sessão de agradecimentos, neste trabalho). Já as informações acerca da idade e da ocupação/profissão são reais.

Quadro 05 – Perfil dos informantes Guarani Kaiowá

n.º	Nome	Idade	Ocupação/profissão
01	Marcelo	39	Professor de escola municipal indígena da aldeia
02	Flávia	21	Estudante de Pedagogia
03	Antonio	42	Professor e coordenador de escola municipal indígena da aldeia
04	Rosa	27	Professora de escola municipal indígena e estudante de Licenciatura Indígena
05	Irene	21	Professora de escola municipal indígena e estudante de Licenciatura Indígena
06	Felipe	27	Professor de escola municipal indígena e estudante de Licenciatura Indígena

Fonte: a própria autora

Em relação à coleta de dados relativos à língua guarani ñandeva, tivemos a colaboração das seguintes pessoas da aldeia *Porto Lindo*.

Quadro 06 – Perfil dos informantes Guarani Ñandeva

N.º	Nome	Idade	Ocupação/profissão
01	Orlando	34	Professor de escola municipal indígena da aldeia
02	Dora	31	Professora de escola municipal indígena da aldeia e vereadora
03	Ricardo	32	Professor de escola municipal indígena da aldeia e assessor do prefeito municipal
04	Sandra	28	Estudante de Licenciatura Indígena
05	Célia	33	Professora de escola municipal indígena e estudante de Licenciatura Indígena
06	Marcos	35	Professor de escola municipal indígena da aldeia

Fonte: a própria autora

Convém registrar que os informantes dos dois subgrupos são vistos como pessoas de relativo destaque em suas comunidades. Algumas são lideranças políticas ou estão, frequentemente, ao lado das lideranças. Esse *status* da maioria dos informantes, entretanto, não era critério para que fossem convidados a colaborar com esta pesquisa.

Além desses informantes cujos perfis foram apresentados nos dois quadros, em vários momentos, durante as visitas à aldeia Panambizinho, conversamos com algumas outras pessoas que também deram depoimentos que foram considerados relevantes para a compreensão da situação linguística do seu grupo. Dentre essas pessoas, citamos o senhor Valdomiro Osvaldo Aquino, 53 anos, morador, agricultor

e capitão da aldeia Panambizinho e a senhora Iraci da Silva, 48 anos, moradora, agricultora, dona de casa também da aldeia Panambizinho. Esses nomes também foram substituídos quando aparecem no decorrer do trabalho.

3.3.3 O tipo de pesquisa

Uma pesquisa, quanto à abordagem que se adota pode ser qualitativa e quantitativa. Para uma pesquisa qualitativa, o pesquisador pode adotar vários métodos para a coleta de informações e a análise dos dados está, em geral, baseada na interpretação dos significados, na subjetividade e na intuição do pesquisador. Conforme confirma Flick (2009, p. 25), “a pesquisa qualitativa não se baseia em um conceito teórico e metodológico unificado. Diversas abordagens teóricas e seus métodos caracterizam as discussões e práticas de pesquisa. Os pontos de vista subjetivos constituem um primeiro ponto de partida”.

Já na pesquisa quantitativa utilizamos um método com o qual coletamos uma quantidade maior de dados (em relação à pesquisa qualitativa) e, após isso, tratamos estatisticamente os dados. A interpretação está presente na análise, no entanto, os dados são tratados estatisticamente e os resultados apresentados, geralmente, em gráficos e quadros.

Dessa forma, entendemos que esta investigação se constitui de uma combinação dos dois métodos. Em relação à coleta e análise dos dados referentes às impressões dos informantes acerca de questões relacionadas a língua e cultura, o método foi o qualitativo; no que se refere aos dados lexicais, a coleta foi realizada de forma objetiva e os resultados estão apresentados, considerando-se às quantidades obtidas.

Apesar de existirem controvérsias quanto à associação desses dois tipos de pesquisa, Flick (2009, p. 33) afirma que “a literatura identifica diversas posturas que vinculam pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa”. E acrescenta ainda que “[...] no cotidiano da prática de pesquisa, fora das discussões metodológicas, frequentemente se faz necessária e útil a ligação entre as duas abordagens por razões pragmáticas”. Foi essa a ideia que consideramos para esta pesquisa.

3.3.4. Os materiais e os métodos utilizados para coleta de dados

Definidos os locais da pesquisa e escolhidos os informantes, foi necessária a elaboração dos instrumentos para a coleta de dados e a definição dos materiais e recursos que seriam utilizados.

Entendemos que a esta pesquisa, cabe, ainda, designação de “pesquisa de campo”, já que de acordo com Marconi e Lakatos (2010, p. 69), podemos chamar de pesquisa de campo aquela em que os dados são coletados no local em que ocorrem os fenômenos. Conforme as autoras, “a pesquisa de campo é utilizada com objetivo de conseguir informações acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”.

Em geral, os dados de uma pesquisa de campo podem ser coletados por meio de *observação, entrevista, formulário, questionário*, entre outros.

Nesta pesquisa, o primeiro procedimento para coleta dos dados, foi a *observação*, que, segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 174), ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito dos objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Consideramos esse um procedimento importante que possibilita ao investigador um contato mais direto com a realidade.

Após a fase de visitas para observação, passamos à *entrevista*. Esse procedimento ocorreu por meio do encontro entre a pesquisadora e os informantes. De acordo com Marconi e Lakatos (2010, p. 178), trata-se de “um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”. Entre alguns dos objetivos da entrevista, de acordo com Selltiz *et al*⁴⁷ (1965, *apud* MARCONI E LAKATOS, 2010, p. 179), estão a “determinação das opiniões sobre os fatos” que tem como intuito conhecer o que as pessoas pensam ou acreditam que os fatos sejam.

O roteiro utilizado para as entrevistas deste trabalho, inicialmente, era constituído de duas partes principais: na primeira havia questões, que podem ser entendidas como metalinguísticas, com as quais seriam coletadas informações a

⁴⁷ SELLTIZ, C., JAHODA, M., COOK, S. W. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: EPU, 1965.

respeito da identidade pessoal do informante, de seus usos e costumes e de suas impressões sobre a língua materna, sobre a língua portuguesa e sobre a língua indígena do outro grupo indígena (Kaiowá ou Ñandeva, conforme o caso). Nessa parte do questionário, havia questões como “Você acha que os Guarani Kaiowá são diferentes dos Guarani Ñandeva? Se são, quais diferenças você percebe?” e “Você acha importante que os índios da sua comunidade aprendam a língua portuguesa? Por quê?”.

Durante o período de integralização dos créditos no Programa de Pós-Graduação da UEL, o roteiro para a entrevista foi testado, a propósito da realização do trabalho de final de disciplina já mencionado. Esclarecemos, entretanto, que os testes foram realizados com informantes da Reserva Indígena de Dourados.

Verificamos que a primeira parte do questionário funcionava bem e com ela era possível obter as respostas para as questões propostas sem muita dificuldade. Já a segunda parte era composta de questões que tinham como objetivo recolher unidades específicas do léxico que os informantes conheciam e utilizariam. Inicialmente, organizamos, para teste, um instrumento baseado no modelo de questionário (da parte léxico-semântica) utilizado nas pesquisas da área de dialetologia. Durante os testes do questionário, no entanto, verificamos que os informantes não entendiam a maioria das questões que lhes apresentávamos; mesmo que ela fosse sendo reelaborada no momento da entrevista, a dificuldade ainda existia. Assim, por exemplo, ao perguntar-lhes “Que nome em Guarani Ñandeva (ou Guarani Kaiowá) você dá para a pessoa que mora ao lado ou bem perto de sua casa?”, obtinha-se com frequência respostas que, na verdade, era uma repetição de parte da questão – “pessoa que mora perto”, “pessoa que mora do lado da minha casa”. Diante dessa dificuldade, optamos por um instrumento mais objetivo. Isso foi possível porque nossa intenção não era registrar variações na mesma língua, como é o caso das pesquisas de dialetologia, mas saber como dois grupos que entendem que possuem línguas distintas nomeiam certos referentes e noções.

Assim, elaboramos dois formulários (ver apêndices 02 e 03). Nogueira (1969) define *formulário* como sendo uma lista formal, catálogo ou inventário destinado à coleta de dados resultantes quer da observação, quer de interrogatório, cujo preenchimento é feito pelo próprio investigador, à medida que faz as observações ou recebe as respostas, ou pelo pesquisado, sob sua orientação.

Com o primeiro formulário, tínhamos como objetivo coletar uma amostra do que chamamos de “vocabulário básico”; com o segundo, uma amostra de itens lexicais do que chamamos de “vocabulário cultural”.

O formulário 01 ficou constituído de uma amostra de pronomes, advérbios, adjetivos, verbos e substantivos, somando 150 itens lexicais. Convém esclarecer que, para a escolha dos itens que comporiam essa lista, baseamo-nos na *Lista de Swadesh*, originalmente elaborada pelo linguista norte-americano Morris Swadesh⁴⁸. Essa lista é composta de itens lexicais, em princípio, comuns a todas as línguas e foi utilizada no método de pesquisa denominado glotocronologia, que, em síntese, seria uma técnica para verificar a época da separação de duas línguas do mesmo grupo. Segundo Borba (1975, p. 161), o método glotocronológico é também chamado de léxico-estatístico e repousa sobre dois princípios: o “vocabulário básico” e o “ritmo constante de substituição de um termo por outro, seja qual for a língua, num período determinado (fixado em 1.000 anos)”. Duas versões da Lista são mais conhecidas – uma com 100 itens e outra com 200 itens. A partir da versão de 100 itens, acrescentamos mais 50 e constituímos nosso instrumento, que chamamos de formulário 01.

Para a constituição do segundo formulário, com o qual, coletamos uma amostra do que chamamos “vocabulário cultural”, expressão entendida neste trabalho como aquela parte do léxico constituída de unidades mais suscetíveis de variações e de influências externas, consideramos alguns campos como aqueles ligados a vestuários, alguns alimentos industrializados, meios de transportes, entre outros. Com essa parte, seria possível observar como as duas etnias procederam/procedem à nomeação de itens introduzidos em sua cultura por não índios e qual dos dois grupos recorreriam com mais frequência aos empréstimos linguísticos no nível do léxico. Incluímos também, nesse segundo instrumento, um conjunto de lexia para coletarmos uma amostra do vocabulário de parentesco dos dois subgrupos já que o léxico desse campo semântico se constituiria, segundo estudiosos, como uma prova de que os valores culturais e sociais costumam ter efeito sobre a língua. Sob o rótulo de “estudos de parentesco⁴⁹”, seria possível

⁴⁸SWADESH LIST. Disponível em: http://en.wiktionary.org/wiki/Appendix:Afro-Asiatic_Swadesh_lists. Acesso em 20 de junho de 2011.

⁴⁹Claude Levi-Strauss é um dos mais importantes nomes desse campo de estudo. *As estruturas elementares do parentesco* (1982) e *Antropologia estrutural* (1991) são obras do autor que tratam, a primeira integralmente e a segunda parcialmente, do assunto.

examinar as relações entre o vocabulário e as atitudes, as relações sociais. Esse segundo instrumento, a que chamamos de formulário 02, constitui-se de 100 itens lexicais que são amostras do que, em português, são substantivos e adjetivos.

É preciso registrar que quando decidimos trabalhar com itens do léxico de uma língua, entendemos a importância de colocá-los em um contexto ainda que restrito, como uma frase ou um sintagma para se ter uma garantia mínima de que os vocábulos estariam representando o mesmo referente ou a mesma noção.

Discutindo o papel do contexto, Ullmann (1961, p. 103) reconhece que “as palavras se encontram quase sempre encastoadas [*embutidas*] em contextos específicos” e isso deve ser considerado. Para o autor, entretanto, há casos em que um termo subsiste inteiramente por si só, sem qualquer suporte contextual, e continuará, assim mesmo, a fazer sentido. Nessa direção, ele pondera:

No dia a dia, muitas vezes se pergunta “O que significa a palavra tal?” ou “Como se diz isto assim em francês?” e, embora, nalguns casos seja difícil ou até impossível responder, noutros poderá fazer-se sem um momento só de hesitação; ninguém que saiba francês terá a mínima dificuldade em dar o equivalente de um adjetivo como *amarelo*, de um verbo como *escrever*, de um substantivo concreto como *lápiz*, ou de um substantivo abstrato como *igualdade*. Se as palavras não tivessem significados para lá dos contextos seria impossível compilar um dicionário (ULLMANN, 1961, p. 103).

E acrescenta ainda:

“Não há qualquer fuga para o fato” escreve um semântico eminente, “de que as palavras simples têm significado mais ou menos permanentes, de que se referem, efetivamente a certos referentes, e não a outros, e de que esta característica é a base indispensável de toda a comunicação”. Isto é do senso comum, e foi confirmado recentemente por dados experimentais. Uma série de testes destinados a estudar a influência do contexto mostrou que há habitualmente em cada palavra um núcleo sólido de significado, relativamente estável, e que só dentro de certos limites pode ser modificado pelo contexto (ULLMANN, 1961, p. 103-104).

Apesar disso, Ullmann defende a importância, ao menos, do contexto verbal, esse sim reconhecido como fundamental para os pioneiros da semântica moderna. Ele cita Darmesteter (1946)⁵⁰, que, por exemplo, discutiu “os diversos elementos de

⁵⁰ DARMESTETER, A. *La vie des mots étudiée dans leurs significations*. Paris, 1946 (Sem indicação de editora).

uma oração que conspiram, pela sua distribuição e colocações, para modificar o significado de palavras individuais”.

Por isso, foi solicitado aos informantes que fornecessem os itens lexicais tendo em vista uma frase dada (igual para todos os informantes). Ainda assim, é preciso admitir que nem sempre é possível ter certeza de que os dois grupos, estejam se referindo à mesma noção uma vez que, por exemplo, as lexias podem ter sentido muito próximos, mas uma ser mais específica e a outra menos específica, ou uma ser mais formal e a outra menos formal. Acreditamos, no entanto, que isso pode ter ocorrido com uma parte muito pequena dos dados.

Esclarecemos que para realizarmos as entrevistas, foram necessárias várias visitas às duas aldeias: inicialmente apenas chegávamos e conversávamos informalmente com os possíveis informantes, explicávamos alguns aspectos da pesquisa que estávamos desenvolvendo e perguntávamos sobre a possibilidade de cada um colaborar concedendo entrevistas e até uma assessoria na parte dos dados lexicais. Depois marcávamos novo encontro para a semana seguinte, com o acordo de ligarmos um dia antes para sabermos se realmente o informante estaria disponível e disposto a nos atender. Ainda assim, em uma das comunidades, mesmo agendando previamente, algumas vezes, apesar da extrema boa vontade com que sempre fomos recebidos, o/a informante nos dizia que naquele momento não teria tempo de conversar porque havia, para serem realizadas, tarefas domésticas ou atividades da escola em que trabalhavam ou da faculdade em que estudavam. Restávamos agradecer, nos despedir e voltar outro dia.

Somando os períodos de teste de questionário, de visitas informais para conhecer as comunidades e os possíveis informantes, a fase de coleta de dados durou aproximadamente um ano – os primeiros contatos foram realizados no final de 2011, mas apenas em 2013 intensificamos as visitas para a recolha das informações necessárias para a pesquisa.

Esclarecemos, ainda, que durante as entrevistas, as perguntas foram feitas em português e as respostas também dadas em português (segunda língua de todos os informantes). As conversas foram gravadas por meio de gravador digital e transcritas pela pesquisadora; já para a coleta dos dados lexicais, perguntávamos em português, solicitando as respostas em guarani kaiowá ou guarani ñandeva. Esses dados, a nosso pedido, foram escritos pelos próprios informantes de acordo com a convenção ortográfica que conhecem e utilizam.

No que se refere às questões abertas, obtivemos doze entrevistas com aproximadamente 30 minutos cada uma, considerando a média (alguns forneciam respostas mais longas, outros mais breves). Tivemos, então, cerca de 6 horas de gravação (lembramos, referentes às questões abertas).

Com relação aos dados lexicais, com o formulário 01, obtivemos de cada um dos dois grupos de informantes 1800 lexias como respostas (12 informantes multiplicados por 150 itens); com o formulário 02, coletamos 1200 lexiais (12 informantes multiplicados por 100 itens). É preciso esclarecer, entretanto, que a maioria dessas respostas, sobretudo no interior do mesmo subgrupo é coincidente – isso será explicado com mais detalhes no momento da análise dos dados.

Para finalizar, retomamos Flick (2009, p.104), que sintetiza as etapas de uma pesquisa nos seguintes passos: formulação da questão global, formulação de questões específicas, formulação de conceitos sensibilizantes, seleção de grupos com os quais se estuda a questão, seleção de planos e métodos apropriados, avaliação e reformulação de questões específicas, coleta de dados, avaliação e reformulação de questões específicas (novamente); análise dos dados, generalização e avaliação das análises, e formulação das descobertas. Essas etapas, que se referem ao percurso metodológico, foram cumpridas neste trabalho.

É preciso dizer ainda, entretanto, que reconhecemos que os caminhos metodológicos talvez pudessem ter sido outros. Os dados poderiam ter sido coletados em situações em que os informantes estivessem contando uma história, por exemplo. Mas como este estudo está fundado na comparação, seria muito difícil conseguir uma quantidade razoável de dados que pudessem ser comparados. Isso seria possível e relativamente fácil se o foco fosse, por exemplo, a realização de determinados fonemas, que apareceriam rapidamente em uma conversa de poucos minutos. Nesse sentido, foram esses caminhos metodológicos os possíveis e os que julgamos mais adequados para respondermos às questões postas para a pesquisa.

Algumas das principais fontes teóricas utilizadas na primeira parte da análise dos dados, explícita ou implicitamente, já foram recuperadas no capítulo destinado aos pressupostos teóricos. Aqui, na sequência, apresentamos as obras lexicográficas que sustentam a segunda parte da análise dos dados deste trabalho (análise das amostras lexicais).

3.4 Os dicionários consultados para análise dos dados

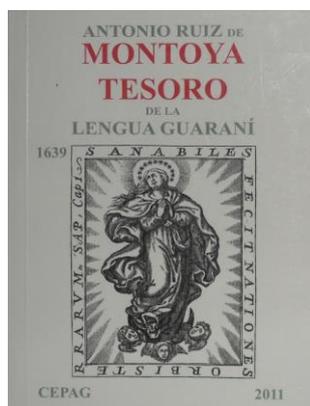
No desenvolvimento da análise comparativa das unidades lexicais coletadas, a principal fonte de consulta foram as obras lexicográficas referentes à língua guarani. O principal procedimento durante a análise foi verificar se as unidades lexicais fornecidas pelos informantes encontravam-se registradas nos dicionários. Convém esclarecer que a escolha dessas obras se deu em razão de serem essas as mais utilizadas (por serem mais facilmente acessíveis) por estudantes que se interessam pelo assunto. São as seguintes as obras⁵¹ que tomamos como referência nesta pesquisa

- *Tesoro de la Lengua Guaraní*, de Antonio Ruiz de Montoya (2011 [1639]);
- *Vocabulario de la Lengua Guaraní*, de Antonio Ruiz de Montoya (2002 [1640]);
- *Vocabulário Guarani Português*, de Mario Arnaud Sampaio (1986);
- *Dicionário Guarani Português*, de Luíz Caldas Tibiriçá (1989);
- *Diccionario castellano-guarani; guarani-castellano*, de Antonio Guasch e Diego Ortiz, (2001);
- *Dicionário Guarani-Português/ Português-Guarani*, de Cecy Fernandes de Assis (2008).

Apresentamos, para conhecimento as imagens das capas de cada uma dessas obras e, em seguida, uma breve resenha a respeito de cada uma.

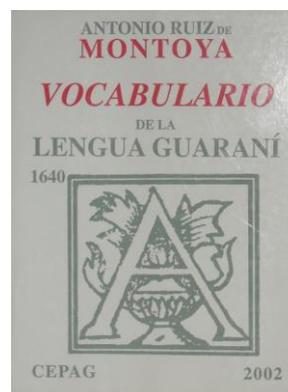
⁵¹ Tomamos como ponto de partida as obras de Montoya porque o “Tesoro” teve sua primeira edição em 1639, e o “Vocabulario”, em 1640.

Figura 04 – Capa Montoya (2011)



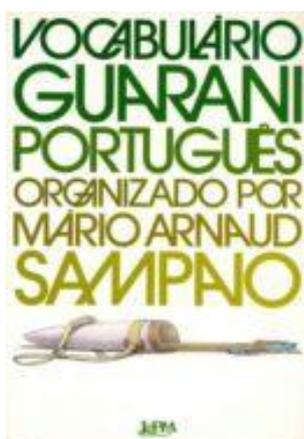
Fonte: A própria autora.

Figura 05 – Capa Montoya (2002)



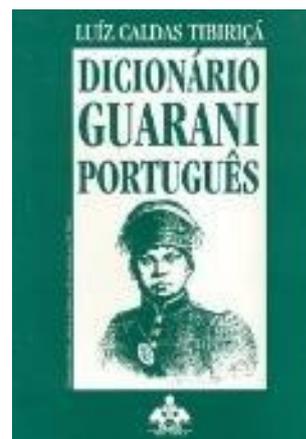
Fonte: A própria autora.

Figura 06 – Capa Sampaio (1986)



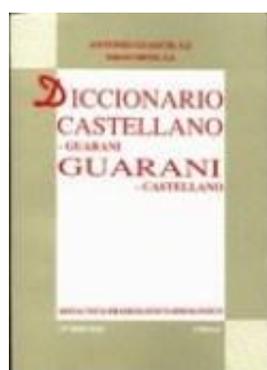
Fonte: A própria autora.

Figura 07 – Capa Tibiriçá (1989)



Fonte: A própria autora.

Figura 08 – Capa Guasch & Ortiz (2001)



Fonte: A própria autora.

Figura 09 – Capa Assis (2008)



Fonte: A própria autora.

Antes de passarmos às breves resenhas de cada obra, consideramos relevante retomar alguns pressupostos básicos da lexicografia – apenas aqueles necessários a uma compreensão mínima dessas obras. Para isso, recorreremos, inicialmente, às palavras de Biderman (2001), que, discutindo sobre “arquitetura, métodos e técnicas” de dicionários contemporâneos, afirma:

Um dicionário é um produto cultural destinado ao consumo do grande público. Assim sendo é também um produto comercial, o que o faz diferentes de outras obras culturais. É preciso igualmente considerar que o dicionário deve registrar a norma linguística e lexical vigente na sociedade para o qual é elaborado, documentando a práxis linguística dessa sociedade (BIDERMAN, 2001, p.132).

É preciso assinalar que a lexicógrafa tinha em vista, com essa afirmação, os dicionários de língua, monolíngues. Acreditamos, entretanto, que o teor da afirmação pode ser considerado também, de modo amplo, em relação aos dicionários bilíngues. Um dicionário bilíngue também é um produto cultural, também, é um produto comercial e também, em geral, deve registrar a norma em vigor da sociedade a que se destina. Assim, fica evidente que dicionários do passado que registravam a norma literária tinham concepções distintas do que se tem hoje – em outras palavras, a ideia hoje é documentar principalmente aquilo que se usa e não uma norma do passado, em desuso e restrito apenas à literatura.

Apenas a título de parâmetro, lembramos a classificação que a autora faz dos dicionários baseada no “total de entradas ou verbetes repertoriados”: i) dicionário padrão – 50 a 70 mil palavras-entrada; ii) dicionário escolar – 25 mil palavras-entrada aproximadamente; e iii) dicionário infantil – 10 mil palavras-entrada. Registramos, no entanto, que a nomenclatura de 50 a 70 mil palavras-entrada para que um dicionário seja considerado do modelo padrão refere-se às modernas línguas europeias (BIDERMAN, 2001, p.133).

Hartmann e James⁵² (*apud* FARIAS, 2010) definem o “dicionário bilíngue” como “um tipo de dicionário que relaciona os vocabulários de duas línguas por meio de equivalentes de tradução”. Esses mesmos autores explicam que “os parâmetros que devem nortear a concepção e o desenho de um dicionário bilingue são, por um

⁵² HARTMANN, Reinhard Rudolf Karl; JAMES, Gregory. *Dictionary of Lexicography*. London: Routledge, 2001.

lado, a *direção* (da língua “A” para a língua “B”/ da língua “B” para a língua “A”), a *função* (passiva ou ativa) e o *usuário* (falante nativo da “LA” – língua A ou da “LB” – língua B) e, por outro lado, a *anisomorfia* entre as línguas envolvidas.

O parâmetro da *direção* diz respeito ao fato de se considerar a língua materna do consulente como língua de partida ou como língua de chegada. A *função* tem a ver com o tipo de tarefa que se pretende realizar com o auxílio do dicionário – se o usuário pretende apenas traduzir (decodificar), diz-se que o dicionário tem função *passiva*; se, por outro lado, o usuário pretende produzir, escrever (codificar) a partir da consulta à obra, diz-se que o dicionário tem função *ativa*. O parâmetro *usuário* tem a ver com a clara e rigorosa delimitação do público para o qual o dicionário será destinado.

Já o *anisomorfismo* refere-se ao fato de não haver correspondência direta entre determinadas formas e estruturas de duas línguas. Farias (2010) lembra que “o anisomorfismo, embora também possa ser verificado entre línguas com similaridades tipológica (traços característicos) e genética (parentesco etimológico), é mais visível entre línguas que divergem tipológica e geneticamente [...]”

Passemos, então, a uma breve resenha dos dicionários, na medida do possível tendo em vista esses “parâmetros”.

No *Tesoro de La Lengua Guarani*, de Montoya (2011[1639]) não há informação a respeito do número de entrada. Entretanto, de acordo com Dietrich⁵³ (*apud* CHAMORRO, 2009, p. 94), seriam “[...] 5.500 entradas mais umas 580 palavras que não têm entrada própria [...]”⁵⁴. A *direção* é única, guarani-castelhano, o que torna a obra, do ponto de vista da direção, do tipo *passivo*, ou seja, pode auxiliar o *usuário* da língua castelhana na decodificação da língua guarani.

Na obra há um longo texto de Bartomeu Meliá contendo uma introdução e muitas notas. Nesse texto há informações sobre o autor (Montoya), sobre os procedimentos de elaboração da obra, sobre suas diversas edições, entre outras. A maioria dos verbetes apresentam informações sobre as várias possibilidades de sentido e uso do vocábulo. Os verbetes⁵⁵ que seguem são exemplos disso.

⁵³ DIETRICH, Wolf. La importancia de los diccionarios guaraníes de Montoya. In: *Amerindia*, revue d'ethnolinguistique amérindienne, “La ‘découverte’ des langues et des écritures d’Amérique”. AEA, Centre National de la Recherche Scientifique, 1995b, p. 287-299.

⁵⁴ “[...] 5500 entradas, más unas 580 palabras que no tienen entrada propia [...]”

⁵⁵ Para ilustração desses verbetes, optamos pela digitalização dos mesmos haja vista a extensão e a quantidade de símbolos gráficos presentes no texto. Já em relação aos demais exemplos, por serem

Figura 10 – Verbete *apekũ*
(Montoya, 2011)

aɸ ni
lengua »iñ-; o-«; *apekũ a'yi* agallar; *apekũ sã* frenillo de la lengua; *apekũ pyryrĩ* lengua expedita; *pejeapekũ momby pendapichára reko avyky'e'ỹmo* refrenad la lengua para no tratar de vuestros prójimos; *ase apekũ momby yva hái*; *poroapekũ momby yva hái*; /*yva hái porokũ mbicha* frunce la boca la fruta verde; >(ai)picha; [mbicha]/; *che apekũ atã* no tengo lengua expedita; *añemboapekũ apakua guiñe'ẽnga* hablar estropajosamente; *yga pykúita apekũ* el lomo del remo; >kũ; (ai)picha; [mbicha]. [Ápēcũ. 49:1-2]

Fonte: A própria autora.

Figura 11 – Verbete *puku*
(Montoya, 2011)

puku largo; *che puku* soy largo, y tardío »i-; o-«; *puku ete* muy largo; *puku atã* no muy largo; *puku mirĩ* medianamente largo; *puku puku* muy largo; *puku'ĩ*; *puku serĩ* un poco largo; *che puku evapóne* detendreme allá; *estará largo*; *che puku ijayóvo* soy flemático en hacer; *deténgome* en hacerlo; *ipuku oñe'ẽnga* es largo en hablar; *ake puku* duermo mucho; *añemombuku guiñe'ẽnga* heme alargado en hablar; >mbuku; *pira puku*; *porombuku*; [pypuku]; *yvype vusu*; *yvype puku*. [Pucú. 323:1-2]

Fonte: A própria autora.

Figura 12 – Verbete *teko* (Montoya, 2011)

teko ser; estado de vida; condición; estar; costumbre; ley; hábito; *che reko* mi ser; mi vida, condición »h-; gu-«;
 />**teko'a'** cogerle su costumbre; imitar; *che reko'a* me imita/; / *aheko'a* yo le imito; *aheko'aruka* hacer que le imite; >*heko'a*/; *ñande remieko'arāma Iesu Christo Ñ. J.* el que hemos de imitar es Jesús Cristo nuestro Señor; >(')*a'* (-r-); *heko'a*;
 />**teko'a'**² suerte; caer suerte/; *che reko'a* yvy *katupyrype* cayome la suerte en buena tierra; *christianos reko pype pendeko'a* cayoos la suerte de cristianos, entre cristianos; *teko katupyry pype che reko'a* cayome muy buena suerte; *che rory katu yvy katupyry pype nde reko'ary* huélgome que os haya caído en suerte tan buena tierra;
 />**teko avy** desigual en tamaño, en parecer, en costumbres; no imitar/; *aheko avy* no le imito; vivo diferentemente; *ojoavy teko rehe* son desiguales; viven diferentemente; >*avy*; *heko avy*;
 />**teko asy** trabajos/; *che reko asy* vivo con trabajos; *añemboeko*

asy heme puesto en trabajos; *che mboeko asy* hanme puesto en trabajos; *teko asy aiporara* padezco trabajos; *ojopokohu kohu che reko asy*; *ojopo jopo che reko asy*; *ojoheve heve che reko asy* llueven sobre mí trabajos; *ojo'a jo'a ete Iesu Christo Ñ. J. reko asy* los trabajos de Jesús Cristo fueron muchísimos; *teko asy reroosā ngatuhára*; *teko asy rerokuimba'e jára* sufridor de trabajos; *o'yvove teko asy che hu*; *oñomboorypápe teko asy ou chéve*; *onduru nduru oívo teko asy che hũa* de romanía han caído sobre mí trabajos; >*asy'*; *tasy'*;
 />**teko aguyjei** salud/; *che reko aguyjei* estoy bueno; tengo placer, salud, etc.; *nache reko aguyjei te ruguāi* no ando muy bueno; *Tupā tande mboeko aguyjei* Dios te dé salud; *teko aguyjei toguereko he'i ndéve* dice que Dios te dé salud; *nache mboeko aguyjei che pohanō'e yma* no estoy bueno porque no me curan; *teko aguyjei añō hecha potapy* el tiempo próspero trae muchos amigos; *nde reko aguyjeihámo aiko* soy tu amparo; >*aguyjei*;
 />**teko ai** costumbre/; *che reko ai misa rendu* tengo costumbre de oír misa; *añemboeko ai misa rendu* acostúmbrome a oír misa; *che reko ai aipo* esa es mi costumbre; *teko ai poch'y japu mala* costumbre es el mentir; *eñemboeko ai yme nde ja-*

Fonte: A própria autora.

Especialmente o último verbete, que tem como entrada a lexia *teko*, é exemplo de como o autor da obra primou pela quantidade de informações, pelas possibilidades de uso da palavra, pelas expressões associadas a ela. Esse verbete ocupa mais de cinco páginas do dicionário.

O *Vocabulario de La Lengua Guarani*, de Montoya (2002 [1640]) também não informa a quantidade de entradas, mas, de acordo com Chamorro (2009, p. 94), “[...] na versão de 2002, o *Vocabulario* tem 13.196 entradas em castelhano, seguidas em

sua maioria, por palavras ou frase muito breves em guarani”⁵⁶. Os três verbetes transcritos a seguir comprovam essa afirmação:

danza, jeroky.

ladrón, mundara; mundahara; ipoichãva’e; ipo pinda.

quebrar la palabra dada, oñe’ẽ ohake’o; nomboajéi oñe’e; ambojeapa che ñe’engue.

Nessa obra a *direção* é única (e contrária à do *Tesoro*): castelhano-guarani. Pode, portanto auxiliar o *usuário* a codificar em guarani (ou, para falantes de guarani, decodificar o castelhano) De acordo com o próprio Montoya, as obras se complementam, já que o usuário pode descobrir o vocábulo ou expressão em guarani consultando o *Vocabulario* e depois obter mais informações sobre esse mesmo vocábulo ou mesma expressão no *Tesoro*. Isso porque, como demonstramos, por meio dos exemplos de verbetes, no *Tesoro*, em muitos verbetes há informações extensas e ricas como as de enciclopédias. Em síntese, a ideia é que o *Vocabulario* leve o usuário ao *Tesoro*.

Nessa obra há ainda uma extensa introdução na qual se explica, por exemplo, que ela tem sido atualizada a partir das novas edições e, em razão disso, muitas palavras foram excluídas e outras ganharam entrada própria.

O *Vocabulário Guarani Português*, de Sampaio (1986), também não informa o número de entradas, mas, por estimativa, chega-se ao número de 9.200. Como se observa, uma nomenclatura bastante reduzida. A *direção* é única, guarani-português, o que torna a obra do tipo *passivo*, ou seja, pode auxiliar na decodificação da língua guarani. O *usuário* ideal deste vocabulário é o falante de língua portuguesa.

Nessa obra não há apresentação e o autor, de início, faz apenas algumas considerações a respeito do que ele chama de “pronúncia”. No início de cada seção, antes de apresentar as entradas de cada letra do alfabeto, o autor registra mais informações sobre os sons e uso das letras, o que pode ser considerado positivo. Antes da letra “K”, por exemplo, ele explica: “A consoante K tem o som que lhe é próprio. Substitui o C e o Q do português. É usado o K na frente de todas as

⁵⁶ “En la versión de 2002, el *Vocabulario* tiene 13196 entradas en castellano, seguidas en su mayoría, por palabras o frases muy breves en guaraní”.

vogais simples ou nasais” (SAMPAIO, 1986, p. 79). Essa obra ainda traz um anexo intitulado *Palavras selecionadas por similaridade* no qual apresenta alguns conjuntos de palavras associadas a campos semânticos como tempo, corpo humano etc. Não se encontra, nesse trabalho, qualquer consideração sobre variedades dialetais, o que poderia ser importante em se tratando de uma língua a qual se associam dialetos ou variantes. A título de exemplo, segue a transcrição de dois verbetes:

Guãimipajé. Feiticeira. Bruxa.

Mondahá. Ladrão. Gatuno.

No que se refere à microestrutura dos verbetes, observamos que, como nos exemplos, a maioria traz apenas a tradução das palavras para a língua portuguesa, sem nenhuma outra informação gramatical, marcas de uso ou exemplos.

O *Dicionário Guarani Português* (1989), de Tibiriçá, também não informa o número de palavras-entrada mas, também por aproximação, chegamos ao número de 9.000, nomenclatura ainda mais reduzida que a de Sampaio (1986). Da mesma forma que o anterior, a *direção* é única, guarani-português, o que torna a obra do tipo *passivo* e o usuário ideal deste dicionário é o falante de língua portuguesa.

O autor afirma, em uma seção intitulada “O porquê deste dicionário”, que “o belo e harmonioso idioma de nossos irmãos paraguaios e de nossos velhos bandeirantes está tão vivo quanto nos primórdios de nossa Conquista”. Essa obra apresenta também uma seção intitulada “Rudimentos de gramática guarani”, e, como no dicionário anteriormente analisado, não se encontram referências a variedades dialetais. Segue a transcrição de dois verbetes:

arandu – s. sábio, inteligente, instruído.

ocara poty – flor silvestre.

Em geral, ou seja, em todo o dicionário, assim como nos exemplos transcritos, a microestrutura é bastante resumida. Para a maioria das entradas existe a informação sobre a classe de palavra, ou se são sufixos ou posposições, mas não está claro o porquê da ausência dessa informação em vários verbetes. Raramente há exemplos de uso das palavras.

No *Diccionario castellano-guarani; guarani-castellano*, de Guasch e Ortiz (1998), também não localizamos a informação sobre o número de palavras-entrada, mas chegamos, por estimativa, ao número de 26.000. Esse dicionário tem duas *direções*: castelhano-guarani e guarani-castelhano, podendo, por isso, ser classificado como *ativo* e *passivo* já que auxilia o consulente em tarefas de decodificação e codificação. Como a parte mais extensa é a primeira, castelhano-guarani, (503 páginas em contraste com 292 páginas na segunda parte), pode-se afirmar que o *usuário* ideal seria o falante de guarani.

Esse dicionário é uma obra impressa pelo Centro de Estudios Paraguayos e, ainda que não esteja esclarecido na introdução, pressupomos que a variedade considerada na elaboração da obra é a do guarani paraguaio. Como esse dicionário é constituído de duas partes, seguem a transcrição de quatro verbetes, dois de cada direção, como exemplo de sua microestrutura:

barro: *tuju, yvyhũ, ña'ũ*; b. blanco: *tovaĩ*; b. colorado: *tujupytã*; b. de loza: *ñai'ũ*; amassar b. (*a*)*tujuapatuka*.

conversacion: *ñemongeta*.

ãngue: alma, espírito, sombra, aparición del difunto (creencia popular).

ka'aguy: bosque, selva, monte.

Apesar de poder ser considerado mais completo, com o maior número de palavras-entrada, de possuir duas direções, e de registrar, como no primeiro verbe transcrita, algumas expressões a partir da palavra-entrada, o dicionário praticamente não oferece informações gramaticais nos verbetes.

Por fim, no *Diccionario Guarani-Português/Português-Guarani*, de Assis (2008), encontramos a informação de que o dicionário possui 18.000 verbetes. Como o título faz pressupor, trata-se de um dicionário de duas direções: guarani-português e português-guarani, o que o inclui nos tipos *passivo* e *ativo*. Pode, por isso, ser útil ao consulente que precisa decodificar ou codificar. O usuário ideal deste dicionário é o falante de língua portuguesa.

Na apresentação desse dicionário, há a informação de que, apesar da padronização da escrita, levaram-se em conta as variantes dialetais. Não há, no

entanto, outras explicações sobre isso – de quais sejam, por exemplo, essas variantes. Seguem, dois exemplos de verbetes de cada parte do dicionário:

Aguardar – (vb). (a)ha'arõ. Aguarde-me, um pouco, aqui. Che ra'arõmína ko'ape.

Barro – (subst) tuju, ñay'u, ñai'u. **Barreiro**. Tujukua, karugua, apasuru.

Kamiõ – (subst) (emprés) (transp), caminhão, veículo motorizado para transporte de cargas pesadas.

Mondýi – (subst) susto, espanto.

Observando a microestrutura desse dicionário, podemos constatar que, em geral, em relação aos outros dicionários de guarani citados, também há poucas informações gramaticais em cada verbete e poucos em que aparecem exemplos de uso. Nessa obra, pode chamar atenção do consulente a quantidade elevada de empréstimos registrada pela autora. Alguns problemas podem ser encontrados no dicionário, como por exemplo, a aparente falta de critério para a escolha dos *lemas* ou *entradas* do dicionário (o que, aliás, pode ser observado nas outras obras também).

Além dos parâmetros da *direção* e da *função*, outro proposto por Hartmann & James (*apud* FARIAS, 2010), para a análise de dicionários bilíngues, conforme mencionado é a *anisomorfia* entre as línguas envolvidas. Com intuito de esclarecer um pouco melhor essa questão, recuperamos aqui as palavras de Alcaraz⁵⁷:

Anisomorfismo é o oposto de isomorfismo, termo este muito usado durante muito tempo nos estudos de linguística, sobretudo durante o auge do estruturalismo. Isomorfismo quer dizer simetria ou paralelismo entre dois sistemas linguísticos; conseqüentemente anisomorfismo significa assimetria (Tradução nossa)⁵⁸.

⁵⁷ ALCARAZ, Enrique. Anisomorfismo y lexicografía técnica. In: *Las palabras del traductor*. Universidade de Alicante. Disponível em http://cvc.cervantes.es/lengua/esletra/pdf/02/021_alcaraz.pdf. Acesso em 02 de dezembro de 2014.

⁵⁸ Anisomorfismo es lo opuesto a isomorfismo, término éste muy querido durante mucho tiempo en los estudios de lingüística, sobre todo durante el auge del estructuralismo. Isomorfismo quiere decir simetría o paralelismo entre dos sistemas lingüísticos; consecuentemente, anisomorfismo significa asimetría.

Não há, nas obras aqui arroladas, nenhuma advertência ou comentário a respeito do princípio do anisomorfismo. Não é possível verificar se os autores têm em mente esse critério. Podemos lembrar que, em princípio, tudo pode ser traduzido de uma língua para outra, mas não se pode falar em correspondência idêntica – o melhor é falar em equivalência.

É preciso assinalar ainda que qualquer consulente com alguma noção de lexicografia poderia esboçar várias críticas a algumas dessas obras (à exceção talvez das de Montoya, tidas como preciosas contribuições para a língua guarani) – pela falta de padronização de informações, pela ausência de marcas de uso, pela ausência de um sistema de remissão bem elaborado, por exemplo, entre outros problemas. A referência e a utilização dessas obras neste trabalho, no entanto, se justifica por serem elas o material disponível mais acessível e utilizado atualmente sobre língua guarani. Vale registrar ainda que Assis (2008), uma das autoras citadas, menciona a comunidade de Porto Lindo como um dos locais de coleta de material para a sua obra.

Além dos dicionários de língua guarani, em razão da presença significativa de empréstimos, foi necessária também a consulta a dicionários de língua espanhola, sendo que a referência foi o *Señas – Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños* (2010). Já no que se refere aos dicionários de língua portuguesa, consultamos o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2001) e o *Novo Aurélio da Língua Portuguesa – Século XXI – versão eletrônica* (FERREIRA, 2000). Dos dois últimos, o segundo, foi utilizado apenas para confirmar as informações, e por essa razão não aparece no texto.

Na sequência, no capítulo quatro, passamos à primeira parte da análise dos dados, coletados por meio das entrevistas com questões abertas.

CAPÍTULO 04 – ANÁLISE DOS DADOS: O QUE DIZEM OS INDÍGENAS

4.1 Preliminares

Os dados que constituem o *corpus* deste trabalho, conforme já mencionado, especialmente no capítulo em que apresentamos os procedimentos metodológicos, foram obtidos basicamente por meio de entrevistas com questões abertas e por meio de entrevistas para preenchimento de dois formulários com os quais coletamos amostras do léxico que seria utilizado pelos dois subgrupos étnicos.

Neste capítulo, destinado à análise dos dados, examinaremos as respostas às questões abertas, que, neste trabalho, versam especialmente sobre língua, e, portanto, são, de certa maneira, questões metalinguísticas. Nessa parte da análise, na medida do possível, dispomos as respostas e/ou os depoimentos de forma a ser possível a comparação das opiniões dos informantes dos dois subgrupos, que é a proposta do trabalho. Destacamos que as considerações sobre os dados lexicais serão apresentadas no capítulo seguinte.

4.2 Impressões sobre o outro e sobre as línguas

Nesta seção do trabalho, analisamos os dados que se constituem das respostas das cinco questões “abertas”, com as quais procurávamos coletar informações referentes às impressões e às opiniões dos informantes sobre temas ligados, sobretudo à cultura e às línguas (língua materna e segunda língua). São as seguintes as questões feitas aos informantes:

1. Você acha que existem diferenças entre os índios Guarani Ñandeva e os índios Guarani Kaiowá aqui de Mato Grosso do Sul no que se refere ao modo como vivem, como se comportam? Se existem diferenças, você pode citar exemplos?

2. Você acha que existem diferenças linguísticas entre os índios Guarani Ñandeva e os índios Guarani Kaiowá aqui de Mato Grosso do Sul? Se existem diferenças, você pode citar exemplos?
3. Você acha importante preservar a língua Guarani Kaiowá (ou Guarani Ñandeva) e transmitir às crianças da sua comunidade? Por quê?
4. Você considera importante que as crianças da sua comunidade aprendam a língua portuguesa? Por quê?
5. Você já observou algum tipo de preconceito em relação a sua língua materna? Se já, em quais situações?

O objetivo das questões é fornecer, a partir de suas respostas, um breve panorama acerca do que os indígenas declaram sobre suas próprias culturas e línguas e sobre a cultura e as línguas do outro, entre outros temas. Convém mencionar que antes de conversarmos com os informantes a respeito das questões postas, preenchemos uma ficha de identificação com nome, apelido, idade, estado civil, entre outros dados pessoais. Ainda antes dessas questões, perguntamos também como nossos informantes se autodenominavam e qual (is) língua(s) eles falavam e com quem falavam cada uma.

No que se refere à autodenominação, as respostas foram sempre “Eu sou Guarani” (ou “Eu sou Guarani Ñandeva”) ou “Eu sou Kaiowá” (ou “Eu sou Guarani Kaiowá”). Como vimos, no capítulo em que apresentamos os pressupostos teóricos, as sociedades indígenas, por muito tempo foram pressionadas a negar sua identidade como forma de sobrevivência. Não se assumir como índio representava uma possibilidade de conseguir mais respeito na sociedade em geral. Mas vimos também que a identidade de uma pessoa não é única, não é fixa, não é sólida (RAJAGOPALAN, 1998 e HALL, 2004). Ela pode se alterar conforme os acontecimentos que envolvem os grupos humanos.

Assim, se no passado era mais difícil assumir-se como índio, hoje a julgar pelas declarações dos informantes, muitos indígenas estariam mais seguros e confiantes. Ter direito a ser índio é uma reconquista que vem sendo construída recentemente, nas últimas décadas, entre outros motivos pelo maior acesso dos indígenas à instrução formal, o que auxilia na conscientização do direito à cidadania. Apesar disso, é preciso considerar que, ainda que os direitos estejam formalmente

garantidos à população indígena por meio da legislação, há um longo caminho a ser percorrido até que essa população, de fato, possa usufruir desses direitos.

Os indígenas que participaram de nossa pesquisa demonstram que estão francamente convencidos da importância de preservar a identidade cultural e sabem que a língua é o elemento cultural dos mais importantes. Quando questionados sobre as línguas que utilizam, verificamos que todos os que se autodenominam Guarani Kaiowá afirmam que falam guarani kaiowá com os familiares e com outras pessoas que sabem essa língua; entre os Guarani Ñandeva, a situação é a mesma, entretanto, afirmam que sua língua materna é o guarani (ou guarani ñandeva). O português é utilizado para a interação com todas as outras pessoas que não sabem a língua indígena. Acrescentamos ainda que, entre os informantes Guarani Ñandeva, dois declaram que sabem também espanhol – aprendido pelo contato com alguns amigos paraguaios. De certa forma, voltamos a essa questão mais adiante, quando examinamos as declarações sobre as diferenças linguísticas entre os dois grupos. Antes, porém, começemos com as diferenças e semelhanças mais gerais entre os dois subgrupos.

4.2.1 Sobre as diferenças culturais em geral

A antropóloga Landa (2005, p. 68), embora tenha optado, em sua pesquisa, por não tratar exatamente das diferenças, destaca:

O tratamento generalizante feito até recentemente pelos pesquisadores ao tratar dos Guarani, termo também generalizador amplamente utilizado para denominar os vários grupos contatados desde o século XVI, findou por criar uma entidade monolítica na qual as diferenças desaparecem em favor de uma homogeneidade inexistente. Não se está negando as semelhanças, também amplamente verificadas através dos documentos históricos, pelos dados arqueológicos e pelas pesquisas etnográficas [...].

Como se verifica na citação, a autora chama a atenção para o fato de os Guarani serem tratados por pesquisadores como um grupo único e homogêneo, que eles, na realidade não são. Pressupomos, então, que se existem as semelhanças, as especificidades também existem e devem ser consideradas, ideia que temos defendido neste trabalho.

A mesma autora acrescenta ainda que “estudos detalhados para detectar estas diferenças ainda não foram empreendidos, assim como os diferentes subgrupos Ñandeva, Kaiowá e Mbyá não foram suficientemente estudados para que seja possível a realização de comparações intra e inter-parcialidades” (LANDA, 2005, p.89). Nesse sentido, conforme já mencionado, esta pesquisa é um estudo de comparação “intra e inter-parcialidades”, já que comparamos dados obtidos no interior do mesmo grupo e dados obtidos de dois subgrupos Guarani diferentes.

Antes de passarmos exatamente a análise das falas, convém esclarecer que perguntar a uma pessoa se ela se acha diferente da outra ou se seu grupo é diferente de outro grupo é também pedir que se posicione, que mostre uma atitude. E, nesse sentido, entendemos que as questões metalinguísticas também se relacionam com as crenças e atitudes dos falantes, quando entendemos o termo atitude da mesma forma que os representantes da Psicologia Social, Lambert e Lambert (1966, p. 77): “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”.

No que se refere às possíveis diferenças entre os subgrupos, com a primeira questão, perguntamos aos indígenas Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá se eles acreditam que elas existem e de que natureza seriam. Verificamos que inicialmente (quando a conversa não está sendo gravada) são unânimes ao afirmar que elas existem, que “Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá são grupos muito distintos entre si”. Depois, no entanto, nem sempre são capazes de dizer, ou não querem dizer, de que natureza são essas diferenças. Os trechos a seguir são exemplos de respostas a essa primeira questão.

1. Na minha opinião tem pouca diferença, mas a maioria das pessoas aqui na comunidade ainda tem nossa fala, nossa cultura, nossa crença, nosso mito. Os guarani não. Mas a gente já combinou que quando a gente se encontra – a gente estuda junto na universidade, né? – a gente já é igual mesmo. Mas não, também não é assim... cem por cento igual. (Antonio, Guarani Kaiowá)

2. Tem sim. Kaiowá fura lábio. Queria fazer tudo com a boca furada [*refere-se aos filhos homens*], mas aquele homem que fazia, Pai Chiquito, morreu. Ninguém mais faz. É complicado. Se não sabe fazer, se não faz a reza, é perigoso, criança morre. Ichi! É complicado... (Irani, Guarani Kaiowá)

3. E tem os Guarani Kaiowá... parece que é muito próximo nosso, mas historicamente não é. Agora que esses grupos estão se encontrando. Mas eram tribos muito diferentes. Os Guarani eram mais agricultores e os Kaiowá eram mais de caça. É muito fácil a gente verificar quem é Guarani Nandeva e quem é Guarani Kaiowá. O jeito de ser e o modo de falar, né? (Orlando, Guarani Nandeva)

4. Eu acho que é diferente. A nossa forma de se relacionar um com o outro é diferente do kaiowá, porque eu convivi um pouco quando eu fiz faculdade, lá em Dourados, e a gente percebe sim a diferença. (...) Por exemplo, nós temos um mito, sobre a história da lua e do sol, para nós, os nossos antigos falam que o sol é irmão da lua, para eles, essa história é diferente... (Marcos, Guarani Nandeva)

No trecho 1, de acordo com o informante, a diferença estaria no fato de que os Guarani Kaiowá, em relação aos Guarani Nandeva, seriam mais tradicionais no que se refere à preservação dos seus elementos culturais. É possível concluir, a partir da fala desse informante, que, em razão do contato dos dois grupos – eles convivem quando estudam na universidade, por exemplo – haveria certa homogeneização (“não cem por cento igual”), mas que seria resultado de uma convenção: “[...] a gente já combinou que quando a gente se encontra [...] já é igual mesmo”.

No trecho 2, a informante Guarani Kaiowá afirma que existem sim diferenças e menciona, como exemplo de diferenciação em relação aos Guarani Nandeva, o que seria uma das principais tradições do seu grupo, o costume de furar o lábio inferior dos meninos para a introdução de um adorno, o *tembeta*. Ela lamenta o fim da tradição, dizendo que não existe mais na aldeia quem saiba realizar a cerimônia. Durante a visita à aldeia Panambizinho, percebemos que, de fato, muitos dos homens adultos e idosos apresentam a perfuração do lábio inferior. Conforme já visto no primeiro capítulo deste trabalho, Schaden (1974, p.19) afirma que, por meio do estudo da mitologia dos povos Guarani, pressupõe-se que o *tembeta* teria sido costume também entre os Nandeva, mas nesse subgrupo teria sido esquecido, em razão do processo de aculturação, há muito mais tempo. A tradição resistiu entre os Kaiowá, mas pelo que se observa hoje, também entre eles, em breve será apenas uma lembrança histórica.

No trecho 3, o informante vai buscar no passado um exemplo de diferença entre os dois grupos, dizendo que os Guarani Nandeva eram mais agricultores enquanto os Guarani Kaiowá eram mais propensos à caça. Ele afirma que é fácil

perceber quem é de um grupo ou de outro, observando o modo de ser e de falar. Não esclarece, não entanto, o que há de diferente no “modo de ser” de cada grupo. Já em relação ao “modo de falar”, na continuação da sua fala, o entrevistado começa a exemplificar as diferenças, mas deixamos esse ponto para o próximo tópico do trabalho. Acreditamos que buscar exemplos de diferenças culturais no passado pode significar que o informante não se lembrou no momento da entrevista ou realmente não percebe diferenças que considera significativas no modo de vida atual.

No trecho 4, o informante cita como exemplo de diferença a compreensão ou a interpretação de um dos mitos sobre a lua e o sol. Ele diz que na cultura Guarani Ñandeva, a lua e o sol são irmãos, mas que a história é diferente para os Guarani Kaiowá (ele não menciona no decorrer da entrevista em que acreditam os Guarani Kaiowá no que se refere a esse mito; diz que não conhece as histórias deles, mas sabe, de ouvir falar, que é diferente). Perguntamos, posteriormente, a outros informantes sobre as diferenças de compreensão em relação ao mitos citados, mas nenhum soube nos dizer se havia ou não diferenças significativas.

A partir das falas, é possível verificar que existe uma clara intenção dos informantes de afirmar que os grupos são diferentes culturalmente. No que se refere a essa questão, mais exatamente à questão da identidade dos povos Guarani, Chamorro (2009, p. 52) explica que dentre os subgrupos Guarani (Mbyá, Ñandeva e Kaiowá), os Ñandeva (ou Chiripá, como também são conhecidos em algumas regiões) se destacam como os mais concessivos diante do outro, cabendo aos Kaiowá a posição intermediária. De modo geral, o que Chamorro registra não foi observado durante essas entrevistas. Ainda que no trecho 1 o informante afirme que os Guarani Kaiowá, em relação aos Guarani Ñandeva, preservam mais a cultura, o contrário também ocorre em outros momentos das entrevistas. Ou seja, os Guarani Ñandeva, ainda que façam questão de evidenciar respeito pelo outro grupo, também asseguram que são Guarani Kaiowá os mais concessivos em relação aos seus costumes. A esse respeito, um informante afirma: “Eles [os *Guarani Kaiowá*], por exemplo, dentro da própria família deles, já costumam falar português” (Orlando, Guarani Ñandeva).

Vale registrar que além das diferenças culturais que os informantes procuraram evidenciar em suas falas, também observamos respostas nas quais

foram mencionadas outros tipos de diferenças percebidas pelos informantes. O trecho seguinte é um exemplo.

5. Em termos de comportamento eu nunca acompanhei, porque quase não tenho contato de convivência com os Kaiowá, mas tenho uma cunhada, que mora em Dourados, que é Kaiowá. A fisionomia é diferente. Acho que o cabelo deles é diferente, o rosto também. Para mim, não tenho certeza, mas parece que eles têm o rosto bem mais arredondado... (Dora, Guaraní Nandeva).

Nesse trecho 4, as diferenças de que a informante consegue se lembrar são as relacionadas ao biótipo, isto é, as características físicas. Mas não deixa de ser uma declaração que nos interessa uma vez que registra também a impressão de diferença.

Assim, verificamos que, em todas as falas, há menção a (ou ao menos a tentativa de mencionar) algum elemento que distinguiria os dois subgrupos étnicos. É preciso assinalar, entretanto, que nos trechos 1 e 3, há pressupostos que apontam para um processo de homogeneização das duas etnias em razão do contato entre elas. No trecho 1, conforme assinalado, o informante diz, em outras palavras, que os grupos já aceitaram ser iguais; no trecho 3, o informante diz que “[...] esses grupos estão se encontrando”, o que pode ser entendido como “as culturas desses grupos estão se aproximando”.

4.2.2 Sobre as diferenças linguísticas propriamente ditas

A segunda questão, conforme mencionado, procurava coletar informações a respeito da percepção de diferenças linguísticas entre os subgrupos. Pretendíamos averiguar se, de fato, um subgrupo se considerava diferente linguisticamente do outro.

A respeito desse assunto sempre ouvimos opiniões dos falantes de língua indígena da região pesquisada e dos não falantes acerca dessas diferenças, mas não temos conhecimento de muitos trabalhos que tratem disso de forma mais sistematizada. Durante nossa pesquisa bibliográfica, tivemos conhecimento da pesquisa de Maria de Lourdes Cáceres Nelson (2011), indígena da etnia Guaraní, professora e diretora de escola. Trata-se de um TCC - Trabalho de Conclusão do

Curso (de Licenciatura Indígena), que procura retratar algumas diferenças linguísticas percebidas por ela que convive com falantes dos dois subgrupos no município de Amambai/MS, onde mora e trabalha. Segundo a professora, “[...] o Kaiowá fala “ñevanga” e o Guarani diz “ahuga”(empréstimo do espanhol) para o verbo “brincar”; mas tanto um grupo como o outro entendem a mesma coisa”. Nesse trabalho a professora trata também da variação que ocorre entre a fala dos mais jovens e dos idosos da comunidade pesquisada, assunto que, por questão de delimitação, não é discutido em nosso trabalho. O trabalho de Nelson (2011) é bastante introdutório (inclusive por tratar-se de um TCC), mas traz o mérito de introduzir e chamar a atenção para o tema

De acordo com a professora, no trecho transcrito, apesar das diferenças, existe a mútua inteligibilidade entre os grupos, que seria um dos critérios propostos por linguístas para considerar dois sistemas de comunicação como dialetos. Se os falantes usam sistemas em que se observam diferenças, mas se entendem mutuamente é porque estariam utilizando a mesma língua. No entanto, conforme já discutido no referencial teórico deste trabalho, o critério da mútua inteligibilidade não é realmente válido, assim como nenhum outro (em termos linguísticos) para diferenciar língua de dialeto.

Com o objetivo de verificar as impressões dos informantes acerca das diferenças linguísticas, fizemos a eles, então, a segunda questão. A partir dessa questão, alguns informantes nos relataram que é possível saber a qual etnia pertence o falante pela maneira como ele fala e arriscam uns exemplos de diferenças (a maioria fonética ou lexical), como se observa nos trechos de entrevista a seguir.

6. Guarani já é fronteira, tem influência do espanhol. Não é bem combinado. Você reconhece a palavra do Guarani e a palavra do Kaiowá. Guarani fala meio pesado a língua. Kaiowá também carrega na língua, na palavra, aquele “y”, né? Por exemplo, os Guarani falam *ndejara* e os kaiowá falam *ndejary* (Antonio, Guarani Kaiowá).

7. Eu não tenho nada contra a pessoa ser guarani. Acho que é igual. Mas a língua é diferente sim, não sei por que estão usando palavra emprestada do espanhol. Quando tem reunião e alguém fala o kaiowá puro tem Guarani que tira o sarro, fala que é palavra antiga. Até Kaiowá (Rosa, Guarani Kaiowá).

8. Eles [os Kaiowá] usam muito mais empréstimos. E a língua Guarani Nandeva, não. Ela está muito mais preservada. Mas o

Kaiowá, a língua deles, é uma língua muito bonita também. Muitos significados são diferentes. A fala pode ser quase igual, mas os significados muito diferentes (Orlando, Guarani Nandeva).

9. A fala é que é muito diferente, não é? Tem algumas palavras que é bem diferente mesmo. No sotaque, na pronúncia, na escrita de algumas palavras. No que você conversa você já sabe diferenciar. A gente fala *hae'kuera* e eles falam *hae'kuery*; eles usam muito mais o Y que a gente (Dora, Guarani Nandeva).

10. Eu tenho amigo que morou na aldeia Panambizinho e quando eu chegava lá para visitar e que o pessoal conversava na língua deles mesmo, eu não entendi nada! Quer dizer, algumas palavras só que eu entendia. Maior parte é muito diferente (Marcos, Guarani Nandeva).

No trecho 6, o informante afirma que os índios Guarani Nandeva são os que moram na fronteira, referindo-se à fronteira com o Paraguai (ver mapas 01 e 02 neste trabalho), e que esses têm em sua língua influência da língua espanhola. Segundo ele, é possível reconhecer o modo de falar de um e de outro grupo étnico. O informante menciona também o fato de os Guarani Kaiowá usarem mais o som representado pela letra “y” em palavras como *ñandejara/nãdejary* (Nosso Senhor, Deus). Apesar do cuidadoso senso de ética que observamos entre os informantes quando um grupo étnico se refere ao outro, no início do trecho, percebemos a intenção de dizer que a língua do outro talvez não seja tão boa: “[...] tem influência do espanhol”, “não é bem combinado”, “Guarani fala meio pesado a língua”. Depois, no entanto, o informante ameniza o possível tom de crítica, dizendo que “Kaiowá também carrega na língua” e termina de forma mais neutra, apontando um exemplo de diferença.

No trecho 7, a informante diz que os subgrupos Guarani Nandeva e Guarani Kaiowá são iguais, mas a língua é diferente. Ela também questiona o fato de os Guarani estarem usando muito empréstimo do espanhol e que falar o Guarani Kaiowá “puro”, que, ao que parece, na opinião dela, é variante das pessoas mais idosas, é motivo de risos por parte dos Guarani Nandeva e até mesmo por parte dos Guarani Kaiowá. Sobre essa fala, é preciso lembrar, conforme já mencionamos no referencial teórico deste trabalho, que todas as línguas em uso, indígenas e não indígenas, variam e mudam com o tempo. Desejar que uma língua permaneça em estado de pureza é uma pretensão ilusória, que atualmente não encontra respaldo entre os estudos linguísticos; não é necessário e nem possível que uma língua

permaneça pura, como se estivesse congelada. Uma das características das línguas “vivas” mais facilmente observadas é o fato de elas serem dinâmicas.

Apesar disso, compreendemos que a menção a um idioma guarani kaiowá “puro” pode ter relação com as preocupações da informante de que sua língua possa vir a se perder com o tempo, como já ocorreu com outras línguas indígenas. Felizmente, como veremos no próximo item desta análise, o nível de transmissão das línguas indígenas com as quais estamos trabalhando é considerado adequado até o momento, o que poderia garantir a sobrevivências dessas línguas – obviamente, não de uma modalidade “pura” das línguas, mas de uma modalidade modificada e (por que não?) enriquecida pelo contato com outras línguas.

No trecho 8, o informante diz que são os Guarani Kaiowá que usam mais empréstimos, o que não aconteceria na língua guarani ñandeva, que estaria mais “preservada”. Nesse trecho, o informante parece apontar para a existência de diferenças semânticas – ou talvez pragmáticas: “A fala pode ser quase igual, mas os significados muito diferentes”. É possível que ele queira dizer que a forma (ou o significante) pode ser igual ou muito parecida, mas funciona diferentemente em cada grupo étnico. Um exemplo disso pode ser o que observamos, entre os dados lexicais, cuja análise será apresentada no capítulo 5: para um determinado item do formulário (“língua”, parte do corpo), todos os Guarani Ñandeva forneceram o vocábulo *kũ*, enquanto todos os Guarani Kaiowá forneceram, para o mesmo referente, o vocábulo *apekũ*. Quando questionamos os Guarani Ñandeva se conheciam o vocábulo utilizado pelo outro grupo, eles responderam que sim, mas que não usavam no mesmo sentido. Isso ocorreu também em relação a outros dados da amostra, como veremos mais adiante (na análise dos dados lexicais).

No trecho 9, a informante Guarani Ñandeva menciona diferenças fonéticas, que nesse caso também se refletem na escrita, e cita novamente, assim como faz o informante Guarani Kaiowá no trecho 6, o uso mais recorrente do “y” entre os falantes de sua etnia. Sobre essa questão, convém mencionar que, durante outros momentos das entrevistas, os informantes citam também o uso de “u” e “w”, “ch” e “x” como exemplos de diferenciação linguística. É preciso considerar, no entanto, que, nesses dois últimos casos, a diferenciação é apenas na escrita e não provoca nem mesmo variação fonética. Ainda assim, os indígenas enfatizam esse tipo de diferença como um fator de fortalecimento da identidade, conforme afirma D’Angelis (2005).

No trecho 10, chama a atenção o fato de o informante Guarani Ñandeva dizer que não entendia “nada” quando os Guarani Kaiowá falavam “na língua deles”. Com essas palavras, ele parece querer marcar que as diferenças linguísticas são muitas, o que, inclusive, impediria a mútua inteligibilidade. Depois, entretanto, o informante modaliza o conteúdo do seu enunciado, ponderando: “Quer dizer, algumas palavras só que eu entendia”. Ou seja, ele entendia ao menos um pouco do que os Guarani Kaiowá falavam. Vale destacar ainda que ao dizer “na língua deles mesmo”, o informante acredita que o outro subgrupo, de fato, tem uma língua própria, diferente da sua.

Esse mesmo informante, no decorrer da entrevista explica que, na verdade, é na língua dos Guarani Kaiowá antigos e sem contato com outros Guarani que poderíamos encontrar mais diferenças. Ele ainda acrescenta:

11. Eu acho que entre eles são os mais antigos que utilizam a fala deles mesmo, em Kaiowá. Porque se tem um Kaiowá entre a gente ele vai falar da forma que a gente fala aqui na aldeia. Tem um Kaiowá que vem aqui e faz uns serviços aqui para mim, que fala igualzinho o que a gente fala, mas porque ele aprendeu com a gente (Marcos, Guarani Ñandeva).

Nesse trecho 9, novamente aparece a menção ao fato de que os idosos deteriam uma variante mais preservada da língua – “[...] são os mais antigos que utilizam a fala deles mesmo”. Mas será que podemos dizer que “a fala deles mesmo” é a variante dos idosos? Ao que parece, essa variante, ao mesmo tempo em que tem certo prestígio, por representar uma tradição que os indígenas dizem que querem ver preservada, às vezes, também é motivo de chacota por parte dos mais novos. Isso demonstra que talvez ainda falte os indígenas – como, aliás, falta a muitos não indígenas também – o esclarecimento sobre alguns aspectos da variação linguística no que tange, por exemplo, ao fato de que é natural que pessoas mais velhas possam falar diferentemente de pessoas mais novas, e isso em qualquer língua. Nesse sentido, acreditamos que “a fala deles mesmo” são todas as falas encontradas na comunidade e não apenas a dos idosos.

Ainda nesse trecho, o informante diz que um Guarani Kaiowá que vem para o meio dos Guarani Ñandeva acaba falando como eles, ou seja, é mais um indício de que o contato resulta em uma espécie de homogeneização, já mencionada por outros informantes. Chama-nos a atenção também o fato de o informante dizer que o

Guarani Kaiowá “aprendeu” com eles, o que pode ser justificado por estar esse indivíduo em meio a uma comunidade relativamente grande de Guarani Ñandeva.

Quanto ao uso de empréstimos, mencionado diretamente nos trechos 7 e 8, verificaremos no capítulo 05, ao analisarmos as amostras lexicais coletadas, que eles são significativos tanto no guarani ñandeva quanto no guarani kaiowá.

Pelo exposto, pressupomos que não é mesmo possível considerar que essas parciaisidades Guarani (Ñandeva e Kaiowá) possam receber um tratamento generalizante que não leve em conta as suas especificidades. Essa população tem consciência e deseja ser reconhecida em sua diversidade cultural e linguística.

No primeiro capítulo deste trabalho, ao apresentarmos informações a respeito da história dessa população, vimos que a “nação” Guarani já foi mais homogênea em suas características linguísticas e culturais. Entretanto, como explicam Meliá (1992) e Rodrigues (2002), os movimentos migratórios afastaram os vários grupos, motivo que por si só já provoca diferenciações. Em outras palavras, se um grupo se afasta, se isola, em relação a outros com os quais tinha relações, naturalmente, com o passar do tempo, desenvolverá novos hábitos, sobretudo linguísticos. Desse modo, é possível falar de um grupo que já foi homogêneo, que se distanciou, e que novamente se aproxima, mas que ainda assim deseja ter suas especificidades preservadas. Apenas esse desejo já seria motivo suficiente para que as diferenças fossem consideradas, mas os dados lexicais, como veremos mais adiante, também apontam diferenças linguísticas objetivas entre os dois subgrupos étnicos.

4.2.3 Sobre a importância da preservação e da transmissão da língua materna

O terceiro assunto sobre o qual conversamos com nossos informantes foi a importância da preservação e da transmissão da língua indígena materna. Os indígenas, dos dois subgrupos étnicos, geralmente, são bastante enfáticos quando falam sobre esse assunto, afirmando que consideram essencial preservar e ensinar a língua materna. Os trechos transcritos a seguir ilustram o padrão de resposta obtido em relação a esse assunto.

12. Sem dúvida é importante preservar a nossa língua! As crianças aqui já nascem falando a língua guarani! (Risos...). Pode observar. Você não vai ouvir nenhuma criança falando, entre elas, o português.

A gente incentiva e ensina a falar em guarani. Nós temos uma cultura diferente, um modo de ser diferente. Tudo bem que hoje nós temos casa de alvenaria, temos móveis, temos carros, mas a nossa língua, nós não vamos deixar não. O que é uma pessoa sem língua? É morto, né? Sem identidade (Orlando, Guarani Ñandeva).

13. A língua para nós é muito importante, inclusive aqui na escola nós ensinamos a língua kaiowá. Todas as crianças aprendem em casa e aqui na escola também a gente ensina. Todo mundo fala kaiowá aqui na Panambizinho e quando sai também. A gente só não fala com quem não sabe falar (Antonio, Guarani Kaiowá).

Conforme se verifica nos trechos 12 e 13, tanto o informante Guarani Ñandeva quanto o informante Guarani Kaiowá são enfáticos no que se refere à importância da preservação e transmissão da língua materna. O que os informantes afirmam, sobre as crianças pequenas falarem a língua materna, pudemos observar pessoalmente durante as visitas nas comunidades indígenas. Muitas, sobretudo aquelas que ainda não vão para escola, só falam a língua indígena, mas, de acordo com outros informantes, existem também aquelas crianças que aprendem português ouvindo rádio e assistindo à televisão.

No trecho 13, o informante menciona a escola como aliada no ensino da língua materna indígena. Da mesma forma, outros informantes, durante conversas informais nos explicam que as escolas alfabetizam em língua materna e só depois começam a trabalhar com a segunda língua, o português. Isso, em princípio, parece contribuir com a vitalidade da língua indígena nessas comunidades.

No que se refere ao grau de vitalidade das línguas, a UNESCO, por meio da publicação do *Atlas das Línguas Ameaçadas* (MOSELEY, 2010)⁵⁹, classifica as línguas em “salva”, “vulnerável”, “definitivamente ameaçada”, “severamente ameaçada”, “criticamente ameaçada” e “extinta”⁶⁰.

Por essa classificação, as línguas indígenas de que estamos tratando estariam salvas, uma vez que os idosos, os adultos, os jovens e as crianças falam essas línguas, ou seja, a transmissão intergeracional tem ocorrido. A situação, entretanto, não é tão simples, uma vez que sabemos que não é possível afirmar que as línguas estão salvas e por isso não há nenhum problema ou risco. Em outros

⁵⁹ Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/languages-atlas>. Acessado em 20 janeiro de 2014.

⁶⁰ Uma língua estaria “salva” quando é falada por todas as gerações e a transmissão intergeracional é ininterrupta, estaria “vulnerável” quando a maioria das crianças fala a língua, mas o uso está restrito a certos domínios, e assim por diante.

momentos das entrevistas, os informantes mencionam a percepção de preconceito em relação ao uso dessas línguas, o que inibe, de certo forma, o uso em alguns contextos. Essa realidade poderia representar, em alguma medida, riscos à língua.

Ainda assim, a julgar pelo discurso declarado acerca das práticas e atitudes da maioria dos entrevistados, o futuro das línguas⁶¹ indígenas das comunidades investigadas estaria relativamente seguro. Aqui, parece oportuno lembrar que, consoante ao que afirma Manuel Alvar (1986, p.197), se a língua não se manifestar de maneira muito precisa, os demais comportamentos perdem a possibilidade de serem transmitidos. Assim, podemos pressupor que nos contextos em que a língua deixa de ser utilizada, outros elementos da cultura também deixam de ser manifestados.

No mesmo sentido, conforme já mencionado nos pressupostos teóricos, Câmara Jr. (1977, p. 18) também afirma que se, por um lado, há ressalvas em se associar diretamente língua e cultura pelo fato de que uma mesma língua pode servir a culturas distintas, por outro lado não há como negar a relação entre uma e outra. Esse autor explica que a língua é parte de um todo – nesse caso, da cultura – mas, ao mesmo tempo, desse todo ela se destaca, uma vez que é pela língua que os demais elementos da cultura são veiculados. Nesse contexto, destacamos novamente algumas palavras de um dos informantes: “[...] temos casa de alvenaria, temos móveis, temos carros, mas a nossa língua, nós não vamos deixar não. O que é uma pessoa sem língua? É morto, né? Sem identidade”. De acordo com essa declaração, na opinião desse indígena, é a língua, de fato, o principal elemento que constitui sua identidade.

4.2.4 Sobre a importância do aprendizado da língua portuguesa

Com a quarta questão, perguntamos se os informantes consideravam importante que as crianças das suas comunidades aprendessem a língua portuguesa. A esse respeito, constatamos que os informantes são unânimes ao declarar que consideram relevante que as crianças indígenas aprendam também a

⁶¹ Lembramos que Fasold (1984) afirma que as atitudes em relação ao futuro de uma língua é um dos objetos de estudos de atitudes sobre a linguagem.

língua portuguesa. Os trechos, a seguir, são exemplos das respostas dadas a essa questão.

14. É muito importante aprender português porque ninguém mais fica só aqui na aldeia, sai para cidade, para outros lugares e tem que saber português para viajar de ônibus. Por causa do contato; se não fosse isso, se fosse só viver aqui na aldeia não precisava de português, mas não é assim (Marcos, Guarani Nandeva).

15. Eu fico feliz em ver uma criancinha falando guarani, mas mais para frente ela vai ter que aprender o português para se comunicar com outras pessoas não indígenas, na escola, por exemplo, fora. Tem que aprender para ter acesso a outras coisas, à internet, por exemplo... (Sandra, Guarani Nandeva).

16. Minha mãe até preferiu que minha irmã que tem sete anos fosse estudar na escola da vila porque lá ela aprende melhor o português. É longe, mas aprende mais falar português (Flávia, Guarani Kaiowá).

No trecho 14, o informante afirma que o domínio da língua portuguesa está relacionada à necessidade de sair da aldeia, de usar um ônibus, por exemplo – é possível que ele esteja se referindo à necessidade de ler a indicação de um itinerário de ônibus ou mesmo solicitar uma informação. Assim, de acordo com esse informante, a motivação para que os indígenas aprendam o português está totalmente ligada à situação de contato a que estão submetidos, o que é mais evidente na passagem do trecho: “[...] se fosse só viver aqui na aldeia não precisava de português [...]”.

No trecho 15, a informante também se refere ao fato de as pessoas terem que sair da aldeia e se comunicarem com outras pessoas que falam português. Ainda conforme esse depoimento, já na escola (citada, por outro informante, como aliada da língua materna) a criança precisará se comunicar em língua portuguesa. Ela cita também a necessidade de saber português para acessar a internet, que é recurso relativamente acessível nas duas comunidades com as quais trabalhamos.

Já no trecho 16, a informante declara que a preocupação de sua família com o aprendizado da língua portuguesa é tão grande, que a mãe preferiu que a filha menor fosse estudar em escola não indígena, fora da aldeia, mais longe de casa inclusive, para terem uma garantia de que a menina fosse aprender melhor a segunda língua. Lembramos que essa preocupação foi explicitada por uma informante Guarani Kaiowá, da aldeia Panambizinho.

Entre os Guarani Nandeva de Porto Lindo, também soubemos, durante as entrevistas, que a preocupação dos pais em relação ao domínio da língua portuguesa pelas crianças estaria tão presente que eles teriam chegado a ser contra o ensino de guarani nas escolas indígenas, conforme explica o informante.

17. No início, os pais não queriam o ensino na língua materna, mas porque eles não tinham entendido bem, eles pensavam que a gente só ia ensinar e escrever só em guarani, mas aí nós fomos explicando que a gente ensinaria as palavras que não estão sendo mais utilizadas, do guarani tradicional mesmo, e que o português também ia ter. Aí, aos poucos, eles foram entendendo (Marcos, Guarani Nandeva).

Esse informante explica que os pais queriam que as crianças fossem para a escola “aprender o que não sabiam direito”, isto é, a língua portuguesa. Ler e escrever em língua indígena não parecia tão importante na percepção dos pais. Mas o informante conta que, aos poucos, os professores da escola conseguiram explicar aos pais como seria o trabalho da escola e hoje todos entendem e aceitam a proposta.

Nessa reflexão, convém mencionar o que registra o RCNEI (1998):

A inclusão de uma língua indígena no currículo escolar tem a função de atribuir-lhe o *status* de língua plena e de colocá-la, pelo menos no cenário escolar, em pé de igualdade com a língua portuguesa, um direito previsto pela Constituição Brasileira (RCNEI, 1998, p.117).

Quando as línguas ficam restritas a usos orais podem permanecer em posições de pouco prestígio e de baixa funcionalidade, o que diminui suas chances de sobrevivência em situações de pós-contato. Além disso, ensinar uma língua indígena obrigatoriamente na escola, também em sua modalidade escrita, é reconhecer que ela é tão boa e eficiente quanto à língua majoritária e que, por essa razão, pode ser objeto de estudo e reflexão na escola.

A questão da conciliação entre a língua indígena materna e a língua portuguesa como segunda língua, entretanto, nem sempre escapa a algumas polêmicas e costuma ser assunto recorrente em pesquisa que tratam da situação linguística de povos indígenas brasileiros em contato.

Maher (2010, p. 40), por exemplo, discutindo sobre o futuro das línguas indígenas acreanas e o papel da língua portuguesa no currículo escolar, relata que

os professores, durante os cursos de formação, aprendiam português e traziam essa língua para aldeia. Com isso, os outros membros também se interessavam em aprender e ensinar para os filhos pequenos. A motivação, nesse caso, seria a possibilidade de “ocupar posições de prestígio social nas aldeias” e “possuir cargos assalariados”. No extremo, alguns pais estariam, inclusive, deixando de falar em língua indígena com suas crianças para que o aprendizado da língua portuguesa fosse mais eficiente. A preocupação estaria instalada, no entanto, a autora acrescenta:

Vários professores argumentaram que, embora esse tipo de procedimento representasse uma ameaça à sobrevivência das línguas indígenas locais, por outro lado, ele era legítimo porque também favorecia a sobrevivência de seus povos, já que o domínio da língua portuguesa era necessário para que eles pudessem se defender no confronto com a sociedade envolvente (MAHER, 2010, p. 40).

Essa menção à situação de indígenas do Acre, relatada por Maher (2010), apenas confirma a consciência da importância da língua portuguesa. Para esses indígenas, o domínio da língua portuguesa está ligado à chance de ascender socialmente, melhorar de vida, se defender em eventuais confrontos.

Na mesma direção, em todos os depoimentos coletados com os informantes de nossa pesquisa, fica evidente que as razões pelas quais se deseja e se deve aprender a segunda língua, o português, têm relação com as exigências da vida prática, especialmente fora da comunidade.

Nesse contexto, lembramos a situação descrita por Alvar (1986, p.228), que, discutindo as preferências linguísticas de indivíduos de Porto Rico, que têm como língua materna o espanhol, menciona o primeiro motivo apontado pelos porto-riquenhos para aprender a segunda língua, o inglês: o pragmatismo. De acordo com o pesquisador, seus entrevistados, citam motivos relacionados à conveniência de saber uma segunda língua.

Machado⁶² (2013a, p. 216), em pesquisa realizada na Reserva Indígena Francisco Horta (Dourados/MS), lembra que o contato permanente dos indígenas com o entorno e a necessidade de comunicação na língua dominante é motivo forte

⁶² Machado (2013a) é indígena e professor de escola indígena em Dourados/MS.

para que os indivíduos procurem aprender a segunda língua. De acordo com esse autor,

[...] a necessidade pela sobrevivência leva a buscar oportunidades melhores de trabalho, aprendizado de profissões liberais para atuarem nos centros urbanos. Nisso parece estar a solução dos problemas atuais, haja vista que a comunidade possui pouca terra para o cultivo agrícola. Dizendo em outras palavras, por não ser possível viver como viviam os antepassados, é necessário buscar alternativas. Todavia, para que isso aconteça é imprescindível o aprendizado da língua portuguesa (MACHADO, 2013, p.216).

Nossa pesquisa confirma o que já havia observado Alvar (1986), Maher (2010) e Machado (2013a) sobre os motivos pelos quais os indígenas querem aprender português. Convém destacar, no entanto, que a maioria dos nossos informantes afirma também que se não fosse por conveniência e por necessidade de sair da aldeia, já que não é mais possível reproduzir completamente o modo de vida tradicional, o interesse pelo português seria menor entre muitos indígenas.

Um outro motivo para o aprendizado da língua portuguesa, que esperávamos encontrar nas falas dos informantes, é o que está ligado à compreensão das leis que regem o país, e, evidentemente, têm relação com os direitos da população indígena. Entretanto, essa preocupação aparece apenas implicitamente nas falas dos informantes desta pesquisa. O RCNEI (1998), sobre essa questão, registra:

Aprender e saber usar a Língua Portuguesa na escola é um dos meios de que as sociedades indígenas dispõem para interpretar e compreender as bases legais que orientam a vida no país, sobretudo aquelas que dizem respeito aos direitos dos povos indígenas. Todos os documentos que regulam a vida da sociedade brasileira são escritos em português: as leis, principalmente a Constituição, os regulamentos, os documentos pessoais, os contratos, os títulos, os registros e os estatutos. Os alunos indígenas são cidadãos brasileiros e, como tais, têm o direito de conhecer esses documentos para poderem intervir, sempre que necessitarem, em qualquer esfera da vida social e política do país (RCNEI, 1998, p. 121).

Podemos afirmar que quando os informantes mencionam a necessidade de sair, de pegar ônibus, de ir a escola, de usar internet estão preocupados em participar efetivamente de diferentes “esferas da vida social do país”, o que pressupõem o domínio efetivo da língua portuguesa.

Ainda sobre essa questão, vale registrar, uma vez que o discurso difere um pouco dos demais, que um dos entrevistados, minimiza a importância da língua portuguesa para a comunidade indígena, alegando que não considera muito importante aprender a segunda língua desde pequeno.

18. Eu acho importante aprender português, mas não é muito importante aprender desde pequeno. Só com 14, 15 anos que as pessoas começavam a ter que sair aqui da aldeia. Eu só aprendi português com 15 anos (Antonio, Guarani Kaiowá).

Como se observa, na opinião do entrevistado, que é professor e coordenador pedagógico, as crianças indígenas Guarani Kaiowá, poderiam deixar para aprender português um pouco mais tarde, quando realmente precisassem sair da comunidade. Em todo caso, esse informante também explicita a necessidade de aprender a segunda língua para interagir com o comunidade externa.

4.2.5 Sobre o preconceito em relação às línguas indígenas

Também perguntamos aos indígenas dos dois subgrupos se eles já haviam observado algum tipo de preconceito em relação a sua língua materna, e se isso já houvesse acontecido, que nos contassem em quais situações. Destacamos que temos consciência de que o preconceito linguístico, quando ocorre, está diretamente relacionado à identidade dos falantes; ou seja, se os falantes têm prestígio e ocupam posição sociocultural privilegiada, dificilmente sua língua sofrerá algum tipo de preconceito.

Nesse sentido, podemos recuperar o trabalho de Viana (2011), que realizou pesquisa com estudantes indígenas de Dourados sobre o tema “preconceito e intolerância⁶³”. A autora não trata, exatamente, de preconceito contra as línguas indígenas, mas de preconceito com os indivíduos indígenas de modo geral. Ela

⁶³ *Preconceito* é a idéia, a opinião ou o sentimento que pode conduzir o indivíduo à *intolerância*, à atitude de não admitir opinião divergente, e por isso, à atitude de reagir com violência ou agressividade a certas situações. Isso indica uma primeira diferença: o traço semântico mais forte registrado no sentido de *intolerância* é ser um *comportamento*, uma reação explícita a uma idéia ou opinião contra a qual se pode objetar. Não constitui, simplesmente, uma discordância tácita. Um *preconceito*, ao contrário, pode existir sem jamais se revelar e, por isso, existe antes uma crítica (LEITE, 2008, *apud* VIANA, 2011, p. 25 – grifos da autora do trecho).

analisou 16 textos escritos de alunos indígenas do nono ano do Ensino Fundamental de uma escola indígena. Convém esclarecer que os estudantes, após a discussão de um texto motivador, foram solicitados, pelo professor, a escrever sobre o tema em questão. Viana (2011, p.75-76), em suas análises, verificou que em todas as produções há marcas que apontam para algum tipo de preconceito ou intolerância, e os fatores que fazem com que essa população seja vítima de atitudes de preconceito e intolerância são, segundo ela, pela ordem, o fenótipo, o nível socioeconômico e a origem (local em que moram).

Em nossa pesquisa, como já mencionado, nossos informantes são professores. Entretanto, assim como Viana (2011), que trabalhou com alunos, tínhamos como hipótese que encontraríamos muitos relatos de situações de preconceito (ou até de intolerância) em relação às línguas indígenas, o que efetivamente não ocorreu. Os informantes, em sua maioria, responderam que não haviam observado nada que eles pudessem exemplificar como preconceito.

Diante disso, ficamos em um empasse de como interpretar esse resultado: Os informantes não querem falar sobre o assunto porque isso remeteria a algum tipo de constrangimento que eles teriam vivenciado, e que não gostariam de compartilhar com a pesquisadora, ou realmente não vivenciam ou não percebem atitudes de preconceito?

Quanto aos informantes Guarani Ñandeva, lembramos que vivem em um município muito pequeno (com cerca de 8 mil habitantes) em que praticamente metade da população (49,4%, conforme o Censo, 2010) se declara indígena. A proporção equilibrada resulta numa frequente convivência o que pode fazer com indígenas e não indígenas se acostumem mais facilmente às diferenças culturais, especialmente linguísticas. Já os informantes da comunidade Guarani Kaiowá, onde realizamos a pesquisa, apesar de pertencerem a um município com cerca de 200 mil habitantes, ao que consta, convivem menos com não indígenas, saem menos da comunidade e talvez, por essa razão, não observem ou se lembrem de situações de preconceito. Essas ponderações, porém, são suposições, em parte, baseadas nas conversas gravadas e não gravadas com os indígenas durante nossas visitas às comunidades.

O fato é que, constatamos que a maioria dos informantes não declara ter percebido situações de preconceito. Ainda assim, temos quatro depoimentos, alguns

enfáticos, de que a discriminação contra a língua indígena existe de fato. Os trechos a seguir são de declarações nesse sentido.

19. Quando eu estudei no ginásio, aqui na vila Jakarey, eu via que os alunos não indígenas e até os professores não gostavam quando a gente falava em guarani. Não sei... mas parece que eles não gostavam de ouvir, era como se a gente fosse inferior. Dessa forma que eu percebia um tipo de preconceito (Marcos, Guarani Ñandeva).

20. Com certeza o preconceito existe. O Brasil é um país muito preconceituoso. Mas por aqui, as pessoas estão mais acostumadas, tem município oficializando a língua indígena. Aqui em Japorã cinquenta por cento da população é indígena. Nas escolas de Japorã desde o pré II as crianças, inclusive, filhos de não índios, vão aprender guarani, algumas palavras básicas eles já vão aprender (Orlando, Guarani Ñandeva)

21. Hoje em dia, aqui na Panambizinho, tem jovem que estuda fora da aldeia, fora da escola da aldeia, quando volta já tem preconceito pela fala, pela sua própria língua. Fala assim: “essa língua é de antigamente, é feia, eu não quero falar, tem que falar só português”. Isso já aconteceu aqui na Panambizinho (Antonio, Guarani Kaiowá).

22. Eu percebo pouco, não convivo muito fora da comunidade, mas eu acho que tem preconceito sim contra o índio e a fala do índio (Marcelo, Guarani Kaiowá).

No trecho 19, o informante busca, na memória, no passado, um exemplo de caso em que observava preconceito em relação a sua língua. Ele menciona o espaço da escola, que deveria, ao contrário, combater qualquer atitude preconceituosa. Cita, inclusive, a postura dos professores, que, para ele, seria preconceituosa. Assim, o fato de retornar ao passado, à época em que era criança para só então conseguir relatar um exemplo de situação de preconceito, nos leva a crer que esse informante não se recorda de outras situações mais recentes em que teria vivenciado qualquer tipo de discriminação. Chama-nos a atenção o fato de o informante avaliar a atitude dos outros alunos e dos professores com as palavras “[...] era como se a gente fosse inferior”. Nessas palavras, de fato, o preconceito não era apenas em relação à língua, mas ao indivíduo. Atualmente, hoje, relatos como esse talvez sejam menos frequentes porque as crianças e adolescentes indígenas, ao menos das comunidades com as quais trabalhamos, em sua maioria, estudam em escolas em que praticamente todos os professores e estudantes são indígenas. Não podemos afirmar, entretanto, que estudantes indígenas que estudam fora das

aldeias, com professores e colegas não indígenas, não sofram preconceito semelhante ao relatado pelo informante.

No trecho 20, o informante reconhece a existência de preconceito, mas de maneira um pouco distanciada. Ele diz que o “Brasil é um país muito preconceituoso”, mas na sequência de sua fala, é possível pressupor que esse problema, em sua opinião, tem sido amenizado, em relação às línguas indígenas e à população indígena da região em que vive. Quando o informante afirma “[...] por aqui, as pessoas estão mais acostumadas [...]”, podemos pressupor que indígenas e não indígenas se conhecem melhor e talvez por isso se respeitem mais no que se refere às diferenças.

Como entendemos que muito do preconceito tem relação com o desconhecimento, lembramos as palavras de Albuquerque Junior (2007, p.10), para quem preconceito são “[...] definições prévias, definições ou descrições que não advêm do conhecimento do outro, mas que nascem da hostilidade, da distância ou do desconhecimento do outro [...]”. O mesmo autor acrescenta ainda: “É um conceito apressado, uma opinião, uma descrição, uma explicação, uma caracterização, que vem antes de qualquer esforço verdadeiro no sentido de entender o outro, o diferente, o estrangeiro, o estranho, em sua diferença e alteridade” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 11).

Haveria, em Japorã/MS, uma maior aproximação entre indígenas e não indígenas, o que ocorreria também pela proporção quase equilibrada dessas populações, mas, talvez e principalmente, pelo desenvolvimento de ações formais como projetos de oficialização da língua indígena no município e oferecimento de ensino de língua indígena inclusive às crianças não indígenas.

No trecho 21, o informante se queixa do preconceito que viria de outra direção: de pessoas da própria comunidade. Ele conta que já aconteceu de jovens indígenas saírem da comunidade para estudar fora e depois voltarem com atitudes preconceituosas em relação à língua materna indígena. Considerando essa queixa, é preciso pensar nos motivos que levariam os jovens indígenas a agirem da maneira como relata o informante. Inicialmente temos que considerar que a maioria da população indígena das duas comunidades, embora esse não seja o caso dos nossos informantes (a maioria professores com salário fixo), vive em condições muito ruins – falta moradia digna, falta comida, falta roupa, falta saúde. Assim, muitos indígenas vivem o dilema de defender sua cultura, sobretudo sua língua, ou

tentar se aproximar cada vez mais do modo de vida do não indígena – o que pode significar o abandono da língua materna. Entendemos, então, que quando um jovem volta para a aldeia dizendo “essa língua é de antigamente, é feia, eu não quero falar, tem que falar só português”, duas questões devem ser consideradas: a primeira diz respeito ao fato de os jovens (não indígenas, inclusive) não quererem se parecer com os idosos e, nesse sentido, a língua dos mais velhos não vai lhes interessar; já a segunda diz respeito ao desprestígio que provavelmente notou em relação à língua indígena – se volta dizendo que a língua é “feia” provavelmente já ouviu isso algumas vezes ou, se não chegou a ouvir, certamente, sentiu que é o que pensam outras pessoas. Confirmando essa segunda explicação, verificamos o que registra o RCNEI (1998) sobre o assunto:

Uma das maneiras utilizadas por falantes de línguas dominantes para manter o seu poder lingüístico é demonstrar desprezo pelas línguas minoritárias: é referir-se a elas como "gírias", "dialetos", línguas pobres" ou "línguas imperfeitas". Isso faz com que os falantes indígenas passem a se envergonhar de suas línguas, passem a ter atitudes negativas em relação a elas, terminando por abandoná-las (RCNEI, 1998, p.117).

No mesmo sentido, o relato do informante no trecho 21, que estamos analisando, também nos remete às palavras de Maher (2010, p.34):

[...] foi principalmente devido ao açoite, à ameaça, à intimidação e à depreciação, atos de violência, ora mais, ora menos explícitos, que várias comunidades indígenas brasileiras "optaram por abandonar" suas línguas tradicionais. É, portanto, imperioso, que esse "abandono" seja sempre colocado entre aspas porque uma comunidade de fala não desiste de sua língua livremente. Não é como se ela, racionalmente, pesasse os prós e os contras e, em seguida, tomasse a fria decisão de abandoná-la em favor da língua portuguesa, da língua majoritária.

Essas ponderações expostas no trecho retirado do RCNEI (1998) e no de Maher (2010) nos ajudam a entender por que muitos indígenas, como aquele que volta para a aldeia depois de ter ficado um tempo fora, acabam expressando atitudes negativas em relação as suas línguas tradicionais e, até, querendo substituí-las.

Já no trecho 22, o informante é bem sumário, diz que observa pouco preconceito – mas também sai pouco da aldeia. De qualquer forma, acredita que a discriminação existe em relação ao indivíduo e à sua fala.

Como podemos observar, todas essas falas apontam para a existência de preconceito, no entanto, apenas no trecho 19 verificamos um relato que descreve um exemplo concreto de situação de preconceito vindo de fora da comunidade – a situação vivenciada pelo informante na escola quando era criança; e o relato do trecho 21 também aponta para uma situação concreta de preconceito contra a língua, mas nesse caso, o preconceito ocorreria no interior da própria comunidade.

Reiteramos que, nesta pesquisa, ainda que seja difícil dissociar a língua de seu falante, é o preconceito em relação à língua que está sendo discutido. A respeito desse assunto, vale ressaltar que, como sabemos, não existe nenhum critério cientificamente válido que comprove a superioridade de uma língua ou de uma variante linguística em relação à outra. Assim, os critérios de avaliação de uma língua ou de uma variante, que resultam em atitudes de discriminação ou não, passam diretamente pela avaliação de seus falantes, ou seja, se os falantes têm prestígio, geralmente sua língua também terá.

Câmara Jr (1977), discutindo “em que se caracterizam as línguas indígenas”, já apresentava um contra-argumento em relação à ideia de que as línguas indígenas não seriam tão boas quanto as demais:

A alegação, por exemplo, de que os selvagens falam de maneira ininteligível, engrolada, que quase não falam, que suprem por gestos as palavras, que articulam mal, que entre eles cada som varia muito e não tem nitidez, é queixa de muito pesquisador, mais ou menos leigo em linguística. Mas não é mais nem menos do que acontece entre nós (CÂMARA JR., 1977, p. 96).

O que o autor afirma, ou seja, a existência da alegação de que a fala dos indígenas seria cheia de problemas, que os índios quase não falam, que não falam direito é, ainda hoje, pelo que observamos, a impressão de muitas pessoas que desconhecem outras culturas e outras línguas. Ele explica que o que acontece com as línguas indígenas (e com os falantes indígenas) também acontece entre os não indígenas.

Essas palavras de Câmara Jr (1977) nos faz lembrar de uma passagem da obra *A conquista da América – a questão do outro*, de Todorov (1998) que

consideramos interessante retomar aqui. O autor, após ter examinado os escritos de Colombo, afirma que esse navegador e explorador teria agido como se não conhecesse a diversidade de línguas, já que, quando se viu diante de uma língua diferente recusou-se a admitir que a língua dos índios que encontrou logo no início, a 12 de outubro de 1492, fosse, de fato, uma língua. Isso pode ser depreendido do trecho seguinte: Se Deus assim o quiser, no momento da partida levarei seis deles a Vossas Altezas para que aprendam a falar” (TODOROV, 1998, p. 29-30). Essas palavras, de acordo com Todorov (1998), teriam chocado os tradutores franceses de Colombo, que preferiram substituir “[...] para que aprendam a falar” por “[...] para que aprendam a falar nossa língua”.

Na atualidade, um dos autores mais conhecidos por discutir o tema preconceito linguístico é Bagno (2004), que aborda principalmente questões relacionadas às variantes da língua portuguesa do Brasil. Muitas de suas ponderações, entretanto, podem ser associadas a situações de qualquer língua. Segundo esse autor, nos dias de hoje, há um grande esforço contra as mais variadas formas de preconceito. Ele lembra que os preconceitos não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica, e acrescenta ainda que, se hoje muito se fala sobre o assunto e há disposição de se lutar contra atitudes preconceituosas, “infelizmente [...] essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o *preconceito linguístico* [...] (BAGNO, 2004, p. 13. Destaque do autor). A partir dessas palavras do autor, podemos pressupor que ele acredita que os esclarecimentos dos linguistas e as ações resultantes de políticas linguísticas existentes, por exemplo, ainda não têm sido suficientes para combater esse tipo de preconceito, que, apesar de apontado por poucos informantes desta pesquisa, sabemos que atinge especialmente as línguas consideradas minoritárias, como as línguas indígenas, mas também outras línguas ou variantes de línguas que estejam associadas a falantes que não ocupam posição sociocultural privilegiada na sociedade.

Neste capítulo, tínhamos como objetivo examinar, por meio dos depoimentos coletados durante as entrevistas, as impressões dos dois subgrupos étnicos sobre o que os distingue e os aproxima e sobre suas línguas e as línguas dos outros. Verificamos que, em geral, Guaraní Nandeva e Guaraní Kaiowá posicionam-se muito semelhantemente em relação aos temas propostos. Os informantes das duas

comunidades apontam diferenças culturais e linguísticas (entre eles) que seriam determinantes para a compreensão desses subgrupos como etnias distintas; garantem que consideram importante a transmissão da língua materna às novas gerações (e citam ações que comprovam isso); reconhecem a importância do domínio da língua portuguesa, mas sempre em relação à necessidade do contato com a sociedade externa; e apenas dois informantes de cada grupo afirmam acreditar na existência de preconceito em relação às línguas indígenas que utilizam.

No próximo capítulo, apresentamos a segunda parte da análise, que é referente às amostras lexicais coletadas com os formulários 01 e 02.

CAPÍTULO 05 – ANÁLISE DOS DADOS: OS RECORTES LEXICAIS

5.1 Preliminares

Neste capítulo, também destinado à análise, examinamos os dados linguísticos propriamente ditos, isto é, a amostra das unidades lexicais coletadas com os dois subgrupos étnicos. Apresentamos os resultados aos quais chegamos em relação à verificação de registro das unidades lexicais nos dicionários, à variação e à homogeneidade das respostas no interior do mesmo subgrupo e entre os dois subgrupos étnicos, e à ocorrência de empréstimos lexicais na amostra.

Esclarecemos que, para melhor organização e visualização, apresentamos os dados que estão sendo analisados em quadros, conforme observar-se-á no decorrer deste capítulo. Os quadros referentes à dicionarização, em virtude de serem relativamente muito extensos, foram colocados na seção dos apêndices (ver CD room ao final deste trabalho). Já os demais quadros estão apresentados no corpo deste capítulo. Ressaltamos que, no que se refere os quadros escolhidos como exemplos de variação lexical, tomamos os mais representativos, isto é, aqueles em que a variação se mostrou mais evidente (entendemos como casos de variação mais evidente aqueles em que todos, ou pelo menos dois dos informantes de um subgrupo forneceram respostas diferentes das fornecidas pelos outro subgrupo).

Em razão dos objetivos do trabalho que têm em vista a compreensão das especificidades das duas parcialidades étnicas, a análise dos dados lexicais está organizada a partir da comparação do que foi obtido com os dois subgrupos estudados.

5.2 Mais alguns esclarecimentos

Como já explicado no capítulo 02, referente aos procedimentos metodológicos, com o formulário 01, obtivemos de cada um dos dois grupos de informantes 1800 lexias como respostas (12 informantes multiplicados por 150 itens lexicais pesquisados). Ainda é preciso esclarecer que a maioria dessas respostas, sobretudo no interior do mesmo subgrupo é coincidente. Assim, por exemplo, para o pronome “quem”, os Guarani Ñandeva respondem *mava* ou *mavapa* e os Guarani

Kaiowá preferem *kia'e*, *kiva'e* ou *kivae*. Nesses casos, tivemos doze respostas, mas apenas duas lexias diferentes – uma em cada subgrupo. Nesse raciocínio, isto é, juntando as respostas iguais e aquelas que, apesar da diferença de um ou mais fonemas, foram entendidas como a mesma palavra, obtivemos dos Guarani Ñandeva 245 lexias e dos Guarani Kaiowá 267, (reiteramos: referentes ao formulário 01). Com o formulário 02, utilizando os mesmos critérios, obtivemos dos Guarani Ñandeva 240 lexias e dos Guarani Kaiowá, 333.

Considerando que um dos objetivos de nossa pesquisa era verificar se as lexias utilizadas pelos dois grupos estavam contempladas nos dicionários, procedemos, então, a consulta às seis obras lexicográficas já citadas – Montoya (2011[1639]); (2002 [1640]); Sampaio (1986); Tibiriçá (1989); Guasch e Ortiz (2001); Assis (2008). No que refere às obras de Montoya, a verificação foi feita inicialmente no *Tesoro de La Lengua Guaraní* e quando não encontrado o vocábulo, verificamos também no *Vocabulario de La Lengua Guaraní* (nesse caso anotamos, um “V” entre parênteses, para indicar que a obra consultada foi o *Vocabulario*)

Esse procedimento de verificação do registro das lexias no dicionário resultou em quatro quadros (ver apêndices 04, 05, 06 e 07 no CD room). A figura 13, a seguir, é um excerto de um desses quatro quadros que demonstram a verificação do registro das lexias nos dicionários.

Figura 13 - Excerto do quadro 04 do apêndice (formulário 01 – Guarani Ñandeva)

Nº	Português	Respostas coletadas com os informantes	Montoya	Sampaio	Tibiricá	Guasch & Ortiz	Assis
			1639/2011 – Tesouro 1640/2002 - Vocabulário	1986	1989	2001	2008
1	eu	che	che	che	che	che	che
2	você	nde	nde	x	ndé	nde (tu, você)	nde
3	ele	ha'e	ha'e	ha'e	ha-ê	ha'e	ha'e
4	nós	ñande (inclusivo)	ñande	ñande	nhandé	ñande	ñande
		ore (exclusivo)	ore	ore	ore	ore	ore
5	eles	ha'ekuéra, ha'eguera	x	ha'ekuéra	há-ecuera	ha'ekuéra	x
6	este	peã	x	pêa	peã	pêa	peã
7	quem	mava'pa, ma'avapa, máva, mava, maõva	avapa; avapami (V)	mava	mava, ma'avapa	máva	máva, mava'pa
8	quando	mba'e	mba'e (o que, qual, quem?)	x	mba'e (que? que coisa?)	x	mba'e (que? que coisa?)
		mba'e ara	x	x	x	x	x
		mba'edía, mba'ezia	x	x	x	x	x
		mba'erõngware	x	x	x	x	x

Fonte: a própria autora

A respeito desses quadros, consideramos relevante proceder às seguintes explicações:

1 – Não consideramos que a palavra está registrada no dicionário quando, entendida como palavra composta, foi preciso recorrer a duas ou mais entradas para obter a tradução ou elucidar o significado. Exemplos: para o vocábulo “filha”, coletamos *memby kuña* – em dois dos dicionários só foram localizados os vocábulos *memby* (filho/filha) e *kuña* (mulher) em entradas distintas (“filha/filho mulher”, literalmente); o mesmo ocorre com o vocábulo fornecido para “nora”: *taýra rembireko*, em que as duas palavras da composição estão registradas separadamente em alguns dicionários – *taýra* (filho) e *rembireko* (esposa), (literalmente, “esposa do filho”).

2 – As palavras foram agrupadas na mesma linha do quadro, entendidas como alterações da mesma, quando a diferença era apenas fonética/ortográfica ou quando, ao vocábulo, foram acrescentados elementos mórficos, mas o sentido essencial era mantido. Exemplos: *hecha*, *ohecha*, *jehecha* (formas do verbo “ver”); *menarã*, *imenara* (noivo, noiva, noivo dela, noiva dele).

3 – Anotamos, entre parênteses, o sentido do vocábulo quando era, em alguma medida, diferente daquele utilizado pelo informante (anotamos a acepção cujo sentido é o mais próximo), e desconsideramos o registro quando a sequência sonora coincide, mas não tem nenhum traço de significado em comum com o utilizado pelo informante. Exemplos: o informante forneceu *humby* para “cintura” e os dicionários consultados registram apenas o sentido “quadril”; o informante forneceu *apekũ* como equivalente a “língua” (partes do corpo humano) e os dicionários registram *apekũ* apenas com acepção de “paladar”; *ho'ysã* é frio para os informantes, mas constatamos que os dicionários fornecem “estar fresco” como tradução mais próxima.

4 – Consideramos o vocábulo registrado no dicionário mesmo quando notamos ortografia diferente no dado fornecido pelo informante (isso se o sentido coincide), e registramos no quadro também a palavra com ortografia mais próxima (também nos casos em que o sentido coincide). Exemplos: o informante disse e escreveu *kami* para “peito/seio”, quando a ortografia adequada, conforme os dicionários seria *kama*; o informante forneceu *ondyvú* para “cuspir” e a palavra com ortografia mais próxima com o mesmo sentido encontrada foi (*a*)*ndyvi*.

5 – Consideramos registrados aqueles casos em que o informante fornece uma palavra composta de dois ou mais elementos, mas com apenas a primeira já se chega ao sentido pretendido. Exemplo: para o referente “coordenador” (da escola), o informante forneceu *tendota mbo'ehao pegua*, composição não localizada nos dicionários, que por sua vez registram *tendotá* com o sentido de “chefe”, “guia”, “condutor”.

6 – Nos quadros, na coluna “resposta coletada”, transcrevemos as palavras conforme a ortografia utilizada pelos informantes, inclusive com os elementos mórficos que em geral indicam flexões, derivações e, algumas vezes, com partículas que indicam apenas realce e não são traduzidas facilmente; já nas cinco colunas relativas aos dicionários, as palavras foram transcritas conforme ortografia encontrada nos dicionários; o “x” anotado indica que a palavra não foi localizada em nenhuma das direções dos dicionários.

A respeito dessa última explicação, que alerta sobre as possíveis formas que as palavras são encontradas no quadro, entendemos que seriam úteis ao leitor deste trabalho algumas breves explicações morfossintáticas, ao menos para o que foi mais recorrente nos dados.

5.2.1 Breves explicações gramaticais e ortográficas

Conforme já explicado, as unidades lexicais foram dadas a partir de um contexto mínimo garantido por uma frase. Em muitos casos, os vocábulos foram fornecidos vinculados a elementos gramaticais como posposições, prefixos, sufixos e partículas de diferentes funções. Assim, consideramos relevante algumas explicações referentes aos elementos gramaticais que são mais frequentes nos dados que aparecem nos quadros.

Também consideramos que seria importante apresentarmos, ainda que brevemente, reflexões sobre algumas questões ortográficas que envolvem os dois grupos étnicos. Isso porque, como constatamos, a partir da análise dos depoimentos dos informantes, trata-se de questão importante para eles. Lembramos que os dados lexicais foram transcritos pelos informantes, que são, em sua maioria, professores de língua materna. Os exemplos mencionados a seguir são retirados do *corpus* deste trabalho.

a) *Palavras oscilantes ou poliformes*

Existem vocábulos que aparecem presos a prefixos relacionais, que exercem a função de “especificação do possuidor”. Ou seja, conforme anota Cardoso (2008, p.56), “os prefixos relacionais de especificação do possuidor fazem referência às pessoas que compõem a posição de argumento possuidor”. Esses prefixos podem alternar (em t-, r-, h-) em um mesmo radical nominal. Assim, temos, por exemplo:

t- temberiko – esposa de alguém (com possuidor indefinido)

r- rembireko – minha esposa, tua esposa (com possuidor de primeira e segunda pessoa)

h- hembireko – esposa dele (com possuidor de terceira pessoa)

Como outros exemplos de palavras oscilantes, do *corpus*, podemos citar *tasẽ* (choro), *tuguy* (sangue) e *tape* (caminho).

b) *Prefixo -i nos adjetivos, indicando terceira pessoa e função predicativa*

Adjetivos como *puku* (comprido), *pogwasu* (grosso), *po'i* (fino) e *piru* (magro) nas respostas coletadas com os informantes, mesmo quando são retiradas da frase por eles, continuam aparecendo com o prefixo -i (*ipuku*, *ipogwasu*, *ipo'i*, *ipiru*). Esse prefixo indica que alguém ou alguma coisa é “comprido(a)”, “gross(o)a”, “estreit(o)a”, “magr(o)a”, isto é, indica que o vocábulo tem a função de predicativo. O prefixo também aparece em nomes como *jyva* (*ijyva*), “braço”, nesse caso, indicando a terceira pessoa: seu braço/braço dele.

c) *Sufixos -ete, -eterei, como intensificadores ou enfatizadores*

Guasch e Ortiz (2001, p. 539) informam que *-ete* equivale a *-ite*, *-ete*, *-eterei* e tem sentido de superlativo. Registra também *-ete* como “sufixo de sentido autêntico, legítimo”. Esses elementos aparecem em vocábulos fornecidos pelos informantes como *rakuite* (muito quente), *vaiterei* (muito ruim, péssimo). Os vocábulos *amõete* (lá) e *retaĩte* (muito) também foram dados pelos informantes com acréscimo desses sufixos.

d) *Prefixo verbal -o*

Esse prefixo ocorreu, nas respostas dadas, mesmo retiradas do contexto, nos verbos como *hendu* (*ohendu*), *hexa* (*ohexa*) *veve* (*oveve*), *guata* (*oguada*), respectivamente “ouvir”, “ver”, “voar”, “andar”, em língua portuguesa. Guasch e Ortiz (2001, p. 698) explicam que esse prefixo é característica verbal de terceira pessoa do singular ou do plural em verbos areais.

e) *Sufixo verbal de futuro -ta*

Da mesma forma, isto é, mesmo sendo separadas das frases de contexto, os informantes nos forneceram como equivalente dos verbos “chorar”, “chupar”, “vomitar” e “rir” as seguintes formas: *hasenta*, *pyteta*, *onyvonta*, *opukata*. Vale mencionar que as formas dicionarizada equivalentes ao infinitivo em português são *tasẽ*, *pyte*, *nivõ* e *puka*. Guasch e Ortiz (2001, p. 755) registram que *-ta* é “sufixo verbal de futuro imediato”.

f) *Partícula expletiva -va*

Observamos a partícula *-va* nos vocábulos *hũva*, *ruiva*, *pytãva*, fornecidos por informantes da pesquisa. Os dois primeiros foram dados como equivalente ao adjetivo “preto” e o último ao adjetivo “vermelho” em português. De acordo com Guasch e Ortiz (2001, p. 787), o *-va* com frequência é expletivo e não se traduz em espanhol. Por expletivo, entendemos o que não é essencial para a compreensão do sentido de uma frase.

g) *Partícula nominalizadora -ha*

De acordo com Barros (2014, p.154), *-ha* pode ser partícula nominalizadora em vocábulos como *jukaha* (assassino); *jatapyha* (fogão); *jegutaha* (noiva – forma híbrida); *apontaha* (apontador – forma híbrida).

h) *Posposição -py/-pe com valor de locativo*

A posposição *-py/-pe* aparece em vocábulos como *amõpy* (longe), *ypypy* (perto), *hugwapy* (fundo de alguma coisa). Montoya (2011[1639], p. 398) registra, para *-pe*, a seguinte explicação: “Posposição de quietude e movimento (...)”. Barros (2014, p. 203) também registra *py* como posposição, mas apenas com o sentido de “em” (lugar).

Vale mencionar que não temos o objetivo de nos aprofundarmos em questões gramaticais, portanto, entendemos que essas explicações são suficientes para ajudar o leitor deste trabalho a entender os dados.

Além disso, na sequência, apresentamos algumas reflexões sobre a grafia das línguas indígenas, uma vez que entendemos que esta é uma questão subjacente à análise dos dados.

Alguns professores Guarani Ñandeva declaram que a ortografia da língua utilizada por eles segue a Convenção Ortográfica Guarani adotada pelo Paraguai, que foi oficializada nesse país na década de 1950. Já a escrita da língua Guarani Kaiowá seguiria a ortografia proposta por linguistas do SIL – *Summer Institute of Linguistics* nas décadas de 1960 e 1970.

No caso das duas línguas, mas especialmente no caso da língua Guarani Kaiowá, verificamos, a partir dos depoimentos dos informantes para esta pesquisa, que as queixas quanto a não padronização da escrita são recorrentes. Os dados lexicais, como veremos no decorrer da análise, também apontam para isso, ou seja, a mesma palavra é grafada, pelos professores, de duas e até três formas diferentes, o que apontaria para a necessidade de mais ações em favor da consolidação da escrita desses grupos, sobretudo dos Guarani Kaiowá.

A esse respeito, consideramos relevante retomar o que registra o RCNEI (1998, p.125). Esse documento afirma que as funções da escrita em língua indígena nem sempre estão claras e existem sociedades indígenas que não querem fazer uso escrito de suas línguas tradicionais. Como verificamos nos depoimentos de nossos informantes, analisados no capítulo anterior deste trabalho, alguns pais indígenas, inclusive, foram contra a introdução da língua indígena na escola no início do processo de organização do currículo. Isso porque eles desejavam que seus filhos aprendessem a ler e a escrever em português, ao passo que a escrita em língua indígena não era vista como necessária por esses pais.

Ainda de acordo com o RCNEI (1998,p. 125-126), as experiências têm mostrado que à medida em que essas sociedades se conscientizam de que sua atitude negativa em relação à escrita de sua língua de origem é fruto de políticas e de imposições de agências externas a elas, a situação se modifica e o uso da língua indígena por escrito passa a fazer sentido e a ser desejável. O documento alerta que é verdade que a escrita das línguas indígenas é uma questão complexa que precisa ser pensada com cuidado, discutindo-se criteriosamente, todas as suas implicações. Mas não são verdadeiras as afirmações utilizadas para desencorajar o uso escrito dessas línguas.

Reproduzimos, a seguir, do RCNEI (1998), o quadro que apresenta os argumentos contrários ao uso da escrita em línguas indígenas e as críticas a esse argumentos.

Quadro 07 – A escrita e as línguas indígenas

Argumentos contrários ao uso escrito de línguas	Críticas a esses argumentos
O uso escrito de línguas indígenas altera drasticamente o modo de ser dos povos indígenas, afetando a maneira como pensam e como vêem o mundo.	Alterações no modo de ser indígena devido à introdução da escrita acontecerão, inevitavelmente [...]. Impedir que as populações indígenas tenham acesso ao uso escrito de suas línguas [...] equivale a dizer que os povos indígenas não têm o direito de se modificarem ao longo da história.
A introdução da escrita em línguas indígenas é mais uma imposição do mundo ocidental com o objetivo de "melhorar", "civilizar" os povos indígenas.	Não se pode partir do pressuposto de que a escrita de línguas indígenas seja sempre uma iniciativa imposta por não-índios. Fazer isso é desconsiderar a possibilidade de que os próprios povos indígenas possam tomar a decisão de escreverem suas línguas porque eles mesmos desejam fazê-lo.
O uso escrito de línguas indígenas promove um forte desequilíbrio na estrutura tradicional de poder das comunidades: os velhos contadores de histórias passam, com o tempo, a ocupar um lugar muito menos importante nessa estrutura, sendo substituídos pelos jovens letrados.	A escrita das línguas indígenas não é, em si mesma, nem um bem, nem um mal [...]. É a forma incorreta de incorporar a tradição ou o conhecimento indígena na escola que pode concorrer com formas tradicionais e eficientes de transmissão de conhecimentos e tomar seu lugar, e não o fato de se utilizar a língua indígena ou de escrevê-la.

Fonte: RCNEI (1998, p.128), resumido pela autora.

Face ao exposto, somos levados a concordar com o que conclui o Referencial sobre essa questão: limitar as línguas indígenas a usos apenas orais pode significar mantê-las em posições de pouco prestígio e de baixa funcionalidade, diminuindo suas chances de sobrevivência em situações de pós-contato (RCNEI, 1998, p. 128).

É nesse sentido que entendemos que a escrita das línguas indígenas (mesmo das que já estão descritas) é um tema que ainda deverá ocupar muita da atenção dos pesquisadores, sobretudo da área de linguística, e dos próprios falantes.

Voltando à questão da escrita das línguas com as quais estamos trabalhando, a título de contextualização, tomamos emprestado, inclusive com o mesmo título, o quadro apresentado por Barros (2014, p.73) no qual a autora mostra a relação dos fonemas e grafemas do guarani paraguaio e do guarani kaiowá.

Quadro 08 – Fonemas e grafemas nas línguas Kaiwá⁶⁴ e Guaraní Paraguaio

Representação Fonética	Representação Fonológica	Escrita kaiwá	Escrita guarani
[p]	/p/	p	p
[t]	/t/	t	t
[k]	/k/	k	c
[kw]	/kw/	kw	ku
[ʔ]	/ʔ/	‘	‘
[m]	/m/	m	m
[mb]	/m/	mb	mb
[n]	/n/	n	n
[nd]	/n/	nd	nd
[ɲ]	/ɲ/	nh	ñ
[ŋ]	/ŋ/	ng	g
[gw]	/ɲw/	gw	gu
[w]	/w/	v	v
[s]	/s/	s	s
[ʃ]	ʃ	x	ch
[dʒ]	ɟ	j	j
[r]	r	r	r
[h]	/h/	h	h

Fonte: Barros (2004)

O quadro 08 mostra que a maioria dos sons, as letras que os representam são as mesmas nas duas línguas, mas, ao menos, em sete (das dezoito) situações haveria diferenças. Já em relação as vogais, que não aparecem no quadro, para as duas línguas, são seis: a, e, i, o, u, y, e todas podem receber o acento de nasalidade: ã, ê, i, õ, ù, ÿ, ou seja, todas as vogais podem ser orais ou nasais.

No contexto deste trabalho, interessa explicar que entendemos que diferenças relativas à ortografia de uma palavra, que podem ou não resultar em diferenças fonéticas, não fazem com que tenhamos itens lexicais distintos – temos, antes, formas diferentes da mesma palavra. Houaiss (2001) registra, por exemplo,

⁶⁴ Grafia adotada por Barros (2014).

da língua portuguesa, “catorze” e “quatorze”, em que se observam apenas diferença ortográfica que não faz com essas duas formas sejam palavras diferentes.

Entre os Guarani Nãndeva e Guarani Kaiowá, quando o assunto são as diferenças linguísticas entre os dois grupos, com frequência, os indígenas referem-se à variação no uso de algumas letras, conforme exemplificado (com dados do *corpus*) no quadro a seguir.

Quadro 09 – Exemplos de diferenças ortográficas

Línguas	Lexias								
Português	eu	grande	pequeno	eles	aqui	sangue	pássaro	perto	saber
Guarani Nãndeva	<i>che</i>	<i>tuichá</i>	<i>michi</i>	<i>há'ekuera</i>	<i>ape</i>	<i>tuguy</i>	<i>guyra</i>	<i>agui</i>	<i>kua'a</i>
Guarani Kaiowá	<i>xe</i>	<i>tuixa</i>	<i>mixi</i>	<i>há'ekwery</i>	<i>apy</i>	<i>tugwy</i>	<i>gwyra</i>	<i>agwi</i>	<i>kwa</i>

Fonte: a própria autora

Como podemos observar no quadro 09, enquanto os Guarani Nãndeva usam na escrita de algumas palavras as letras “ch”, “a”/“e”, “u”, os Guarani Kaiowá, registram as mesmas palavras, utilizando “x”, “y” e “w”, o que, para os dois subgrupos, seria uma diferença importante.

D'Angelis (2005, p.23), discutindo unificação x diversificação ortográfica de línguas indígenas, explica que são muito frequentes as recomendações, no que tange à definição de ortografia para línguas ágrafas, para a unificação da escrita, ou seja, recomenda-se uma uniformização ortográfica que se sobreponha às diferenças dialetais. Ele explica ainda que, no caso das línguas indígenas, essa recomendação é reforçada com o argumento de que a unificação da escrita pode fortalecer as línguas, de caráter minoritário, que estão sujeitas às pressões da língua portuguesa, oficial no Brasil. O autor, entretanto, discorda dessa ideia que se tornou unanimidade e, por consequência, segundo ele, senso comum, como se observa em suas palavras: “Como todo senso comum, isso se torna uma certeza que dificulta a percepção de que, em certos casos, a não-unificação (e, portanto, a diversificação ortográfica) pode ser o melhor caminho para o fortalecimento da identidade indígena e, conseqüentemente, das próprias línguas” (D'ANGELIS, 2005, p.23).

Ao relatar uma experiência de consultoria para definição da ortografia de Guarani Nhandeva de São Paulo e norte do Paraná, o pesquisador escreve:

O fato é que, quando me procuraram, a motivação dos Nhandeva não era “voltar a falar Guarani” ou, simplesmente, “voltar a ensinar Guarani na escola”. Sua motivação era, de fato, muito específica e clara: *nós não queremos perder nosso dialeto!* Fica claro haver uma questão de identidade aí envolvida, e não uma identidade de “índio genérico”, mas uma identidade de índio específica. Essa identidade, Nhandeva, como é sabido, os separa e diferencia dos Kaiowá, no Mato Grosso do Sul, e dos Mbya, no Sul e Sudeste. Essas coisas aparecem claramente no processo de definição do alfabeto: foi colocada a eles a possibilidade de adotarem uma das ‘escritas’ já existentes, e foi lhes dado conhecer cartilhas e materiais de leitura publicados para os Kaiowá e para/pelos Mbyá. A recusa a adotar a mesma ortografia foi clara e, em alguns momentos, decisões tomadas eram motivadas exatamente no desejo dessa diferenciação (D’ANGELIS, 2005, p.27).

Nesse contexto, vale a pena registrar, apenas como uma contraposição, que o autor não cita exemplos de casos de grupos indígenas com variantes ou dialetos diferentes que teria tido mais sucesso no que se refere ao fortalecimento da identidade, por adotar ortografias próprias. Além, disso, há estudiosos com propostas distintas.

Amado (2005), por exemplo, sobre o processo de discussão da uniformização da grafia dos povos Timbira, relata que, no início, os debates entre os indígenas eram bastante acirrados porque

[...] povos outrora inimigos – como os Krahô e os Ramkokamekrá – não admitiam falar línguas aparentadas e, muito menos, dialetos de uma mesma língua. Além disso, outros povos que já contavam com uma grafia elaborada por missionários, presentes em suas terras há pelo menos duas ou três décadas, como os Pykobjê e os Krinkati, diziam já estarem acostumados com seu “modo de escrever”. Contudo, o esforço crescente de se criar uma identidade forte e representativa junto aos “kope” (os não-índios), no qual se baseia a origem da associação *Wy’ty Catê*, conseguiu pouco a pouco vencer as barreiras e convencer as comunidades sobre a importância de uma forma de comunicação escrita padrão em que todos possam se entender (AMADO, 2005, p. 68).

Das palavras transcritas, importa destacar, sobretudo, a menção à criação de “uma identidade forte e representativa junto aos ‘kope’ (os não-índios)”. A ideia é que uma escrita padrão pudesse trazer vantagens, como a facilidade de

comunicação, mas, sobretudo, que pudesse contribuir para o fortalecimento da identidade. Nesse particular, pensamos na reflexão que propõe Maher (1998, p.115), ao mencionar que a construção da identidade indígena não ocorre apenas em função das diferenças étnicas, mas também em função das alianças políticas multiétnicas, “[...] é possível pensar a identidade do índio contemporâneo, não em *etnicidade*, e, sim, em *indianidade*, dada a maior abrangência do termo”.

Em outras palavras, quando grupos que utilizam línguas aparentadas ou variantes da mesma língua resolvem fazer concessões em favor de uma escrita padrão, parece entrar em pauta não uma identidade étnica (com suas especificidades), mas uma identidade de índio (que pode ter relação com o que os diferencia dos não índios).

Esse raciocínio diverge do de D’Angelis (2005), que acredita que a diversificação ortográfica, como vimos, pode levar ao fortalecimento da identidade e das línguas indígenas. São, portanto, pontos de vista distintos, que, acreditamos, são relevantes para a reflexão sobre esse assunto.

No contexto de nossa pesquisa, constatamos que a questão da diferenciação ortográfica é um assunto relativamente recorrentes entre os indígenas Guarani Kaiowá e Guarani Nandeva das duas comunidades do sul de Mato Grosso do Sul pesquisadas. Percebemos, durante as entrevistas para coleta de dados, que há momentos em que o sentimento de *indianidade* prevalece (referimo-nos aos momentos em que os informantes apontam para um possível processo de homogeneização entre os subgrupos). Há outros momentos, entretanto, que a *etnicidade* é que prevalece (referimo-nos aos momentos em que os informantes esforçam-se para apontar as diferenças entre os subgrupos Guarani). Essas diferenças são, em geral, relacionadas ao uso da língua, e, com frequência, reiteramos, a grafia é tomada como fator de diferenciação entre os subgrupos.

Assim o que consideramos, a partir da comparação dos dados lexicais, como respostas homogêneas (porque a diferença estava apenas na escrita das palavras), os entrevistados apontam como fator de diferenciação. Isso já foi observado, anteriormente, ao analisarmos as respostas das questões abertas, que contêm trechos como os que seguem (e que novamente transcrevemos aqui).

6. [...] Kaiowá também carrega na língua, na palavra, aquele “y”, né? Por exemplo, os guarani falam *ndejara* e os kaiowá falam *ndejary*. (Antonio, Guarani Kaiowá)

9. [...] A gente fala *hae'kuera* e eles falam *hae'kuery*; eles usam muito mais o Y que a gente (Dora, Guarani).

Os exemplos utilizados pelos informantes, em princípio, do nosso ponto de vista, parecem conter diferenças muito insignificantes. Percebemos, entretanto, que muitos estão apegados a esse tipo de diferença numa atitude de desejar afirmar que possuem especificidades no que se refere à língua que cada grupo utiliza.

Como já visto neste trabalho, quando perguntamos se Guarani Kaiowá e Guarani Nandeva apresentam diferenças no que se refere à língua, os entrevistados dizem que sim e muitos se lembram de exemplos em que a distinção refere-se apenas à ortografia, como nos exemplos do quadro 09 ou se referem à variação fonética como as mencionadas nesses últimos trechos de fala de informantes citados.

Apresentados esses esclarecimentos a respeito de algumas questões de ortografia, passamos, na sequência, aos resultados da pesquisa acerca da dicionarização dos itens lexicais coletados nesta pesquisa.

5.3 Dicionarização dos vocábulos coletados

5.3.1 Verificação do registro dos vocábulos coletados nos dicionários (formulário 01)

Inicialmente, lembramos que a elaboração deste item do trabalho está fundamentada nos resultados das consultas que realizamos nos dicionários de guarani mencionados (ver quadros 04, 05, 06 e 07 dos apêndices).

Lembramos, também, que após a exclusão das respostas iguais e agrupamentos daquelas consideradas muito semelhantes (com diferença ortográfica apenas, por exemplo), obtivemos dos Guarani Nandeva 245 lexias. Dessas, 44 não se encontram registradas em nenhum dos dicionários consultados.

Convém esclarecer, entretanto, que, desse total de lexias não localizadas nos dicionários, 22 são empréstimos (ou interferências)⁶⁵ com ou sem alterações, ou formações híbridas. Como exemplo de empréstimos, transcrevemos os seguintes: *arguno* (alguém), *kuarado* (quadrado), *zerecho* (reto) e *kente* (pessoa).

⁶⁵ Os empréstimos e interferências são discutidos mais detidamente na última seção deste capítulo.

Quanto às formações híbridas, isto é, com elementos de línguas diferentes, podemos exemplificar com os seguintes casos: *mba'edia* (fornecido como “quando”) e *kuarto ro'õ* (fornecido como “nádegas”). Voltaremos a esse tipo de formação mais adiante, mas por enquanto, esclarecemos que *mba'e* equivale a “quê?” e *dia* é palavra da língua portuguesa – assim, “quando” é traduzido por “que dia?”; já *kuarto*, da língua portuguesa (com adaptação na grafia apenas), nesse contexto, tem o sentido de “quarto = parte lateral da região superior da coxa” (HOUAISS, 2001), e *ro'õ*, é equivalente à “carne” – nesse caso a tradução literal seria menos evidente – “carne da parte superior da coxa” (?).

Já entre os demais vocábulos não dicionarizados, constatamos que há recorrência de formações neológicas como, por exemplo, *ikora ipejoja*, traduzido por informantes como “aquilo que tem lados iguais” (sentido aproximado, tradução não literal). Essa lexia foi fornecida como equivalente a “quadrado”. Citamos também a forma *ndaheta'i*, fornecido como “pouco” e, literalmente traduzido como “não muito”.

É preciso mencionar ainda que para 13 palavras, obtivemos como equivalentes vocábulos que, segundo os dicionários consultados, não teriam o sentido utilizado pelo informante, mas apenas sentido relacionado. Por exemplo, para o adjetivo “largo”, tivemos, entre as respostas, o vocábulo *tuichá*, cujo sentido principal é “grande”.

Já dos informantes Guarani Kaiowá, após o mesmo procedimento de exclusão e agrupamento das respostas iguais ou muito semelhantes, obtivemos 267 lexias. Dessas, 58 não foram encontradas nos dicionários consultados.

Dessa quantidade de itens não localizada nos dicionários, 15 são empréstimos com ou sem alteração, ou formações híbridas. Como exemplos dos empréstimos ou interferências que compõem essa parte da amostra, citamos *outro*, *avese* (talvez), *ogamitã* (vomitar) e *pexo* (peito). Já como exemplo do segundo caso, isto é das formações híbridas, mencionamos a lexia *vixo'i veve*, formada por *vixo*, do português “bicho” + *i*, sufixo de diminutivo do guarani, *veve* do guarani, traduzido como “voar” – a tradução literal é “bichinho voador” ou “bichinho que voa”.

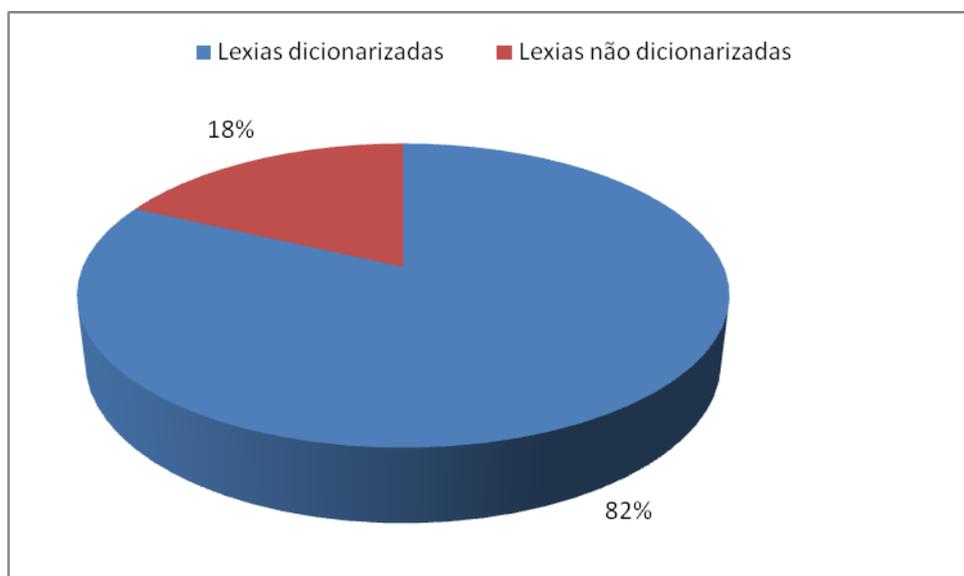
Ainda no que se refere às lexias não registradas, convém assinalar que verificamos o que poderíamos classificar de formações neológicas com elementos da própria língua. Esse processo parece ser uma alternativa ao falante que, não encontrando ou não se lembrando do vocábulo em sua língua materna, também não quer optar pelo empréstimo. Como exemplo, citamos *irundy jere*, traduzido por

informantes como “quatro contornos” e fornecido como possível equivalente para “quadrado”. A respeito desse item, vale mencionar que nenhum dos informantes ou demais colaboradores conhece ou se lembre uma palavra equivalente em língua indígena. Citamos ainda *ipukuporã*, cuja tradução poderia ser “o que é cumprido e bom ou certo” e foi fornecido como “reto” (adjetivo).

Também nesses dados observamos 09 lexias cujos sentidos registrados pelos dicionários não são exatamente aqueles procurados por meio do formulário, mas apenas relacionado. Para “semente”, por exemplo, coletamos, entre outras respostas, *temity*, que, conforme os dicionários, equivaleria a “plantação” ou “semeadura”; para “largo” tivemos, entre as respostas, *pepysóve* e verificamos o registro de *jepissó* e *jepyso* com os sentidos “estender”, “estirar-se” e “distensão”.

Para uma melhor visualização dos resultados em relação ao registro das lexias nos dicionários, apresentamos a seguir dois gráficos com os percentuais encontrados. No primeiro, estão os resultados obtidos em relação aos dados coletados com os Guarani Nandeva, e no segundo, os resultados com em relação aos dados obtidos com os Guarani Kaiowá. Reiteramos que os percentuais exposto no primeiro dos dois gráficos refere-se a uma quantidade de 245 lexias distintas.

Gráfico 03 – Registro das lexias nos dicionários – Guarani Ñandeva (formulário 01)

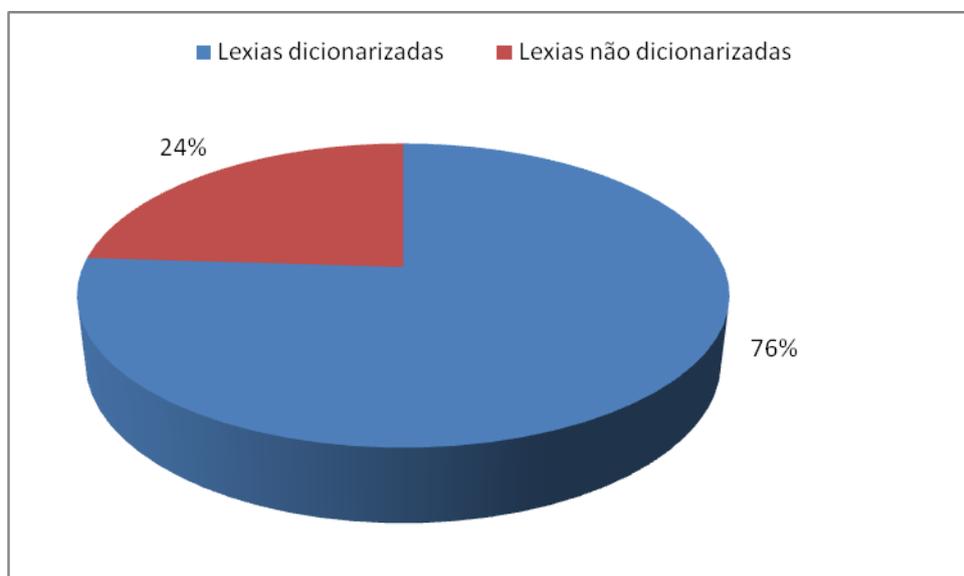


Fonte: a própria autora

Conforme demonstramos por meio do gráfico 03, 82% das lexias que foram dadas como respostas pelos Guarani Ñandeva estão registradas em pelo menos um dicionário com o sentido pretendido por eles ou sentido muito aproximado. O restante, 18%, não foram encontradas em nenhum dos dicionários pesquisados. Não é possível, entretanto, afirmar que a razão do não registro é a ineficiência das obras lexicográficas, que teriam deixado de registrar itens do vocabulário básico comum. Na verdade, como já mostrado, nesse percentual há muitos casos de empréstimos e formações neológicas do tipo que, em princípio, o lexicógrafo não teria mesmo a obrigação de selecionar para a nomenclatura do dicionário.

Na sequência apresentamos os resultados referentes aos dados coletados junto aos Guarani Kaiowá. No gráfico 04, a seguir, estão demonstrados os percentuais referentes a 267 lexias.

Gráfico 04 – Registro das lexias nos dicionários – Guarani Kaiowá (formulário 01)



Fonte: a própria autora

No gráfico 04, podemos observar que 76% das lexias foram localizadas nos dicionários e 24% não foram localizadas. Comparando os dois gráficos, constatamos que os percentuais são aproximados, ou seja, os números de lexias registradas e não registradas nos dicionários são semelhantes. Ainda assim, podemos afirmar que os Guarani Kaiowá utilizariam mais vocábulos (em relação aos Guarani Ñandeva) que não estão contemplados nos dicionários, considerando, por exemplo, que entre essas lexias não dicionarizadas há menos empréstimos que no conjunto de lexias não dicionarizadas do outro subgrupo.

Em outro momento deste trabalho, constatamos que para uma quantidade significativa de itens do formulário, verificamos variação nas respostas dos dois subgrupos étnicos, isto é, as escolhas lexicais, em muitos casos, são distintas. Isso ocorre, por exemplo, em relação ao adjetivo “redondo”, para o qual todos os informantes Guarani Ñandeva disseram *apu’á* (com pequenas variações) e todos os Guarani Kaiowá disseram *ajere* (também com pequenas variações). As duas lexias estão registradas nos dicionários, estando, portanto, contemplados os usos das duas etnias. É preciso esclarecer que, nesse caso, há pequena diferença de significado quanto ao uso, mas o contexto dado aos dois subgrupos foi o mesmo.

Diante disso, podemos concluir que, em geral, com alguma desvantagem para os Guarani Kaiowá, a maioria da amostra do vocabulário básico coletada com os dois grupos está registrada nos dicionários. Vale lembrar aqui, inclusive, que duas das obras lexicográficas utilizadas têm nomenclatura bastante reduzida, isto é, o número de entradas é, em relação a outras obras, muito pequeno, e mesmo assim conseguem contemplar parte considerável da amostra com que trabalhamos. Isso ocorre, certamente, por estamos tratando de amostra de vocabulário básico.

Na sequência, examinamos os dados coletados com o formulário 02 quanto à situação de registro nos dicionários.

5.3.2 Verificação do registro dos vocábulos coletados nos dicionários (formulário 02)

A mesma consulta às seis obras lexicográficas foi realizada em relação aos dados coletados com o formulário 02. Lembramos que obtivemos inicialmente, de cada um dos dois grupos de informantes, 1200 lexias como respostas (12 informantes multiplicados por 100 itens lexicais pesquisados). Entretanto, como em relação aos dados coletados com o formulário 01, nesses também verificamos que para muitos itens a resposta foi a mesma, especialmente no mesmo grupo ético, o que consideramos natural.

Dessa forma, por exemplo, para o referente “prostituta”, obtivemos de informantes Guarani Ñandeva *kuña rekovai*, *kuña reko vai*, *kuña heko vaiva* (três resposta com pouca alteração, portanto consideradas como a mesma palavra); os Guarani Kaiowá forneceram, para “professor”, *mboehara*, *mbo’ehara*, *mbo’e hary*, três formas consideradas a mesma palavra. A partir desse entendimento, ou seja, da junção das respostas iguais e daquelas que, apesar da diferença de um ou mais fonemas ou letras, foram entendidas como a mesma palavra, obtivemos dos Guarani Ñandeva 240 lexias e dos Guarani Kaiowá 333.

Devido à natureza do tipo de nomes que procurávamos coletar por meio desse instrumento (nomes mais variáveis e mais relacionados à cultura não indígena), consideramos a hipótese de não encontramos registro de uma quantidade grande de palavras, o que de fato se confirmou.

Realizada a consulta, constatamos que, das 240 lexias coletadas com os Guarani Ñandeva, 125 não se encontram registradas em nenhum dos dicionários

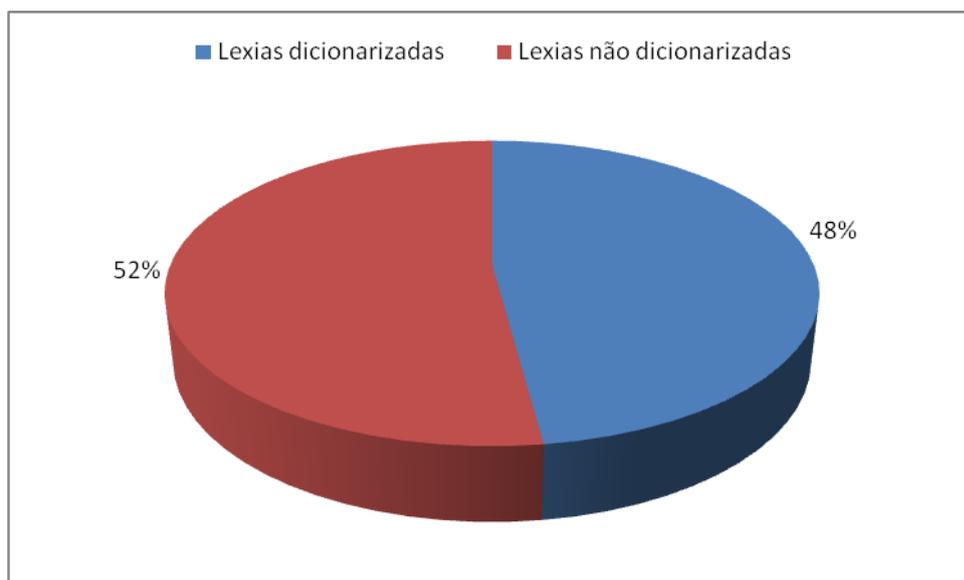
consultados. Desse total de lexias não registradas, 66, ou seja, quase a metade é empréstimo ou interferência do português e do espanhol, com ou sem alterações, como, por exemplo, *teimoso*, *carinho*, *vesíno* (vizinho), *vojaxa* (borracha); ou formações híbridas como *kasõpuku* (calça), *iguenova* (calma), *iprimo* (primo). Vale destacar, entretanto, que muitos empréstimos encontrados no *corpus* deste trabalho, já se encontram registrados especialmente por Assis (2008) – a autora registra vocábulos como *tía*, *tío*, *cosina*, *servera*, *moto*, *carro* etc, pressupondo que já estejam incorporados à língua indígena. Também Sampaio (1987) e Guasch e Ortiz (2001) registram, por exemplo, *saia* (vestimenta); e todos os lexicógrafos consultados, inclusive Montoya, registram *sapatu*.

Quanto aos demais itens não dicionarizados, a tendência observada é a mesma em relação aos dados dos quadros anteriores: formações neológicas com elementos da própria língua, como por exemplo, *ohecha porãyva* (míope), *tenda pya'e* (moto), *kuña pyrehegua* (sandália).

Já dos 333 itens coletados com os informantes Guarani Kaiowá, com o formulário 02, mais da metade, isto é, 172, não foram localizados em nenhum dos dicionários. Ressaltamos que os empréstimos/interferências ou formações híbridas, dentre esses 172 itens não dicionarizados, somam 41. Os informantes Guarani Kaiowá, mesmo conscientes de que procurávamos os vocábulos em língua materna, nos forneceram empréstimos lexicais (ou formas resultadas da interferência) como *família*, *calma*, *komáre* (comadre), *seroço* (ciúmes). E ainda vocábulos híbridos como *kwimba'e rusa* (blusa), *aogwarydaha* (guarda-roupa).

Os dois gráficos seguintes demonstram os percentuais quanto ao registro dos vocábulos obtidos juntos as duas etnias com o formulário 02. O primeiro gráfico refere-se aos 240 itens coletados com os Guarani Nandeva.

Gráfico 05 – Registro das lexias nos dicionários – Guarani Ñandeva
(formulário 02)



Fonte: a própria autora

A partir do gráfico 05, podemos constatar que mais da metade dos itens dados como respostas ao formulário 02, ou seja, 52% não foi localizada em nenhum dos dicionários. Esse resultado já era esperado como hipótese tendo em vista a natureza dos itens que estávamos pretendendo coletar com esse formulário.

Já o próximo gráfico mostra os percentuais em relação aos dados coletados com os informantes Guarani Kaiowá. Esse gráfico refere-se aos 333 itens diferentes coletados.

Gráfico 06 – Registro das lexias nos dicionários – Guarani Kaiowá
(formulário 02)



Fonte: a própria autora

Observando o gráfico 06, notamos que, seguindo a mesma tendência verificada no gráfico anterior, a maioria dos vocábulos não está localizada nos dicionários consultados, isto é, 52% do total.

A comparação dos dois gráficos mostra que os percentuais relativos aos itens dicionarizados e não dicionarizados são coincidentes, no entanto, duas questões é preciso considerar ainda a respeito desses dados. A primeira é que, com o mesmo formulário, obtivemos um número de lexias bastante diferente com os dois subgrupos (240 dos Guarani Ñandeva e 333 dos Guarani Kaiowá). Isso nos levou a verificar que as respostas do primeiro subgrupo são menos variáveis entre si, ou seja, apontam para uma maior coesão entre esses falante. A segunda questão a considerar é que a existência de uma suposta coesão maior parece estar atrelada ao fato de os Guarani Ñandeva se permitirem mais facilmente o uso dos empréstimos lexicais para a nomeação dos referentes indicados no formulário. Os Guarani Kaiowá, apesar de também utilizarem empréstimos, proporcionalmente insistem um pouco mais na procura de elementos da própria língua materna para a nomeação desses mesmos referentes. Discutiremos um pouco mais essas questões nos subitens 5.9 e 5.10 deste capítulo.

Como já mencionamos, em relação aos dados do formulário 02, a hipótese era que realmente não encontraríamos a maioria dos vocábulos dicionarizados. Pretendíamos, entretanto, além dessa simples confirmação, verificar se os dois subgrupos agiriam diferentemente diante da necessidade de nomear itens que nem sempre fizeram parte de seu cotidiano, isto é, que foram introduzidos em sua cultura por outros grupos humanos. A esse respeito, para além dos resultados expressos nos gráficos, podemos afirmar que há uma diferença de atitude dos dois subgrupos em relação à nomeação de referentes introduzidos por outras culturas, ou seja, os Guarani Ñandeva seriam um pouco mais concessivos em relação à adoção de empréstimos.

Na sequência, passamos a examinar os dados quanto à variação, isto é, para quantos e quais referentes dos formulários os dois subgrupos optam por vocábulos distintos.

5.4 Variação nas escolhas lexicais

Todos os dados coletados com os dois formulários foram organizados em quadros como o que segue.

Quadro 10 – Respostas referentes ao item “estrela”

Formulário 01 – item 109 – estrela (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>etrelha, mbyjá</i>	<i>etrelha</i>	<i>etelha</i>	<i>mbyja</i>	<i>mbyja</i>	<i>luzero(miby)</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>jasytata</i>	<i>jasytata</i>	<i>jasytata</i>	<i>jasytata</i>	<i>jasy tatá</i>	<i>jasy tata</i>

Fonte: a própria autora

Nos quadros, temos o número do formulário, o número do item, a lexia em língua portuguesa, e as respostas fornecidas por cada um dos informantes. Essa organização, ou seja, a disposição das respostas umas ao lado das outras, se justifica pelo fato de termos em vista a comparação dos usos lexicais nos dois subgrupos étnicos.

Nesta seção da análise, examinamos as situações em que houve homogeneidade nas respostas dos dois grupos de informantes – um em relação ao outro – e as situações em que houve variação, isto é, os casos em que observamos usos de vocábulos diferentes para o mesmo referente. Inicialmente consideramos importante explicitar o que estamos entendendo como homogeneidade e como variação das respostas. Para isso, começamos observando o quadro seguinte:

Quadro 11 – Respostas referentes ao item “pássaro”

Formulário 01 – item 92 – pássaro (substantivo)						
Guarani Nandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>guyra</i>	<i>guyra</i>	<i>guyra</i>	<i>guyra</i>	<i>guyra</i>	<i>guyra</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>gwyra</i>	<i>gwyra</i>	<i>gwyra</i>	<i>gwyra</i>	<i>gwyra</i>	<i>gwyra</i>

Fonte: a própria autora

Nesse quadro, como podemos observar, há uma coincidência de todas as respostas dos informantes dos dois subgrupos, quando solicitados a fornecer em sua língua materna o vocábulo correspondente ao substantivo “pássaro”. Todos respondem *guyra/gwyra* (com diferença apenas na representação gráfica).

Em casos como o demonstrado nesse último quadro, após a colocação dos dados lado a lado, verificamos que as respostas obtidas são homogêneas, ou seja, não registramos variação lexical comparando as respostas dos Guarani Nandeva e dos Guarani Kaiowá. Consideramos também como casos em que as respostas são homogêneas a situação que se verifica no próximo quadro, ou seja, quando apenas um dos informantes responde diferentemente dos demais.

Quadro 12 – Respostas referentes ao item “perto”

Formulário 01 – item 20 – perto (advérbio)						
Guarani Nandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>agui</i>	<i>agui</i>	<i>aguĩ</i>	<i>aguĩ</i>	<i>agui</i>	<i>aguĩ</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>ãgwĩ</i>	<i>ypypy</i>	<i>agwĩ</i>	<i>agwi</i>	<i>hiagwĩ</i>	<i>hiagwĩ</i>

Fonte: a própria autora

Nesse quadro, à exceção do vocábulo destacado, há também uma coincidência de respostas quando se solicita o vocábulo em língua materna referente ao advérbio “perto”. Apenas uma informante, entre os Guarani Kaiowá, fornece a resposta *ypypy*, lexia registrada pelos dicionários como *ypýpe* com o sentido de “cerca, junto a [...]” (GUASCH & ORTIZ, 2001) e “(posp.) junto a, junto de, próximo de, indica lugar” (ASSIS, 2008).

Em outras palavras, como se vê, não consideramos significativa a ocorrência de um item diferente (o item em destaque) nas respostas dos informantes Guarani Kaiowá. Isso porque entendemos que a informante pode estar nomeando um referente ou a uma noção um pouco distinta das demais, ou a resposta pode ser resultado de um lapso de atenção, por exemplo.

Convém esclarecer que, para considerarmos as respostas iguais, abstraímos certas diferenças, em sua maioria relacionada ao uso ou não de elementos mórficos acrescidos à lexia, troca de fonema no início da lexia (e, por consequência, da letra que o representa) no caso de palavras oscilantes, marcação gráfica ou não de nasalidade, entre outras.

Quando, entretanto, ocorrem dois ou mais itens diferentes, deixamos de considerar os dois grupos de respostas como homogêneas, passando, então, a falar de variação. Nesse sentido, o quadro a seguir, exemplifica casos a partir dos quais consideramos que existe diversidade entre as respostas dos dois grupos étnicos.

Quadro 13 – Respostas referentes ao item “menina”

Formulário 01 – item 88 – menina (substantivo)						
Guarani	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
Ñandeva	<i>mitãkuña</i>	<i>mitakuña</i>	<i>mitã kuña</i>	<i>mitã kuña</i>	<i>mitã kuña</i>	<i>mitã kuña</i>
Guarani	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
Kaiowá	<i>cheindy</i>	<i>mitãkunhã</i>	<i>mitã kunha</i>	<i>cheindy</i>	<i>mitã kunha</i>	<i>mitã kunha</i>

Fonte: a própria autora

Nesse quadro, podemos verificar homogeneidade nas respostas fornecidas pelos Guarani Ñandeva, quando os mesmos são instados a fornecer em sua língua materna o vocábulo correspondente ao substantivo “menina”. Para o mesmo referente, entretanto, vemos que os Guarani Kaiowá, apesar de certa recorrência (repetindo o vocábulo *mitãkunã*, ou uma de suas variações), usam, por duas vezes,

um outro vocábulo *cheindy*, a propósito, não registrado nos dicionários consultados. Pela ocorrência de *cheindy*, por duas vezes, consideramos o quadro em questão como exemplo de casos de variação. Ainda que *mitãkuña* seja de uso comum dos dois grupos, *cheindy*, pode ser de uso exclusivo dos Guarani Kaiowá.

O próximo quadro também exemplifica caso de variação nas respostas dos dois grupos.

Quadro 14 – Respostas referentes ao item “redondo”

Formulário 01 – item 31 – redondo (adjetivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>ijapu'ava,</i> <i>apu'a</i>	<i>apu'a</i>	<i>apuá</i>	<i>ijapu'a</i>	<i>japu'a</i>	<i>apuá</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>ijajere</i>	<i>ojere'a</i>	<i>jajere</i>	<i>ljajere</i>	<i>ajere</i>	<i>ajere</i>

Fonte: a própria autora

Como esses dados, do último quadro, foram escolhidos para a análise mais detalhada, as considerações serão feitas posteriormente, na continuação da análise.

Feitos os esclarecimentos a respeito do que consideramos como homogeneidade e variação entre as respostas dos grupos, apresentamos dois gráficos que demonstram os percentuais acerca desse ponto de análise, isto é, acerca da quantidade de itens em que as respostas dos dois subgrupos foram homogêneas e a quantidade de itens em que houve variação nas respostas de um grupo em relação ao outro. No gráfico a seguir, estamos considerando os 150 itens do formulário 01.

Gráfico 07 – Percentual de Itens em que houve variação nas respostas dos dois subgrupos (formulário 01)

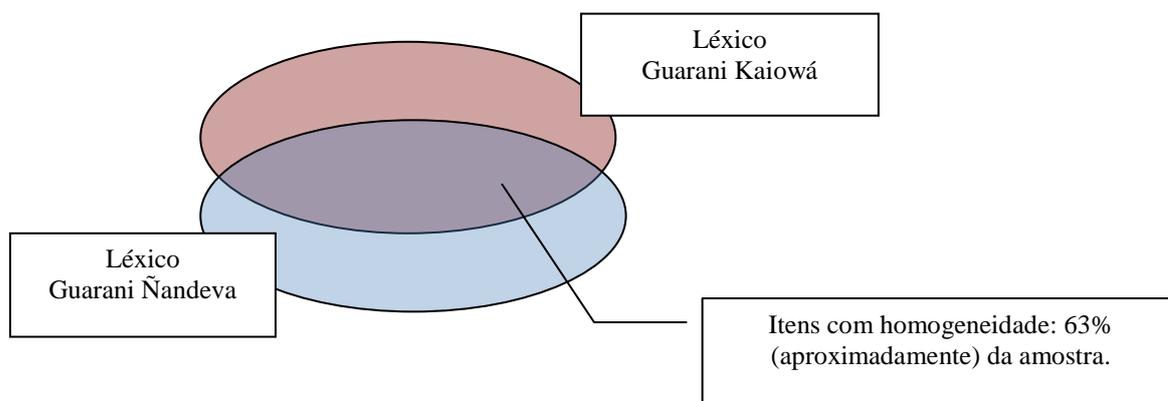


Fonte: a própria autora

No gráfico 07, fica demonstrado que, de um total de 150 itens lexicais, em 95 foram observadas respostas consideradas comuns ao vocabulário dos dois subgrupos étnicos, restando assim um total de 55 itens lexicais que, em maior ou menor medida, observamos variação. Esses dados numéricos estão expressos no gráfico, como vemos, em percentuais, ou seja, em 63% da amostra verificamos que os vocábulos utilizados para a nomeação de diversos referentes são os mesmos para os dois grupos étnicos. Por outro lado, em 37% da amostra ocorre variação lexical.

A fim de tornarmos mais clara a demonstração da quantidade de itens lexicais que foram traduzidos da mesma forma pelos Guarani Ñandeva e pelos Guarani Kaiowá, apresentamos a figura a seguir, na qual ilustramos, a partir da ideia da intersecção, as respostas dos dois subgrupos.

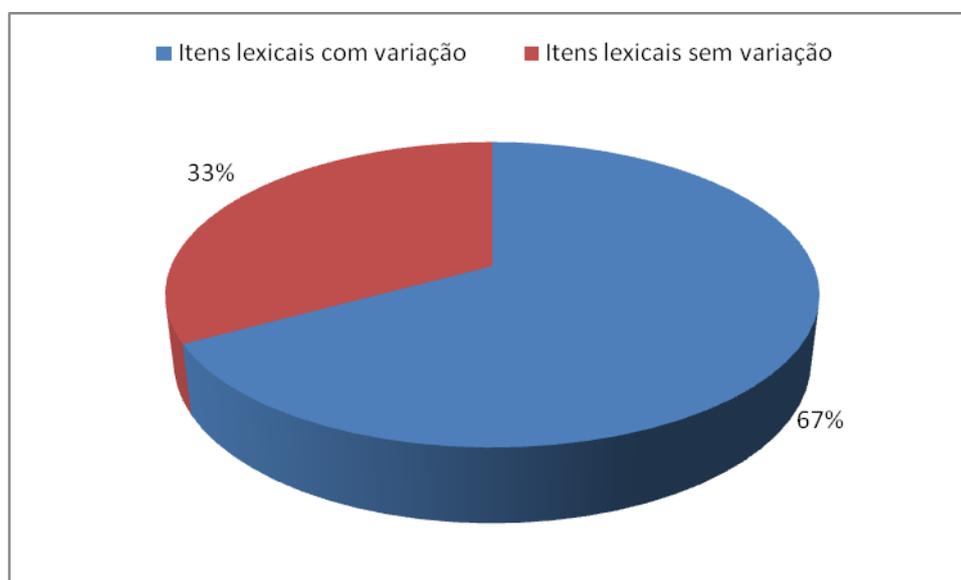
Figura 14 – Esquema correspondente ao gráfico 07 (formulário 01)



Fonte: a própria autora

Já no próximo gráfico, estamos considerando os 100 itens do formulário 02.

Gráfico 08 – Percentual de Itens em que houve variação nas respostas dos dois subgrupos (formulário 2)



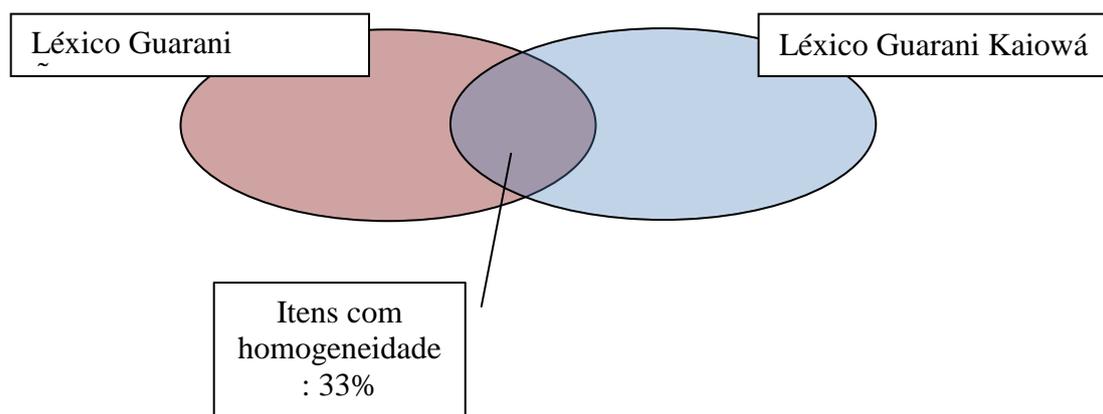
Fonte: a própria autora

O gráfico 08 apresenta um número menor de casos em que observamos respostas homogêneas, apenas 33, o que corresponde a um percentual de 33%; o restante, 67/67% são de casos em que consideramos a existência de variação significativa. Possíveis explicações para essa constatação são esboçadas no

momento em que analisamos mais detalhadamente os dados coletados com o formulário 02.

A figura seguinte ilustra essa situação a partir da ideia da quantidade de respostas iguais coletadas nos dois subgrupos étnicos.

Figura 15 – Esquema correspondente ao gráfico 08 (formulário 02)



Fonte: a própria autora

A partir dos gráficos e das figuras, podemos comprovar que, se é válida a conjectura que defende que esses dois grupos de indígenas do Cone Sul do Mato Grosso do Sul falam cada um uma língua, então é verdade que essas duas línguas, a partir de uma amostra do léxico, são e estão, de fato, muito próximas, o que é evidenciado pelo expressivo número de itens para os quais as respostas equivalentes são as mesmas. No que se refere ao “vocabulário básico” (ver gráfico 07) esse número alcança bem mais da metade do vocabulário dos dois grupos (63%); já no que se referem ao “vocabulário cultural” (ver gráfico 08) esse número, também se mostra expressivo (37%), mas diminui consideravelmente.

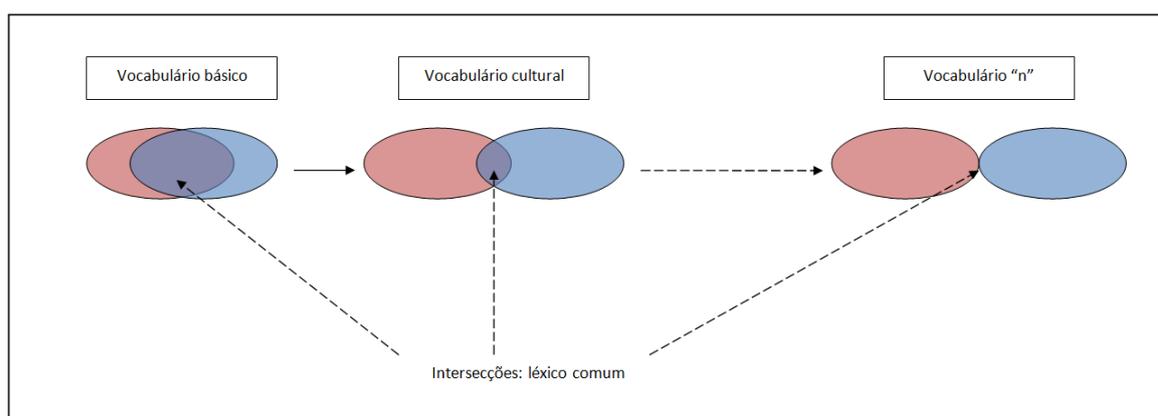
Nessa linha de raciocínio, os dados demonstrados nos gráficos reforçam a ideia, já conhecida e divulgada por linguístas e antropólogos, de que se trata, ao menos do ponto de vista lexical, de duas variantes dialetais ou duas línguas muito próximas, mas com diferenças que não podem ser desconsideradas. Nos dois gráficos, o que temos é um conjunto expressivo de unidades do léxico que os dois grupos *não* compartilham, para as mesmas situações, o que levaria especialmente os falantes das duas etnias a afirmarem que têm línguas diferentes. É evidente, temos consciência, que uma língua não é apenas o seu léxico. Entretanto, é o léxico

um indicador muito sensível das especificidades culturais e, talvez, por isso é tomado pelos falantes como o nível mais importante da língua.

Como já mencionado neste trabalho, com os dados desta pesquisa, não temos intenção e nem condição de afirmar se Guarani Kaiowá e o Guarani Ñandeva falam ou não línguas distintas – antes, pensamos em propor reflexões sobre a questão e apresentar um diagnóstico, a partir do recorte definido, da situação linguística atual desses grupos. Nossas conclusões poderão apontar, por exemplo, para a necessidade ou não de materiais pedagógicos diferentes para as duas parcialidades, por exemplo.

Ainda em relação aos gráficos, podemos notar, ao compará-los, que a quantidade de itens na qual observamos homogeneidade das respostas entre os dois grupos diminui à medida que passamos do “vocabulário básico” ao “vocabulário cultural” – e esta diminuição é bastante acentuada. Parece que, ao se sair da esfera do léxico que seria essencial no idioma (que, na pesquisa, é representado pelo “vocabulário básico”), os dois subgrupos vão se distanciando, ou seja, o que é comum vai diminuindo. Isso, talvez, pudesse ser observado na coleta de uma terceira amostra, a partir de outro recorte (a variante dos idosos, por exemplo). Essa ideia está expressa na figura a seguir.

Figura 16 – Possível tendência de diminuição de itens lexicais comuns



Fonte: a própria autora

Em síntese, a figura mostra que há uma grande intersecção quando comparamos a primeira amostra (de vocábulos que seriam essenciais em todas as

línguas) e uma intersecção bem menor quando comparamos a segunda amostra (de vocábulos que não seriam essenciais em todas as línguas). Nessa tendência – talvez, repetimos – não tivéssemos intersecção em uma terceira amostra (de vocábulos culturais ainda mais específicos).

No próximo item, ficamos ainda com mais alguns exemplos do que encontramos de comum na amostra lexical coletada.

5.5 Itens em que não houve variação – vocabulário básico (formulário 01)

São dados como os apresentados nos quadros seguintes que foram considerados pertencentes à intersecção demonstrada na figura 14 (e que compõem os 63% dos dados em que não verificamos variação significativa).

Quadro 15 – Respostas referentes ao item “estreito”

Formulário 01 – item 33 – estreito (adjetivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	po'i	po'i	poí	po'i	po'i	ipo'i
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	po'i	poí	ipo'i	ipo'i	poí	ipo'i

Fonte: a própria autora

O vocábulo “estreito” foi solicitado no contexto da frase “O caminho é estreito”, e como podemos observar no quadro, a resposta de todos os informantes dos dois grupos étnicos foi a mesma. Constatamos apenas que houve pequena diferença quanto à ortografia, e que a forma dicionarizada é *po'i*. Quanto à anteposição do “i”, Assis (2008) registra que, em adjetivos, equivale ao verbo “ser”, como ocorre também em *ipuku* (é grande), *ivai* (é ruim), *iporã* (é bonito).

O próximo quadro também é exemplo de item para o qual no tivemos variação.

Quadro 16 – Respostas referentes ao item “rir”

Formulário 01 – item 77 – rir (verbo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>puká</i>	<i>puka</i>	<i>puka</i>	<i>puka</i>	<i>puka</i>	<i>opuka</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>opuka</i>	<i>opuka</i>	<i>puka</i>	<i>opuka</i>	<i>puka</i>	<i>puka</i>

Fonte: a própria autora

O vocábulo “rir” foi solicitado na frase “As crianças gostam de rir”. E, como observamos no quadro, não houve variação, ou seja, todas as respostas foram iguais. Notamos variação ortográfica no que se refere ao uso do acento agudo, o que foi verificado também nos dicionários consultados. Já o prefixo “o”, que aparece em algumas respostas, seria, conforme explicado no início deste capítulo, característica verbal de terceira pessoa do singular ou do plural em verbos areais.

No próximo quadro temos mais um exemplo de respostas homogêneas.

Quadro 17 – Respostas referentes ao item “lua”

Formulário 01 – item 108 – lua (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>jasy</i>	<i>jasy</i>	<i>jasy</i>	<i>jasy</i>	<i>jasy</i>	<i>jasy</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>jasy</i>	<i>jasy</i>	<i>jasy</i>	<i>jasy</i>	<i>jasy</i>	<i>jasy</i>

Fonte: a própria autora

Solicitamos aos informantes que nos dissessem, em sua língua materna, o vocábulo equivalente a “lua”, na frase “Gosto de olhar a lua”. De acordo com o que constatamos pela observação do quadro, todos forneceram a mesma lexia, inclusive sem diferença ortográfica, *jasy* – registrado, a propósito, em todos os dicionários consultados

Lembramos que casos como esses, demonstrados nos três últimos quadros, constituem 63% da mostra coletada, com o formulário 01. No próximo tópico, trataremos dos dados que constituem os outros 37% da amostra, isto é, aqueles itens nos quais observamos variação lexical mais significativa.

5.6 Diferenças lexicais mais significativas: vocabulário básico (formulário 1)

Na sequência, examinamos 20 quadros (dos 55 nos quais verificamos variação significativa na comparação das duas amostras do vocabulário básico). O critério para escolha desses quadros, reiteramos, foi a maior ocorrência de variação, ou seja, escolhemos aqueles quadros em que os dois subgrupos étnicos mais divergiram em suas respostas.

Os itens examinados nesta seção são os seguintes: “quem”, “sim”, “raso”, “redondo”, “quadrado”, “largo”, “grosso”, “podre”, “segura”, “pessoa”, “gordura”, “estreito”, “poeira”, “língua”, “pescoço”, “axila”, “peito”, “cintura”, “umbigo”, “panturilha”. Ressaltamos que a análise desses dados, está embasada, principalmente, no resultado da verificação do registro dos vocábulos nos dicionários (ver apêndices 04, 05, 06 e 07 no CD room).

O primeiro item analisado é o pronome “quem”, e o contexto solicitado é o da frase que segue acompanhada com dois exemplos de tradução, um de cada grupo étnico. Esclarecemos que para todos os demais itens também apresentaremos a frase de contexto e um exemplo de como foi traduzida por cada um dos dois subgrupos étnicos. Convém observar que, com muita frequência, a versão para a língua materna dos informantes é feita de maneira muito distinta não apenas em relação ao item lexical em questão, mas a todo o enunciado.

Quem é aquele homem?

Mavapa *pe karaí?* (Guarani Ñandeva)

Kiva’e *pe kuimba’e?* (Guarani Kaiowá)

Todas as respostas obtidas para esse item do formulário estão dispostas no quadro a seguir.

Quadro 18 – Respostas referentes ao item “quem”

Formulário 01 – item 7 – quem (pronome)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>máva</i>	<i>máva</i>	<i>maõva</i>	<i>mava</i>	<i>mava</i>	<i>mava'pa/ mava koi</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>kiva'e/ mávapa</i>	<i>kia'e</i>	<i>kiva'e</i>	<i>kivae</i>	<i>kiva'e</i>	<i>kia'eti</i>

Fonte: a própria autora

Para o pronome “quem”, podemos verificar que todos os informantes Guarani Ñandeva utilizam o vocábulo *máva*, que se encontra registrado nos dicionários⁶⁶ consultados. O mesmo vocábulo também é utilizado, como segunda resposta, por um dos informantes Guarani Kaiowá. Constatamos, no entanto, que o uso mais comum, nesse segundo grupo, é a lexia *kiva'e*, não registrada nos dicionários consultados. Por ocasião de recontato, uma informante explica que conhece as duas formas e que, para ela, teriam diferenças quanto ao contexto de uso, mas acredita que há uma tendência de cada um dos subgrupos em utilizar apenas uma das palavras de maneira generalizada, isto é, em todos os contextos.

O segundo item analisado é o advérbio “sim”. Nesse caso, solicitamos que o vocábulo fosse utilizado no contexto seguinte:

Sim, eu vou para o rio.

Upeicha, *ahata ysyrype*. (Guarani Ñandeva)

Háe, *xe ahata rio py*. (Guarani Kaiowá)

Segue o quadro com as respostas transcritas nos exemplos e com as demais obtidas.

⁶⁶ Esses dicionários, quando não especificados, serão sempre os já mencionados na metodologia deste trabalho.

Quadro 19 – Respostas referentes ao item “sim”

Formulário 01 – Item 12 – sim (advérbio)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>gueno</i>	<i>gueno</i>	<i>gueno</i>	<i>upeicha</i>	<i>upeicha</i>	<i>upeicha</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>ha'e</i>	<i>upea</i>	<i>péxa</i>	<i>há'erei</i>	<i>háe</i>	<i>há'e</i>

Fonte: a própria autora

O quadro mostra que, para o advérbio “sim”, as respostas obtidas entre os Guarani Ñandeva variaram entre *gueno* e *upeicha*. Quanto ao vocábulo *gueno*, supõe-se que seja uma alteração do espanhol *bueno*, que de acordo com o dicionário de língua espanhola Señas (2010), também pode ser um advérbio e significar “de acordo; sim”, em exemplo como “*te apetece tomar algo? – Bueno.*”

Já a forma *upéicha*, com alterações, é utilizada também pelos Guarani Kaiowá. Verificamos, entretanto, que esse vocábulo está registrado em Guasch e Ortiz (2001) e Assis (2008) na direção guarani/português com o seguinte significado: “assim, desse modo, dessa maneira”, não correspondendo, portanto, ao sentido adquirido no contexto solicitado. No entanto, conferindo a outra direção dos dicionários, português/guarani, verificamos que Assis (2008) documenta a forma *upéicha* como equivalente a “sim”.

O mesmo ocorre em relação ao vocábulo *ha'e*, que aparece como respostas dos Guarani Kaiowá: na primeira direção desse dicionário verificamos apenas os sentidos de “ele, ela” (em uma entrada) e “dizer, falar” (em outra entrada). O sentido de “sim” está apenas na direção português/guarani. Também o sentido registrado por Montoya (2011[1639]) é distinto: “o mesmo que”.

Como foi possível constatar, nesse caso, há uma lexia que é utilizada pelos dois grupos étnicos – *upeicha*, com alterações – e a diferença ficou por conta do uso do empréstimo *gueno* pelos Guarani Ñandeva e da lexia *há'e* pelos Guarani Kaiowá.

O terceiro item apresentado é o adjetivo “raso”, no contexto das frases que seguem.

O córrego é **raso**.

Ysyry **pererĩ**. (Guarani Ñandeva)

Ysyry **ndahupýi**. (Guarani Kaiowá)

Os dados obtidos para esse item do formulário podem ser visualizados no próximo quadro.

Quadro 20 – Respostas referentes ao item “raso”

Formulário 01 – Item 28 – raso (adjetivo)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>pererĩ</i>	<i>pererĩ</i>	<i>ndahypyiri</i>	<i>pererĩ</i>	<i>pererĩ</i>	<i>yperenrí</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>ndaipypukúi</i>	<i>ndaipupukui</i>	<i>ndahupýi</i>	<i>haso</i>	<i>ndahupýi</i>	<i>ndahupýi</i>

Fonte: a própria autora

Analisando o quadro, verificamos que, com uma exceção, as respostas do Guarani Ñandeva, indicam *pererĩ* como item equivalente ao adjetivo “raso”. Esse vocábulo está dicionarizado, mas com sentido principal distinto do concebido pelos falantes. Guasch e Ortiz (2001) e Assis (2008), por exemplo, indicam apenas o sentido de “fino” ou “delgado”. Apenas em Sampaio (1986) verificamos, em segunda acepção, o sentido de “de pouca profundidade”. Constatamos também que um dos informantes desse subgrupo fornece o vocábulo *ndahypyiri*, que pode ser entendido como “o que não é fundo”, já que é formado por *nda(i)* = fórmula de negação + *hypy* = fundo.

A ideia dessa construção que aparece apenas uma vez entre os Guarani Ñandeva é a que prevalece entre os Guarani Kaiowá, cuja forma mais recorrente foi *ndahupýi*, que parece ser alteração *ndahypyiri*. Já as formas *ndaipypukúi* e *ndaipupukui* podem ser interpretadas também como “o que não é fundo”. Registramos que *puku* tem, entre seus sentidos, o de “delgado”, como o que aparece na lexia *pererĩ*, de uso dos Guarani Ñandeva. Ainda observamos, entre as respostas dos Guarani Kaiowá, um empréstimo, *haso*, com adaptação na ortografia.

Na sequência apresentamos os dados obtido em relação à noção de “redondo”, item já citado no início desta sessão do trabalho.

O buraco é **redondo**.

Ykykwá ijarere. (Guarani Kaiowá)

Kua apu'a. (Guarani Ñandeva)

No próximo quadro, seguem os demais vocábulos que seriam equivalentes, para os dois subgrupos, a “redondo”, em português.

Quadro 14 – Respostas referentes ao item “redondo”*

Formulário 1 – Item 31 – redondo (adjetivo)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>ijapu’ava,</i> <i>apu’a</i>	<i>apu’a</i>	<i>apuá</i>	<i>ijapu’a</i>	<i>japu’a</i>	<i>apuá</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>ijajere</i>	<i>ojere’a</i>	<i>jajere</i>	<i>ijajere</i>	<i>ajere</i>	<i>ijajere</i>

*Quadro já apresentado para explicações sobre a análise

Nesse quadro, observamos que, quando os informantes são instados a fornecer em suas línguas maternas o vocábulo correspondente ao advérbio “redondo”, as respostas dos Guarani Ñandeva são iguais entre si; mas, são completamente diferentes das dos Guarani Kaiowá que, por sua vez, são iguais entre si.

Assim, enquanto os Guarani Ñandeva usam o vocábulo *apu’a*, os Guarani Kaiowá fornecem respostas derivadas do verbo (*a*)*jere*, que, conforme os dicionários, significaria “volta”, “dar volta”, “contornar, rolar”. Ainda a respeito desses vocábulos, durante um recontato com uma informante Guarani Kaiowá, perguntamos a ela se conhecia ou se observava em sua comunidade o uso de *apu’a* ao que respondeu que sim, esclarecendo, entretanto, que naquela frase “ficaria melhor” a resposta que ela deu quando coletamos os dados. O que explica a informante é uma situação que parece comum quando comparamos os usos lexicais dois subgrupos: em vários casos, os falantes conhecem as formas em variação (no interior do seu e do outro subgrupo), mas fazem escolhas conforme o que considera mais adequado.

O quinto item destacado foi o adjetivo “quadrado”, solicitado no contexto em que segue.

A janela é **quadrada**.

Ovetã **ipejoja**. (Guarani Ñandeva)

Janela *ogueroko* **irundy rovai**. (Guarani Kaiowá)

As demais respostas consideradas pelos informantes como equivalentes à noção de “quadrado” estão demonstrada no quadro seguinte.

Quadro 21 – Respostas referentes ao item “quadrado”

Formulário 01 – Item 32 – quadrado (adjetivo)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>jojapáva</i>	<i>kuayrazo</i>	<i>kuarado</i>	<i>ikora ipejoja</i>	<i>ipejoja</i>	<i>quadrado</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>ijajerepy</i>	-	<i>irundy jere</i>	<i>ipuku</i>	<i>irundy rováí</i>	<i>irundy rováí</i>

Fonte: a própria autora

Lembramos que os vocábulos equivalentes, em língua indígena, para a noção anterior, “redondo”, foram coletados sem maiores dificuldades, o que não ocorreu em relação ao item “quadrado”. Após a coleta desses dados, por ocasião de recontato com um informante Guarani Ñandeva, ele nos explica que realmente não se lembra de ninguém utilizando nenhuma palavra de sua língua materna para designar essa noção, por isso a presença dos empréstimos e o uso de palavras que podem ser entendidas como criações neológicas. Assim, os dados mostram que metade dos informantes Guarani Ñandeva recorre ao empréstimo e metade fornece vocábulos com a forma *joja*, cujo sentido, conforme os dicionários consultados, é de “igualdade”, o que nos leva a acreditar que a ideia em que se baseiam é a de algo que tem lados iguais. A maioria dos Guarani Kaiowá, por sua vez, utilizam formas como *irundy* (quatro) + *jere* (contorno) ou *irundy* (quatro) + *rovai* (frente, parte anterior de qualquer coisa). O vocábulo *ijajerepy*, após a coleta dos dados, foi esclarecido por informantes do mesmo grupo como “juntar os lados em um só”; e *puku*, ao que consta nos dicionários, por exemplo, não se refere à mesma noção – o sentido verificado é o de “largo”.

Dessa forma, constatamos que as respostas, dos dois subgrupos, parecem indicar que não existe um consenso quanto ao vocábulo para nomear essa noção. Como em outros casos, sobretudo dos dados coletados com o formulário 02, observamos que alguns informantes imediatamente recorrem ao empréstimo para expressá-la, enquanto outros tentam buscar na própria língua elementos para isso.

Para o próximo item, que se refere ao adjetivo “largo”, as escolhas lexicais dos indígenas também foram bastante diferenciadas, como demonstram os dados do próximo quadro. Antes, porém, verificamos o contexto em que foi solicitado.

A cama é **larga**.

Tupa pe. (Guarani Ñandeva)

Tupa jepyho. (Guarani Kaiowá)

Os demais vocábulos equivalentes ao adjetivo “largo” estão demonstrados no próximo quadro.

Quadro 22 – Respostas referentes ao item “largo”

Formulário 01 – Item 34 – largo (adjetivo)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>ipê</i>	<i>pe</i>	<i>pê</i>	<i>pe</i>	<i>Ipê</i>	<i>ipê</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Fabio
	<i>tuicha</i>	<i>tuixa</i>	<i>ipoguasú</i>	<i>ojepyha</i>	<i>jepyho</i>	<i>jepyho</i>

Fonte: a própria autora

O quadro mostra que todos os informantes Guarani Ñandeva forneceram, no contexto da pesquisa, o vocábulo *pe*, que Montoya (2011[1639]), Tibiriçá (1989), e Assis (2008) registram, mas com o sentido de “plano, chato, aplanado”. Verificamos, no entanto, que na segunda parte de seu dicionário – português/guarani – Assis apresenta o vocábulo *pe* como equivalente ao adjetivo *largo*. Já entre as respostas dos Guarani Kaiowá, observamos *tuicha/tuixa*, registrado nos dicionários com sentido mais amplo de “grande”; *ipoguasú*, que também tem o sentido de “grande” e de “grosso”. Assis (2008) registra “*pyguasú*” como uma das traduções para o vocábulo “largo”. Já as formas *ojepyha* e *jepyho* não foram localizadas nos dicionários – localizamos, entretanto, *ojepysóva* com o sentido de “o que se estende, que se espalha”.

Como se verifica nesse quadro, as respostas dos Guarani Ñandeva são homogêneas, enquanto se observa uma significativa variação no conjunto das respostas dos Guarani Kaiowá. Adiantamos que essa é uma tendência verificada na

comparação dos dados lexicais desta pesquisa, o que será discutido ainda neste capítulo.

Também para a noção expressa pelo adjetivo “grosso”, consideramos que as respostas fornecidas pelos informantes indica diferença entre os dois grupos. Antes de examinarmos o quadro comparativo, vejamos o contexto.

O tronco da árvore é **grosso**.

Gwyrāmata ipoguassu. (Guarani Ñandeva)

Yvyra inambusu. (Guarani Kaiowá)

No quadro seguinte podem ser visualizadas as outras respostas que os informantes consideraram equivalentes, no contexto da coleta de dados, para o adjetivo “grosso”.

Quadro 23 – Respostas referentes ao item “grosso”

Formulário 01 – Item 35 – grosso (adjetivo)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>poguasú</i>	<i>poguasú</i>	<i>poguasú</i>	<i>ipoguasú</i>	<i>ipoguasú</i>	<i>inanbusu</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>pekweratã</i>	<i>ipoguasú</i>	<i>inambusu</i>	<i>inhanã</i>	<i>ipó gwasu</i>	<i>ipoguasú</i>

Fonte: a própria autora

Conforme se verifica, com exceção de uma informante, os Guarani Ñandeva fornecem a palavra *poguasú* registrada pelos dicionários com o mesmo sentido (além de outros). Entre os Guarani Kaiowá, também se verifica o uso de *poguasú*, mas há variação nas respostas, já que também se observam outras duas palavras que não foram localizadas nos dicionários consultados – *pekweratã*, *inambusu* e *inhanã*.

O próximo item analisado é o verbo “segurar”, conforme se verifica no contexto seguinte.

A mãe tem que **segurar** a criança.

Sy **ojoko mitã** me. (Guarani Ñandeva)

Sy **oipyhytã mitã** pe. (Guarani Kaiowá)

Os vocábulos apresentados no próximo quadro são, de acordo com os informantes, equivalentes ao verbo “segurar” na frase dada.

Quadro 24 – Respostas referentes ao item “segurar”

Formulário 01 – Item 82 – segurar (verbo)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>ojokó</i>	<i>joko</i>	<i>joko</i>	<i>joko</i>	<i>joko</i>	<i>hojoko</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>oipyhyta</i>	<i>onhãgara</i>	<i>pyhy</i>	<i>onhagara</i>	<i>nhangara</i>	<i>pyhy</i>

Fonte: a própria autora

Todos os informantes Guarani Ñandeva forneceram o verbo (*a*)*joko* como equivalente para “segurar” em português. Os sentidos registrados em Assis (2008), para esse verbo, são “agarrar-se, sustentar-se, aguentar-se”, semelhantes ao da língua portuguesa.

Já entre os Guarani Kaiowá se verificou o uso de (*ai*)*pyhy*, que tem o sentido de “agarrar, prender, capturar...”⁶⁷, conforme os dicionários consultados. Verificamos também o uso das formas *onhagara/nhangara*, não localizadas nos dicionários, e que provavelmente sejam resultadas de empréstimos a partir de “agarrar”, da língua portuguesa.

O próximo item analisado foi solicitado aos dois grupos no seguinte contexto:

Ele é boa **pessoa**.

*Ha'e **persona** imba'e porãva.* (Guarani Ñandeva)

*Ha'e **kente** heko porã.* (Guarani Kaiowá)

No quadro seguinte, estão apresentadas as demais respostas referentes ao substantivo “pessoa”.

⁶⁷ De acordo com o registro de Assis (2008), pode ter o sentido também de “ter relações sexuais” e Guasch e Ortiz (2001) observam que a palavra pode ter também “sentido obsceno”.

Quadro 25 – Respostas referentes ao item “pessoa”

Formulário 01 - Item 85 – pessoa (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>persona</i>	<i>persona</i>	<i>gente</i>	<i>tekove</i>	<i>tekove</i>	<i>gente</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>gente, te'yi</i>	<i>kente</i>	<i>kente</i>	<i>kenti</i>	<i>kente</i>	<i>tapicha</i>

Fonte: a própria autora

Conforme se visualiza no quadro, apenas dois informantes Guarani Ñandeva utilizam um vocábulo que seria próprio da língua indígena: *tekove*, registrado nos dicionários consultados e traduzido neles como “pessoa”; os demais utilizam empréstimo do espanhol ou uma forma em português.

Entre os Guarani Kaiowá também podemos observar apenas duas respostas em língua indígena, uma vez que as demais são empréstimos: um informante Guarani Kaiowá fornece o vocábulo *te'yi*, que teria, de acordo com os dicionários consultados, um sentido apenas relacionado ao da lexia em questão – “linhagem, tribo, estirpe, público, multidão” – e outro informante responde com a lexia *tapicha*, que também pode ser traduzida como “pessoa”, conforme os dicionários. Os demais Guarani Kaiowá utilizam uma lexia em português e formas com adaptação fonética, que resultam também em grafia adaptada – *kente/kenti*.

Na sequência, apresentamos os dados referentes ao item “gordura” no contexto que segue:

A carne não tem **gordura**.

So'õ ndogwerekoi ikyrakue. (Guarani Ñandeva)

So'õ ndoikói nhandy. (Guarani Kaiowá)

As demais respostas obtidas com os informantes dos dois subgrupos a esse item estão apresentadas no quadro seguinte:

Quadro 26 – Respostas referentes ao item “gordura”

Formulário 01 - Item 96 – gordura (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>kyra</i>	<i>kyra</i>	<i>kyrakue</i>	<i>kyrá</i>	<i>kyra</i>	<i>kyra</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>nhandy</i>	<i>kyra</i>	<i>nhandy</i>	<i>ykyra</i>	<i>nhandy</i>	<i>ikyrakwe</i>

Fonte: a própria autora

O substantivo “gordura” foi traduzido por todos os informantes Guarani Ñandeva e pela metade dos informantes Guarani Kaiowá como *kyra/kirakue*. Essas formas são registradas nos dicionários consultados com os sentidos de “gordo, grosso, gordura”. Observa-se, ainda, que os informantes Guarani Kaiowá utilizam também o vocábulo *nhandy*, registrado com alguma variação ortográfica em todos os dicionários. Como é possível constatar, *kyra/kirakue* são formas que os dois subgrupos étnicos compartilham, no entanto metade dos informantes Guarani Kaiowá menciona outro vocábulo, *nhandy*, que talvez não seja comum para o outro subgrupo, ao menos, no mesmo contexto, o da frase dada.

O item lexical “estrela” foi solicitado aos dois grupos tendo em vista a frase que segue:

A **estrela** brilha no céu.

Yvagápe mbyja overá. (Guarani Ñandeva)

Jasytata *overá yváy-re.* (Guarani Kaiowá)

A distribuição das respostas referentes a esse item lexical pode ser visualizada no quadro que segue.

Quadro 10 – Respostas referentes ao item “estrela”*

Formulário 01 – Item 109 – estrela (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>etrelha,</i> <i>mbyjá</i>	<i>etrelha</i>	<i>etelha</i>	<i>mbyja</i>	<i>mbyja</i>	<i>luzero(miby)</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>jasytata</i>	<i>jasytata</i>	<i>jasytata</i>	<i>jasytata</i>	<i>jasy tatá</i>	<i>jasy tatá</i>

*Quadro já apresentado para explicações sobre a análise

Observando o quadro, constatamos que metade dos informantes Guarani Ñandeva utiliza uma forma alterada da palavra em português (estrela) ou em espanhol (estrella); uma fornece a lexia *luzero*, provavelmente o mesmo que *lucero*, que conforme Guasch e Ortiz (2001), é equivalente de *ko'e mbyja*, “estrela matutina”. Verificamos também que a metade desses informantes menciona o vocábulo *mbyja*, registrado nos dicionários consultados.

Já os informantes Guarani Kaiowá são unânimes quanto ao uso da forma *jasytata*, que também se encontra nos dicionários consultados. Ressaltamos que essa homogeneidade de respostas não é muito recorrente nesse subgrupo.

Investigamos também o item lexical “poeira”, no contexto que segue.

A **poeira** sujou as roupas.

Yvytimbo omomky'a aokwerypy. (Guarani Ñandeva)

Yvyku'i omongy'a ao. (Guarani Kaiowá)

As demais respostas obtidas em relação a esse substantivo estão no próximo quadro.

Quadro 27 – Respostas referentes ao item “poeira”

Formulário 01 – Item 115 – poeira (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>yvytimbó</i>	<i>yvytimbo</i>	<i>yvytimbo</i>	<i>yvy timbo</i>	<i>yvytimbo</i>	<i>pueira</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>yvyku'i</i>	<i>yvytukya</i>	<i>etimbó</i>	<i>puera</i>	<i>timboré</i>	<i>timbore</i>

Fonte: a própria autora

Conforme se observa, com exceção de uma informante, que utiliza a forma “pueira”, da língua portuguesa (apenas com redução da primeira vogal) todos os demais informantes Guarani Ñandeva fornecem o vocábulo *yvytimbo*, que está registrado nos dicionários consultados.

Já entre as respostas do subgrupo Guarani Kaiowá, constatamos uma variação interna: um informante utiliza a forma *yvyku'i*, que de acordo com Assis (2008) é “areia, partícula de rocha [...]”. Dois utilizam vocábulos em que aparece a forma *timbó* (*etimbó* e *timboré*), que de acordo com um dos dicionários, o de Sampaio (1986), pode ter o sentido de *poeira*. Assis (2008), por exemplo, registra

apenas o sentido de *fumaça*. Uma informante utiliza a forma *puera*. A forma *yvytukya*, por fim, não foi encontrada nos dicionários consultados.

Entre os nomes de partes do corpo⁶⁸ que buscamos neste trabalho, destacamos os dados referentes à “língua”, de acordo com um contexto como o que segue.

A **língua** do cachorro está sangrando.

Jagua kũ ombohuguy. (Guarani Ñandeva)

*Jagua **apekũ** hugwy.* (Guarani Kaiowá)

No quadro seguinte podemos visualizar os dados fornecidos em relação ao substantivo “língua”.

Quadro 28 – Respostas referentes ao item “língua”

Formulário 01 – Item 125 – língua (parte do corpo) (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>kũ</i>	<i>kũ</i>	<i>kũ</i>	<i>kũ</i>	<i>kũ</i>	<i>ikũ</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>apekũ</i>	<i>inhapekũ</i>	<i>apekũ</i>	<i>apenkũ</i>	<i>apekũ</i>	<i>apekũ</i>

Fonte: a própria autora

Conforme demonstra o quadro, todos os informantes Guarani Ñandeva utilizam o vocábulo *kũ*, registrado nos dicionários com sentido equivalente ao do item em língua portuguesa. Os informantes Guarani Kaiowá, por sua vez, com algumas variações, utilizam o vocábulo *apekũ*, registrado pelos dicionários com o sentido de “paladar, gosto, sabor”.

Nesse caso, verificamos, então, que os dicionários consultados registram um vocábulo cuja sequência sonora é a mesma que a fornecida pelos informantes Guarani Kaiowá, mas o significado registrado é apenas relacionado. Poderíamos dizer que, se consideramos uma palavra (ou qualquer outro termo utilizado como equivalente) como a união de um significante e de um significado, nos termos de Saussure (1916), a palavra *apekũ*, utilizada pelos Guarani Kaiowá, não está

⁶⁸ Sobre nomes referentes a partes do corpo, em guarani, ver Chamorro (2009).

contemplado nos dicionários consultados, ou seja, apenas o significante está registrado.

A respeito desse dado, assim como a respeito de outros, tentamos nos certificar de que não se trata de referentes distintos. Assim, perguntamos a alguns informantes, por exemplo, como dizer “língua” no sentido “idioma” e tivemos a confirmação de que, nesse caso, o vocábulo seria *ñe’ẽ*. Um informante Guarani Kaiowá explica ainda: “Posso dizer assim *Xe apekũ omboháipa ky’yi*, que significa algo como Minha língua ardeu com a pimenta” (Felipe, Guarani Kaiowá).

Também em relação ao vocabulário referentes às partes do corpo, investigamos as possíveis variações no que se refere ao uso do item lexical “pescoço”. O contexto dado foi o seguinte:

A criança machucou o **pescoço**.

Mitã onhemachuca ajura. (Guarani Nandeva)

Mitã’i ombohugwy oajurupy. (Guarani Kaiowá)

As demais respostas para esse item estão demonstradas no próximo quadro.

Quadro 29 – Respostas referentes ao item “pescoço”

Formulário 01 – Item 127 – pescoço (substantivo)						
Guarani Nandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>ajúra</i>	<i>ajura</i>	<i>ajura</i>	<i>ajura</i>	<i>ajura</i>	<i>jajura</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>ajurupy</i>	<i>ajurupy</i>	<i>ajurupy</i>	<i>ajurupy</i>	<i>ajurupy</i>	<i>ajurupy</i>

Fonte: a própria autora

Conforme podemos observar no quadro, todos os informantes Guarani Nandeva utilizam o vocábulo *ajúra* (com pequenas alterações) para o substantivo “pescoço” em língua portuguesa. Essa forma, juntamente com a forma *aju*, encontram-se registradas nos dicionários consultados como equivalente à palavra *pescoço* em português. A forma *ajurupy*, utilizada pela maioria dos Guarani Kaiowá – que parece ser a mesma, mas alterada, não se encontra registrada nos dicionários.

Verificamos também, com os dois subgrupos, o uso do item lexical que se refere à “axila”. Como contexto, fornecemos a frase que segue com dois exemplos de tradução.

O menino lavou bem a **axila**.

*Mitã ombojohey porã **jyvaguy**.* (Guarani Ñandeva)

*Mitã kuimba'e ojuhéi porã **otapygwy**.* (Guarani Kaiowá)

As outras respostas obtidas em relação ao substantivo “axila” estão demonstradas no quadro abaixo.

Quadro 30 – Respostas referentes ao item “axila”

Formulário 01 – Item 130 – axila (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>jyvaguy</i>	<i>jyvaguy</i>	<i>jyvaguy</i>	<i>teté</i>	<i>tete</i>	<i>jyvaguy</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>tapygwy</i>	<i>tapygwy</i>	<i>tapygwy</i>	<i>tapygwy</i>	<i>tapygwy</i>	<i>tapygwy</i>

Fonte: a própria autora

Pela observação do quadro, podemos constatar que o vocábulo mais usado, de acordo com os informantes Guarani Ñandeva, é *jyvaguy*. Esse item está registrado nos dicionários consultados com a ortografia utilizada pelos informantes, mas o dicionário de Assis (2008) também registra grafia diferente dos outros dicionários – *jyvanguy*. Já o vocábulo *tete*, utilizado por dois informantes está registrado em Guasch e Ortiz (2001) com outro sentido: “corpo”; e, em Assis (2001), como “a parte do organismo humano ou animal formada pelo tórax, abdômen, e tronco”. Não no mesmo sentido, portanto, que “axila”. Os informantes Guarani Kaiowá, por sua vez, usariam o vocábulo *tapygwy*, não localizado nos dicionários consultados.

Verificamos que *jyva* é palavra que equivale a “braço” e *guy* equivale a “embaixo, sob”. Nessa direção, procurando segmentar a palavra e interpretá-la literalmente, verificamos que *jyvaguy* é “embaixo do braço”. Seguindo o mesmo raciocínio, segmentamos o vocábulo *tapygwy*, dado pelos Guarani Kaiowá, mas constatamos que *tapy*, conforme os dicionários consultados, significa “entre pernas”, o não esclarece o sentido do vocábulo na composição em que aparece.

Investigamos também o item “peito”, com o sentido de tórax, e para isso solicitamos que observassem o contexto seguinte.

O homem machucou o próprio **peito**.

*Tapicha onhemachuca **pecho**.* (Guarani Ñandeva)

*Kuimba'e ombohugwy **pyti'a**.* (Guarani Kaiowá)

As respostas obtidas para esse substantivo estão dispostas no próximo quadro.

Quadro 31 – Respostas referentes ao item “peito”

Formulário 01 – Item 137 – peito (tórax) (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>pyti'á</i>	<i>pecho</i>	<i>pecho</i>	<i>pecho</i>	<i>pyti'a</i>	<i>Pecho</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>pyti'a</i>	<i>ipyá</i>	<i>py'a</i>	<i>pexo</i>	<i>pytia</i>	<i>pyti'a</i>

Fonte: a própria autora

Conforme os dados expostos no quadro, para nomear o “peito” (tórax), a maioria dos Guarani Ñandeva utiliza o empréstimo do espanhol *pecho*, e os demais recorrem à forma *pyti'á*, que pode ter o sentido de “peito, seio, tórax”, de acordo os dicionários consultados. Na comparação dessas respostas, a diferença fica, então, pelo maior recorrência de empréstimo entre os Guarani Ñandeva, uma vez que as mesmas formas aparecem para os dois subgrupos.

Ainda no que se refere a nomes de partes do corpo, verificamos os usos em relação ao substantivo “cintura”, como na frase que segue.

Aquela moça tem a **cintura** fina.

*Pe kuñataĩ **iku'a** po'i.* (Guarani Ñandeva)

*Pe kunhataĩ oguereko **tumby** kaĩ.* (Guarani Kaiowá)

Todas as respostas obtidas para esse item podem ser visualizadas no quadro seguinte.

Quadro 32 – Respostas referentes ao item “cintura”

Formulário 01 - Item 139 – cintura (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>ku'a</i>	<i>ku'a</i>	<i>kuá</i>	<i>kua</i>	<i>ku'a</i>	<i>iku'a</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>tumby</i>	<i>humby</i>	<i>ku'a</i>	<i>rumby</i>	<i>tumby</i>	<i>ku'a</i>

Fonte: a própria autora

O quadro mostra que, para o item “cintura”, todos os informantes Guarani Ñandeva utilizaram a lexia *ku'a*, enquanto os Guarani Kaiowá, além de *ku'a*, também fornecem *tumby* (palavra oscilante em “t”, “r” e “h”), que, inclusive é o vocábulo mais recorrente nesse subgrupo étnico.

Os dois vocábulos dados pelos informantes estão registrados nos dicionários como equivalentes à palavra em português em questão. Salientamos apenas que Sampaio (1986) observa que *tumby* pode ser usado como cintura quando for “aplicado à mulher”. Nenhum dos informantes, no entanto, observa essa diferença.

Solicitamos que os informantes nos fornecessem, em sua língua materna, mais um vocábulo referente ao corpo, o seja, o equivalente a “umbigo”, da língua portuguesa. O contexto dado como referência foi o seguinte:

Meu **umbigo** está sujo.

Che puru'ã iky'a. (Guarani Ñandeva)

Xe xu'ãi iky'a. (Guarani kaiowá)

Os vocábulos obtidos como equivalentes para o substantivo “umbigo” estão demonstrados no quadro seguinte.

Quadro 33 – Respostas referentes ao item “umbigo”

Formulário 01 – Item 140 – umbigo (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>puru'ã</i>	<i>puru'ã</i>	<i>puru'ã</i>	<i>puru'ã</i>	<i>puru'ã</i>	<i>puru'ã</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>chu'ãi</i>	<i>xuãi</i>	<i>xu'ãi</i>	<i>xu'ãi</i>	<i>xuãi</i>	<i>xu'ãi</i>

Fonte: a própria autora

Observando o quadro, constatamos que todos os Guarani Ñandeva responderam com o vocábulo *puru'ã* enquanto todos os Guarani Kaiowá utilizaram as formas *xu'ãi/xuãil/chu'ãi*. Apenas o vocábulo de uso dos Guarani foi encontrado nos dicionários consultados. Esses dados mostram, mais uma vez, que determinados vocábulos utilizados pelos Guarani Kaiowá não estão contemplados nos dicionários

O último item selecionado para análise – a partir do critério de variação que consideramos significativa – foi o substantivo “panturilha”. A frase dada aos informantes foi a seguinte, (com os exemplos de versão em Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá).

O homem arranhou a **panturilha** no mato.

Kuimba'e okaraĩ tetyma ro'o ka'aguype. (Guarani Ñandeva)

Kuimba'e oikutĩ oanagwy ka'aguyre. (Guarani Kaiowá)

Os demais dados obtidos para com esse item do formulário estão expostos no quadro seguinte.

Quadro 34 – Respostas referentes ao item “panturilha”

Formulário 01 – item 147 – panturilha (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>garrón</i>	<i>retymy'ã</i>	<i>retymaro'o</i>	<i>tetyma ro'o</i>	<i>tetyma ro'o</i>	<i>Retymã</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>andagwy</i>	<i>andagwy</i>	<i>andagwy</i>	<i>panturi</i>	<i>andagwy</i>	<i>Andagwy</i>

Fonte: a própria autora

A forma mais recorrente entre os Guarani Ñandeva foi *tetyma ro'o*, que pode ser traduzido literalmente como “carne da perna”, já que *tetymã* é perna e *ro'o* é “carne”, conforme registra Assis (2008). Não foi possível esclarecer a forma *retymy'ã*, utilizada por um dos informantes; e vemos que uma das informantes fornece apenas a forma que seria mais genérica, *retymã* (*tetymã* = perna). Verificamos ainda, entre essas respostas, um vocábulo emprestado – “garrão” – da língua portuguesa, ao que parece, com influência de pronúncia da língua espanhola

(O dicionário Señas (2010) não registra esse vocábulo, ao menos como entrada). “Garrão” é, conforme Houaiss (2001), o mesmo que “jarrete” (por analogia, jarrete do ser humano); jarrete é “a parte da perna oposta ao joelho, e por onde este se dobra e flexiona”. Entendemos que esse vocábulo tem sentido apenas relacionado ao que foi solicitado.

Os Guarani Kaiowá fornecem o vocábulo *andagwi*, com cinco recorrências. Apenas Montoya (2011[1639]) registra esse vocábulo, mas com o sentido de “curva do joelho”⁶⁹, diferente, portanto, do solicitado aos informantes. Verificamos também, entre esse subgrupo, o empréstimo *panturi*, da língua portuguesa, com alteração.

Passaremos agora à análise de itens coletados com o formulário 2.

5.7 Itens em que não houve variação – vocabulário cultural (formulário 2)

Os três quadros que seguem são exemplos de casos em que não houve variação nas respostas dos dois grupos. São dados como esses que foram considerados pertencentes à intersecção demonstrada na figura 15 (e que compõem os 33% dos dados em que não verificamos variação significativa).

O primeiro item que mostramos como exemplo daqueles nos quais observamos homogeneidade nas respostas dos dois subgrupos étnicos foi o substantivo “alegria”, no contexto da frase “Na festa havia muita **alegria** e animação”. As respostas obtidas estão no quadro que segue.

Quadro 35 – Respostas referentes ao item “alegria”

Formulário 02 – item 34 – alegria (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>vy'a</i>	<i>vy'a</i>	<i>vy'á</i>	<i>vy'a</i>	<i>vy'a</i>	<i>yvy'a</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>vy'á</i>	<i>vy'a</i>	<i>vy'a</i>	<i>vy'a</i>	<i>vy'a</i>	<i>vy'a</i>

Fonte: a própria autora

⁶⁹ Tradução nossa: *corva de la rodilla*.

Como podemos observar no quadro, as respostas de todos os informantes foram iguais – Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá forneceram, como equivalente para “alegria”, o vocábulo *vy’a*, não havendo, portanto, variação lexical entre os dois subgrupos. Observamos apenas que ao transcreverem o dado fornecido, dois informantes, um de cada grupo, utilizam o acento agudo, que não existiria, de acordo com os dicionários consultados.

Da mesma forma, verificamos homogeneidade nas respostas fornecidas para o substantivo “casa”, num contexto como “Minha **casa** é pequena”, conforme visualizamos no quadro.

Quadro 36 – Respostas referentes ao item “casa”

Formulário 02 – item 66 – casa (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>óga</i>	<i>oga</i>	<i>oga</i>	<i>oga</i>	<i>oga</i>	<i>oga</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>oga</i>	<i>oga</i>	<i>óga</i>	<i>oga</i>	<i>óga</i>	<i>oga</i>

Fonte: a própria autora

Novamente, a única diferença observada é a presença ou a ausência do acento agudo na representação gráfica da palavra. Salientamos que os dicionários consultados registram a lexia *óga*, com a presença do acento agudo.

Também não revelaram variação entre os dois subgrupos as respostas referentes ao substantivo “madrasta”. A frase “A criança gosta da **madrasta**” foi o contexto sugerido aos informantes, que forneceram, todos, a mesma resposta, como mostra o quadro seguinte.

Quadro 37 – Respostas referentes ao item “madrasta”

Formulário 02 – item 19 – madrasta (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>syangá</i>	<i>syanga</i>	<i>sy’angá</i>	<i>syanga</i>	<i>syanga</i>	<i>syanga</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>syanga</i>	<i>syanga</i>	<i>sy’anga</i>	<i>sy’anga</i>	<i>sy’anga</i>	<i>sy’anga</i>

Fonte: a própria autora

O quadro demonstra que todos os informantes utilizam, para essa referência, as formas *syangá*, *syanga*, *sy'anga*, havendo alteração apenas na grafia – *syangá*, *syanga*, *sy'anga*. Ao conferirmos o registro nos dicionários, verificamos as seguintes formas: *syangá* (SAMPAIO, 1986), *sîanga* (TIBIRIÇA, 1989) e *syanga* (GUASCH; ORTIZ, 2001)⁷⁰, *sy anga* (Montoya, 2011[1639]).

Na sequência, passamos à análise dos itens nos quais, ao contrário, observamos variação lexical que consideramos significativa, isto é, que apontaria para a confirmação de especificidades linguísticas em cada etnia.

5.8 Diferenças lexicais mais significativas: vocabulário cultural (formulário 02)

Em relação aos dados coletados com o formulário 2, é preciso esclarecer que a variação das respostas dos dois subgrupos é, principalmente, originada da atitude dos falantes em relação à adoção ou não dos empréstimos.

A partir dos dados já analisados e dos que passamos a analisar nesta seção do trabalho, verificamos que os informantes Guarani Nãndeva, com mais frequência que os Guarani Kaiowá, forneceram vocábulos emprestados quando solicitamos que nos informassem a lexia equivalente em sua língua materna. Como discutimos mais adiante (e mais detalhadamente), existem casos (talvez a maioria) em que os informantes têm consciência de que não estão usando um vocábulo de sua língua, e casos em que os empréstimos não são percebidos como tal.

Como procedemos em relação aos dados coletados com o formulário 01, selecionamos, entre os quadros organizados a partir dos dados coletados com o formulário 02, 17 quadros (dos 67) nos quais observamos variação entre as respostas dos dois subgrupos em estudo. Os itens cujos equivalentes apresentamos na sequência são: “escola”, “banheiro”, “blusa”, “pai”, “noiva”, “família”, “tristeza”, “ciúme”, “teimoso”, “prostituta”, “bobo”, “xará”, “cama”, “guarda-roupa”, “cadeira”, “bicicleta” e “sapato”.

Especialmente nos três primeiros, a variação está diretamente associada com a adoção ou não do empréstimo lexical. É o que podemos observar para o substantivo “escola”, solicitado para os dois grupos na frase que segue:

⁷⁰ Assis (2008) não registra esse vocábulo.

As crianças estão na **escola**

Mitãguẽra oĩ mbo'ehao pe. (Guarani Ñandeva)

Mitã kwera oime mbo'e roy pe. (Guarani Kaiowá)

Todas as respostas obtidas, com dois subgrupos, estão no quadro a seguir.

Quadro 38 – Respostas referentes ao item “escola”

Formulário 02 – item 53 – escola (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>ekuéla, mbo'ehao</i>	<i>ekuéla</i>	<i>ekúela</i>	<i>mbo'ehao</i>	<i>mbo'ehao</i>	<i>ekuela</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>arandu ray</i>	<i>mbo'eroy</i>	<i>mbo'e roy</i>	<i>ekorã</i>	<i>mbo'eróy</i>	<i>mbo'eha oga</i>

Fonte: a própria autora

Nesse quadro, como podemos notar, o empréstimo *ekuela* (com variação na acentuação) aparece como resposta de quatro dos seis informantes Guarani Ñandeva. Já entre os Guarani Kaiowá verificamos que apenas um informante optou pelo empréstimo, *ekorã*. Quanto aos vocábulos que seriam da língua indígena, dois informantes Guarani Ñandeva, e mais um como segunda resposta, utilizam o vocábulo *mbo'ehao*, registrado nos dicionários na forma aproximada *mbo'eha*. Entre as respostas dos Guarani Kaiowá, vemos um pouco mais de variação: um informante responde com o vocábulo *arandu ray*, não localizado nos dicionários consultados (constatamos apenas o registro de *arandu*, com o sentido de “sábio, inteligente, letrado”); *mbo'eroy/mb'eróy*, que como já afirmamos, se aproxima de *mbo'eha*, forma dicionarizada; e *mbo'eha oga*, vocábulo dicionarizado por Assis (2008), por exemplo, na forma *mbo'eróga*, que podemos interpretar como “casa de professor”, literalmente.

Na sequência apresentamos mais um quadro que exemplifica a variação e a recorrência dos empréstimos. Os dados são referentes ao substantivo “banheiro”.

O **banheiro** está limpo.

Banheiro ipofĩ. (Guarani Ñandeva)

Ahuha ipotĩma. (Guarani Kaiowá)

As demais respostas estão no quadro seguinte.

Quadro 39 – Respostas referentes ao item “banheiro”

Formulário 02 – item 70 – banheiro (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>banheiro</i>	<i>banhero</i>	<i>banheiro</i>	<i>ñembovevuiha koty'i</i>	<i>ñembovevuiha koty</i>	<i>vaño</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>jahu haty</i>	<i>jahuha</i>	<i>jahu katy</i>	<i>cazinha</i>	<i>jahu haty</i>	<i>jahukaty</i>

Fonte: a própria autora

Como é possível verificar pela disposição dos dados no quadro, três informantes Guarani Ñandeva utilizam empréstimo da língua portuguesa – *banheiro/banhero*; e um responde com empréstimo do espanhol *vaño* (*baño*, conforme Señas, 2010). Apenas dois informantes respondem com vocábulos que seriam da língua indígena *ñembovevuiha koty'i* e *ñembovevuiha koty*, não localizados nos dicionários. Já entre os Guarani Kaiowá, observamos apenas uma resposta considerada empréstimo da língua portuguesa – *cazinha*. O vocábulo “casinha”, que está registrado no dicionário Houaiss (2001), em uso informal, é sinônimo de “latrina”, que por sua vez tem também a acepção de “sanitário, banheiro”. Os demais informantes desse subgrupo optam pelo uso de vocábulo de sua língua materna – *jahu haty*, *jahu katy/ jahukaty*, *jahuha*. Desses, apenas o último está registrado nos dicionários com o mesmo sentido utilizado pelo informante ou com sentido associado – *jahuha*, além de “banheiro” (conforme Sampaio (1986) e Guasch e Ortiz, (2001)), seria ainda, para Tibiriçá (1989) e Assis (2008), “banheira, piscina”; Montoya (2011[1639]) registra apenas *jahu* (banho).

No quadro seguinte, verificamos as respostas dadas para o substantivo “blusa”, que foi apresentado na seguinte frase:

Comprei uma **blusa** para minha mãe.

Vata che sy peguarã ajogua. (Guarani Ñandeva)

Ajogwa peteĩ **rusa** xe sy pe. (Guarani Kaiowá)

Todas as respostas estão demonstradas no quadro a seguir.

Quadro 40 – Respostas referentes ao item “blusa”

Formulário 02 – item 96 – blusa (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>váta</i>	<i>lusa</i>	<i>vata</i>	<i>vata</i>	<i>ao aku</i>	<i>vata</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>rusa</i>	<i>rusa</i>	<i>kunha rúsa</i>	<i>kunha rusa</i>	<i>rúsa</i>	<i>rusa</i>

Fonte: a própria autora

Como é possível constatar no quadro, com exceção de uma das respostas obtidas com os Guarani Ñandeva, as demais desse subgrupo são empréstimos; verificamos a alteração *lusa* (de blusa) e *vata* (de bata), que é um tipo de blusa. Conforme Hoauiss (2001), “bata” é também “blusa folgada que se usa solta por fora da saia ou da calça”. Esse modelo de blusa parece estar, inclusive, mais próximo a alguma das vestimentas tradicionais dos indígenas. A resposta *ao aku* é a única que seria formada de palavras da língua materna do informante – *ao* (roupa) e *aku* (calor, quente), “roupa quente”, literalmente. Esses dois vocábulos encontram-se, em entradas distintas, registrados nos dicionários consultados.

Entre os Guarani Kaiowá, a maioria responde *rusa* (de blusa) e dois fornecem formas híbridas: *kunha rusa/kunha rúsa* (literalmente, “blusa de mulher”); apenas o primeiro vocábulo dessa composição está registrado nos dicionários, e a grafia mais usual é *kunã*, para os dicionários.

Como foi possível constatar, a partir dos dados do formulário 02, para a maioria dos itens houve empréstimos, o que já se supunha haja vista a natureza dos itens pesquisados (conforme já explicado na metodologia deste trabalho). Na sequência, damos continuidade à análise, destacando outros itens em que a variação foi significativa.

Apesar de não termos como objetivo discutirmos o tema “vocabulário de parentesco”, por acreditarmos que esse seria, dado à complexidade tema para outro trabalho, incluímos um campo semântico no formulário 02, com o qual coletamos alguns nomes de parentesco já que nesses seria possível verificar indícios ou provas

de que os valores culturais e sociais costumam ter efeito sobre a língua. Tínhamos como objetivo primeiro, como em relação a todos os outros itens dos formulários, verificar as possíveis diferenças entre os dois subgrupos no que se refere à escolha desse léxico.

Partindo desse ponto de vista, destacamos o primeiro item para o qual observamos variação que consideramos significativa – o substantivo “pai”. A frase dada como contexto foi a seguinte.

Meu **pai** mora naquela casa.

*Amo ógape oĩ che **túva**.*(Guarani Ñandeva)

*Xe **taita** oiko pe oga pe.*(Guarani Kaiowá)

Seguem organizadas no quadro as demais respostas obtidas para esse item do formulário 02.

Quadro 41 – Respostas referentes ao item “pai”

Formulário 02 – item 02 – pai (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>túva</i>	<i>tua, ru</i>	<i>tua</i>	<i>tua, ru</i>	<i>tua, ru</i>	<i>túva</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>taita/ru/hiu</i>	<i>taita</i>	<i>ru</i>	<i>ru</i>	<i>hiú/taitá</i>	<i>hiú</i>

Fonte: a própria autora

Os Guarani Ñandeva, como podemos observar pelos dados do quadro, responderam com as formas *túva*, *tua* e *ru*. A primeira está registrada em todos os dicionários consultados, a segunda foi encontrada em Tibiriçá (1989) e Assis (2008), e a última apenas em Assis (2008). Vale lembrar que essas formas são gramaticalmente oscilantes em “t”, “r” e “h”. Dessas, *ru* está também entre as respostas dos Guarani Kaiowá. No caso desse quadro, vimos que a variação fica por conta dos vocábulos *taita* e *hiu/hiú*, que só aparecem como respostas em um dos subgrupos, os Guarani Kaiowá. *Taita* está registrado no dicionário de Assis (2008) como “pai”, e, ao que parece, é um caso de empréstimo da língua portuguesa uma vez que o vocábulo também foi registrado por Houaiss (2001) como “que ou aquele

que é destemido, corajoso; valentão”. A etimologia, segundo esse lexicógrafo, é “do lat. *tata* ‘pai’”. Vale ressaltar, porém, que Assis (2008) não assinala o termo como empréstimo, como faz com certa frequência no caso de outros vocábulos. Já o item lexical *hiú* não foi encontrado nos dicionários consultados.

Na sequência apresentamos as respostas coletadas para o substantivo “noiva”, cuja frase de contexto foi a seguinte:

Sua **noiva** é bonita.

Iporã nde rembirekorã. (Guarani Ñandeva)

Nde jegutaha iporã. (Guarani Kaiowá)

Seguem as demais respostas coletadas para esse item.

Quadro 42 – Respostas referentes ao item “noiva”

Formulário 02 – item 17 – noiva (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>novia</i>	<i>noiva</i>	<i>noiva</i>	<i>tembirekorã</i>	<i>tembirekorã</i>	<i>rembirekorã</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>nhegutaha</i>	<i>jeguta ha</i>	<i>tembirekorã</i>	<i>hembirekorã</i>	<i>hembirekorã</i>	<i>jegutaha</i>

Fonte: a própria autora

Observando o quadro, constatamos que metade dos Guarani Ñandeva utiliza o empréstimo do português para a referência em questão, e metade utiliza o vocábulo indígena *tembirekorã* (oscilante em “t”, “r” e “h”), registrado apenas por Guasch e Ortiz (2001). Entre os Guarani Kaiowá, também metade dos informantes utilizaria esse vocábulo. A diferença entre os dois grupos é que os Guarani Kaiowá também utilizam as formas *jegutaha/nhegutaha*, não localizadas nos dicionários. Verificamos, entretanto, que Assis (2008) registra *jeguta*, um verbo com significado de “gostar, enamorar-se”. Provavelmente, trata-se, também, de um empréstimo: gostar – *guta*.

As próximas respostas analisadas foram as coletadas como equivalentes para o substantivo “família”, utilizado em um contexto como o da frase seguinte:

Minha **família** mora nesta aldeia.

*Che **família** oiko ko tekohápe.* (Guarani Ñandeva)

*Xe **rogapygwa** oiko ko yvype.* (Guarani Kaiowá)

Seguem as demais respostas.

Quadro 43 – Respostas referentes ao item “família”

Formulário 02 – item 21 – família (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>familha</i>	<i>família</i>	<i>família</i>	<i>pehengue</i>	<i>pehẽngue</i>	<i>família</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>ogapygwa</i>	<i>família</i>	<i>terekwá</i>	<i>família</i>	<i>ogapygwa</i>	<i>ogapygwa</i>

Fonte: a própria autora

O vocábulo “família” (com variação na escrita – *familha*) da língua portuguesa foi o mais utilizado pelos Guarani Ñandeva e aparece também duas vezes nas respostas dos Guarani Kaiowá. Entre as respostas do primeiro subgrupo, verificamos duas vezes a lexia *pehẽngue*, que Assis (2008) traduz como “parente próximo, parentela, irmandade”. Montoya (2011[1639]) registra *pehẽngue* como “pedaço”.

Os informantes Guarani Kaiowá que não optaram pelo empréstimo forneceram as formas *ogapygwa/ogapygwa*, registradas, com alteração gráfica, por Assis (2008) – *ogapegwa, ógapypegwa* como “família”. Um dos informantes do segundo grupo responde com o vocábulo *terekwá*, não localizado nos dicionários consultados. Verificamos, no entanto, em Assis (2008), o registro de *terarerekoha*, que entre os sentidos está o de “pessoa com o mesmo nome”, trata-se, porém, de vocábulo apenas aproximado ao que foi dado pelo informante.

Na sequência, analisamos as respostas referentes ao substantivo “tristeza”, solicitado no contexto da frase seguinte.

A notícia trouxe **tristeza** para os moradores.

*Marandu ogueru **vy’a’y** umi oikohakuérape.* (Guarani Ñandeva)

Mba'e reruha ogweru vy'a re'y oga jara kwera pe. (Guarani Kaiowá)

Para esse item do formulário, os outros dados coletados estão apresentados no quadro.

Quadro 44 – Respostas referentes ao item “tristeza”

Formulário 02 – item 35 – tristeza (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>vy'a'ỹ</i>	<i>vy'a'ỹ</i>	<i>vy'a'ỹ</i>	<i>vyá'ỹ</i>	<i>ñembyasy vai</i>	<i>vy'a'y</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>vy'ai,</i> <i>ndovy'ai</i>	<i>ndovy'ai</i>	<i>vy'a re'ỹ</i>	<i>ndovy'ai</i>	<i>vy'are'ỹ</i>	<i>vy'a re'ỹ</i>

Fonte: a própria autora

Como se constata, com exceção de um informante Guarani Ñandeva, os demais responderam da mesma forma, com variação notada apenas no registro escrito. Essa variação foi observada, inclusive, na grafia documentada nos dicionários – Sampaio (1986) registra *vya'ỹ*, Tibiriçá (1987) opta por *vî-a-în* e Guasch e Ortiz (2001) preferem *vy'a'y* (Assis, 2008 e Montoya, 2011[1639] não registram esse vocábulo). Já sobre o vocábulo *ñembyasy vai* utilizado por apenas um dos Guarani Ñandeva, verificamos registro na maioria dos dicionários, da primeira palavra da composição com o sentido aproximado: “aflição”. *Vai* é vocábulo registrado em todos os dicionários com o sentido de “ruim, mau” (não há registro das duas palavras juntas).

Diferenciam os dois grupos de respostas as três ocorrências de *vy'a re'ỹ/vy'are'ỹ*, e as três ocorrências de *ndovy'ai* nas respostas dos Guarani Kaiowá. Nenhuma dessas formas foi localizada nos dicionários, mas verificamos em Assis, *ndovy'áiva*, que seria “triste”, conforme a autora. O prefixo *ndo-* pode expressar “negação ou falta” e como *vy'a* é a palavra equivalente à “alegria”, entendemos que *ndovy'ai* pode ser traduzido como “falta de alegria” (= tristeza).

Na sequência, apresentamos as respostas equivalentes ao substantivo “ciúme”, como na frase que contextualiza o item.

O rapaz sentiu **ciúme** da noiva.

Mitãkarai'y inhakate'y andu itembirekorã. (Guarani Ñandeva)

Karai'y iseroço jegutaha re. (Guarani Kaiowá)

O quadro mostra todas as respostas coletadas para esse item do formulário.

Quadro 45 – Respostas referentes ao item “ciúme”

Formulário 02 – item 36 – ciúme (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>seloso</i>	<i>hakate'y</i>	<i>hakate'y</i>	<i>takate'y</i>	<i>kangue rasy,</i> <i>seloso</i>	<i>rankantey</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>seroço</i>	-	<i>seroso</i>	<i>iciume</i>	<i>johayhu asy</i>	<i>johayhu</i> <i>vai,</i> <i>johayhu</i> <i>asy</i>

Fonte: a própria autora

Como demonstra o quadro, a recorrência maior entre os informantes Guarani Ñandeva foi das formas *hakate'y*, *takate'y*, e *rankantey* (oscilantes em “t”, “r”, e “h”). As duas primeiras foram localizadas nos dicionários com o sentido predominante de “avarento, mesquinho”, mas encontramos também o sentido de “interesse, cuidado” em Guasch e Ortiz (2001). Além dessas respostas, que predominaram, verificamos a ocorrência de “seloso” por duas vezes, empréstimo do espanhol *celoso*, conforme Señas (2010), “inciumado”; e ainda *kangue rasy*, literalmente traduzido pelos dicionários como “dor nos ossos”, talvez uma gíria equivalente a “dor de cotovelo”. Nas respostas dos informantes Guarani Kaiowá, verificamos que a recorrência de empréstimos é maior – dois do espanhol (*seroço*, *seroso*), já mencionados, e um do português (uma das informantes deixou de responder, alegando que se lembrava apenas da palavra em português). As outras duas respostas que são da língua indígena não foram localizadas nos dicionários – *johayhu vai* e *johayhu asy* – ao menos como palavra composta com entrada única. Vimos, entretanto, que os dicionários registram *johayhu* com o sentido de “amar” ou de “amor mútuo” e *vai* com o sentido de “ruim, mau”, enquanto *asy* seria “amargo”. A tradução literal aproximada seria “sentimento ruim”, “sentimento amargo”.

Constou também de nosso formulário de coleta o substantivo “teimoso”, como na frase seguinte.

O cachorro era **teimoso**.

Jagua iteimosso. (Guarani Ñandeva)

Pe jagua ha'eseve.(Guarani Kaiowá)

Todas as respostas fornecidas pelos informantes estão no quadro que segue.

Quadro 46 – Respostas referentes ao item “teimoso”

Formulário 02 – item 38 – teimoso (adjetivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>teimoso</i>	<i>teimoso</i>	<i>teimosso</i>	<i>kuaase'y</i>	<i>kuaase'y</i>	<i>iñatỹ</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>ha'eserve</i>	<i>ha'eseve</i>	<i>ha'eseve</i>	<i>nohendui</i>	<i>ha'esemê</i>	<i>ha'eseve</i>

Fonte: a própria autora

A partir do quadro, notamos que metade dos informantes Guarani Ñandeva usa o empréstimo da língua portuguesa para essa referência; outros dois optariam por *kuaase'y* e ainda um por *iñatỹ*. Nenhuma dessas formas foi localizada nos dicionários consultados, mas em Montoya (2011[1639]) verificamos o registro de *ku'asa*, com a acepção de “errar”, que pode ter relação de sentido com o vocábulo referente a “teimoso”. Como podemos observar no quadro, as respostas dos informantes Guarani Kaiowá são diferentes das do primeiro subgrupo, mas também não foram localizadas nos dicionários. Sobre *nohendui*, podemos entender que o sentido é, de certa forma, relacionado, isto é, teimoso é aquele que: “não ouve”, uma vez que *no...i* é “não” e *hendu* é “ouvir”, conforme os dicionários consultados.

Na sequência, analisamos as respostas coletadas a partir do substantivo “prostituta”, exemplificado na frase seguinte.

A mulher se tornou **prostituta**.

Kunha reko vaiha oiko chugui. (Guarani Ñandeva)

Pe kunha onheme'ẽ reirei. (Guarani Kaiowá)

No quadro seguinte estão as demais respostas para esse item.

Quadro 47 – Respostas referentes ao item “prostituta”

Formulário 02 – item 44 – prostituta (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>kuña heko vaiva</i>	<i>kuña vai</i>	<i>kuñavai</i>	<i>kuña rekovai</i>	<i>kuña reko vai</i>	<i>kuña va'i</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>ojeuka reia'e</i>	<i>rapariga</i>	<i>onheme'ẽ reirei</i>	<i>omeevaery</i>	<i>gwevi ome'eva</i>	<i>onheme'e va'etey</i>

Fonte: a própria autora

Esses dados são mais um exemplo de que os dois subgrupos utilizariam o acervo lexical que têm à disposição (em comum) de forma diferente. Os Guarani Ñandeva optaram por variações de *kuña rekovai* ou *kuña va'i*. A primeira, com pequenas alterações gráficas, está registrada em todos os dicionários, diferentemente da segunda, não localizada em nenhum dos dicionários (ao menos como palavra composta na mesma entrada). Traduzindo, *kunã* é “mulher”, *heko* tem a ver com “natureza, caráter” e *vai* é “ruim, mau”, o que nos leva às traduções de “mulher de caráter ruim” e “mulher ruim”.

Já as respostas fornecidas pelos informantes Guarani Kaiowá, que seriam da língua materna, não foram localizadas nos dicionários. Notamos, entretanto, que Guasch e Ortiz (2001) registram *oñeme'eva*, como “prostituta”, que parece estar, de forma alterada, nas respostas desse subgrupo. Destacamos ainda o uso do empréstimo *rapariga*, que conforme o dicionário Houaiss (2001), tem também o sentido de “mulher que vive da prostituição; meretriz, prostituta” em algumas regiões do Brasil.

O próximo item analisado foi o substantivo “bobo”, exemplificado na frase que segue.

O menino chamou o colega de **bobo**.
Pe mitã vyro ohenoi inhirüpe. (Guarani Ñandeva)

Mitã Kuimba'e onhohenõ henõi tavy rupi. (Guarani Kaiowá)

Os demais itens lexicais dados como respostas estão no próximo quadro.

Quadro 48 – Respostas referentes ao item “bobo”

Formulário 02 – item 46 – bobo (adjetivo, substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>výro</i>	<i>výro</i>	<i>vyro</i>	<i>tavyrei</i>	<i>tavyrei</i>	<i>itavy’ua</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>tavy</i>	<i>tavy</i>	<i>tavy</i>	<i>tavy</i>	<i>tavy</i>	<i>tavy</i>

Fonte: a própria autora

Observando o quadro, verificamos que metade dos informantes Guarani Ñandeva respondeu *výro/vyro*, que se encontra registrado em três dos dicionários consultados. Outros dois informantes optaram por *tavyrei* e um por *itavy’ua*. Em dois dicionários localizamos *tavyrai* (SAMPAIO, 1986) e *havirai* (ASSIS, 2008), e, em apenas um, a forma *itavyva* (SAMPAIO, 1986); Montoya (2002 [1640]) registra *itavyva’e* como “tonto”.

O quadro mostra que todos os Guarani Kaiowá responderam com o mesmo vocábulo: *tavy*, registrado em todos os dicionários consultados. No caso desse item do formulário, são os Guarani Kaiowá os mais coesos em relação à escolha da variante, o que não é uma tendência, conforme a análise dos dados deste trabalho.

Analizamos também as respostas coletadas para o substantivo “xará” do formulário.

Você é meu **xará**.

Ore **tokajo**. (Guarani Ñandeva)

Nde há’e **xexagwa**. (Guarani Kaiowá)

Seguem, no quadro, as demais respostas obtidas para esse item.

Quadro 49 – Respostas referentes ao item “xará”

Formulário 02 – item 51 – xará (quem tem o mesmo nome da gente) (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>tokájo</i>	<i>xará</i>	<i>xará</i>	<i>tokajo</i>	<i>tokajo</i>	<i>aheichagua</i> <i>herava</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>rery</i> <i>chagwa</i>	<i>xexagua</i>	<i>tokája</i>	<i>há’ exagwa</i>	<i>téry xagua</i>	<i>ha’ exagwa</i>

Fonte: a própria autora

Antes de examinarmos o quadro, é preciso esclarecer que “xará”, é palavra incorporada à língua portuguesa, mas de acordo com Houaiss (2001), é de etimologia tupi: *xa’ra*, de *xe rera* “meu nome”.

Observando o quadro, constatamos que dois dos informantes Guarani Ñandeva utilizaram o vocábulo da língua portuguesa; três optam pelo vocábulo em espanhol, *tocayo* (SEÑAS, 2010) e apenas um fornece um vocábulo que seria específico da língua indígena: *aheichagua herava*. Nos dicionários, o vocábulo registrado que mais se aproxima é *cheixaguá*: igual a mim (SAMPAIO, 1986).

Entre os Guarani Kaiowá, por sua vez, o empréstimo (*tokaja*) aparece na resposta de apenas um informante, enquanto os demais optaram por procurar na língua materna uma possibilidade de nomear o referente em questão, ou realizar a tradução. Dessa forma, as respostas *rery chagwa*, *xexagua*, *há’exagwa*, *téry xagua* parecem conter a mesma ideia da resposta dos informantes Guarani Ñandeva em língua materna, isto é, “nome igual ao meu”.

Na sequência, passamos à análise das respostas referentes ao item “cama”, como na frase que segue.

A criança dormiu na **cama** da mãe.

*Isy **tupá**pe oke pe mitã.* (Guarani Ñandeva)

*Mitã oke isy **kehaty** pe.* (Guarani Kaiowá)

Todas as respostas obtidas para esse item estão no próximo quadro.

Quadro 50 – Respostas referentes ao item “cama”

Formulário 02 – item 72 – cama (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>tupa</i>	<i>tupá</i>	<i>katre</i>	<i>tupa</i>	<i>tupa</i>	<i>tupa, tarimba</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>kehaty</i>	<i>tupa</i>	<i>nhenó haty</i>	<i>tupa</i>	<i>kehaty</i>	<i>tupá</i>

Fonte: a própria autora

Pelo quadro, podemos verificar que a resposta mais recorrente entre os informantes Guarani Ñandeva é *tupa/tupá*, que também é resposta da metade dos informantes Guarani Kaiowá. Esse vocábulo encontra-se registrado em todos os dicionários consultados.

Por esse quadro, vemos, então, que *tupa/tupá* é a resposta comum entre os dois grupos, ou seja, está no conjunto das intersecções. Nesse quadro, entretanto, há vocábulos que representariam especificidades em cada um dos dois grupos: *katre* e *tarimba* (Guarani Ñandeva) e *keraty* e *nhenó haty* (Guarani Kaiowá), que não estão nos dicionários consultados.

Ainda entre os itens que foram introduzidos por não indígenas na realidade dos dois subgrupos étnicos, pesquisamos quais seriam os vocábulos equivalentes na língua materna dos informantes para nomear o referente “guarda-roupa”. A frase fornecida como contexto foi a seguinte.

Meu **guarda-roupa** está velho.

Itujama che ao ryru. (Guarani Ñandeva)

Xe ao renda ituja ma. (Guarani Kaiowá)

O quadro mostra as demais respostas, de todos os informantes para o substantivo “guarda-roupa”.

Quadro 51 – Respostas referentes ao item “guarda-roupa”

Formulário 02 – item 73 – guarda-roupa (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>guarda-roupa</i>	<i>ao ryru</i>	<i>guarda-roupa</i>	<i>ao-kotyi</i>	<i>ao koty</i>	<i>guarda-roupa</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>ao renda</i>	<i>moãyha</i>	<i>aonhongatuha</i>	<i>aogwarydaha</i>	<i>ao renda</i>	<i>ao renda</i>

Fonte: a própria autora

Em relação a esse item, metade dos informantes Guarani Ñandeva utiliza o empréstimo da língua portuguesa, sem alteração. Desse subgrupo, dois disseram *ao-kotyi* ou *ao koty*, vocábulos não dicionarizados, mas que puderam ser traduzidos

literalmente como “quarto de roupa”, já que *ao* é “roupa” e *koty* é “quarto ou aposento”, de acordo com todos os dicionários de Guaraní consultados. A outra resposta em língua materna nesse subgrupo foi *ao riry*, localizada em três dos dicionários pesquisados – mas com leve alteração na grafia: *aoriry* (GUASCH; ORTIZ, 2001 e ASSIS, 2008) e *aóryrú* (SAMPAIO, 1986).

Já entre os Guaraní Kaiowá, verificamos que metade responde com o vocábulo *ao renda*, que não está registrado nos dicionários. Segmentando o vocábulo, no entanto, chegamos à tradução de “lugar de roupa”, uma vez que *renda* tem como sentido principal, conforme os dicionários consultados, “lugar”. Interpretamos as formas *aonhongatuha* e *aogwarydaha* como composições híbridas formadas com a palavra que equivale à “roupa”, *ao*, em guaraní, mais alteração do verbo “guardar”, em português. Já a resposta *moãyha* não foi localizada nos dicionários.

Ao coletar os dados, observamos que a maioria dos informantes, principalmente os do subgrupo Guaraní Nandeva possui, em suas casas, móveis como os utilizados pela população não indígena. Ainda assim, são muito mais comum os bancos improvisados no quintal, geralmente embaixo das árvores, que as cadeiras, por exemplo. Entendemos que “cadeira” não é um item lexical que sempre existiu em língua indígena, evidentemente porque o referente também não estava presente nessa cultura, mas procuramos descobrir como cada subgrupo nomearia esse referente. Para isso, solicitamos a tradução da frase que segue.

A **cadeira** é de madeira.

Apyka ha'e yvyragui. (Guaraní Nandeva)

Pe gwapy ha yvyra gwigwa. (Guaraní kaiowá)

As demais respostas seguem no quadro.

Quadro 52 – Respostas referentes ao item “cadeira”

Formulário 02 – item 76 – cadeira (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>cadeira</i>	<i>cadera</i>	<i>cadeira</i>	<i>apyka</i>	<i>apyka</i>	<i>vango,</i> <i>guapy'aa</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>gwapyhaty</i>	<i>vãko</i>	<i>gwapy haty</i>	<i>vãko</i>	<i>vanko</i>	<i>gwapy ha</i>

Fonte: a própria autora

A tendência de utilização bastante recorrente de empréstimos para os itens do formulário 02 pode ser observada também nesse quadro. Entre os Guarani Ñandeva, verificamos três respostas em língua portuguesa – “cadeira/cadera” e ainda *vango*, uma alteração de “banco”, ao que parece com influência de língua espanhola. Esses empréstimos não estão registrados nos dicionários consultados. Entre os vocábulos da língua materna que poderiam nomear o referente em questão estão *apyka* e *guapy'aa* – os dois estão registrados nos dicionários com sentido aproximado: “banco, assento”. Notamos, porém, que a grafia mais usual do segundo vocábulo, conforme os dicionários, seria *guapiha*.

Entre os dados dos Guarani Kaiowá, constatamos que o empréstimo está presente em três das respostas e que as demais são formas aproximadas de *guapiha*. Nesse quadro, constatamos, portanto, que a diferença está na presença de *apyka* apenas no primeiro subgrupo e ainda nas opções de empréstimos.

O meio de transporte a que chamamos de bicicleta é mais um item que hoje faz parte da realidade dos Guarani Kaiowá e dos Guarani Ñandeva, por isso investigamos também como os dois subgrupos nomeariam esse referente. Para tanto, solicitamos que considerassem a frase que segue.

Vou para o centro da cidade de **bicicleta**.

*Ahata tavá mbytépe **bicicleta**.* (Guarani Ñandeva)

*Ahata pueblo **pikwe** py.* (Guarani Kaiowá)

As outras respostas obtidas estão no quadro seguinte.

Quadro 53 – Respostas referentes ao item “bicicleta”

Formulário 02 – item 78 – bicicleta (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>vicicleta</i>	<i>bicicleta</i>	<i>bicicleta</i>	<i>tenda piru</i>	<i>tenda piru</i>	<i>bicicleta</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>pikwe</i>	<i>pikwe</i>	<i>xicreta</i>	<i>chicleta</i>	<i>pikwé</i>	<i>mba'e gwataha</i>

Fonte: a própria autora

Examinando o quadro, notamos que a maioria dos Guarani Ñandeva utilizou empréstimos, e apenas dois dos informantes procuraram fornecer um nome a partir de elementos de sua língua materna. A composição *tenda piru* não está dicionarizada, e, ao que parece, trata-se de um neologismo ou de uma gíria, mas conforme os dicionários, *tenda* é “onde se senta” e também “cavalo”; *piru* é “magro”, o que nos permite uma tradução literal de “cavalo magro”.

Os Guarani Kaiowá também usam empréstimo e não têm, a julgar pelos dados, uma palavra consolidada para nomear “bicicleta”, mas *pikwe/pikwé* – não registrada nos dicionários – seria a mais usada por eles. Salientamos ainda que a formação *mba'e gwataha* também não está dicionarizada, mas é possível interpretá-la como “o que anda” – uma expressão mais genérica, portanto.

O último item escolhido para análise foi “sapato”, solicitado na frase que segue.

Comprei um **sapato** para meu pai.

Ajogua che túape isapaturã. (Guarani Ñandeva)

Ajogwa peteĩ pyryru xe taita pe. (Guarani Kaiowá)

Esse referente recebeu, no contexto da pesquisa, os nomes, dispostos no quadro seguinte.

Quadro 54 – Respostas referentes ao item “sapato”

Formulário 02 – item 97 – sapato (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>pyreheguá</i>	<i>sapatu</i>	<i>sapato</i>	<i>pyrehegua</i> <i>isã'yua</i>	<i>pyrehegua</i>	<i>sapatu</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>pyryru</i>	<i>pyryru</i>	<i>pyryru</i>	<i>sapato</i>	<i>pyryru</i>	<i>pyryru</i>

Fonte: a própria autora

Mais uma vez as diferenças lexicais entre os dois subgrupos tornam-se evidentes. Primeiramente é preciso mencionar que *sapatu* é empréstimo registrado em todos os dicionários de Guarani consultados (inclusive em Montoya). Entre os Guarani Ñandeva, notamos a opção da maioria por *pyrehegua*, forma que está dicionarizada com o sentido equivalente apenas em Guasch e Ortiz (2001) – não há registro de *pyrehegua isã'yua*, entretanto.

Os Guarani Kaiowá, por sua vez, com exceção do que optou pelo empréstimo, preferiram *pyryru*. Encontramos em Tibiriçá (1989) e em Guasch e Ortiz (2001) o registro de *pîrîru* (“tudo que se calça”) e *pyryru* (“sapato”), respectivamente.

Com o item “sapato”, encerramos a análise dos casos de variação mais significativas entre os dois subgrupos étnicos. Para essa análise, como vimos, nos quadros, comparamos as linhas das respostas dos Guarani Ñandeva e as linhas das respostas dos Guarani Kaiowá. Voltando nossa atenção para cada uma das linhas separadamente, constatamos que há casos em que as respostas dos informantes do mesmo subgrupos são iguais entre si e há casos em que essas respostas já são diferentes no interior do mesmo grupo. As ponderações a esse respeito estão no próximo item.

5.9 A coesão linguística no interior de cada grupo

Como já demonstrado nos gráficos 07 e 08 e nas discussões referentes a eles, observando o conjunto de todos os dados que se referem às amostras lexicais, constatamos que, para a maioria dos itens coletados a partir do formulário 01 e para uma parte significativa de itens coletados com o formulário 02, há uma relativa homogeneidade entre as respostas dos dois subgrupos étnicos.

Já os quadros comparativos apresentados no decorrer da análise mostram que há casos em que as respostas dos informantes do mesmo grupo são muito diversificadas e casos em que há pouca variação. A partir disso, pensamos na seguinte questão: qual dos dois subgrupos estaria mais “coeso” ou mais uniforme em relação às variantes lexicais utilizadas? O que poderia significar isso?

O gráfico 09 e o gráfico 10 a seguir, mostram, em percentuais, a quantidade de itens para os quais cada grupo forneceu respostas “homogêneas” (sem variação lexical) e a quantidade de itens para os quais as respostas foram variáveis. Ressaltamos que os percentuais são relativos à amostra do “vocabulário básico” coletado e os percentuais demonstrados no gráfico 08 referem-se a uma quantidade de 150 itens.

Gráfico 09 – Percentual de itens com respostas homogêneas e respostas não homogêneas (Guarani Nandeva – formulário 01)



Fonte: a própria autora

Gráfico 10 – Percentual de itens com respostas homogêneas e respostas não homogêneas (Guarani Kaiowá – formulário 01)



Fonte: a própria autora

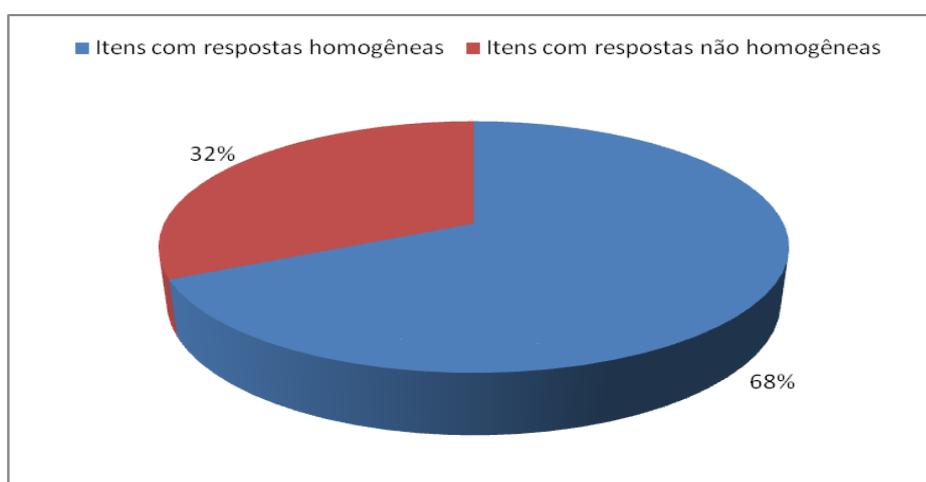
Por meio do gráfico 09, verificamos que, para 84% dos itens lexicais, os informantes Guarani Ñandeva deram a mesma resposta ou respostas cujas diferenças (eram apenas fonéticas e/ou ortográficas). Para o restante dos itens, 16%, as respostas foram variáveis entre os informantes do mesmo grupo. A título de exemplo de uma situação em que houve homogeneidade das respostas, citamos o vocábulo “menina” cujo equivalente para todos os Guarani Ñandeva é *mitãkuña*; já como exemplo de respostas não homogêneas citamos o caso do vocábulo “pulso” (parte do corpo humano) para o qual foram dadas as respostas *poapy*, *popyte*, *pomata* e *purso* (sendo a última, um empréstimo, a mais recorrente – utilizada por três informantes).

O gráfico 10 mostra que, entre os Guarani Kaiowá, houve 71%, de itens em que as respostas foram iguais ou com diferenças que não consideramos significativas. No restante, em 29%, observamos variação lexical significativa entre as respostas dos informantes. Para exemplificar os casos de homogeneidade no interior do mesmo grupo, citamos o vocábulo “estrela” que foi traduzido por todos os informantes Guarani Kaiowá como *jasytata*; e para exemplificar os casos de variação nas respostas do mesmo grupo, citamos o vocábulo “talvez”, para o qual tivemos as seguintes respostas: *avese* (empréstimo), *ikatu*, *mba'exa*, *ndaikua'ai*, *ome'eramo*.

Comparando os gráficos 09 e 10, constatamos que, tendo em vista os dados lexicais coletados, os Guarani Ñandeva estariam, mais coesos em torno da escolha das variantes lexicais.

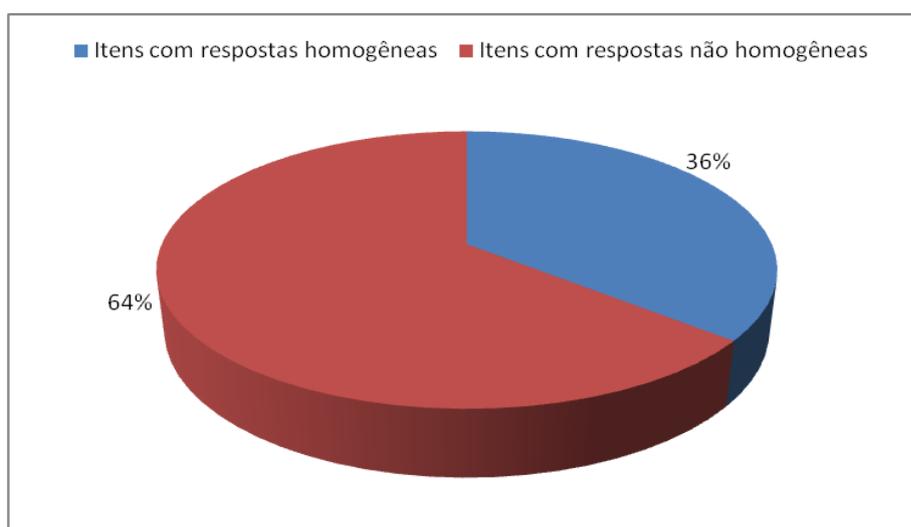
Já os percentuais expressos no gráfico 11 e no gráfico 12 são referentes ao “vocabulário cultural” coletado a partir dos 100 itens do formulário 02.

Gráfico 11 – Percentual de itens com respostas homogêneas e respostas não homogêneas (Guarani Ñandeva – formulário 02)



Fonte: a própria autora

Gráfico 12 – Percentual de itens com respostas homogêneas e respostas não homogêneas (Guarani Kaiowá – formulário 02)



Fonte: a própria autora

Entre os Guarani Ñandeva, como podemos observar no gráfico 11, 68% dos itens tiveram respostas homogêneas e 32% respostas variáveis. Esses percentuais mostram que a homogeneidade diminui em relação aos dados obtidos a partir do formulário 01. Constituem-se como exemplo de respostas homogêneas aquelas fornecidas para o vocábulo “manco” em português – todos os informantes Guarani Ñandeva utilizam *karẽ* (as variações foram apenas fonética e ortográficas: *ikãrẽ*, *karĩ*); e como exemplo de respostas variáveis, mencionamos as obtidas para o substantivo “ronco” para o qual as respostas foram *kerambu*, *kororõ* e *ay’orykue* (a primeira foi a mais recorrente, utilizada por quatro informantes).

O gráfico 12, relativo às respostas dos Guarani Kaiowá, é o único desses quatro em que se verifica que há menos itens com respostas homogêneas que itens com respostas variáveis. Em apenas 36% dos itens, obtivemos a mesma resposta dos informantes, e em 64% dos itens respostas variáveis. Como exemplo de respostas homogêneas, citamos as fornecidas como equivalentes para o vocábulo “amor” – todos os informantes deste subgrupo responderam *hayhu*. Já para o substantivo “escola”, as respostas foram as seguintes: *mbo’e roy*, *arandu roy*, *mbo’eha oga* e *ekorã* (sendo a primeira a mais recorrente, utilizada por três informantes).

Comparando os gráficos 11 e 12, novamente se verifica que são as respostas dos Guarani Ñandeva as mais homogêneas e a dos Guarani Kaiowá as mais variáveis. Uma possível explicação para essa constatação é o fato de o guarani ñandeva ter a vantagem de contar com uma padronização mais consolidada – porque se aproveitam os materiais como gramáticas e dicionários produzidos no Paraguai, por exemplo, que são mais próximos dessa variante. Já sobre o Guarani Kaiowá haveria menos materiais que contribuiriam para sua padronização.

Além disso, verificamos que uma das razões pelas quais os Guarani Ñandeva – até o limite dos nossos dados – aparecem como os mais coesos no uso das variantes lexicais é o fato de se permitirem o empréstimo – isso em relação aos dados que constituem a segunda amostra. Ou seja, os Guarani Kaiowá estariam procurando elementos da língua materna para nomear certos referentes e por isso, enquanto o uso não está difundido e consolidado, cada falante tentaria resolver certas necessidade de nomeação a seu modo, o que resultaria em vocábulos diferentes para a mesma noção ou referente. O quadro a seguir, por exemplo, mostra as respostas para o referente “cerveja”.

Quadro 55 – Respostas referentes ao item “cerveja”

Formulário 2 – Item 89 – cerveja (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>serveza</i>	<i>serveza</i>	<i>cervesa</i>	<i>kavajuty</i>	<i>serveza</i>	<i>cerveja</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>hypy luia</i>	<i>monga'u ha</i>	<i>seryveja</i>	<i>ceryveja</i>	<i>yryjúiró</i>	<i>mba'e he'e roysa tata</i>

Fonte: a própria autora

Como se observa, com exceção de um dos Guarani Ñandeva, todos utilizam o vocábulo da língua portuguesa (com acomodações fonéticas que se refletem na ortografia). Essa atitude mais comum, de adotar o empréstimo, já é um fator que os torna mais coesos no momento de nomear certos referentes. O vocábulo *kavajuty*, pode ser considerado um hibridismo, uma vez que é formado por *kavaju* – cavalo + *ty* – urina, literalmente poderia ser traduzido como “urina de cavalo”, provavelmente uma gíria (?).

Como se nota pelos dados expostos no quadro, já entre os Guarani Kaiowá, apenas dois utilizariam o empréstimo para nomear o referente em questão. Entre as outras respostas, *monga'u*, por exemplo, tem o sentido genérico de “embriagar-se”, o que aponta para a possibilidade de que mesmo quando os falantes não encontram de imediato, em sua língua, um vocábulo que nomeia com mais exatidão a noção ou referente em questão, procuram (na própria língua) um termo com sentido aproximado ou equivalente. Isso demonstraria uma atitude de reação aos empréstimos, ao menos em alguns casos. Ainda sobre as respostas dos Guarani Kaiowá, verificamos que as demais não foram localizadas nos dicionários consultados.

5.10 Os empréstimos e os neologismos observados

Conforme visto na discussão das respostas às questões abertas, os indígenas que participaram da pesquisa, apesar de, em geral, fazerem questão de expressar respeito pela língua um do outro, com alguma frequência se referem ao uso muito recorrente de empréstimos da língua espanhola e da língua portuguesa

que ocorreria, segundo eles, na fala do outro subgrupo. Relembramos, aqui, parte dos trechos “6” e “8” já comentados neste trabalho, que mencionam exatamente essa questão.

6. Guarani já é fronteira, tem influência do espanhol. Não é bem combinado. (Antonio, Guarani Kaiowá)

8. Eles [os *Guarani Kaiowá*] usam muito mais empréstimos. E a língua Guarani Nandeva, não. Ela está muito mais preservada. (Orlando, Guarani Nandeva)

Esses depoimentos representam também o pensamento de outros informantes e de muitos outros membros da comunidade, como pudemos observar durante as visitas para coleta de informações. Em poucos minutos de conversa informal sobre a situação linguística das comunidades indígenas, é possível ouvir uma queixa em relação ao uso dos empréstimos no interior de sua própria comunidade ou em comunidades de outros grupos indígenas. Convém lembrar que falamos de empréstimo em seu sentido mais comum ou mais usual, ou seja, o processo por meio do qual uma língua incorpora ao seu sistema léxico ou gramatical formas e padrões utilizados em outra língua. Neste trabalho, pela natureza da amostra, estamos tratando apenas dos empréstimos lexicais, conforme já esclarecido na parte teórica.

Sabemos que qualquer língua, ou qualquer código linguístico, teria, ao menos em tese, condições de nomear todos os seus referenciais, no entanto, o empréstimo é um fenômeno observado em todas as línguas naturais. E se a discussão do assunto constitui-se num tema relativamente recente, o fenômeno em si não é recente. Carvalho (2009, p.75), sobre empréstimos, afirma que o fenômeno “esteve sempre presente na história das línguas através de contatos fortuitos ou prolongados. Na atualidade, contudo, tomou outro rumo, intensificou-se [...]”. Ela acrescenta que os empréstimos podem ser classificados, conforme os alemães, em “*Lehnwort* para o termo já incorporado há muito tempo, um fato histórico; *Fremdwort* para o empréstimo recém-entrado, um fato contemporâneo”. Mas há que se considerar, conforme lembra autora, que a linha divisória nem sempre é fácil de traçar.

A essa ideia, podemos acrescentar que o empréstimo ocorre, não apenas, mas por meio do contato das línguas, seja durante um período pequeno, seja durante um grande período.

No caso das línguas indígenas em foco neste trabalho, é possível afirmar que, desde a época da colonização do Brasil, a partir do século XVI, sempre houve contato, especialmente com as línguas portuguesa e espanhola. Assim, também nesse caso, seria possível categorizar os empréstimos a partir da época em que foram incorporados, embora Carvalho (2009) alerte que isso pode não ser fácil. Uma pesquisa que comparasse os usos linguísticos dos idosos com os dos jovens, por exemplo, poderia dar pistas sobre a contemporaneidade ou não de alguns empréstimos observados. É evidente, que, com uma pesquisa dessa natureza, o espaço de tempo alcançado seria relativamente muito pequeno – 50, 60 anos, quando poderíamos pensar na existência de empréstimos incorporados há 300, 400 anos. Esse, porém, seria um tópico para outra pesquisa.

Voltando às questões propostas para este trabalho, durante a coleta das amostras do léxico, como já explicado, solicitamos que os itens lexicais nos fossem dados sempre em língua indígena materna (guarani ñandeva ou guarani kaiowá). Em alguns casos, no entanto, os professores indígenas nos avisavam que, de determinados referentes, eles não se lembravam do nome na língua indígena, ou até sabiam, mas apenas por ouvir um idoso falar de vez em quando. Explicavam que na comunidade, os mais jovens e adultos utilizavam, efetivamente, um empréstimo. A maioria dos professores indígenas, alguns recém-formados pelo curso superior de Licenciatura Indígena da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), tinham consciência do uso do empréstimo e faziam questão de admitir esse uso e permitir que registrássemos – ainda que, como mostramos anteriormente, na opinião deles, o outro subgrupo é que usaria um maior número de empréstimos.

A consciência ou falta de consciência em relação ao uso de empréstimos é uma questão apontada, por estudiosos do assunto, como critério para se afirmar ou não que determinado vocábulo, por exemplo, já foi incorporado à língua receptora e dela faz parte. Em outras palavras, se ninguém mais se lembra ou tem consciência de que aquela palavra é de outra língua é porque ela já foi incorporada no código linguístico da comunidade.

Afirmamos, então, que alguns dos informantes expressavam que sabiam que estavam nos fornecendo um empréstimo, mas outros respondiam às nossas

questões ou construía frases, nomeando os referentes em foco, com um empréstimo lexical, sem nenhum comentário a esse respeito. Nessa situação, pressupomos que talvez o informante estivesse entendendo que aquele item lexical utilizado por ele fosse mesmo um vocábulo da língua indígena.

Apesar disso, ou seja, das impressões a respeito da consciência ou não consciência do uso de empréstimos vocabulares não temos elementos confiáveis para dizer quais dos itens lexicais coletados estariam de fato incorporados às línguas. Em razão disso, consideramos como empréstimo todos os vocábulos que, em princípio, foram reconhecidos como de outra língua, quando havíamos solicitado respostas em guarani ñandeva e em guarani kaiowá.

Ainda a esse respeito, consideramos válido registrar que os informantes, a maioria deles, com frequência, faziam comentários acerca da sua língua (ou de línguas de modo geral), que pareciam resultados de reflexões realizadas por meio de leitura de textos de linguística e por meio de discussões orientadas. Em outras palavras, demonstravam também conhecimento teórico sobre língua, provavelmente por ocasião dos cursos de que participam em universidades e em outras instituições, o que entendemos como normal e esperado já que a maioria é professor especialista na área de linguagem.

Na sequência, passamos a considerações sobre os empréstimos lexicais encontrados no *corpus* coletado com os formulários 01 e 02. Primeiramente, analisamos os dados que constituem uma amostra do que temos chamado, neste trabalho, de vocabulário básico, coletados com o formulário 01. Com essa amostra (e posteriormente com a outra, referente ao formulário 02), pudemos responder às seguintes questões: i) em qual dos dois grupos os empréstimos lexicais são mais frequentes?, ii) quantos e quais itens motivaram a utilização de empréstimos?, iii) os itens para os quais foram utilizados empréstimos são os mesmos para os Guarani Ñandeva e para os Guarani Kaiowá?, iv) de qua(is) língua(s) procedem os empréstimos e como se acomodam na língua receptora?

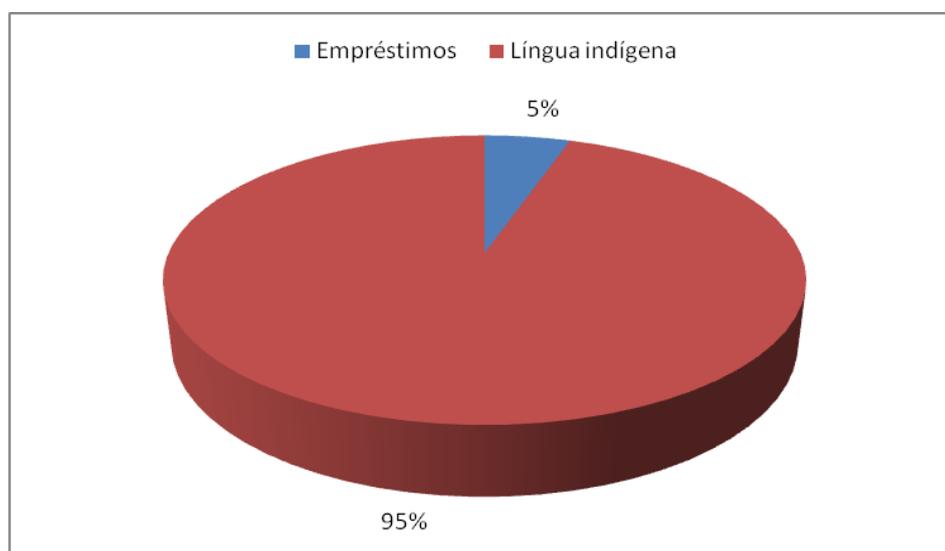
Depois de analisados os dados coletados com o formulário 01, procedemos da mesma forma em relação aos dados coletados com o formulário 02.

5.10.1 *Empréstimos na amostra coletada com o formulário 01*

No que se refere aos dados coletados a partir do formulário 01, tínhamos como hipótese que o número de vocábulos emprestados seria pequeno, haja vista a natureza dos itens lexicais que procurávamos coletar – ou seja, são itens que nomeiam noções e referentes que podem ser entendidos como mais essenciais, mais perenes e, portanto, menos propenso à variação, à mudança e outras influências de fatores externos.

Considerando que seis informantes de cada etnia forneceram 150 itens lexicais cada uma (existem casos de mais de uma resposta por informante, mas casos de ausência de resposta por outros – por isso ficamos com a média): tivemos, então, 900 itens coletados para cada etnia. Entre os Guarani Ñandeva, 49 itens foram analisados como empréstimos da língua portuguesa ou da língua espanhola. O gráfico seguinte demonstra essa proporção.

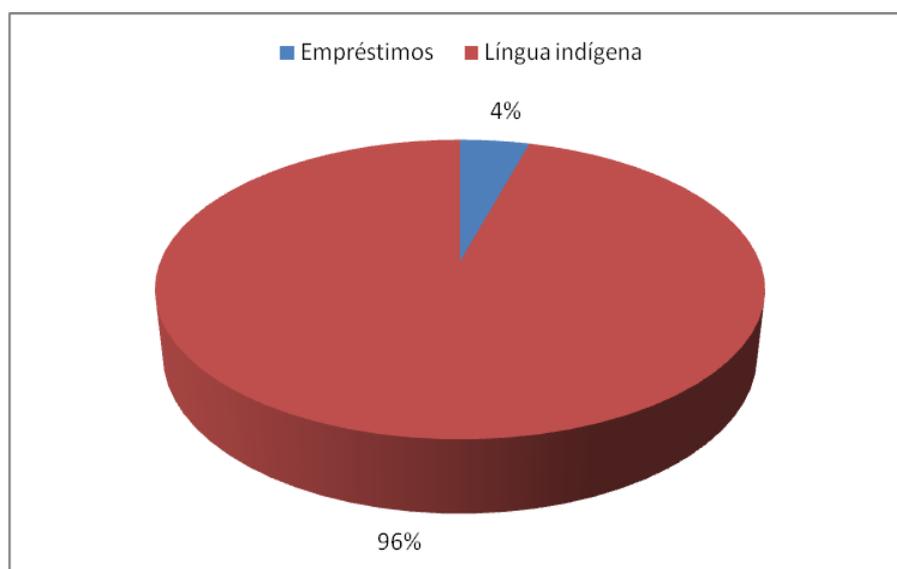
Gráfico 13 – Percentual de empréstimos na amostra lexical dos Guarani Ñandeva (formulário 01)



Fonte: a própria autora

Na amostra coletada com os Guarani Kaiowá, a quantidade é um pouco menor, ou seja, dos 900 itens coletados, apenas 34 foram analisados como empréstimos da língua portuguesa ou da língua espanhola. Os percentuais estão demonstrados no gráfico que segue.

Gráfico 14 – Percentual de empréstimos na amostra lexical dos Guarani Kaiowá (formulário 01)



Fonte: a própria autora

Considerando que o principal objetivo deste trabalho é realizar um estudo dos dois subgrupos étnicos comparativamente no que se refere a aspectos da língua e de outros elementos da cultura, pretendíamos verificar, inicialmente, qual dos grupos seria mais concessivo em relação ao uso de empréstimos lexicais. Essa questão está respondida com a demonstração dos percentuais dos dois últimos gráficos, isto é, conforme verificamos, entre os dois subgrupos, foram os informantes Guarani Ñandeva, que durante a pesquisa, forneceram um número um pouco maior de empréstimos lexicais.

Outra questão que os dados nos possibilitaram foi a averiguação de quais noções/referentes motivaram o uso de empréstimos, mesmo no formulário 01, essencialmente relacionado ao vocabulário básico. Tendo em vista essa questão, para a noção expressa por meio do verbo “voar”, em português, por exemplo, nenhum informante respondeu com vocábulo emprestado; Montoya (2002 [1640]) já registrara *aveve* (voar em guarani). O quadro seguinte exemplifica esse fato.

Quadro 56 – Respostas referentes ao item “voar”

Formulário 01 – item 65 - Voar (verbo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>oveve</i>	<i>veve</i>	<i>veve</i>	<i>veve</i>	<i>veve</i>	<i>oveve</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>oveve</i>	<i>oveve</i>	<i>veve</i>	<i>oveve</i>	<i>vevê</i>	<i>veve</i>

Fonte: a própria autora

Já para o substantivo “animal”, informantes dos dois subgrupos étnicos fornecem vocábulos que são resultados de empréstimos, conforme é possível visualizar no quadro.

Quadro 57 – Respostas referentes ao item “animal”

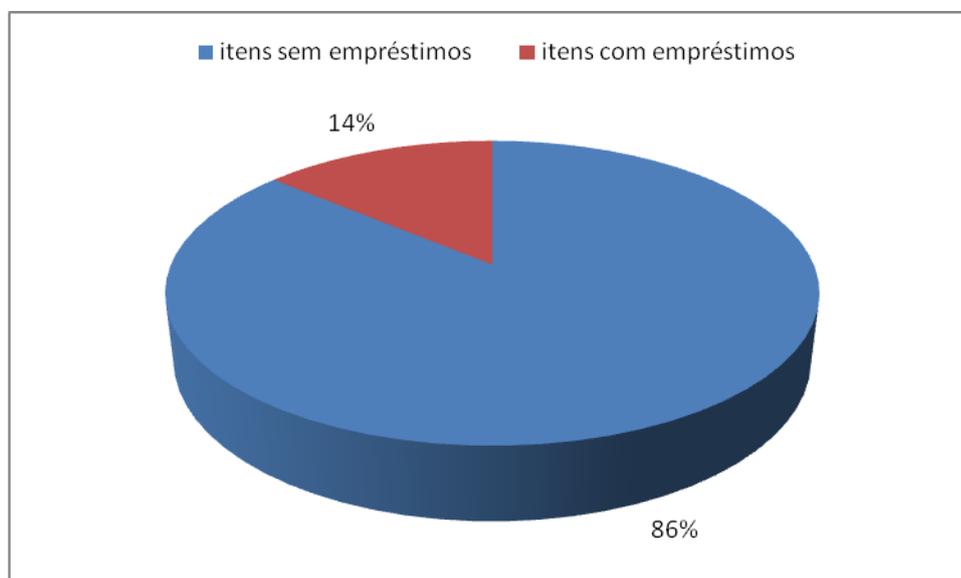
Formulário 01 – item 90 – Animal (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>vicho</i>	<i>mymba</i>	<i>vicho</i>	<i>mymba</i>	<i>mymba</i>	<i>vicho</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>mymba</i>	<i>vixo</i>	<i>vixo</i>	<i>vixo</i>	<i>vixo</i>	<i>mymba</i>

Fonte: a própria autora

Como se vê, *vicho/vixo* é forma adaptada do vocábulo que pertence ao léxico da língua portuguesa e também ao léxico da língua espanhola “bicho”. Os Guarani Ñandeva adaptam apenas o fonema inicial; os Guarani Kaiowá, além do fonema inicial, adaptam o registro na escrita, trocando o “ch” por “x”. Há outros exemplos disso no *corpus*, que mostraremos mais adiante.

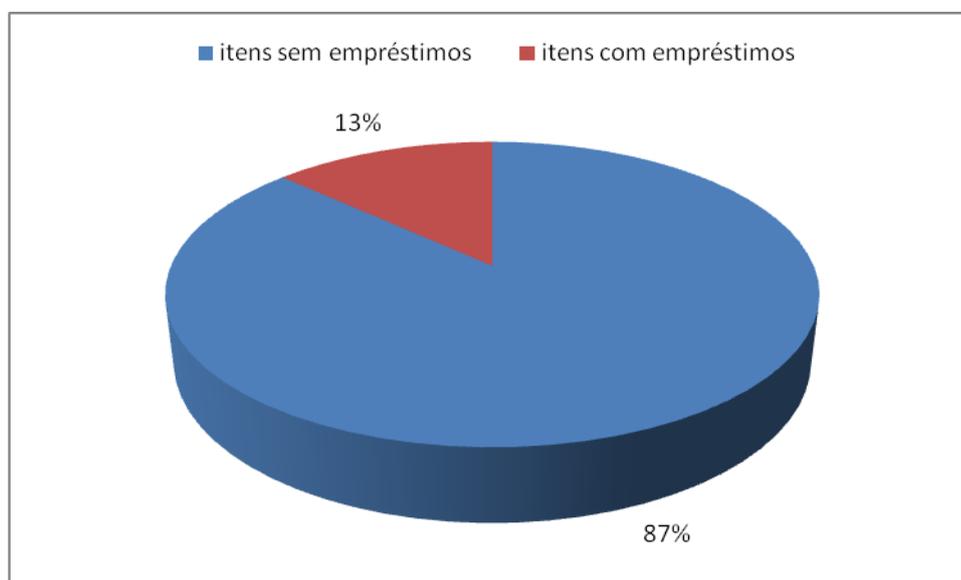
Quanto e quais seriam, então, as noções ou referentes que motivaram o fornecimento de itens emprestados de outras línguas mesmo para o que consideramos vocabulário básico? No que se refere à quantidade, a resposta está expressa nos gráficos 15 e gráfico 16, que seguem. Lembramos que os percentuais referem-se aos 150 itens do formulário 01.

Gráfico 15 – Percentual de referentes que motivaram empréstimos – Guarani Ñandeva (formulário 01)



Fonte: a própria autora

Gráfico 16 – Percentual de referentes que motivaram empréstimos – Guarani Kaiowá (formulário 01)



Fonte: a própria autora

Como vemos nos gráficos 15 e 16, para 14% e 13% das noções ou referentes observamos algum empréstimos entre os Guarani Ñandeva e entre os Guarani Kaiowá, respectivamente. Assim, constatamos que tanto a quantidade de itens

lexicais emprestados utilizados pelos informantes quanto a quantidade de itens em português que motivaram os empréstimos nas respostas é, relativamente, pequena. Mas quais os referentes ou noções provocaram o uso do empréstimos? E ainda: os mesmos referentes ou noções levam os dois subgrupos a usarem um empréstimo lexical?

As respostas a essas duas últimas questões podem ser obtidas por meio da observação do quadro 58 a seguir. Nele distribuimos as lexias em português que motivaram, pelo menos um informante, a utilizar vocábulo emprestado.

Quadro 58 – Itens que motivaram empréstimos (formulário 01)

Itens para os quais foram fornecidos empréstimos do português e/ou espanhol		
<i>Apenas os Guarani Nãndeva</i>	<i>Guarani Nãndeva e Guarani Kaiowá</i>	<i>Apenas os Guarani Kaiowá</i>
não, perna, ombro, estrela, sim, alguém	quadrado, reto, panturrilha, poeira, nádegas, animal, peito, vomitar, inseto, outro, semente, pulso, pessoa, outro	calcanhar, lutar, segurar, raso, talvez

Fonte: a própria autora

Na primeira coluna do quadro estão os nomes das noções ou referentes que motivaram Guarani Nãndeva ao uso de empréstimo; na segunda coluna os que motivaram os dois subgrupos étnicos; e na terceira coluna, os que motivaram apenas Guarani Kaiowá.

O quadro, como afirmamos, pode responder às duas questões propostas (quais e quantos). Mas é preciso considerar, que para alguns itens lexicais como “não”, “perna” “calcanhar”, “lutar” e “raso”, apenas um dos informantes responderam com vocábulo emprestado, o que pode ser apenas um lapso de memória, ou seja, naquele momento apenas ele não se lembrou da palavra na língua materna indígena. Aqui, convém recuperar o que explica Calvet (2002, p. 39), para quem o uso de palavra de outra língua por apenas um falante pode não ser entendido ainda como empréstimo, mas apenas como “interferência”. Em todo caso, já justificamos nossa opção, neste trabalho, de quantificar tudo o que não for da língua indígena materna como empréstimo.

Pensando em agrupar esses itens, que motivaram os empréstimos, concluímos que um campo semântico-lexical significativo de ser destacado é o do

“corpo humano” que poderia englobar os seguintes vocábulos: “perna”, “ombro”, “panturilha”, “nádegas”, “peito”, “pulso”, “calcanhar” e até “vomitar”. A razão, entretanto, para o destaque a esse campo no que se refere aos empréstimos pode ser atribuído, simplesmente, ao fato de ser o campo com maior número de itens. Isso nos leva a concluir que na amostra do “vocabulário básico” coletada os empréstimos são aleatórios, ou seja, não são mais ou menos frequentes em determinados campos.

Já no que se refere a aspectos mais formais, podemos citar o que menciona Carvalho (2009, p.75). Ela afirma que os nomes, especialmente substantivos encabeçam a lista dos empréstimos em todas as línguas (os verbos e sufixos viriam depois, mas muito a distância). Essa tendência pode ser observada nos dados desta pesquisa, já que, observando o quadro 56, vemos que a maioria das palavras são substantivos e adjetivos. Ainda que sejam dessas categorias a maior parte dos itens do *corpus*, constatamos que, se considerada a proporção, continua nos nomes a ocorrência maior de empréstimos, confirmando a tendência mencionada pela autora.

Um outro ponto a considerar no que se refere aos empréstimos é o da origem e “acomodação” (ou não, já que muitos são utilizados pelos indígenas como na língua da qual procedem – às vezes com diferenças fonéticas pouco significativas) dos vocábulos da língua portuguesa ou da língua espanhola aos padrões fonéticos e ortográficos do guarani ñandeva e do guarani kaiowá. Dessa forma, para uma visão mais geral de como os empréstimos são utilizados pelos informantes indígenas, apresentamos o quadro abaixo em que há um exemplo de cada ocorrência. Lembramos que, neste trabalho, fizemos a opção apenas pela transcrição grafemática e que os informantes, além de nos fornecerem os dados oralmente para serem gravados, também nos forneceram por escrito. Dessa forma, a ortografia que aparece na terceira e na quarta coluna do quadro é a utilizada pelos informantes durante os procedimentos de coleta dos dados.

Quadro 59 – Acomodação dos empréstimos (formulário 01)

nº	Itens em Português	Empréstimos/interferências do português ou do espanhol, com ou sem acomodação	
		Guarani Nandeva	Guarani Kaiowá
09	outro	outro	outro, otro
10	alguém	arguno	-
11	não	nõ	-
12	sim	gueno	-
13	talvez	-	avese
28	raso	-	haso
32	quadrado	kuayrazo, kuarado, quadrado	-
46	reto	derecho, zerecho	-
78	vomitar	gomito, gomitã	ogamitã, okamita,
87	pessoa	gente, persona	gente, kenti, kente
93	animal	vixo	vicho
95	inseto	vicho'i, vichoi	vixo'i, vixoi veve
108	semente	semilha	temity
112	estrela	etrelha, etelha, luzero	-
118	poeira	-	puera
131	ombro	lómo, ilomo	-
134	punho	punho, purso	punho
139	peito (tórax)	pecho	pexo
140	nádegas	kuarto ro'o	ikuarto
143	Pernas	ikuarto	-
148	calcanhar	-	calcanhá
149	panturrilha	garrón	panturi

Fonte: a própria autora

Conforme se observa no quadro 59, entre os empréstimos de língua portuguesa (com ortografia padrão e, nesses casos, com leve diferença na pronúncia) estão: “outro”, “gente” e “punho”, que aparecem como respostas dos dois subgrupos étnicos. Entre as palavras da língua espanhola (com ortografia padrão e, nesses casos, também com leve diferença na pronúncia, segundo os próprios informantes) estão: “derecho”, “persona”, “pecho”, sendo que as três são respostas de informantes Guarani Nandeva; e apenas a última, com adaptação ortográfica, “pexo” apareceu também como resposta no grupo dos Guarani Kaiowá.

Ainda que estejamos tratando de aspectos do guarani indígena, convém mencionar o fenômeno linguístico denominado *jopara*, que pode ser observado no contato do guarani paraguaio com o espanhol. Meliá (1992, p. 184), com ajuda de outros autores, assim explica o fenômeno:

Seria aquela “terceira língua” de que falava o padre Dobrizhoffer [...], cujas tendências de amálgama e confusão de sistemas já se

manifestavam no século XVIII e que com os tempos modernos se tem acentuado. A esta variedade linguística – mas, é apenas uma variedade? – se tem chamado *mescla híbrida* (Cadogan, 1958:23), *hispano-guarani y lengua mixta* (Tovar, 1964), *bastarda incluso* (Moríginio 1959:246) [...] ⁷¹.

De acordo com o próprio Meliá (1992, p. 184 – 185), não é tarefa fácil definir que tipo de língua é o *jopara*, mas pelo que se depreende de suas afirmações, seria um guarani (com sua estrutura relativamente “preservada”) com uma grande quantidade de empréstimos lexicais do espanhol. O surgimento do *jopara* pode ser avaliado de duas maneiras: por um lado, é possível que o guarani continue vivo no Paraguai graças a sua manifestação nessa “terceira língua”; em certa medida, trata-se de uma língua que se adapta ao mundo moderno. Por outro lado, o *jopara* poderia estar funcionando como uma língua de transição, que esteja preparando a substituição do guarani pelo espanhol paraguaio.

Como discutir a situação linguística do Paraguai não é objetivo deste trabalho, ficamos apenas com essa referência ao *jopara*, uma vez que alguns informantes Guarani Ñandeva – que, lembramos, estão na fronteira com o Paraguai – fazem menção ao fenômeno quando falam sobre empréstimos linguísticos. Além disso, essa referência se justifica também pelo fato de a incidência de empréstimos, sobretudo da língua portuguesa, quando os informantes – especialmente os Guarani Ñandeva – precisam nomear referentes que não são tradicionalmente de sua cultura, é tão grande que teríamos uma espécie de *jopara* também no guarani indígena em contato com o português. Essa afirmação é possível, evidentemente, por estamos considerando o sentido literal do vocábulo *jopara* – “*mescla*”, conforme Montoya (2011[1639]) e os outros lexicógrafos consultados.

Assis (2008), no verbete *jopara*, registra o seguinte exemplo de uso para o vocábulo: *Ndojekuaa porãigui portuge ñe’ẽ há guarani, oñe’ẽ’ẽ jopara vai* (“Por não

⁷¹ Sería aquella ‘tercera lengua’ de que hablaba el padre Dobrizhoffer [...] cuyas tendencias de amalgamas y confusión de sistemas ya se manifestaban en el siglo XVIII y que con los tiempos modernos se han acentuado. A esta variedad lingüística – pero, es sólo una variedad? – se le ha llamado *mezcla híbrida* (Cadogan 1958, p. 23), *hispano-guaraní y lengua mixta* (Tovar 1964), *bastarda incluso* (Moríginio 1959:246) (MELIÁ, 1992, p. 184).

Referências citadas no trecho:

CADOGAN, Léon. En torno al bilingüismo en el Paraguay. In: *Revista de Antropología*, 6, 1: São Paulo, 1958, 23-30.

TOVAR, Antonio. Español y lenguas indígenas: algunos ejemplos. In: *Presente y futuro de la lengua española*, II, Madrid:Edic. Cultura Hispánica, 1964, p. 245-257.

MORÍGINO, Marcos Augusto. Influencia del español en la estructura lingüística del guaraní. In: *Filología* 5. Montevideo, 1959, p. 235 – 247.

saber direito o português e nem o guarani, fala-se uma mistura ruim das duas línguas”). Como se observa, o exemplo utilizado pela autora, pressupõe que o vocábulo pode ser utilizado também em relação à “mistura” linguística que ocorre entre o português e o guarani indígena, e não apenas à mistura do espanhol com o guarani paraguaio. Do exemplo registrado pela autora, convém destacar ainda a expressão “mistura ruim”, que denotaria, por parte do produtor do enunciado, um tipo de avaliação negativa em relação à mistura de línguas.

Continuando o exame dos dados desta pesquisa quanto à ocorrência de empréstimos, na sequência apresentamos as considerações sobre a amostra coletada com o formulário 02.

5.10.2 Empréstimos na amostra coletada com o formulário 02

Entre os dados coletados a partir do formulário 02, conforme se previa, os empréstimos foram muito frequentes, entre outras razões, porque com essa amostra pretendíamos coletar alguns vocábulos com os quais os dois subgrupos nomeariam referentes ou conceitos introduzidos nessa cultura por grupos não falantes de línguas indígenas. Convém lembrar que nessa amostra estariam também os itens lexicais considerados mais suscetíveis de variação, como por exemplo, nomes de peças de vestuário e calçado, nomes de meios de transporte, nomes de relações de parentesco, entre outras.

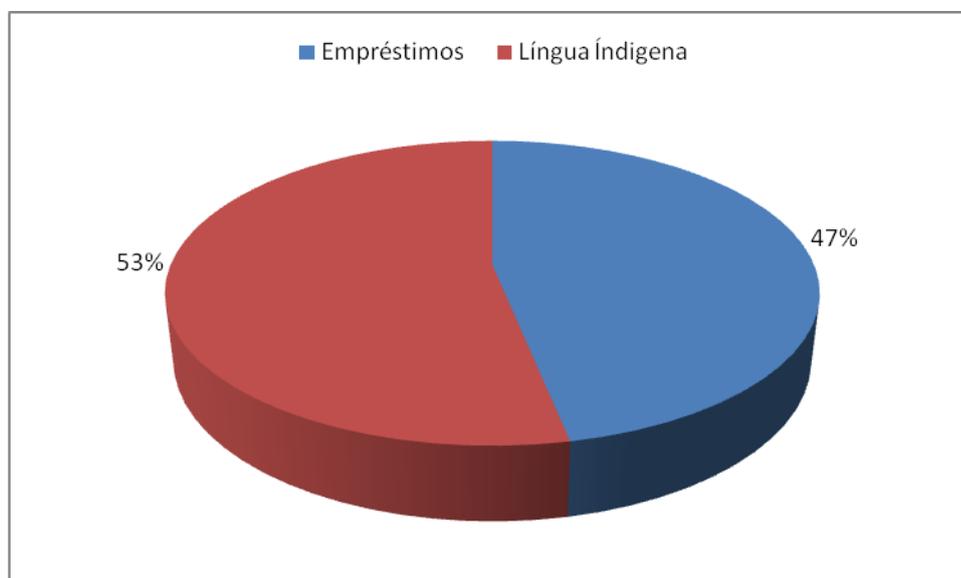
A propósito dos dados que constituem essa amostra, consideramos oportuno retomar, mais uma vez, Carvalho (2009, p.74), que explica que com a evolução dos meios de comunicação, as pessoas não permanecem isoladas em seu local de origem, mas passam a ter condições de acessar bens reais ou simbólicos produzidos em outras culturas. A consequência natural disso é a adoção – indiscriminada, segunda a autora – de termos estrangeiros. Convém lembrar que, para o contexto desta pesquisa, “termo estrangeiro” é uma expressão que deve ser utilizada com atenção, já que “estrangeiro”, normalmente dizemos de algo de outra nação, de outro país. Se tomarmos esse sentido mais usual, a língua portuguesa, não é um idioma estrangeiro para os indígenas, que também são, evidentemente, brasileiros.

Consoante às palavras de Carvalho (2009), sobre a necessidade de sair da aldeia e acessar bens de outras culturas a que Carvalho (2009) se refere,

relembramos as palavras de um informante, sobre a importância de aprender a língua portuguesa: “Os indígenas aqui da aldeia não ficam só aqui. Têm acesso a tudo, à internet. Tem que ter contato com o mundo” (Orlando, Guarani Ñandeva). Além de sair de sua comunidade, como afirma o informante, eles recebem e consomem bens reais ou simbólicos de outras culturas. Esses bens, muitas vezes, são incorporados na cultura receptora com os nomes que adquiraram quando criados ou inventados pela outra cultura.

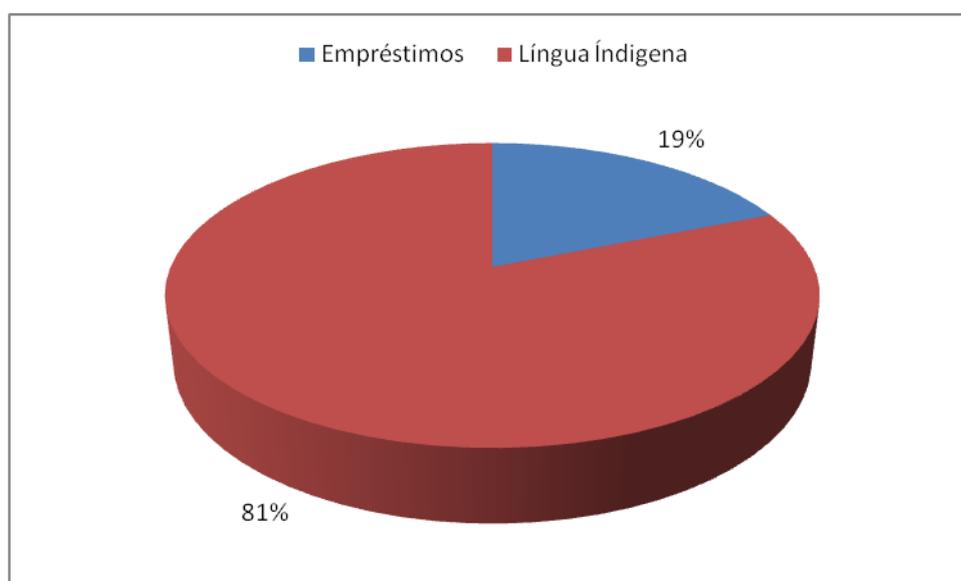
Tendo isso em vista, consideramos que poderia ser útil, para compreender a atual situação linguística dos grupos em estudo, uma pesquisa que mostrasse como cada um dos subgrupos tem resolvido a questão da nomeação de novos bens chegados à comunidade ou acessados de outras formas pelos indígenas. Ou seja, procuramos saber se os falantes têm procedido à nomeação utilizando-se de elementos de sua língua materna ou têm recebido esses bens já com nomes atribuído pela cultura de onde eles provêm. Procuramos saber também se a atitude dos dois subgrupos étnicos seria a mesma ou se seria diferente em relação a essa questão. Feitos esses esclarecimentos, passemos agora aos dados coletados com o formulário 02.

Os Guarani Ñandeva forneceram 600 itens lexicais e desses, quase metade, 281, são empréstimos da língua portuguesa ou da língua espanhola, conforme verificamos no gráfico 17.

Gráfico 17 – Empréstimos na amostra lexical dos Guarani Ñandeva (formulário 02)

Fonte: a própria autora

Da mesma forma, os Guarani Kaiowá forneceram 600 itens lexicais e desses, 114 são empréstimos da língua portuguesa ou da língua espanhola, conforme podemos verificar no gráfico 18.

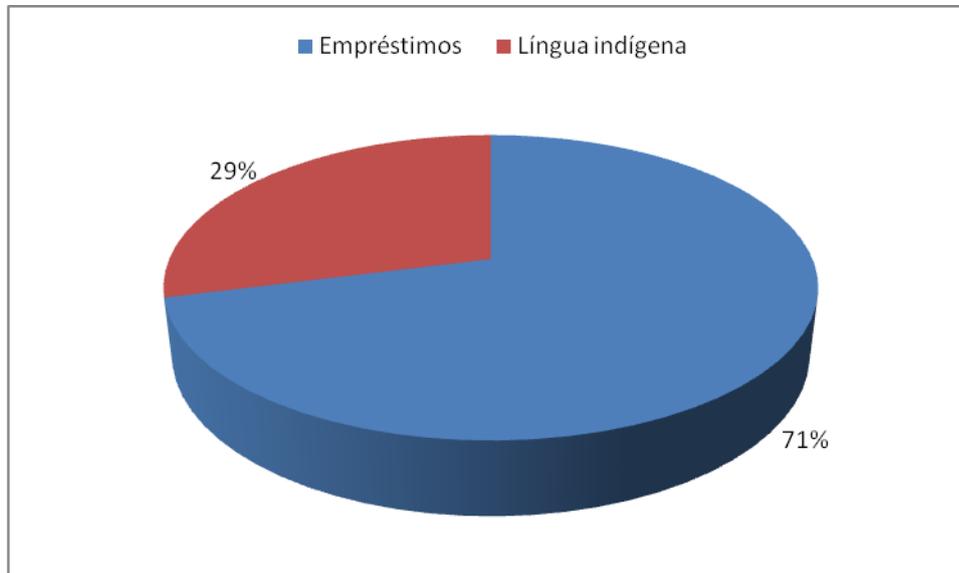
Gráfico 18 – Empréstimos na amostra lexical dos Guarani Kaiowá (formulário 02)

Fonte: a própria autora

Em relação aos dados coletados a partir do formulário 01, a proporção de empréstimos lexicais foi relativamente pequena e os dois subgrupos em estudo apresentaram ocorrência, quantitativamente, muito semelhante. Agora, os gráficos 17 e 18, no entanto, mostram que a situação em relação aos dados coletados com o formulário 02 é bem distinta. Aqui, além da quantidade de empréstimos ser absoluta e proporcionalmente maior, verificamos que os Guarani Ñandeva utilizaram mais que o dobro da quantidade de empréstimos utilizada pelos Guarani Kaiowá.

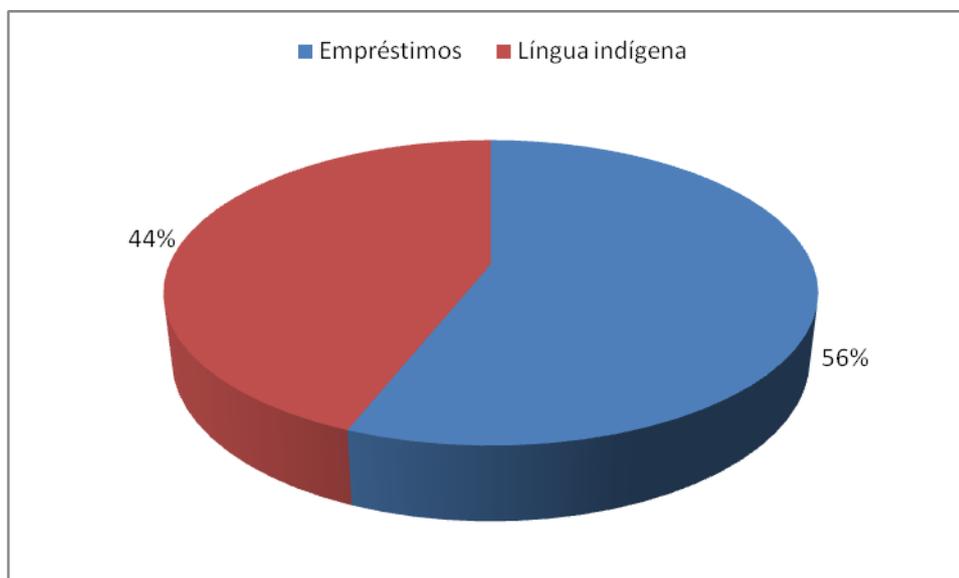
Seguindo o mesmo roteiro quanto à análise, também verificamos quais referentes ou noções do formulário 02 motivaram o uso de empréstimos. A resposta, em percentuais, pode ser observada nos gráficos 19 e 20, a seguir. Reiteramos que estamos nos referindo aos 100 itens desse formulário.

Gráfico 19 – Quantidade de itens que motivaram empréstimos entre os Guarani Ñandeva (formulário 02)



Fonte: a própria autora

Gráfico 20 — Quantidade de itens que motivaram empréstimos entre os Guarani Kaiowá (formulário 02)



Fonte: a própria autora

Como verificamos pelos gráficos 19, ao menos um informante Guarani Ñandeva forneceu resposta em português ou em espanhol para 71% dos itens pesquisados. Já entre os Guarani Kaiowá isso ocorreu em 56% dos itens pesquisados, conforme é possível constatar no gráfico 20.

Assim como na amostra anterior, verificamos para quais referentes ou noções os empréstimos foram utilizados e se foram ou não os mesmos para os Guarani Ñandeva e para os Guarani Kaiowá. O quadro 60 que segue facilita a visualização desses resultados

Quadro 60 – Itens que motivaram empréstimos (formulário 02)

Itens para os quais foram fornecidos empréstimos do português e/ou espanhol		
<i>Apenas os Guarani Ñandeva</i>	<i>Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá</i>	<i>Apenas os Guarani Kaiowá</i>
tia, tio, prima, primo, genro, nora, sogra, sogro, noivo, noiva, família, calma, paciência, carinho, teimoso, avarento, finado, vizinho, amigo, amizade, escola, aluno, professor, diretor, coordenador, livro, caderno,	compadre, comadre, padrinho, madrinha, ciúme, viúvo, xará, lápis de cor, cadeira, bicicleta, carroça, moto, automóvel, ônibus, sorvete, picolé, bala, cerveja, café, açúcar, calça, camisa, saia, blusa, sandália, tênis,	

caneta, lápis, borracha, prova, apontador, sala, sala cozinha, banheiro, geladeira, guarda-roupa, mesa, televisão, fogão, refrigerante, suco, sapato	chinelo	
--	---------	--

Fonte: a própria autora

Consideramos esse quadro significativo porque mostra que houve uma grande quantidade de itens em que foram observados empréstimos nos dados fornecidos apenas pelos Guarani Ñandeva; o gráfico 17 já aponta para essa situação ao demonstrar que a quantidade de empréstimos na amostra desse grupo é muito maior em relação à quantidade verificada na amostra do outro (Guarani Kaiowá). Pelo quadro, notamos que houve também uma quantidade considerável em que foram observados empréstimos nos dados dos dois grupos de informantes; e que não houve itens para os quais apenas os Guarani Kaiowá responderam com algum empréstimo.

As noções e referentes que motivam os empréstimos são variados, mas, entre os Guarani Ñandeva, é possível observar que o campo semântico-lexical da escola se destaca. Não é possível fazer afirmações quanto à classe gramatical das palavras, uma vez que quase a totalidade é de substantivo, nesse formulário.

Feitas as considerações sobre a totalidade dos dados, tendo em vista, os empréstimos lexicais, podemos pressupor que os Guarani Kaiowá demonstram maior esforço em relação à manutenção dos nomes em língua indígena e procuram, com mais frequência, em sua própria língua, elementos para nomear os novos (ou relativamente novos) referentes introduzidos. Os dados expostos no quadro que segue pode ser um exemplo de nossa primeira afirmação.

Quadro 61 – Respostas referentes ao item “sogra”

Formulário 02 – item 11 – sogra (substantivo)						
Guarani Ñandeva	Célia M.	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
	<i>súera</i>	<i>suera</i>	<i>sueyra</i>	<i>temberiko sy, mena sy</i>	<i>suera</i>	<i>suera</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>haicha/mesy</i>	<i>mensy</i>	<i>mesy</i>	<i>mesy</i>	<i>mesy</i>	<i>raixo</i>

Fonte: a própria autora

De acordo com o que se verifica nesse quadro, apenas um dos informantes Guarani Ñandeva não utiliza o empréstimo em uma das formas *súera/sueyra/suera* as quais entendemos como adaptações do vocábulo *suegra*, da língua espanhola, conforme Señas (2010). O informante que opta pelo termo de sua língua materna responde *temberiko sy* e *mena sy*, respectivamente “mãe da esposa” e “mãe do marido”. Já os Guarani Kaiowá, com exceção de um informante, usam as formas *mesy/mensy*, que parecem ser contração de *mena sy* (mãe do marido)⁷² e, em razão disso, só seria utilizada para “a sogra da mulher”. Um dos informantes do sexo masculino, entretanto, também fornece apenas essa lexia. Já os outros dois informantes Guarani Kaiowá do sexo masculino utilizam as formas *haicha/raixo*⁷³.

Já o próximo quadro pode indicar o que nos parece ser, a julgar pelos dados, uma tendência: os Guarani Kaiowá resistiriam um pouco mais à utilização de empréstimos para referentes introduzidos mais recentemente em sua cultura.

⁷² O campo lexical das relações de parentesco entre os indígenas é bastante complexo, em comparação ao de outros grupos não indígenas. Rodolfo Garcia (1944), na obra *Nomes de parentesco na língua tupi*, afirma que foi Frei Vicente de Salvador quem primeiro observou a abundância de termos para nomear os diversos graus de parentesco em língua indígena. Garcia lembra ainda que a indicação de sexo, a diferença de idade, o grau de consanguinidade ou de aliança, a circunstância de os parentes serem vivos ou mortos são aspectos que se traduzem, nas relações de parentesco, por termos próprios.

⁷³ Assis (2008) também registra *taicho* como sendo o termo utilizado para fazer referência à sogra do homem, assim como Garcia (1944) que documenta *aixô* e *tayxô*, como “sogra do varão”.

Quadro 51 – Respostas referentes ao item “guarda-roupa”

Formulário 02 – item 73 – guarda-roupa (substantivo)						
	Célia	Marcos	Dora	Orlando	Ricardo	Sandra
Guarani Ñandeva	<i>guarda-roupa</i>	<i>ao ryru</i>	<i>guarda-roupa</i>	<i>ao-koty</i>	<i>ao koty</i>	<i>guarda-roupa</i>
Guarani Kaiowá	Antonio	Flávia	Marcelo	Rosa	Irene	Felipe
	<i>ao renda</i>	<i>moâyha</i>	<i>aonhongatuha</i>	<i>aogwarydaha</i>	<i>ao renda</i>	<i>ao renda</i>

Fonte: a própria autora

Esse quadro mostra que para o referente “guarda-roupa”, nos dois grupos de respostas, há empréstimos: três informantes Guarani Ñandeva utilizam o vocábulo da língua portuguesa sem nenhuma adaptação no que se refere ao registro escrito; entre os Guarani Kaiowá uma das informantes utiliza o vocábulo *aogwarydaha*, em que *ao* é traduzido como “roupa”, e *gwarydaha*, ao que parece, uma adaptação de “guardar”. Novamente, por esse exemplo, observamos que seriam os Guarani Ñandeva os mais concessivos em relação à adoção de vocábulos não indígenas, embora não seja isso em que eles acreditam, conforme suas respostas às questões abertas já analisadas.

No quadro 62 podemos visualizar as “acomodações” ou não dos vocábulos emprestados e, obtidos a partir do formulário 02. Pela observação da forma, podemos pressupor a língua de origem dos vocábulos.

Quadro 62 – Acomodação dos empréstimos (formulário 02)

nº	Itens em Português	Empréstimos/interferências do português ou do espanhol, com ou sem acomodação fonológica	
		Guarani Ñandeva	Guarani Kaiowá
05	tia	tia	-
06	tio	tio	-
07	prima	prima	-
08	primo	primo	-
09	genro	jero, gerno	-
10	nora	núera, nuera, gerna	-
11	sogra	súera, suera, sueyra,	-
12	sogro	súero, suero, sueyro	-
13	compadre	kompáre, compare	kompáre; compare

14	comadre	komáre, comare	komáre; comare
15	padrinho	paino, padrinho	paino
16	madrinha	maína, maña	maína
17	noiva	nóvia, noiva	-
18	noivo	nóvio, noivo	-
21	família	familha, família	-
30	calma	iguenóva (gueno), carma	-
31	paciência	paciência, ipaciencia	-
33	carinho	carinho	-
36	ciúme	selóso	seroço; seroso; iciume
38	teimoso	teimoso	-
45	avarento,	pikotero	-
47	viúvo	viúdo, viúzo, viúvo	viura; viurã
48	finado	erfinado, finazo	-
49	vizinho	vesíno, vesino	-
51	xará	tokájo, xará, tokajo	tokája
52	amigo	amigo	-
53	amizade	amizade	-
54	escola	ekuéla	-
55	aluno	aluno	-
56	professor	professor	-
57	diretor	diretor	-
58	coordenador	coordenador	-
59	livro	livro	-
60	caderno	caderno	-
61	caneta	caneta	-
62	lápiz	lápi, lápis	-
63	borracha	borracha, vojaxa	-
64	prova	prova	-
65	lápiz de cor	lápi de cor, lápis de cor	rapi de cory
66	apontador	apontador, apontaha	-
69	sala	sala	-
70	cozinha	kosiná, kosina, cosina	-
71	banheiro	banheiro, vaño	-
72	geladeira	geladeira, elazera	-

74	guarda-roupa	guarda-roupa	-
75	mesa	mesa	-
76	cadeira	cadeira, cadera, vango	vãko, vako, vanko
77	televisão	televisão	-
78	fogão	fogón, fogão, fogon, fogo	-
79	bicicleta	vicicleta, bicicleta	xicreta, chicleta
80	carroça	karrosa, cajosa, carroça	karosa, caroça
81	moto	moto	motoka, moto, motoca
82	automóvel	karro, cajo, carro	karo, caro
83	ônibus	ônimo, onimo, ônibus	ônimo, onimu
84	sorvete	sorvete	soryvete, soryvete
85	picolé	picolá, picolé	pikoré, picolé
86	bala (doce)	bala	bara dose, caramelo, bala
87	refrigerante	refrigerante	-
88	suco	suco	-
90	cerveja	serveza, cervesa, cerveja	seryveja, ceryveja
91	café	café, rambosa, rambosa	kafé, café
92	açúcar	asuká, asuka, açúcar	asúka, açuca
93	calça	kasõpukú, kasõ puku, casõ puku, cazon puku	kasõ puku, kasõpuku, kansõ
94	camisa	kamisá, kamisa, kamisa ijuvá pukua, camisa, camiza	cambisapuku, kamisa, rusa, kambisá
95	saia	polhera, sái, sai, typoi, saia	sái, sái
96	blusa	váta, lusa, vata, kuña vata	rusa, rúsa
97	sapato	sapatu, sapato	-
98	sandália	sandalha, sandália	sandária, sandaia
99	tênis	téni, teni, tênis	téni, teni
100	chinelo	chinela, chinelo	xinera

Fonte: a própria autora

O primeiro ponto a observar é que no quadro anterior, equivalente a esse, em que foram demonstrados os empréstimos observados nos dados coletados a partir do formulário 01, é o relativo equilíbrio entre as duas etnias, ou seja, para a maioria dos itens do quadro os dois subgrupos utilizaram empréstimos. Isso não ocorreu com os dados lexicais coletados com o formulário 02. Basta observarmos o quadro

para constatar que há uma grande quantidade de itens que os Guarani Ñandeva admitiram usar em português (ou, com menos frequência, em espanhol) em detrimento da língua indígena. Durante a coleta, um dos informantes avisou: “Se a gente se esforçar, até lembra da palavra em Guarani, mas não é assim que eu uso, quase ninguém usa mais. Talvez os mais velhos” (Sandra, Guarani Ñandeva). Observamos, por outro lado, um posicionamento contrário de alguns dos Guarani Kaiowá, que pode ser representado pela seguinte fala: “Tem muita gente aqui que usa empréstimo, mas eu não. Só em último caso” (Antonio, Guarani Kaiowá).

Entre os que estamos chamando de empréstimos da língua portuguesa, sem nenhuma alteração que atingiu o registro escrito estão, por exemplo, “tia”, “primo”, “amigo” da coluna dos Guarani e “moto”, “picolé”, “café”, que aparece nas duas colunas (Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá). Já a influência da língua espanhola pode ser observada nas lexias “jerno”, “suera” e “vesino” (a ortografia padrão em espanhol, de acordo com Señas (2010) é “yerno”, “suegra” e “vecino” respectivamente), utilizadas pelos Guarani Ñandeva. As lexias “selóso/seroço”, “tokajo/tokája” podem ser considerados exemplos de influência da língua espanhol para as duas etnias. O dicionário Señas (2010) registra “celoso” e “tocayo”.

No último quadro sobre os empréstimos, apresentamos algumas trocas fonéticas que, conforme os próprios informantes registram, resultaram também na alteração da grafia. No quadro, destacamos os casos com pelo menos duas ocorrências.

Quadro 63 – Principais alterações fonéticas e gráficas

Alteração	Exemplos
b/v	bicho – vixo; banheiro – vaño; borracha – vojaxa; banco (cadeira) – vanko; bicicleta – vicicleta; blusa (bata) – vata
l/r	pulso – purso; calmo – carma; xinele – chinera; bicicleta – xicreta; bala – bara; sandália – sandaria; picolé – pikoré; seloso – seroço
consoante-consoante/ consontante-vogal “y”	cerveja – ceryveja; sorvete – sorryvete; lápis de cor – rapi de cory
c /g e g/k	banco (cadeira) – vango; gente – kente
Consoante/vazio	tênis – teni; lápis de cor – rapi de cory; açúcar – asuka; lápis – lapi
v/g	vomito – gomitã
b/m m/mb	ônibus – onimu; camisa – kambisá
dr/r	compadre – kompáre; comadre – komáre
nh/n	vezinho – vesino; cozinha - cosina
ão/õ, ón	calça – kasõ; fogão – fogón; garrão – garón

Fonte: a própria autora

A análise dos dados vem mostrando que, no que se refere aos itens do vocabulário básico, os dois subgrupos étnicos praticamente se equiparam quanto à presença de empréstimos e a quantidade de ocorrência é pouco significativa. Observamos que das 900 lexias coletadas com cada etnia apenas 49 foram consideradas empréstimos entre os Guarani Ñandeva; e 34, entre os Guarani Kaiowá. Assim, no total de 1800 itens lexicais coletados, cerca de 5% foram empréstimos.

Já em relação à amostra com a qual coletamos nomes que são mais variáveis e, em certa medida, mais específicos culturalmente, a proporção de uso de empréstimos aumenta significativamente para os dois subgrupos, da mesma forma que também aumenta a diferença entre eles – dos 600 itens coletados entre os Guarani Ñandeva, 281 são empréstimos, enquanto dos 600 coletados entre os Guarani Kaiowá, 113 são empréstimos. Do total de 1200 vocábulos coletados, cerca de 33% são empréstimos.

Verificamos que os empréstimos provêm da língua portuguesa, em sua maioria, e da língua espanhola. Sobretudo os Guarani Ñandeva, que estão mais próximos da fronteira com o Paraguai, utilizaram vários vocábulos emprestados do espanhol ou vários vocábulos em que se verifica a troca ou acomodação dos sons e letra (possivelmente) por influência dessa língua como é o caso de *vata* (bata), *vanko* (banco), *vojaxa* (borracha).

Outras acomodações frequentes observadas nos empréstimos são a troca dos fonemas e das letras correspondentes “l” por “r”, em palavras como *purso* (pulso), *chinera* (chinelo), *pikoré* (picolé); e a queda de consoantes em final de sílabas como em *teni* (tênis), *rapi de cory* (lápis de cor), *asuka* (açúcar), entre outras.

Convém mencionar aqui Machado⁷⁴ (2013b), que, ao estudar aspectos da variação lexical entre índios falantes de Guarani Kaiowá, da Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa (Dourados/MS), constata a diferença nos usos lexicais dos informantes mais idosos e dos informantes mais jovens, no entanto, segundo ela, “poucas foram as palavras que sofreram mudança em direção ao português, o que é, evidentemente, muito positivo [...]” (p. 282). É preciso registrar que a autora chega a essa conclusão a partir de dados que se referem quase que completamente a

⁷⁴ Machado (2013b) é indígena e professora de escola indígena em Dourados/MS.

nomes de “animais e insetos”, como por exemplo “veado”, “lontra”, “sapo”, “formiga”, “grilo”, “mosca”. Esses nomes, de acordo com os critérios adotados neste trabalho seriam incluídos no que aqui chamamos de “vocabulário básico”, como já mencionado, por serem mais perenes, menos suscetíveis a variações e mudanças, menos suscetíveis a influências de outras línguas.

Acreditamos que, se Machado (2013b) tivesse separado seus dados de acordo com o que pertence ao “vocabulário básico” e ao que pertence ao “vocabulário cultural” (ou vocabulário relacionado a referentes introduzidos na cultura indígena por não indígenas), suas conclusões poderiam ter coincidido com as nossas, haja vista que, em relação ao único item lexical investigado pela autora que não é da cultura tradicional indígena – cadeira –, observamos que foi registrado empréstimo, ao menos entre os mais jovens: *vanko*. Os mais idosos usaram *apika*, segundo sua pesquisa. Esse vocábulo indígena utilizado pelos idosos foi encontrado em Montoya (2011[1639]), com o sentido de “banco, lugar onde se sentam”. Não, exatamente, “cadeira”, portanto. Salientamos que os dois vocábulos, *vanko* e *apika*, estão também entre nossos dados.

Se, como vimos, Machado (2013b) não observou uma recorrência significativa de empréstimos lexicais da língua portuguesa ou de outra, Cano (2013, p.235), que realizou pesquisa com informantes da aldeia Taquapery, no município de Coronel Sapucaia/MS, concluiu que, nos campos semânticos relativos a “meio de transporte, vestuário e escola, incluindo neste último material escolar, nomes de ações relacionadas ao processo ensino-aprendizagem e lazer”, a recorrência a vocábulos da língua portuguesa – mesmo quando os indígenas informantes estão falando em sua língua materna – é bastante significativa⁷⁵. O autor afirma que

[...] o maior número de palavras do português que faz parte do léxico dos alunos questionados originou-se do contexto escolar em que os alunos estão inseridos. Sendo, portanto, a própria escola um dos principais meios de veiculação da língua portuguesa dentro da aldeia (CANO, 2013, p. 235).

Vale recuperar, ainda, mais algumas palavras do autor, a respeito dos resultados de sua pesquisa:

⁷⁵ O autor não informa a quantidade de dados coletados e nem o percentual de empréstimos observados.

Espero que os resultados da pesquisa sirvam, posteriormente, para conscientizar os alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental dessa mesma escola [Escola Municipal Ñande Reko Arandu] de uma possível perda gradativa da língua materna por conta de uma substituição desta pela língua portuguesa nas mais diversas situações em que se poderia manter o uso do Guarani [...] (CANO, 2013, p. 222).

Chama-nos atenção, nesse último trecho, especialmente o fato de o autor apontar para “uma possível perda gradual da língua”. Entretanto acreditamos que isso dificilmente aconteceria. As línguas, de modo geral, são “enriquecidas” com empréstimos de outras. Nosso português brasileiro, por exemplo, no início de sua constituição, recebeu vocábulos das línguas indígenas e das línguas africanas, principalmente. Depois continuou recebendo empréstimos do francês, do espanhol, e, ainda hoje, incorpora muitas palavras, sobretudo, da língua inglesa. A partir do viés teórico que adotamos para nosso trabalho, não é possível pensar que variações e mudanças nas línguas representam perdas; ao contrário: toda língua em uso varia, muda, abandona algumas palavras, cria ou adota outras. Entretanto, como já afirmamos neste trabalho, compreendemos a posição de Cano (2013), quanto à preocupação em relação às perdas linguísticas, uma vez que quando tratamos de línguas indígenas, certos cuidados podem ser positivos.

Ainda no que se refere a essa discussão, Carvalho (2009, p.79) aponta para uma possível conclusão do assunto, ao afirmar que o caminho talvez esteja em não adotar uma postura de aversão extrema a termos de outras línguas, o que poderia atrapalhar o desenvolvimento ou dificultar a aprendizagem, mas dar preferência aos termos e fórmulas vernáculos. Segundo a autora, “a incorporação crítica e não a absorção acrítica” seria o caminho, uma vez que se trata de uma questão linguística e político-cultural.

Concordamos com a autora que não defende nem um extremo nem outro em relação à adoção de empréstimos, e reiteramos: a “incorporação crítica” parece ser o melhor, sobretudo para línguas minoritárias como as indígenas,

5.10.3 Neologismos nos dois subgrupos étnicos

Além de adotar uma palavra de outra língua (ou seja, utilizar empréstimos com ou sem adaptações), quando o falante não encontra na língua a palavra que

atenda a suas demandas de nomeação dos referentes, como sabemos, outros procedimentos são possíveis, como por exemplo, a) criar uma palavra a partir do acervo e dos mecanismos da própria língua ou de outra que se conheça; b) acrescentar um sufixo ou um prefixo em uma palavra que já existe ou utilizar duas ou mais palavras que já existem em sua língua com seus sentidos individuais para criar uma palavra composta com outro sentido; c) alterar o significado de uma palavra que já existe na língua, entre outras possibilidades. Em todos esses casos, ou seja, quando criamos novas palavras ou tomamos as que existem com outros sentidos, falamos em neologismos,

A neologia é um fenômeno linguístico que surge para atender às necessidades de comunicação. E vale ressaltar que, em geral, no estudo sobre neologismos, precisamos considerar que sua existência de fato está relacionada ao um número relativo de falantes que utilizou a palavra nova e ao número de ocorrências dessa palavra. Esses seriam, inclusive, critérios que poderiam ajudar o lexicógrafo na decisão de inserir ou não um neologismo no dicionário.

Como esse (apontar os neologismos que deveriam ir para os dicionários) não era nosso objetivo, consideramos e destacamos neste trabalho, inclusive, as ocorrências únicas, uma vez que entendemos que todas poderiam nos ajudar a compreender as opções em relação aos processos de nomeação dos dois subgrupos étnicos.

A observação da totalidade dos dados que compõem o *corpus* deste trabalho, tendo em vista a questão da neologia, poderia levar a seguinte questão: Há uma quantidade razoável de vocábulos dados como respostas que não foram localizados em nenhum dos dicionários. Esses também não seriam neologismos? Alguns talvez. Entretanto, para diminuirmos as possibilidades de afirmações incorretas, optamos por destacar como neologismos apenas aquelas lexias que não estavam registradas nos dicionários, mas puderam ser esclarecidas por meio deles.

Ao tratar dos empréstimos verificados na amostra deste trabalho, notamos várias formações neológicas híbridas, tais como os exemplos do quadro 64 (já contabilizados como empréstimos lexicais por serem compostas de pelos menos uma palavra de outra língua):

Quadro 64 – Exemplos de neologismos híbridos

Item pesquisado	Resposta coletada	Línguas envolvidas	Significado dos “formantes”	Tradução literal
quando (08 – Form 01)	<i>mba’edia</i>	guarani + português	<i>mba’e</i> = que <i>dia</i> = dia	que dia
inseto (95 – Form 01)	<i>vicho’i</i> (<i>Gaurani</i> e <i>Kaiowá</i>)	português ou espanhol + guarani	<i>vicho</i> = bicho <i>i</i> = -inho	bichinho
inseto (95 – Form 01)	<i>vixo’i veve</i> (<i>Kaiowá</i>)	português ou espanhol + guarani + guarani	<i>vicho</i> = bicho <i>i</i> = -inho <i>veve</i> = voador	bichinho voador
nádegas - 143 (143 – Form 01)	<i>kuarto ro’o</i> (<i>Guarani</i>)	português + guarani	<i>kuarto</i> = quarto <i>ro’o</i> = carne	carne dos quartos (?)
cerveja – 90 (90 – Form 02)	<i>kavajuty</i>	português + guarani	<i>kavaju</i> = cavalo) <i>ty</i> = água, caldo, urina	urina de cavalo (?)
calça – 94 (94 – Form 02)	<i>kasõpuku</i> (<i>Guarani</i> e <i>Kaiowá</i>)	português + guarani	<i>kasõ</i> = calça <i>puku</i> = comprida	calça comprida
guarda-roupa (74 – Form 02)	<i>aogwarydaha</i> (<i>Kaiowá</i>)	guarani + português	<i>ao</i> = roupa <i>gwarydaha</i> = guarda	guarda- roupa

Fonte: a própria autora

No primeiro exemplo do quadro, temos *mba’edia*, vocábulo em que *mba’e* pode ter o sentido de “que” (em perguntas), conforme os dicionários consultados, e *dia* é palavra da língua portuguesa. Nesse caso, teríamos, como equivalente de “quando” a composição híbrida *mba’edia*, literalmente, “que dia?”.

No segundo caso temos palavras formadas pela alteração de *bicho* (*vicho,icho*) + *i*. Bicho é vocábulo tanto da língua portuguesa como da língua espanhola. No português, a definição do vocábulo é “ser do reino animal, com exceção do homem; animal feroz; fera [...]” (HOUAISS, 2001). E ainda, conforme o mesmo dicionário “designação comum e geral depreciativa de diversos insetos e suas larvas (cupim, broca, traça, caruncho etc.)”. No espanhol, bicho é “animal de pequeno tamanho, especialmente inseto” (SEÑAS, 2010, Tradução nossa). Após termos conferidos o registro desses vocábulos nos dicionários, concluímos que o empréstimo pode ter vindo de qualquer uma das duas línguas, mas mais provavelmente do espanhol. Já o elemento *i* tem, entre seus diversos sentidos, o de diminutivo. Ocorre também de os informantes acrescentarem à mesma formação

anterior (com alteração gráfica apenas) *veve*, vocábulo registrado nos dicionários de guarani como “voar”. Assim, teríamos as traduções “bichinho” no primeiro caso e “bichinho voador” (?) no segundo caso.

No terceiro caso, verificamos os vocábulos *quarto* (*kuarto*) + *ro’o*. Um dos sentidos registrados para o primeiro vocábulo da língua portuguesa é “partes laterais da região superior da coxa; ancas, quadris” (HOUAISS, 2000) e *ro’o* encontra-se nos dicionários de guarani consultados com o sentido de carne, mas em referência a carne humana (*ava ro’o* = carne humana; apenas “carne” seria *so’o*, conforme Assis, 2008). *Kuarto ro’o*, que não se encontra registrado nos dicionários consultado, parece ter sido inspirado em outros vocábulos já existentes e dicionarizados como *tevi ro’o* (nádegas) e *tetyma ro’o* (panturrilha).

No vocábulo, *kavajuty*, quarto exemplo, temos *kavaju* (cavalo) + *ty*. O empréstimo *kavaju* está registrado nos dicionários de guarani, inclusive em Montoya (2011[1639]), e *ty* pode significar, conforme os dicionários, “água”, “caldo”, “suco”, “urina”. Diante disso, o vocábulo pode significar literalmente “urina de cavalo”, provavelmente uma gíria.

No quinto exemplo, temos *kasõ* (*calça, calção*) + *puku*. O primeiro elemento dessa formação pode ser da língua portuguesa (*calça, calção*) ou da língua espanhola (*calza, calzón*), nos dois casos com alteração; já o segundo elemento pode ser encontrado em todos os dicionários de língua guarani com o sentido de “comprido”. Silva (2011), em seu trabalho sobre neologismos com índios Guarani Kaiowá de outras comunidades registrou também *kasõ mbyky*, literalmente “calça curta”, mas utilizado como equivalente ao vocábulo *short* (empréstimo da língua inglesa, incorporado à língua portuguesa).

No sexto e último exemplo desse quadro, destacamos a composição *ao* + *gwardaha* (guarda-roupa). *Ao* é o vocábulo com que os Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá nomeiam “roupa”, e o segundo elemento é uma alteração do verbo “guardar”; literalmente “guarda-roupa”, portanto.

Na sequência, passamos a apresentar exemplos das formações neológicas a partir de elementos apenas da língua materna dos informantes. Evidentemente, dada à natureza dos itens que compõem os formulários, a ocorrência de neologismos, híbridos ou não, é mais significativa no formulário 02. Do formulário 01, destacamos apenas os seguintes, apresentados no quadro 65:

Quadro 65 – Exemplos de neologismos com elementos da própria língua (formulário 01)⁷⁶

Item pesquisado	Resposta coletada	Significado dos “formantes”	Tradução literal
talvez (item 13)	<i>ndaikua'ai</i> (Guarani Kaiowá)	<i>nda...i</i> = não <i>kua</i> = saber	não sei
pouco (item 15)	<i>ndahetái</i> (Guarani Nandeva e Guarani Kaiowá)	<i>nda...i</i> = não <i>hetá</i> = muito	não muito
quadrado (item 32)	<i>irundy jere</i> (Guarani Kaiowá)	<i>irundy</i> = quatro <i>jere</i> = contorno	quatro contornos
claro (item 47)	<i>hendaporã</i> (Guarani Kaiowá)	<i>hendá</i> = ver <i>porã</i> = bom, bem	ver bem

Fonte: a própria autora

No que se refere aos dados coletados com o formulário 02, como já afirmamos, a ocorrência dos neologismos é mais significativa. No quadro 66 apresentamos alguns exemplos verificados nas respostas fornecidas pelos informantes Guarani Nandeva.

Quadro 66 – Neologismos – Guarani Nandeva (formulário 02)

Item pesquisado	Resposta coletada	Significado dos “formantes”	Tradução literal
prostituta (item 44)	<i>kuñavai</i>	<i>kuña</i> = mulher <i>vai</i> = ruim	mulher ruim
caderno (item 60)	<i>kuatia moroti</i>	<i>kuatia</i> = livro <i>moroti</i> = branco	livro branco
cozinha (item 70)	<i>tembi'u koty</i>	<i>tembi'u</i> = comida <i>koty</i> = lugar, aposento	lugar de comida
guarda-roupa (item 74)	<i>ao koty</i>	<i>ao</i> = roupa <i>koty</i> = lugar, aposento	lugar de roupa
bicicleta (item 79)	<i>tenda piru</i>	<i>tenda</i> = cavalo <i>piru</i> = magro)	cavalo magro
ônibus (item 83)	<i>mba'eyru puku</i>	<i>mba'eyru</i> (<i>mba'e ryru</i>) = veículo <i>puku</i> = comprido	veículo comprido
sandália (item 98)	<i>kuña pyrehegua</i>	<i>kuña</i> = mulher <i>pyrehegua</i> = sapato	sapato de mulher
tênis (item 99)	<i>pyrehegua vevui</i>	<i>pyrehegua</i> = sapato <i>vevui</i> = leve	sapato leve

Fonte: a própria autora

⁷⁶ Os exemplos são, em sua maioria, dos informantes Guarani Kaiowá porque a ocorrência é mais significativa nesse subgrupo.

Os neologismos também foram observados entre as respostas coletadas com os Guarani Kaiowá. Seguem, no quadro 67, alguns exemplos.

Quadro 67 – Neologismos – Guarani Kaiowá (formulário 02)

Item pesquisado	Resposta coletada	Significado dos “formantes”	Tradução literal
ciúme – 36	johayhu asy	<i>johayhu</i> = amor <i>asy</i> = amargo	amor amargo (?)
teimoso – 38	nohendui	<i>no...i</i> = não <i>hendu</i> = ouvir	não ouve
xará – 51	rery chagwa,	<i>terà</i> = nome <i>xaguá</i> = igual	nome igual
escola – 54	<i>mbo'eha oga</i>	<i>mbo'ehara</i> = professor <i>oga</i> = casa	casa de professor
caderno – 60	<i>kwatia haíha</i>	<i>kwatia</i> = livro <i>haíha</i> = escrever	livro escrito (?)
guarda-roupa – 74	ao renda	<i>ao</i> = roupa <i>renda (henda)</i> = lugar	lugar de roupa
sorvete – 84	<i>mba'e he'ẽ roysã</i>	<i>mba'e</i> = o que é <i>he'ẽ</i> = doce <i>roysã</i> = frio	o que é doce é frio
suco – 88	<i>yva rykwere</i>	<i>yva</i> = fruta <i>rykwere</i> = suco	suco de fruta

Fonte: a própria autora

Acreditamos que os quatro quadros apresentados nesta seção do trabalho, sobre neologismos, pela forma que foram organizadas as informações, são autoexplicativos. Ainda assim, após o primeiro, reforçamos a análise com algumas considerações por entendermos que os casos de hibridismos mereciam um pouco mais de atenção. Em relação aos outros quadros, entretanto, entendemos que as informações apresentadas já se constituem de análise suficiente dos vocábulos.

Como sabemos, a criação de novas palavras é um fenômeno comum a todas as línguas vivas, e está bem distante de ser exclusividade de línguas indígenas como poderiam pensar alguns. Se as palavras criadas, quase sempre, espontaneamente pelos falantes, vão se constituir como norma na comunidade e se vão para os dicionários e passarão a fazer parte do léxico de determinada língua já é uma questão que os lexicólogos e lexicógrafos terão que discutir a partir de critérios previamente estabelecidos, como, por exemplo, a frequência e a abrangência da nova palavra.

Ao destacarmos e analisarmos os dados desta seção do trabalho – referentes a empréstimos e neologismos – nossa intenção foi apresentar um breve estudo, mas especialmente despertar a atenção para um tema que tem se mostrado muito produtivo no estudo das línguas indígenas em contato com outras línguas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que um trabalho científico chega ao fim por conta dos prazos que, em geral, devem ser cumpridos. Entretanto, é possível que tenhamos a sensação de que as conclusões que apresentamos ao final do trabalho não são totalmente definitivas. Isso porque, entre outros motivos, quando o prazo final para concluir o trabalho está próximo, começamos a perceber que outros pontos poderiam ter sido explorados ou, no mínimo, que tudo que fizemos poderia ser aperfeiçoado.

Apesar disso, é preciso não perder de vista que o trabalho deve resultar numa contribuição significativa não apenas para a comunidade acadêmica, mas para a sociedade em geral, sobretudo para os sujeitos que, por ventura, forem envolvidos na pesquisa.

Para a comunidade acadêmica, certamente a contribuição está dada, uma vez que são apresentadas conclusões a partir das quais outros trabalhos poderão ser desenvolvidos. A análise dos dados desta pesquisa nos permitiu constatar, por exemplo, que há uma desvantagem para os Guarani Kaiowá em relação ao registro de suas variantes lexicais nos dicionários de língua guarani, e ainda que essa desvantagem seja pequena (talvez pela natureza dos dados que coletamos para a pesquisa) ela deve ser considerada. A partir dessa constatação, temos mais uma justificativa para os projetos que objetivam a construção de dicionários e de outros materiais que contemplem mais adequadamente essa língua. Entendemos que esse é também um exemplo de contribuição para os sujeitos envolvidos, especialmente para os Guarani Kaiowá, que desejam ver sua língua reconhecida em suas especificidades.

Quanto à contribuição da pesquisa para a sociedade em geral, podemos citar o fato de que as informações reunidas neste trabalho contribuem para o conhecimento do universo linguístico-cultural dos grupos pesquisados. Como é possível verificar pela leitura deste trabalho, procuramos atender aos princípios técnico-científicos que esse tipo de gênero acadêmico exige, mas não perdemos de vista a ideia de que ele pudesse, depois de concluído, ser compreendido não

apenas por pessoas com conhecimentos teóricos aprofundados sobre questões linguísticas, mas por qualquer um que se interessasse pelo assunto.

Convém retomar agora, um pouco mais pontualmente, os objetivos postos para o trabalho e em que medida foram alcançados; em outras palavras, é o momento de expor resumidamente, uma vez que já foram apresentadas, após a análise dos dados, as conclusões a que chegamos, que estão relacionadas a cada um dos objetivos definidos na fase de planejamento da pesquisa.

Entre os objetivos específicos, o primeiro era verificar se os índios Guarani Kaiowá e os Guarani Nandeva compartilham a percepção de diferenças culturais e linguísticas propriamente ditas entre eles e verificar o posicionamento dos dois subgrupos em relação a outras questões referentes à situação linguística atual – transmissão da língua indígena, aprendizado da língua portuguesa e preconceito linguístico.

A respeito desse objetivo, constatamos que os dois subgrupos, igualmente, fazem questão de marcar as diferenças culturais, como já havia apontado Schaden (1974). Mas, com alguma frequência, os exemplos dessas distinções são relacionados ao modo tradicional de ser e de viver, que na atualidade essas etnias têm condições de reproduzir apenas parcialmente. A situação de confinamento em que vivem e os poucos recursos naturais de que dispõem hoje costumam ser apontados, inclusive pelos próprios indígenas, como a principal causa desse problema. Meliá (1992), especialmente sobre a situação dos índios do Paraguai, também se refere a essa questão.

Além disso, os informantes desta pesquisa, em geral, afirmaram que as diferenças culturais existem, entretanto, em razão do contato, dos dois subgrupos, elas estariam desaparecendo e haveria, então, uma tendência à homogeneização – esclarecemos: ao menos, no que diz respeito aos grupos que convivem e mantêm relações frequentes.

No que se refere à percepção das diferenças linguísticas, os informantes afirmam que elas existem e são muitas. Em geral, apontam o nível lexical como parâmetro. Os exemplos solicitados, entretanto, não são fornecidos com muita desenvoltura pelos informantes, que, em muitos casos, apontam as distinções relacionadas à grafia – o uso de “u” e “w”, de “ch” e de “x”, por exemplo, ou diferenças apenas fonéticas como a que ocorre em *jary* (dono, para os Guarani Kaiowá) e *jara* (dono, para os Guarani Nandeva). Entendemos que essas diferenças

apontadas não se constituem como exemplos de variação lexical e, num primeiro momento, podem parecer pouco significativas. Ao examinarmos a situação com um pouco mais de atenção, no entanto, logo é possível verificar que essas distinções, para os falantes, são importantes porque marcam, ao menos a partir do que declaram, especificidades relacionadas à identidade de cada um dos subgrupos.

Nesse sentido, se, por um lado, para “essas línguas”, uma padronização da escrita poderia ajudar no seu fortalecimento, por outro, poderia fazer desaparecer especificidades que os falantes, ao que parece, desejam manter. Essa questão da escrita de línguas indígenas, que é bastante complexa, já foi discutida por pesquisadores como D’Angelis (2005) e Amado (2005), referenciados neste trabalho. E, como fica pressuposto nos trabalhos desses autores, apenas uma associação entre linguistas experientes em padronização ortográfica e comprometidos em ouvir e orientar os mais interessados no assunto – os próprios índios – poderá apontar as melhores soluções para cada grupo étnico.

Ainda no que se refere à avaliação dos informantes sobre a situação linguística atual das comunidades investigadas, constatamos que todos afirmam que o nível de transmissão da língua indígena é adequado uma vez que todas as crianças pequenas aprendem a língua materna em casa, com a família, e também na escola, com os professores. Alguns informantes, inclusive, apontam as escolas, que inseriram a língua indígena no currículo, como aliadas em prol da valorização das línguas indígenas. Já o aprendizado da língua portuguesa (como segunda língua) é considerado importante, pelos informantes, principalmente pela necessidade do contato fora das comunidades indígenas. Os entrevistados afirmam, por exemplo, que os indígenas precisam tomar ônibus, pedir informações, ser atendidos no centro da cidade (nos bancos, nos hospitais e no comércio, por exemplo). Em síntese, o domínio da língua portuguesa, além de ser direito e desejo das comunidades investigadas, constituídas de cidadãos brasileiros, é uma necessidade para a sobrevivência dessa população. Além disso, entendemos que o que registra o RCNEI (1981, p.12), sobre essa questão, deverá sempre estar em vista, ou seja, o domínio eficiente da língua portuguesa também permite que os indígenas acessem e compreendam os documentos oficiais que garantem seus direitos – inclusive o direito de intervirem em qualquer esfera da vida social e política do país.

Como o contato com a comunidade externa é frequente e necessário, perguntamos se os informantes percebiam situações de preconceito em relação às línguas indígenas. Nesse ponto, para a nossa surpresa, a quantidade de relatos a esse respeito foi menor do que supúnhamos. Ainda assim, alguns indígenas afirmam que têm certeza da existência do preconceito vindo de pessoas não indígenas, mas também de atitudes negativas que viriam de jovens da própria comunidade, que voltam depois de um tempo fora, geralmente para estudar. É preciso considerar que mesmo o preconceito linguístico que viria dos próprios indígenas tem origem em um preconceito mais amplo, ou seja, um falante que chega a avaliar negativamente sua língua geralmente já ouviu, de outras pessoas, muito comentários depreciativos a esse respeito. Como lembra Maher (2010, p. 34), a intimidação e a depreciação, por exemplo, algumas vezes explícitas outras nem tanto, são fatores que levaram comunidades indígenas, inclusive, ao abandono de suas línguas tradicionais. Sobre essa questão, é possível concluir que muitos esforços ainda deverão se empreendidos até que possamos eliminar esse tipo de preconceito e todos possam entender que as línguas indígenas são tão adequadas para a comunicação como quaisquer outras.

Outro objetivo posto para esta pesquisa era a verificação de diferenças linguísticas objetivas entre os dois subgrupos. Sobre essa questão, pudemos constatar que, embora os falantes não tenham apontado, durante as entrevistas, muitos exemplos que realmente fossem de diferenças linguísticas, os dados coletados mostraram que elas existem, de fato. Foram verificadas, na comparação das amostras coletadas, diferenças lexicais, que consideramos significativas, em cerca de 37% dos dados referentes ao vocabulário básico e 63% dos dados referentes ao vocabulário cultural. É preciso lembrar que, em relação à amostra do vocabulário cultural, a maioria das noções/referentes propostos para nomeação é originalmente de outras culturas (não indígenas) e que, por essa razão, a impressão que se tem é que os falantes ainda estão resolvendo como querem nomear (alguns procuram elementos da própria língua e criam neologismos, outros utilizam o empréstimo); o fato é que a variação é significativa inclusive no interior do mesmo grupo.

Também procuramos averiguar se os itens de uma amostra do léxico dos dois subgrupos investigados, estariam, da mesma maneira, contemplados em dicionários de língua guarani.

Para respondermos à questão implícita nesse objetivo, consultamos sistematicamente seis obras lexicográficas bilíngues de língua guarani (guarani/português e guarani/espanhol), conforme já referenciado neste trabalho. Com esse procedimento, foi possível constatar que, do vocabulário básico coletado entre os Guarani Ñandeva, 82% dos itens estão registrados em pelo menos um dicionário de Guarani e 18% dos itens não estão registrados. Já entre os Guarani Kaiowá, os percentuais são 76% e 24%, respectivamente. No que se refere a itens do vocabulário cultural, verificamos que apenas 48% dos itens da amostra coletada com os dois subgrupos estão dicionarizados. Assim, mais da metade dos itens coletados não foi localizada em nenhum dos dicionários consultados. Vale ressaltar que a grande quantidade de itens lexicais não dicionarizados nas obras utilizadas se justifica por serem esses itens, a maioria, formações neológicas (algumas vezes, híbridas) e empréstimos. Não entendemos, portanto, o não registro dos vocábulos como um problema das obras lexicográficas consultadas.

Ainda nos propusemos, com a pesquisa, investigar se, entre os dois subgrupos, havia diferenças em relação à atitude frente às influências externas no modo de vida dos indígenas, e em relação às escolhas linguísticas, tendo em vista, a utilização de empréstimos lexicais.

Quanto a esse ponto do trabalho, pudemos constatar que, no que se refere ao vocabulário básico, a recorrência dos empréstimos é relativamente pequena nas amostras dos dois subgrupos: 5% entre os Guarani Ñandeva e 4% entre os Guarani Kaiowá. Ressaltamos que esses resultados, que apontam para uma pequena quantidade de empréstimos nesses dados, eram, em certa medida, previstos, uma vez que as noções e referentes cujos nomes foram solicitados, em tese, sempre fizeram parte também da cultura indígena (dos dois subgrupos em estudo). Vimos, também, entretanto, que, conforma afirma Borba (1975, p. 276), “uma língua ou dialeto nunca se desenvolve ao abrigo da influência exterior”. Confirmando essa ideia, no que se refere à amostra que coletou itens lexicais mais variáveis, em geral nomes de noções e referentes não tradicionais da cultura indígena, os resultados são distintos: 47% dos vocábulos fornecidos pelos Guarani Ñandeva e 19% dos fornecidos pelos Guarani Kaiowá foram analisados como empréstimos lexicais. Nesse particular, a análise dos dados mostrou que são os Guarani Ñandeva os mais concessivos em relação à adoção de empréstimos (constatamos mais que o dobro de empréstimos lexicais na amostra coletadas com esse subgrupo).

Verificamos que, em geral, os empréstimos observados nas amostras são da língua portuguesa em maior proporção e aparecem na fala e na escrita dos indígenas, com e sem alterações/acomodações fonéticas e gráficas. Entretanto, assinalamos que a influência do espanhol também está presente nos dados dos dois subgrupos, especialmente nos da etnia que se encontra mais próxima à fronteira com o Paraguai, ou seja, os Guarani Ñandeva. Isso comprova mais uma vez que as condições externas influenciam a língua.

Com esta pesquisa, pretendíamos também oferecer resultados que pudessem contribuir com outros pontos que consideramos relevantes em relação à situação linguística dos subgrupos investigados. Esboçamos, então, mais três objetivos que desejávamos alcançar ainda que de forma indireta: i) contribuir para a descrição e o registro do léxico em uso atualmente, sobretudo entre os índios Guarani Kaiowá, tendo em vista as especificidades das duas etnias; ii) oferecer informações/subsídios que pudessem ser úteis, se verificada a necessidade, na elaboração de glossários e/ou dicionários, especialmente de Guarani Kaiowá (material praticamente inexistente até o momento); e iii) Contribuir para o conhecimento do universo sociocultural, especialmente linguístico, dos grupos investigados, tendo em vista a realidade atual.

Entendemos que a apresentação e a análise dos dados desta pesquisa – sobretudo os resultados registrados nos quadros de verificação de registro nos dicionários (ver apêndices 04, 05, 06 e 07 no CD room) contribuem para a descrição e o registro do léxico e também são úteis, ao menos como ponto de partida – haja vista que a quantidade coletada é adequada para esta pesquisa, mas relativamente pequena para outros fins, como, por exemplo, para reflexões que visem a elaboração de trabalhos lexicográficos.

Em geral, verificamos que os usos lexicais das duas etnias estariam contemplados nos dicionários, e, muitas vezes, parece ser uma questão de escolha dos falantes entre as possibilidades oferecidas por um sistema linguístico. Não podemos deixar de mencionar, porém, que há itens lexicais e sentidos atribuídos a certos itens que não estão registrados nas obras consultadas, e nesse conjunto de itens, verificamos que os Guarani Kaiowá seriam os menos contemplados, conforme já afirmamos. A essas questões os lexicógrafos que se propuserem a elaborar dicionários dessas línguas indígenas devem estar atentos.

O terceiro desses três últimos objetivos, contribuir para o conhecimento do universo sociocultural das etnias, também foi contemplado com os resultados referentes aos dados relativos às questões discursivas, com os quais, como já mostramos, pudemos refletir sobre a transmissão das línguas indígenas, sobre a percepção de preconceito em relação a essas línguas, sobre a importância do aprendizado da língua portuguesa como segunda língua, entre outros assuntos. Com isso, acreditamos ter fornecido uma espécie de “fotografia” linguística (evidentemente de um recorte) daquilo que estaria ocorrendo, atualmente, com os dois subgrupos indígenas.

Esperamos que esta pesquisa cumpra uma das funções, que acreditamos todo trabalho acadêmico possui: a de motivar outras investigações com temas afins que complementem os resultados desta ou que apontem para outros, quem sabe, até muito diferentes.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. In: *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 37 (2): maio/agosto. 2008, p. 105 – 112.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: fronteiras da discórdia*. Ed. Cortez. São Paulo: 2007.
- ALVAR, Manuel. *Hombre, etnia e estado – actitudes lingüísticas em hispanoamérica*. Madri: Editora Gredos, 1986.
- ALVES, Ieda Maria. Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira. In: *Alfa* 32, São Paulo, 1988, p. 1-14.
- AMADO, Rosane de Sá. A grafia uniformizada: uma conquista dos povos Timbira. In: *Linha D'Água*, v.17, p.65-75, 2005.
- ASSIS, Ceci Fernandes de. *Avañe'ẽ-Portuge/Portuge-avañe'ẽ*. Dicionário guarani-português/português-guarani. São Paulo: Edição da autora, 2008.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico – o que é e como se faz*. 31.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- BARROS, Eliane Berendina Loman de. *Dicionário bilíngue Kaiwá-português*. 2014, 241 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS:UFMS, 2014.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A Estrutura mental do léxico. In: *Estudos de Filologia e Linguística*. São Paulo: T.A. Queiroz/Edusp, 1981, p. 131– 145.
- _____. Dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: PIRES DE OLIVERIA, Ana Maria Pinto & ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico*. 2.ed. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2001, p. 131 – 144.
- _____. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b. (Coleção Leitura e Crítica).
- BIZOCCHI, Aldo. A distância entre língua e dialeto. In: *Revista Língua Portuguesa*, v.2, n.14 – 12/2006, p. 54 – 57.
- BLANCO CANALES, Ana. *Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares*. Alcalá de Henares/Espanha: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá de Henares, 2004.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Holt, Rinehart & Wintston, 1933.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. 4.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística – uma introdução crítica*. Trad. Marcio Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. 3.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

CANO, Eldo Ramires. Alguns apontamentos sobre a influência do português na fala e na escrita de alunos do 9º ano da aldeia Taquapery. In: PEREIRA, Maria Ceres (org.). *Tetã-Gurani: pelos caminhos sul de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande/MS: Life Editora, 2013.

CARDOSO, Valéria Faria. *Aspectos morfossintáticos da língua kaiowá (guarani)*. 2008, 267 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem: Campinas/SP: UNICAMP, 2008.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Identidade ética e a Moral do reconhecimento. In: *Caminhos da identidade – ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2006.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. Empréstimos linguísticos e identidade cultural. In: ALVES, Ieda Maria et al (orgs). *Estudos lexicais em diferentes perspectivas* [recurso eletrônico]. São Paulo: FFLCH/USP, 2009.

_____. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo, Ática, 1989.

CHAMORRO, Cândida Graciela. *Decir el cuerpo*. Historia y etnografía del cuerpo en los pueblos Guaraní. Asunción: Tiempo de Historia, Fondec, 2009.

CHAMBERS, J.K. & TRUDGILL, Peter. *La dialectología*. Tradução: Carmen Morán Gonzalez. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.

CORREIA, Margarita. Produtividade lexical e ensino da língua. In: VALENTE, A. & PEREIRA, Maria Teresa (Orgs.). *Língua Portuguesa: descrição e ensino*. São Paulo, Parábola Editorial, 2011, p. 223-237.

COSERIU. Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

COSTA, Consuelo de Paiva Godinho. *Nhandewa Aywu* – Fonologia do Nhandewa-Guarani. Campinas: Curt Minuendajú; Vitória da Conquista, BA: Edições Uesb, 2010.

CRUZ, Aline da. *Fonologia e gramática do Nheengatú: a língua falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. 2011. 652f. Tese (Doutorado em Linguística) – Vrije Universiteit, Amsterdam, 2011.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

D'ANGELIS, Vilmar da Rocha. Unificação e diversificação ortográfica: um dilema indígena ou de lingüistas? In: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna & CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005, p. 23 – 33.

DUBOIS, Jean; *et all.* *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

EDELWEISS, Frederico G. *Tupís e guaranis: estudos de etnonímia e linguística*. Bahia: Publicações do Museu da Bahia, nº 7. Secretaria de Educação e Saúde, 1947.

FARIAS, Virginia Sita. *Análise da macro e da microestrutura de dicionários bilíngues português-alemão/ alemão-português* (2010). Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/13322/7624>. Acessado em 10 de janeiro de 2014.

FASOLD, Ralph. *The sociolinguistics of society*. New York: Basil Black-well, 1984.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XX: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. (Versão Eletrônica).

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Joice Elias Costa. 3.ed. Porto Alegre/RS: Artmed, 2009.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO – FUNAI. *Terras indígenas: o que é?*. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoess/demarcacao-de-terras-indigenas?start=1#> Acessado em 20 de novembro de 2014.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE – FUNASA. *Relatório de gestão 2010*. Ministério da Saúde: Brasília, 2011.

GARCEZ, Pedro M; ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos – Desejos e Ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos – guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2004.

GARCIA, Rodolfo. Nomes de parentesco em língua tupi. In: *Ministério da Educação. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1944. (Biblioteca Digital Curt Nimuendajú). Disponível em: <http://biblio.etnolinguistica.org>. Acessado em 20 janeiro de 2013.

- GUASCH, Antonio; ORTIZ, Diego *Diccionario castellano-guarani; guarani-castellano*. 13.ed Paraguay: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”. Asunción/PY, 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2010.
- HAUGEN, Einar. Dialeto, língua, nação. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Norma lingüística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 97-111.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.
- HUDSON, Richard A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo 2010*. Disponível em censo2010.ibge.gov.br/. Acessado em 03 de setembro de 2013.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural*. 1996. 420f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara/SP: Unesp, 1996.
- LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAMBERT, William; LAMBERT, Wallace. *Psicologia social*. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Zahar Editores, 1966.
- LANDA, Beatriz dos Santos. *Os Nãndeva/Guarani e o uso do espaço na terra Indígena Porto Lindo/Jakarey, Município de Japorã/MS*. 2005. 391f. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS:PUC, 2005.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. 4.ed. Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Edições Tempos Brasileiros Ltda, 1991.
- _____. *As estruturas elementares do parentesco*. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes, 1982.
- LOPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. 2.ed. Madrid: Editorial Gredos, 1993.
- MACHADO, Fátima Fernandes. *Variação lexicai do guarani kaiowá: um estudo geracional*. In: PEREIRA, Maria Ceres (org.). *Tetã-Gurani: pelos caminhos sul de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande/MS: Life Editora, 2013a.
- MACHADO, João. *Tetã Kaiowá (Pátria Guarani): uma perspectiva histórico-lingüística*. In: PEREIRA, Maria Ceres (org.). *Tetã-Gurani: pelos caminhos sul de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande/MS: Life Editora, 2013b.

MACIEL, Nely Aparecida. *História dos Kaiowá da Aldeia Panambizinho: da década de 1920 aos dias atuais*. 2005. 155 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato grosso do Sul. Dourados/MS:UFMS, 2005.

MAHER, Tereza Machado. Políticas linguísticas e políticas de identidade: currículo e representações de professores indígenas na Amazônia ocidental brasileira. In: *Currículo sem Fronteiras*, v.10, n.1, pp.33-48, Jan/Jun 2010.

_____. Sendo índio em português... In: SIGNORINI, Inês (Org). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

MANGOLIN, Olívio. *Povos indígenas no Mato Grosso do Sul – Viveremos por mais 500 anos*. Campo Grande: Conselho Indigenista Missionário Regional/MS, 1993.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Gilson Rodolfo. *Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul*. 2.ed. ampl. e revis. Campo Grande/MS: Ed. UFMS, 2002.

MATORÉ, Georges. *La methode en lexicologie*. Paris: Marcel Didier, 1953.

MELIÁ, Bartomeu. *La lengua guarani del Paraguay: historia, sociedad y literatura*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

MEILLET, Antoine. *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. 5. ed. Paris: Hachette, 1948.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MONTOYA, Antonio Ruiz. *Tesoro de la lengua guaraní (1639)*. Asunción/PY: Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 2011.

_____. *Vocabulario de la lengua guaraní (1640)*. Asunción/PY: Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 2002.

MORENO-FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de Sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona, Editorial Ariel S. A. 1998.

_____. Lengua, geografía y sociedad. In: *Jornadas de lingüística*, 4, 1998. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 1998b. p. 53-76.

MOSELEY, Christopher (2010). *Atlas of the World's Languages in Danger*.

Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/languages-atlas>. Acessado em 20 janeiro de 2014.

NELSON, Maria de Lourdes Cáceres. *Variações da língua guarani na reserva de Amambai*. 2011. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Indígena Teko Arandu). Dourados/MS: UFGD, 2011.

NOGUEIRA, Oracy. *A pesquisa social: introdução às suas técnicas*. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto. *O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. (1999). 349 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara/SP: UNESP, 1999.

_____. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto (orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 109 – 115.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (Org). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

REGRAS BÁSICAS PARA APRESENTAÇÃO FORMAL DE TRABALHOS.
Disponível em <http://www.uel.br/bc/portal/arquivos/apostila-normalizacao.pdf>.
Acesso em 01 de dezembro de 2014.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Fonética histórica tupi-guarani: diferenças fonéticas entre o tupi e o guarani*. Separata dos Arquivos do Museu Paranaense. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense Ltda, 1945. Volume IV - Artigo XIV - p. 333 a 354.

_____. Tarefas da lingüística no Brasil. In: Revista *Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, vol. 1, n. 1, 1966, p. 4 –15.

_____. As línguas gerais sul-americanas. In: *PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, 4(2), 1996, p. 6 –18.

_____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 4.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SAMPAIO, Mario Arnaud Sampaio. *Vocabulário Guarani Português*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. 5.ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília, DF: INL, 1987.

SAPIR, Edward. Língua e Ambiente. In: *Lingüística e Ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica: 1969. P.43-49.

_____. A língua como produto histórico: a deriva. In: *A linguagem: introdução ao estudo da fala. Filologia e linguística*. V.3. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971. p. 148-171.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo. Cultrix/EDUSP, 1969 [1916].

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. 3.ed. São Paulo. EPU – Editora Pedagógica e Universitária Ltda. EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1974.

SEÑAS – *Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños*. Trad.: Eduardo Brandão; Claudia Berliner. 3.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fonte, 2010.

SILVA, Camila André do Nascimento. *O uso de neologismos por empréstimos em Kaiwá: um estudo preliminar da versão do Novo Testamento bíblico*. 2011, 184 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul: Três Lagoas/MS, 2011.

SILVA, Márcio. Linguagem e parentesco. In: *Revista de Antropologia*. Vol.42 n.1-2 São Paulo, 1999. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011999000100009&script=sci_arttext. Acessado em 08 de setembro de 2013.

SILVA, Marília de Nazaré Ferreira. Contato entre línguas, perda linguística e identidade étnica: notas sobre o povo parkatêjê. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras, linguística e suas interfaces* n. 40, p. 239-247, 2010. Disponível em <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/40/artigo12.pdf>; Acessado em 10 de maio de 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

TAVARES, Marilze. *Toponímia sul-mato-grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina*. 2004, 214 f. (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Três Lagoas/MS: UFMS, 2004.

TIBIRIÇÁ, Luíz Caldas. *Dicionário Guarani Português*. São Paulo: Traço Editora, 1989.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América – a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

ULLMANN, Estephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução: J. A. Osório Mateus. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1964.

VIANA, Olinda Siqueira Correa. *Preconceito e intolerância: uma análise semiótica de textos produzidos por alunos indígenas (2011)*. 197 f. (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS, 2011.

APÊNDICES

Apêndice 01 – Roteiro para a entrevista

Apêndice 02 – Formulário 01 (vocabulário básico)

Apêndice 03 – Formulário 02 (vocabulário cultural)

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

IDENTIFICAÇÃO:

- a) Qual o seu nome?
- b) Quantos anos você tem?
- c) Qual a sua etnia? Como você se autodenomina (quanto a sua etnia)?
- d) Onde você nasceu?
- e) Onde você mora? Já morou em outros locais? Se já, onde e por quanto tempo?
- f) Qual a sua escolaridade e sua profissão?

QUESTÕES⁷⁷:

- 1) Você acha que existem diferenças entre os índios Guarani Ñandeva e índios Guarani Kaiowá aqui de Mato Grosso do Sul no que se refere ao modo como vivem, como se comportam? Se acha que existem diferenças, você pode citar exemplos?
- 2) Você acha que existem diferenças linguísticas entre os índios Guarani Ñandeva e índios Guarani Kaiowá aqui de Mato Grosso do Sul? Se acha que existem diferenças, você pode citar exemplos?
- 3) Você acha importante preservar a língua Guarani Kaiowá (ou Guarani Ñandeva) e ensiná-la às crianças aqui da sua comunidade? Por quê?
- 4) Você considera importante que as crianças aqui da sua comunidade aprendam a língua portuguesa? Por quê?
- 5) Você já observou algum tipo de preconceito em relação a sua comunidade materna? Se já, em quais situações?

⁷⁷ Esclarecemos que essas questões funcionaram como “tópicos” para a entrevista, e que, conforme as respostas, outras questões foram sendo feitas.

**FORMULÁRIO 01 – LISTA PARA COLETA DE AMOSTRA DO
“VOCABULÁRIO BÁSICO”**

Nome: _____
 Etnia: _____ Idade: _____
 Data de nascimento: _____ Local de nascimento: _____
 Escolaridade: _____ Profissão: _____

Grupo 01			
Nº	Português	Guarani ñandeva ou guarani kaiowá	Exemplo de frase com a palavra
1	Eu		Eu moro aqui.
2	Você		Você mora longe.
3	Ele		Ele é professor.
4	Nós		Nós somos professores.
5	Eles		Eles são amigos.
6	Este		Este livro é meu.
7	Quem		Quem é aquele homem?
8	Quando		Quando você volta?
9	Outro		Traga outro copo.
10	Alguém		Alguém mexeu aqui.
Grupo 02			
Nº	Português	Guarani ñandeva ou guarani kaiowá	Exemplo de frase com a palavra
11	Não		Não quero sair.
12	Sim		Sim , eu vou para o rio.
13	Talvez		Talvez ela volte cedo.
14	Muito		Você comeu muito .
15	Pouco		Você comeu pouco .
16	Aqui		Você mora aqui ?
17	Ali		A cadeira estava ali .
18	Lá		A cadeira estava lá .
19	Longe		A professora mora longe .
20	Perto		A professora mora perto da escola.
Grupo 03			
Nº	Português	Guarani ñandeva ou guarani kaiowá	Exemplo de frase com a palavra
21	Grande		Minha casa é grande .
22	Pequeno		O cachorro era pequeno .
23	Curto		Aquele caminho é mais curto .
24	Longo		Aquele caminho é mais longo .

25	Quente		Gosto de leite quente .
26	Frio		Gosto de leite frio .
27	Fundo		O córrego é fundo .
28	Raso		O córrego é raso .
29	Velho		Meu carro é velho .
30	Novo		Meu carro é nov .
31	Redondo		O buraco é redondo .
32	Quadrado		A janela é quadrada .
33	Estreito		O caminho é estreito .
34	Largo		A cama é larga .
35	Grosso		O tronco da árvore é grosso .
36	Fino		O tronco da árvore é fino .
37	Pesado		O tronco da árvore é pesado .
38	Leve		A caixa estava leve .
39	Seco		O galho da árvore está seco .
40	Bom		Água é bom para a saúde.
41	Ruim		Aguardente é ruim para a saúde.
42	Sujo		Meu pé está sujo .
43	Limpo		Meu pé está limpo .
44	Liso		O chão está liso .
45	Reto		O caminho é reto .
46	Claro		O quarto está claro .
47	Escuro		O quarto está escuro .
48	Branco		O cachorro é branco .
49	Preto		O cachorro é preto .
50	Amarelo		O mamão está amarelo .
51	Vermelho		O sangue é vermelho .
52	Verde		A folha da árvore é verde .
53	Azul		O céu está azul .

Grupo 04

Nº	Português	Guarani ñandeva ou guarani kaiowá	Exemplo de frase com a palavra
54	Beber		Vou beber água.
55	Comer		Vou comer o feijão.
56	Morder		Vou morder a maçã.
57	Ver		Quero ver a lua.
58	Ouvir		Gosto de ouvir músicas.
59	Saber		Quero saber onde ela está.
60	Dormir		Gosto de dormir cedo.
61	Morrer		Todos vamos morrer um dia.
62	Matar		O caçador quer matar o tatu.
63	Nadar		Gosto de nadar no rio.
64	Voar		Todo pássaro quer voar .
65	Andar		Gosto de andar a pé.
66	Vir		Você quer vir à minha casa?
67	Deitar-se		A criança foi deitar-se cedo.
68	Sentar-se		A mulher queria sentar-se na cadeira.
69	Levantar-se		A mulher queria levantar-se sozinha.

70	Dar		Quero dar um presente a você.
71	Dizer		Temos que dizer a verdade.
72	Ir		Você quer ir comigo?
73	Chorar		Não precisa chorar .
74	Chupar		A criança quer chupar o bico da mamadeira.
75	Cuspir		Se não gostar da bebida, pode cuspir .
76	Vomitar		Senti vontade de vomitar .
77	Rir		As crianças gostam de rir .
78	Lutar		O caçador queria lutar com o animal.
79	Caçar		O índio não pode mais caçar .
80	Cair		As folhas dar árvores vão cair .
81	Arranhar		O gato quis arranhar o cachorro.
82	Segurar		A mãe tem que segurar a criança.

Grupo 05

Nº	Português	Guarani ñandeva ou guarani kaioiwá	Exemplo de frase com a palavra
83	Mulher		Esta mulher mora na aldeia.
84	Homem		Este homem mora na aldeia.
85	Pessoa		Ele é boa pessoa .
86	Criança		A criança brincava sozinha.
87	Menino		O menino brincava sozinho.
88	Menina		A menina brincava sozinha.
89	Esposa		Sua esposa é bonita.
90	Marido		Seu marido viagrou .
91	Animal		O animal morreu.
92	Pássaro		O pássaro voou.
93	Inseto		A casa estava cheia de inseto .
94	Sangue		O sangue era bem vermelho.
95	Ossos		O cachorro carregou o osso .
96	Gordura		A carne não tem gordura .
97	Ovo		A galinha bota ovo .
98	Chifre		Aquele boi tem chifre .
99	Cauda (rabo)		O cachorro machucou a cauda .
100	Pelo		O cachorro tinha pelo bonito.
101	Asa		A galinha machucou a asa .
102	Mato		O mato estava queimando.
103	Árvore		A árvore era alta.
104	Folha		A folha da árvore era verde,
105	Semente		Plantei uma semente de abóbora.
106	Flor		Eu gosto de flor .
107	Sol		Hoje o sol está quente.
108	Lua		Gosto de olhar a lua .
109	Estrela		A estrela brilha no céu.
110	Nuvem		Tinha muita nuvem no céu.
111	Vento		O vento estava frio.
112	Água		A água do córrego era limpa.
113	Pedra		Havia muita pedra na estrada.

114	Fumaça		A fumaça era escura.
115	Poeira		A poeira sujou as roupas.
116	Fogo		O fogo queimou a mata.
117	Caminho		O caminho era perigoso.
118	Cabeça		O homem machucou a cabeça .
119	Cabelo		O cabelo da moça era longo.
120	Olho		A criança machucou um olho .
121	Nariz		Seu nariz é delicado.
122	Boca		Sua boca é grande.
123	Lábios		Seus lábios são bonitos.
124	Dente		O homem extraiu um dente .
125	Língua		A língua do cachorro está sangrando.
126	Orelha		Ela usava o brinco apenas em uma orelha .
127	Pescoço		A criança machucou o pescoço .
128	Ombro		O homem tinha um ombro mais baixo.
129	Braço		Seu braço era forte.
130	Axila		O menino lavou bem a axila .
131	barriga, abdômen		A criança tinha dor na barriga.
132	Punho		Seu punho era forte.
133	Mão		Sujei minha mão .
134	Dedo da mão		Machuquei o dedo com a faca.
135	Unha da mão		Quebrei uma unha .
136	Peito, seio da mulher		A criança mamava no peito da mãe.
137	Peito (tórax)		O homem machucou o próprio peito .
138	Barriga		A criança arranhou a barriga .
139	Cintura		Aquela moça tem a cintura fina.
140	Umbigo		Meu umbigo está sujo.
141	Nádegas		Preferia injeção nas nádegas .
142	Vagina		A mulher tem vagina .
143	Pênis		O homem tem pênis .
144	Perna		O cachorro mordeu a perna do menino.

145	Joelho		O menino machucou o joelho .
146	Calcanhar		Essa bota machucou meu calcanhar .
147	Panturrilha		O homem arranhou a panturrilha no mato.
148	Pé		Seu pé está sujo.
149	Dedo do pé		Tropeçou e machucou o dedo .
150	Unha do pé		Tropeçou e machucou a unha .

**FORMULÁRIO 02 – LISTA PARA COLETA DE AMOSTRA DO
“VOCABULÁRIO CULTURAL”**

Nome: _____

Etnia: _____ Idade: _____

Data de nascimento: _____ Local de nascimento: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Grupo 01			
Nº	Português	Guarani ñandeva ou guarani kaiowá	Exemplo de frase com a palavra
1	Mãe		Minha mãe mora naquela casa.
2	Pai		Meu pai mora naquela casa.
3	Filho		Meu filho estuda naquela escola.
4	Filha		Minha filha estuda naquela escola.
5	Tia		A irmã da minha mãe é minha tia .
6	Tio		O irmão da minha mãe é meu tio .
7	Prima		A filha da minha tia é minha prima .
8	Primo		O filho da minha tia é meu primo .
9	Genro		O marido da minha filha é meu genro .
10	Nora		A esposa do meu filho é minha nora .
11	Sogra		A mãe do meu marido/da minha esposa é minha sogra
12	Sogro		O pai do meu marido/da minha esposa é minha sogra
13	Compadre		O padrinho da minha filha é meu compadre.
14	Comadre		A madrinha da minha filha é minha comadre .
15	Padrinho		Aquele homem é meu padrinho .
16	Madrinha		Aquela mulher é minha madrinha .
17	Noiva		Sua noiva é bonita.
18	Noivo		Seu noivo é bonito.
19	Madastra		A criança gosta da madrasta .
20	Padrasto		A criança gosta do padastro .
21	Família		Minha família mora nesta aldeia.
Grupo 02			
Nº	Português	Guarani ñandeva ou guarani kaiowá	Exemplo de frase com a palavra
22	Cego		O homem é cego .

23	Miopia		O homem tem miopia .
24	Surdo		O homem é surdo .
25	Desdentado, banguela		O homem velho estava desdentado .
26	Pomo-de- adão, papo		O homem tinha um pomo-de-adão enorme.
27	Manco		O menino machucou o pé e ficou manco .
28	Ronco		Todos ouviam o ronco do homem à noite.
29	Caspa		Seu cabelo está cheio de caspa .

Grupo 03

Nº	Português	Guarani ñandeva ou guarani kaioiwá	Exemplo de frase com a palavra
30	Calma		Temos que ter calma para resolver os problemas.
31	Paciência		A mãe já estava sem paciência com os filhos.
32	Amor		A mãe tem muito amor pelos filhos.
33	Carinho		A professora tem muito carinho pelos alunos.
34	Alegria		Na festa havia muita alegria e animação.
35	Tristeza		A notícia trouxe tristeza para os moradores.
36	Ciúme		O rapaz sentiu ciúme da noiva.
37	Preguiçoso		O cachorro era preguiçoso .
38	Teimoso		O cachorro era teimoso .
39	Doido, maluco		Aquele rapaz se comportou como doido .
40	Burro, ignorante		O menino chamou o colega de burro .
41	Bêbado		O homem bebeu muito e ficou bêbado .
42	Assassino		A polícia prendeu o assassino .
43	Ladrão		A polícia prendeu o ladrão .
44	Prostituta		A mulher se tornou prostituta .
45	Avarento, econômico demais		O homem era avarento .
46	Bobo		O menino chamou o colega de bobó .
47	Viúvo		O homem ficou viúvo .
48	Finado		Fizeram homenagem aos finados .
49	Vizinho		Gosto de conversar com o meu vizinho .
50	Dono, proprietário		Meu pai é dono de duas casas.
51	Xará (tem nome igual)		Você é meu xará .
52	Amigo		Você é meu amigo

Grupo 03

Nº	Português	Guarani ñandeva	Exemplo de frase com a palavra
----	-----------	-----------------	--------------------------------

		ou guarani kaioiwá	
53	Escola		As crianças estão na escola .
54	Aluno		O aluno foi bem nas provas.
55	Professor		O professor é dedicado.
56	Diretor (da escola)		O diretor é gentil com os alunos.
57	Coordenador (da escola)		O coordenador é gentil com os alunos.
58	Livro		O livro estava rasgado.
59	Caderno		O caderno estava rasgado.
60	Caneta		Gosto de escrever com a caneta .
61	Lápis		Gosto de desenhar com o lápis .
62	Borracha		O aluno perdeu sua borracha .
63	Prova		A professora corrigiu a prova .
64	Lápis de cor		O aluno pintou o desenho com lápis de cor .
65	Apontador		O aluno apontou o lápis com o apontador .
Grupo 04			
Nº	Português	Guarani ñandeva ou guarani kaioiwá	Exemplo de frase com a palavra
66	Casa		Minha casa é pequena.
67	Quarto		Meu quarto está organizado.
68	Sala		Na sala da minha casa há um sofá antigo.
69	Cozinha		A geladeira está na cozinha .
70	Banheiro		O banheiro está limpo.
71	Geladeira		A geladeira está cheia de alimentos.
72	Cama		A criança dormiu na cama da mãe.
73	Guarda- roupa		Meu guarda-roupa está velho.
74	Mesa		A mesa é de madeira.
75	Cadeira		A cadeira é de madeira.
76	Televisão		Comprei uma televisão nova.
77	Fogão		Comprei um fogão novo.
Grupo 05			
Nº	Português	Guarani ñandeva ou guarani kaioiwá	Exemplo de frase com a palavra
78	Bicicleta		Vou para o centro da cidade de bicicleta .
79	Carroça		Vou para o centro da cidade de carroça .
80	Moto		Vou para o centro da cidade de moto .
81	Automóvel (carro)		Vou para o centro da cidade de automóvel .
82	Ônibus		Vou para o centro da cidade de ônibus .
Grupo 06			
Nº	Português	Guarani ñandeva	Exemplo de frase com a palavra

		ou guarani kaiowá	
83	Sorvete (creme)		Vamos tomar um sorvete de morango?
84	Picolé		Vamos chupar um picolé de limão?
85	Bala (doce)		As crianças gostam de bala .
86	Refrigerante		As crianças gostam de refrigerante .
87	Suco (de frutas)		Eu gosto de suco de laranja.
88	Tereré		Vamos tomar um tereré ?
89	Cerveja		Não gosto de cerveja .
90	Café		O café estava frio.
91	Açúcar		Muito açúcar faz mal para a saúde.
92	Sal		Muito sal faz mal para a saúde.
Grupo 07			
Nº	Português	Guarani ñandeva ou guarani kaiowá	Exemplo de frase com a palavra
93	Calça (comprida)		O menino ganhou uma calça nova.
94	Camisa (de homem)		Meu irmão comprou uma camisa .
95	Saia		Minha irmã gosta de usar saia .
96	Blusa (de mulher)		Comprei uma blusa para minha mãe.
97	Sapato		Comprei um sapato para meu pai.
98	Sandália		Comprei uma sandália para minha filha.
99	Tênis		Comprei um tênis novo.
100	Chinelo		Meu chinelo está velho.

APÊNDICES

Apêndice 04 – Quadro 01 - Verificação do registro dos vocábulos Guarani Ñandeva nos dicionários (formulário 01)

Apêndice 05 – Quadro 02 - Verificação do registro dos vocábulos Guarani Kaiowá nos dicionários (formulário 01)

Apêndice 06 – Quadro 03 - Verificação do registro dos vocábulos Guarani Ñandeva nos dicionários (formulário 02)

Apêndice 07 – Quadro 04 - Verificação do registro dos vocábulos Guarani Kaiowá nos dicionários (formulário 02)

Quadro 01 – Verificação do registro dos vocábulos Guarani Ñandeva nos dicionários (formulário 01)

N°	Itens em português	Respostas coletadas com os informantes	Montoya (2011[1639] – (T) 2002 [1640] – (V) ⁷⁸	Sampaio (1986)	Tibiriçá (1989)	Guasch & Ortiz (2001)	Assis (2008)
1	eu	che	che	che	che	che	che
2	você	nde	nde	x	ndé	nde (tu, você)	nde
3	ele	ha'e	ha'e	ha'e	ha-é	ha'e	ha'e
4	nós	ñande (inclusivo)	ñande	ñande	nhandé	ñande	ñande
		ore (exclusivo)	ore	ore	ore	ore	ore
5	eles	ha'ekuéra, ha'eguera	x	ha'ekuéra	há-ecuera	ha'ekuéra	x
6	este	peã	x	péa	peã	péa	peã
7	quem	mava'pa, ma'avapa, máva, mava, maõva	avapa; avapami (V)	mava	mava, ma'avapa	máva	máva, mava'pa
8	quando	mba'e	mba'e (o que, qual, quem?)	x	mba'e (que? que coisa?)	x	mba'e (que? que coisa?)
		mba'e ara	x	x	x	x	x
		mba'edia, mba'ezia	x	x	x	x	x
		mba'erõngware	x	x	x	x	x
9	outro	akatuete	x	x	x	x	x
		oĩmeva	x	x	x	x	x

⁷⁸ A inicial "T" entre parênteses representa a obra *Tesoro de la lengua guarani*, e a inicial "V", a obra *Vocabulario de la lengua guarani*. As duas obras estão na mesma coluna do quadro, pois, conforme o próprio autor, são complementares. Convém esclarecer ainda que consultamos o *Vocabulario* apenas quando não localizamos as lexias no *Tesoro* – esses casos estão indicados com a anotação de "(V)".

		outro	x	x	x	x	x
10	alguém	arguno	x	x	x	x	x
11	não	ani, anĩ	ani, ani'i	aní	ani	x	ani
		nahāniri, nahani, nahaniry	x	ahaniri	ahaniri	aháni	ahániri
		nõ	x	x	x	x	x
12	sim	gueno	x	x	x	x	gueno (bom, certo, correto)
		upeicha	upe (o mesmo que)	upéicha (assim)	upéicha (assim)	upeicha	upéicha
13	talvez	aseeũ	x	x	x	x	x
		ikatu	ikatu ete (é muito possível)	ikatu	icatu	(i)katu	ikatu
		sapy'arei	x	x	x	x	x
14	muito	heta, retaĩte	heta	tetá, hetaité (muitíssimo)	hetá	heta	heta, reta
15	pouco	mbhetaovy	hetae'y	x	x	x	x
		mbovy	mbovy (quantos)	mbovy	mboví	mbovy	mbovy
		sa'i	sa'i (olhos pequenos)	sa'í (pequeno, muído)	sa-i	sa'i	sa'i
		michĩ	michĩ	michĩ	michi	x	michĩ
		ndaheta'i	ndahetái	x	x	x	x
16	aqui	ápe	ápe	ápe	ape	ápe	ápe
		ko'ape	x	ko'ape	co-ape (cá, aqui)	ko' ápe	ko' ápe
17	ali	ambue	x	x	ambué	ambue	ambue
		amo	amo (longe)	amó	amó	amo	amo
		ko'ape	x	ko' ape (aqui,	co-ape (cá,	ko'ápe (aqui, cá)	ko'ápe (aqui,

				cá)	aqui)		cá)
		pepe, upepe	pepe (acolá)	upepe	upepe	pépe	pepe, upepe
18	lá	amo, amoite	x	amo, amoite	amo	amo	amo, amoite
19	longe	momyry	momyry	momyry	mombîrî	momyry	momyry
20	perto	agui	aguĩ	agú'í	ágúi (daqui)	agui (muito próximo)	aguĩ
21	grande	tuichá	tuvichá	tuichá	x	tuicha	tuicha
22	pequeno	michĩ, michimi	michĩ	michĩ	michimi	michî	michĩ, michimi
23	curto	mbyry, mbyky	mbyry (pouco)	mbyky	mbîkî	mbyky	mbyky
24	longo	ipuku, pukú	puku	puku	pucu	puku	pukú(comprido)
25	quente	haku, rakuite	haku	haku	hakú (está quente)	haku	haku
26	frio	ho'ysã, roy'sã	x	ho'ysã (estar fresco)	ho'yssã (fresco)	ho'ysã	roysã
		ro'y	ro'y	ro'y	ro-î	(che) ro'y	ro'y
27	fundo	hypy, rypy	x	hypy	hypy	hypy	hypy
		pypuku	pypuku	x	pîpucú	pypuku	pypuku
28	raso	ndahypyiri	x	x	x	x	x
		perenrí, pererĩ	x	pererĩ (de pouca profundidade)	pererí (fino, delgado)	pererĩ (delgado)	perenrí (fino, sutil)
29	velho	tuja, ituja	tuja (velhice)	x	tujá	tuja	tuja
		tamoĩ	tamoĩ (avô)	tamoĩ (avô)	tamoĩ (avô)	tamoĩ (antepassado)	tamoĩ (ancestral)
30	novo	ipyahu, pyahú, py'aru	pyahu	pyahú	piahú	pyahu	piahu
31	redondo	apuá	apu'a (coisa redonda)	apu'á	apu'á	apuá	apu'a
		japu'a, ijapu'a, ijapu'ava	apu'a (coisa redonda)	apu'á	apu'á	apu'á	apu'á
32	quadrado	ikora ipejoja	x	x	x	x	x

		ipejoja	joja (igualdade)	joja (igual, idêntico)	joja (igual, idêntico)	joja (igual, idêntico)	joja (igual, semelhante)
		jojapáva	joja (igualdade)	joja (igual, idêntico)	joja (igual, idêntico)	joja (igual, idêntico)	joja (igual, semelhante)
		kuarado, kuayrazo	x	x	x	x	x
		quadrado	x	x	x	x	x
33	estreito	ipo'i, po'i	po'ĩ (magro)	po'í	po'í	po'i	po'i
34	largo	ipê, pe	pe (coisa plana)	pe	pé (plano)	pe	pe (plano, chato)
35	grosso	inambusu	anã (coisa grossa)	x	anambusu	anambusu	anambusu
		ipoguasú, poguasú	i'a guassu (a fruta?)	poguassu	poguassu	poguasú	poguasú
36	fino	po'i, ipoi'i, ipo'ĩ	po'ĩ (magro)	po'í	po'í	po'i	po'i
		po'imi	x	x	x	x	x
37	pesado	ipory'i	pohýi	pohyi (cargoso)	pohîi	pohýi	pohy'i
38	leve	vevýi, vevui	vevúi (leveza)	x	vevui	vevúi	vevúi
39	seco	hupa	typa	hupa (esgotado)	hipa (seco, enxuto)	hupa (esgotado)	hupa
		ikã, kã	amokãng (secar)	kã	x	kã	kã (secar)
		pirú, ipiru	piru	piru (seco = magro)	piru	piru	piru
		yseco	x	x	x	x	x
40	bom	porã	porãng (bonito, agradável)	porã	porã	porâ	porã
41	mau, ruim	iñaña	añãng (diabo)	aña (diabo)	anhá (mau)	iñaña (ele é mau)	aña (diabo)
		vai, ivaieterei	x	vai (ruim)	vaí	vai(ruim)	vai
		jayje	jayvu (maleza)	x	x	x	x
		tavy	tavy (engano)	tavy	tavî (ignorante)	tavy (bobo)	tavy (bobo)
		pochy	pochy (raivoso, ruim)	pochy (raiva, ira)	pochî (ira, ódio)	pochy (ira)	pochy (ira)

		noĩ porãĩ	x	x	x	x	naiporãĩ
42	sujo	iky'a, ky'a, kyá	ky'a (sujeira)	ki'a	iki'a	ky'a	ky'a
43	limpo	ipotĩ, potĩ	poti (sujeira)	potimbyré	põtĩ	potĩ	põtĩ
44	liso	apesy'ĩ	apesỹ (superfície lisa)	apesyĩ	apesyĩ	apesyĩ	apesyĩ (de superfície lisa)
		isyĩ, syĩ	sỹ	syĩ	sii	sýi	sỹi
45	reto	ohomeme	x	x	x	x	x
		zerecho	x	x	x	x	x
46	claro	hesakã, resakã	hesa kãng (olhos claros)	x	hessacã	hesakã	hesakã
47	escuro	pitũ, pytũ	pytũ	pytũ	pîtũ	pytũ	pytũ
48	branco	morotĩ	morotĩ	morotĩ	morotĩ	morotĩ	morotĩ
49	preto	hũ, rũ	hũ (negro)	hũ (negro)	hũ (negro)	hũ	hũ (negro/raça)
		ruiva	x	x	x	x	x
50	amarelo	sa'yjú, saiju, sayjú	sayju (sonolento)	sa'yjú	saiju	sayju	sa'yju
51	vermelho	pytã	pytã	pitangy (avermelhado)	pîtã	pytã	pytã
52	verde	havy, rovy, hovy	hovy (azul, verde)	hovy	hovi	hovy	hovy
53	azul	hovy ka'aguy	x	x	x	x	x
		hovy ára	x	x	x	x	x
54	beber	eĩ'u	ay'u	e'y	x	x	'u
		hai'u, hoi'ú, houi, ro'iu	x	hoy'u (beber água)	hoi'i	hoy'u (beber água)	hoy'u (beber água)
		ygua	yguava (vaso em que se bebe água)	yguá	îguá	ygua (bebedouro)	ygua (bebedouro)
55	comer	ha'u, ho'u	há'u	x	ho'ú	ha'u	ha'u
		ja'u	x	x	x	há'u	há'u
		karu	karu (comida)	karú	caru	(a) karu	karu
56	morder	su'u, suiu, oisu'ú (57)	su'u	su'u	su-u	(ai) su'u	(ai) su'u

57	ver	hechá, jehecha, ohechá	hecha	hecha, jehecha, ohechava (que vê)	hechá, jehechá (ver-se), ojehechá (ele vê, observa)	(a)hecha, (a) jehecha (ser visto)	(a)hecha, jehecha (ser visto, ótica, observação)
58	ouvir	hendú, herendu, ohendú	hendu	ohenduva (que ouve)	hendu	(a)hendu	hendu
59	saber	ai'kua'a, oikuaá, ku'a, kuaa / kua'a	kuaa	kuaá	oicuaá (que sabe)	(ai) kuaa	(ai)kuaa
60	dormir	ke, oké, o'kue	ke	ke	ke	(a) ke	ke (sono)
		posá	x	x	x	x	x
61	morrer	ñehundi	x	x	x	(a)ñehundi (perder-se)	ñehundi (perder-se)
		omano	mano	manó	mano	(a) mano	(a) omanóva (morto)
62	matar	juka, ojúká	juka	júká	jucá (planta)	(a) juka	juka
63	nadar	ho'ytá, ro'yta	yta	yta	ho-ita (transbordar um córrego)	hoyta	hay'ta
		yta	yta	yta	ítá	yta	ha'yta
64	voar	veve, oveve	veve (voo)	vevé	vevé	(a) veve	veve
65	andar	guata, oguata, okuata	guata	guata, oguatava (transeunte)	guatá	(a)guata	guata
66	vir	aju, ju	aju, ju	ju	aju (venho)	(a)ju	(a)ju
		ou	aju	x	ou (vem)	(a) ju	(a) ju
		hovu	x	x	x	x	x
67	deitar-se	ñeno, oneno, eñenomi, oñenóta	ñeño	x	x	(a)ñeno	ñeno
		tongomi	x	x	x	x	x
68	sentar-se	guapy, oqua'py,	guapy (sentar-se)	guapy	guapĩ	(a)guapy (estar)	(a)guapy

		oguapyta				sentado)	
		guapymi, oguapymi	guapy (sentar-se)	oguapyvo (ao sentar-se)	guapĩmi	oguapymína	(a)guapy
69	levantar-se	apu'ãmi, ñepu'ãmi, opu'ãta, pu'ã	pu'ã	pu'ã	pu-ã	(a) pu'ã	pu'ã (levantamento) , (a)mopu'ã
		ñembo'y	x	x	x	(a)ñembo'y	ñembo'y
70	dar	mee, me'e, ome'ẽ	me' ẽ	me' ẽ	me-ẽ	(a)me'ẽ	me'ẽ
71	dizer	he'i	x	he'y	he'i (diz)	ha'e	ha'e
		je'e	jê (diz que)	je'e	je'e (diz-se)	há'e	he' ẽ
		onẽ'e	ne' ẽ (palavras, linguagem)	ne'ẽ (falar)	nhe- ẽ (falar)	ñe'ê	ha-e
72	ir	jeho, jeoi, ohó	ho	ho	ho, jehó (partida) jê-oi (ir-se)	ho (vir), (o) jeho (vão)	oho (vir), jeho (partida, ida)
73	chorar	ranse, hasse, tase	hasẽ (grito)	rasẽ, tasĩ	hassẽ, tassẽ	rasê, tasê (choro)	rasê, tasê (choro)
74	chupar	pyte, oĩ pyte, oipyté	pyte	pyté (chupar)	pité, oipĩtéva (que chupa)	(ai) pyte	(ai)pyte
75	cuspir	dyvu, ndyvu, ndyu, ondyvú	nivũ	x	ndĩví	(a)ndyri	(a)ndyvi
76	vomitar	gomitã, ogõmitã, gõmito	x	x	x	x	x
		mbojevvy	ambojevvy	mbojevvy (retroceder, voltar)	mbojevĩ	(a)mbojevvy	mbojevvy
		py'a jere	pyjere (volver, derramar)	py' ajeré	pĩ-a jeré	py' ajere	py'a jere (náuseas)
		py'avai	x	py' avai (enjoo)	pĩ-avai	x	py'avai
77	rir	opuka, puka	puka (riso)	puká	pucá	(a) puka (ter vontade de rir)	(a) puka

78	lutar	hupytyrã	hupity (alcançar)	x	x	(a)hupyti (conseguir conquistar)	(a)hupyti (alcançar, deter)
		ñorairõ, ñerairõ	ñorairõhava (batalha)	ñorairõ	nhorairõ	ñorairõ	ñorairõ (guerra, batalha, luta)
79	caçar	mariká	x	x	x		(a)marika
80	cair	ho'a	'a	ho'á	ho'a	ho'a	(a)há'a
81	arranhar	karãĩ, oĩka'rahi, oikarãĩ	karãĩ (rasgar)	karãĩ	carãĩ	x	(a)karãĩ
82	segurar	hojoko, joko, ojokó	x	joko (aguentar)	jocó (deter, impedir)	(a) joko (sustentar)	(a) joko (deter, impedir)
83	mulher	kuña	kunã	kunã	cunhá	kunã	kunã
84	homem	kuimba'e, kuimba	kuimba'e	kuimba'e	cuimba'e	kuimba'e	kuimba'e
85	pessoa	gente	x	x	x	x	x
		persona	x	x	x	x	persóna
		tekove	tekove (estar)	tekové	tecové	tekove	tekove
86	criança	kunumi	kunumi (menino)	kunumi (menino, menina)	cunumi (menino, garoto)	kunumi (menininho)	kunumi (menininho)
		mitã	mitãng	mitã	mitã	mitã'i	mitã
		mitãmichi	x	x	x	x	x
87	menino	mitã kuimba'e	x	mitãkuimba'é	mitã-cuimba'é	mitãkuimba'e	mitã kuimba'e
		mitã'ĩ	x	mitã' ĩ	mitã-i	mitã'i	mitã'i (menininho)
88	menina	mitã kuña, mitãkuña	x	mitãkuñá	mitã-cunhá	mitãkuña	mitã kuña

89	esposa	temberiko	tembireko (mulher)	temberikó	tembericó	tembireko	temberiko
90	marido	mena	me	mena	mena	ména	ména
91	animal	mymba	mymba (animal doméstico)	mymbá (doméstico)	mîmbá	mymba (animal doméstico)	mymba
		vicho	x	x	x	vicho	vícho
92	pássaro	guyra	guyra	guirá	guirá	guyra	guyra
93	inseto	ñana raso	tasog	tasó (verme)	hassó (verme)	tasó	tasó
		vichoi, icho'i	x	x	x	vichoi, icho'i	vícho'i
94	sangue	tuguy, ruguy	tuguy	tuguy	tuguî	tuguy	huguy
95	osso	kangue	kāng	kangue	cangue	kangue	kangue
96	gordura	kyrakue, kyra	kyra	kyrakue	kyracué / kirá	kyrakue	kyrakue
97	ovo	rupi'a, tupi'á	rupi'a	rupia'á, tupi'á	rupi-a, tupi-a	rupi'a, tupi'á	rupi'a, tupi'a
98	chifre	hatĩ, ratĩ	hatĩ	hatĩ, ratĩ	hatĩ, ratĩ	hatĩ, ratĩ	hatĩ (tem chifres)
99	cauda/rabo	huguái, rugua'i, tuguái	huguai	huguái, rugua'i, tuguái	huguái, rugua'i, tuguái	huguái, rugua'i, tuguái	huguái, rugua'i, tuguái
100	pelo	haviju	haviju (peludo)	x	haviju (peludo)	haviju (peludo)	havyju (tem pelo)
101	asa	ipepo, pepó, pepô	pepo	pepó	pepó	pepo	pepo
102	mato	ka'aguỹ, ka'aguĩ	ka'a	ka' agúi (vegetal)	ca-agu ĩ	ka'aguy (selva, bosque)	ka' aguy
		ñanandy	x	x	nhanandĩ	ñanandy (do mato, de erva)	ñanandy
103	árvore	yvyrá	yvyra	yvyrá	îvîrá	yvyrá	yvyra
104	folha	hogue	ho	hogue	hogue	hogue	hogue
105	semente	ha'yĩ, haĩgue, ha'yingue	ha'ỹi	ha' ỹi	há- ĩi	ta' ỹi, ra'yi	ha'yĩ
		semilha	x	x	x	x	x
106	flor	poty, yvoty	yvoty	poty, yvoty	poti, îvotĩ	poty, yvoty	poty, yvoty
107	sol	kuarahy	kuarasy	kuarahy	curahi	kuarahy	kuarahy
108	lua	jasy	jasy	jasy	jassî	jasy	jasy

109	estrela	etelha	x	x	x	x	x
		miby, mbyja		x	mbîjá	mbyja	mbyja
		luzero	x	x	x	x	x
110	nuvem	arai	x	arai	arai	arai	arai
111	vento	yvytú	yvytu	yvytú	îvîtu	yvytú	yvytu
112	água	y	y	y	î	y	y
113	pedra	ita	ita	ita	ita	ita	ita
114	fumaça	tataĩ	tataĩ	tataĩ	tataĩ	tataĩ	tataĩ
115	poeira	pueira	x	x	x	x	x
		yvytimbó	yvy timbó (pó)	yvytimbó	îbîtimbó	yvytimbó	x
116	fogo	tata	tata	tata	tata	tata	tata
117	caminho	tape	tape	tape	tapé	tape	tape
118	cabeça	akã	akãng	akã	akã	akã	akã
119	cabelo	akãrangue, akarangue	'a	x	acãrangué	akãrague	akãrague
120	olho	tesá	tesa, hesa	tesá	tessá	tesa	tesa
121	nariz	tĩ	tĩ	tĩ	tĩ	tî	tĩ
122	boca	juru	juru	jurú	juru	juru	juru
123	lábios	tembé, rembe	tembe (lábio inferior)	tembé	tembé, rembé	tembe	tembe, rembe
124	dente	raĩ, taĩ	tãĩ	rãĩ, taĩ	rãĩ, taĩ	raĩ, tâĩ	raĩ, tãĩ
125	língua	kũ	kũ	kũ	cũ	kû	kũ
126	orelha	nambi	nambi	nambi	nambi	nambi	nambi
127	pescoço	ajura	ajura (enlaçar)	ajura	ajura	ajúra	ajura
128	ombro	ati'y	ati'y	ati'y	ati'ĩ	ati'y	ati'y
		ilomo	x	x	x	x	x
129	braço	ijyva, jyva	jyva	jiva	jiva	jyva	jyva
130	axila	juvaguy, jyvaguy	x	jyvaguy	jivagui	jyvaguy	jyvaguy
		tetê	x	x	x	x	x
131	barriga, abdômen	tye	tye	tye	tye	tye	tye

		py'a	py'a	py'a	py'a	py'a	py'a
132	punho	po mata	x	x	x	x	x
		po pyte	popyte (palma da mão)	x	x	popyte (palma da mão)	x
		poapy	poapy	poapé (dorso da mão)	x	pyapy, poapu'a	x
		purso	x	x	x	x	x
133	mão	ipo, po	pó	po	pó	po	po
134	dedo da mão	ikuã, kuã	kuã	kuã	cuã (dedo)	kuã	kuã
135	unha da mão	ipyã ã, pyapẽ	poapẽ	pyapẽ (unha da mão)	piapẽ (unha da mão)	pyapê	pyapẽ (unha da mão)
136	peito da mulher	kama	kãma (peitos)	kama	cama	kãma	kãma
137	peito (tórax)	pecho	x	x	x	x	x
		pyti'á	py'a (estômago, barriga, coração) poti'a (peito)	pyti'á	pîti-a	x	pyti'á (peito, seio)
138	barriga	ry'e, tyé	tye	tyé	rîé, tîé	tye	rye, tye
139	cintura	iku'a, ku'a, kuá	ku'a	ku'a	cu'a	ku'a	ku'a
140	umbigo	puruã, puru'ã	puru'ã	puru'ã	puru-ã	puru'ã	puru'ã
141	nádegas	teviro'ó	tevi (assento)	teviro'ó	teviro'ó	tevi	tevi, tevikua
		kuarto ro'o	x	x	x	x	x
142	vagina	kachi	x	kachi (vulva)	x	kachi (vulva)	kachi (vulva)
		kachi kusa'yĩ	x	x	x	x	x
		kusã'yẽ	x	x	x	x	x
		kusã'yi juru	x	x	x	x	x
		revigua	x	x	x	x	x
		tapypi	tapy pi (membro feminino)	tapypí (vulva)	tapypi	tapypi	tapypi
143	pênis	tapi'a	hapi'a, tapi'a (testículo)	tapi'a	tapi-a	tapi'a	tapi'a

		tembó	hembo (membro genital)	tembó	tembó	tembo	tembo
144	perna	hetymã, tetyma	hetyma	tetymá	tetímá	hetyma	hetyma (tem pernas)
		ikuarto	x	x	x	x	kuárto (coxa)
145	joelho	hetymy'ã, tymã, retymyã, retymy'ã	tenypy'ã	x	tenîpî-ã	tenypy'â	tenypy'ã
		takã	takamby (entrepernas)	x	x	x	takamby (entrepernas)
146	calcanhar	pytá	pyta	pytasã (garrão)	pîtá	pyta	pyta
147	panturrilha	garrón	x	x	x	x	x
		retymã, retymy'ã	hetyma	x	hetimã-ró-ó	tetyma ro'o	retyma (perna)
		retymaro'o, tetyma ro'o	tetyma o'o	tetyma ro'o	hetimá-ró-ó	tetyma ro'o	tetimaro'o
148	pé	py	py	py	pî	py	py
149	dedo do pé	pysã	pysã	x	pîssã	pysâ	pysã
		eñenomi	x	x	x	x	x
150	unha do pé	pyapě, pysape	pysapě	x	pîssápě	pysapě	pyape (dorso do pé)
		unha	x	x	x	x	x
		ipypegua	x	x	x	x	x

Quadro 02 – Verificação do registro dos vocábulos Guarani Kaiowá nos dicionários (formulário 01)

N°	Itens em português	Respostas coletadas com os informantes	Montoya (2011[1639) – (T) 2002 [1640) – (V)	Sampaio (1986)	Tibiricá (1989)	Guasch & Ortiz (2001)	Assis (2008)
1	eu	xe	che	che	che	che	che
2	você	nde	nde	x	ndé	nde (tu, você)	nde
3	ele	ha'e	ha'e	ha'e	ha-é	ha'e	ha'e
4	nós	ore (exclusivo)	ore	ore	ore	ore	ore
		nhande (inclusivo)	ñande	ñandé	nhandé	ñande	ñande
5	eles	há'ekwéry	x	ha'ekuéra	há-ecuera	ha'ekuéra	x
6	este	pe'a	x	péa	peã	péa	peã
7	quem	kia'e, kiva'e, kiva'e kiva'eti	x	x	x	x	x
		mávapa,	avapa; avapami (V)	mava	ma'avapa	máva	mava'pa
8	quando	araka'e, aka'e	araka'e	araka'é	araca'é	araka'e	araka'e
9	outro	outro, otro	x	x	x	x	x
		gwĩa	x	x	x	x	x
		kyvõngoty	x	x	x	x	x
		mboyve	x	x	x	x	x
		oijeya	x	x	x	x	jevy (outra vez)
10	alguém	kia'epo, kiva'épo, kivaepo	x	x	x	x	x
		tekokatu	x	x	x	x	x
11	não	ani, any	ani, ani'i	aní	ani	x	ani
		nahãni	x	x	x	nahániri	nahániri, ahániri
		ndaha'ei	nda-	nda (não)	nda (negação)	nahániri	nahániri
12	sim	ha'e, háe, há'erei	he'ẽ	x	x	x	há'e

		péxa	x	upéicha (assim é)	upéicha (assim é)	péicha (assim, desse modo)	upéicha (assim, desse modo)
		upea	upe (o mesmo que)	upeicha	upeichá	upéicha (assim, desse modo)	upéicha
13	talvez	avese	x	x	x	x	x
		ikatu	ikatu ete (é muito possível)	ikatu	icatu	(i)katu	ikatu
		mba'exa	x	x	x	x	x
		ndaikua'ai	x	x	x	x	x
		ome'eramo	x	x	x	x	oiméne
14	muito	heta	heta	tetá, hetaité (muitíssimo)	hetá	heta	heta
		ohive	x	x	x	x	x
15	pouco	mixĩ	michĩ	michĩ	michi	x	michĩ
		ndaHetái	ndaHetái	x	x	x	x
16	aqui	koapy	x	ko'ape	ko'ape	co-ape (cá, aqui)	ko' ápe
		ápy	ápe	ápe	ape	ápe	ápe
17	ali	pepy	x	upepe	upepe	pépe	pepe
		amó	amo (longe)	amó	amó	amo	amo
18	lá	pepy	x	upepe	upepe	pépe	pepe
		amó, amoete, amõpy	amo (longe)	amo, amoite	amo	amo	amo, amoite
		kyvõ goty	kyvõ ngoty (até aqui)	kyvongoty (para cá)	kivongotó (até aqui)	x	x
		ndopépy	x	x	x	upépe (ali, ai)	upépe
19	longe	mombury, mombry	mombry	mombry	mombîrî	mombry	mombry

20	perto	ãgwĩ, hiagwĩ	aguĩ	agú'í	ágúi (daqui)	agui (muito próximo)	agui (muito próximo)
		ypypy	ypy	ypype	ipípe (dentro)	ypýpe (cerca, junto a)	ypýpe (próximo)
21	grande	tuixa, tuicha	tuvichá	tuichá	tuvichá	tuicha	tuicha
22	pequeno	mixĩ, mixĩmi, michimi	michĩ	michĩ	michimi	michĩ	michĩ, michimi
23	curto	mbyky	x	mbyky	mbíkĩ	mbyky	mbyky
24	longo	mombyry	mombyry (longe)	x	x	x	x
		ahama	x	x	x	x	x
		ipuku	puku	pukú	pucu (comprido, alto)	puku	pukú (comprido)
25	quente	haku	haku	haku	hakú (está quente)	haku	haku
26	frio	ho'usá, hoysã	ro'y	ho'ysã (estar fresco)	ho'yssã (fresco)	ho'ysã	ro'y
27	fundo	hugwapy	x	x	huguape	hugua	tugua
		hyepypy	x	hypy	hipĩ	hypy	hypy
		ikwapy	x	yvykuá	x	yvykua py-puku	x
		ipypuku	yvy pipuky	pypukú	pĩpuku	pypucú	pypuku
28	raso	haso	x	x	x	x	x
		ndahypyi	x	x	x	x	x
		ndaipupukvi	x	x	x	x	x
29	velho	tuja	tuja (velhice)	x	tujá	tujá	tuja
30	novo	iyahu, pyahu	pyahu	pyahú	piahú	pyahu	piahu
31	redondo	ajere, ijajere, ojere'a jajere	jere (volta)	jeré (rodar), ojereva (que dá voltas)	ojereva (o que dá voltas)	jere, ojeréva (que dá voltas)	jere (volta, contorno)
32	quadrado	ijajerepy	x	x	x	x	x
		ipuku	x	x	x	x	x
		irundy jere	x	x	x	x	x

		irundy rovái	x	x	x	x	x
		cuadrado	x	x	x	x	x
33	estreito	ipo'i, po'i, poí	x	po'í	po-i	po'i	po'i
34	largo	ipogwasu	ipyguasu	x	x	x	x
		jepysóve	x	ojepysova (elástico, estensível)	jepíssó (estender)	(a)jepysó (estirar-se)	jepysó (distensão)
		ojepyha	x	ojepysova (elástico, estensível)	jepíssó (estender)	ojepysóva (que se estende)	ojepysóva (estende, que se espalha)
		tuixa, tuicha	tuvicha	tuichá (grande)	x	tuicha (grande)	tuicha (amplo)
35	grosso	inhaná	x	x	x	x	x
		ipogwasu, ipogwasu, ipó gwasu	x	poguassu	poguassu	pogwasu	pogwasu
		pekweratã	x	x	x	x	pekue (comprido, longo)
36	fino	ika'i, ka'ĩ	x	ka'í (raquíptico)	cai (raquíptico)	ka'i (magro)	kw'i
		ipo'i, po'i	po'i	po'í	pó-i	po'i	po'i
37	pesado	ipohy'i, ipohýi, pohyi	ipohýi (V)	pohyi (sério, grave)	pohïi	pohýi (sério, grave)	pohýi
38	leve	ivevuí, ivevy'i	vevúi	vevyi	vevui	vevúi	vevúi
39	seco	hayviru	x	x	x	haviru	ypi haviru
		ikã	x	kã	x	kã	kã
		ipiru	piru	piru (seco = magro)	piru	piru	piru
40	bom	porã, iporã	porãng	porã, iporãva	porã (o que é lindo)	porã	porá, iporã
41	mau, ruim	vai, ivaí, ivaiterei	ai (ruim)	vaí (ruim)	vaí	vai	vai, ivai
		naiporãi, naiporãi ete	x	x	x	naiporãi	naiporãi

42	sujo	iky'a, ky'a	ky'a	ki'a	iki'a	ky'a	ky'a
43	limpo	ipotĩ, potĩ (43)	poti (sujeira)	potimbyré	põtĩ	potĩ	potĩ
44	liso	isyi	x	sýi	sii (escorregadio)	sýi	sýi
45	reto	heto	x	x	x	x	x
		ipukuporã	x	x	x	x	x
		naikãrei	x	x	x	kare'y	x
		nderéxo	x	x	x	x	x
		pá puku	puku (largo)	pukú (comprido, alto)	pucu (comprido, alto)	puku (alto, largo)	puku (alto, comprido)
po'i puku	x	x	x	x	x	x	
46	claro	anheĩ	x	x	x	x	x
		hembipe	hendipu (reluzente)	x	x	tembipe	tembipe
		hendaporã	x	x	x	x	x
		hesakã	hesa kãng (olhos claros)	x	hessacã	hesakã	hesakã
47	escuro	pytũ	pytũ	pytũ	pĩtũ	pytũ	pytũ
48	branco	morotĩ	morotĩ	morotĩ	morotĩ	morotĩ	morotĩ
49	preto	hũ, hũ'a, hũva	hũ (negro)	hũ (negro)	hũ (negro)	x	hũ (negro/raça)
50	amarelo	sa'yju, sayju	sayju (sonolento)	sa'yjú	saĩju	sayju	sa'yju
		hesayju	sayju (sonolento)	sa'yjú	hessaĩjú (empalidecer)	sayju	hesa'yju
51	vermelho	pita, pytã, pytãva	pytã	x	pĩtã	pytã	pytã
52	verde	hovy, hovya, hovyu, yovy (53)	hovy (azul, verde)	hovy	hovi	hovy, tovy	hovy, tovy
53	azul	yxagwa	x	x	x	x	x
		áry xagua	x	x	x	x	x
54	beber	ai'u, ay'u	a'u	x	x	há'u	'u
		há'iuta	x	x	hai-u	hai'u	x

		ho'íú, ho'u, hoiú	x	hoy'u (beber água)	hoi'i	hoy'u (beber água)	hoy'u (beber água)
55	comer	já'u	há'u (V)	x	x	há'u	há'u
		jakaru, karu	akaru (V)	karú	caru	(a) karu	(a)karu
56	morder	su'u, jesu'u, oisu'u,	su'u	su'u	su-u, jeissu-u	(ai)su'u	su'u (dentada)
57	ver	hexa, ohexa	x	hecha, ohechava (que vê)	hechá, ojehechá (ele vê, observa)	(a)hecha	(a) hecha
58	ouvir	hendu, ohendu	hendu	hendú, ohenduva (que ouve)	hendu	(a)hendu	(a)hendu
59	saber	kwaá, oikwa'a, oikwaá	kuaa	kuaá	oicuaá (que sabe)	(ai) kuaa	(ai)kuaa, oikuaáva (sábio)
60	dormir	ake, oke, okē	ke	ke	ke	(a) ke	(a) ke
61	morrer	omano, mano	mano	manó	manó	(a) mano, manó	(a) mano, (a)omanóva (morto)
62	matar	juka, ojuka	juka	juká	x	(a) juka	juka, ojukáva (mortal)
63	nadar	o'yta, oyta, yta	yta	ytá	îta	yta	yta
64	voar	oveve, veve	vevê (voo)	vevé	vevé	veve, (a)veve	veve, ovevéva (voador)
65	andar	oguata, ogwata, gwata, okwata	guata	guata	guatá	(a) guata, guatá	(a)guata, guata
66	vir	ou	aju	oúva (o que virá)	ou	oúva (o que virá)	(a)ju
67	deitar-se	nhenó, onhenó, nhenota	ñeño	x	x	(a)ñeno	ñeno
68	sentar-se	gwapy, ogwapy, ogwapyta, okuapy, okwapy	guapy	guapy	guapi, ogwapivo (sentando-se)	guapy, (a)guapy (estar sentado)	(a) guapy, guapy

69	levantar-se	pu'ã, puã, opu'ã, opu'ãse, opuã-va, epu'ã	pu'ã	pu'ã	pu-ã	(a) pu'â	pu'ã (levantamento), (a)mopu'ã
70	dar	me'ẽ, meẽ, omeẽ	me' ẽ	me' ẽ	me- ẽ	(a)me'ê	(a)me' ẽ
71	dizer	já'e	jê (diz que)	je'e	je'e (diz-se)	ha'e	he' ẽ
		ere	ere (dizer de si a mulher)	ere	eré	há'e ere	ere
		he'i, hei	há'e (V)	he'y	he'i (diz)	ha'e	ha'e
		onhe ẽ, nhe'ẽ	ne' ẽ (palavras, linguagem)	ne' ẽ (falar)	nhe-ẽ (falar)	ñe'ê	ha-e
72	ir	gwata	guata (caminhar)	guata	guatá (andar)	(a)guata	guata
		ho, oho, oha	ho	ho	ho, ha (vir)	ho, oho, há (vir)	ho, (a)ha (vir)
73	chorar	hãsẽ, tasẽ, hasenta	hasẽ (grito)	rasẽ, tasĩ	rassẽ, tassê	rasẽ, tasê (choro)	hasẽ, tasẽ (choro)
74	chupar	pyte, pyteta, oipyte, ohipyte	pyte	pyté	pite, oipítéva (que chupa)	(ai) pyte	(ai) pyte
75	cuspir	nyvô, onyvô, onhyvo, onyvonta	nivũ	ñyvô (dardejar, flexar)	nhivó (disparar flexa)	ñyvô (atirar dardos)	anyvô (cuspir, ejetar saliva)
76	vomitar	gwe, ogwẽ' ẽ, gwẽ' ẽ	gue'ẽ	gué'é	gue-é	gue'ê	(a)gue'ẽ
		ogomitã, okamita	x	x	x	x	x
77	rir	puka, opuka, opuka	puka (riso)	puká	pucá	(a) puka (ter vontade de rir)	(a) puka
78	lutar	lutá	x	x	x	x	x
		nhorairõ, onhoraĩrõ	x	ñorairõ	nhorairõ	ñorairõ	ñorairõ (guerra, batalha, luta)
		rairõ	x	rairõ (atacar)	rairõ (agredir)	x	rairõ (atacar, agredir)
79	caçar	marika, marikata, omarika	x	x	x	x	(a)marika
80	cair	ho'a, hoa, ho'ata	'a	ho'á	ho'a	ho'a	(a)há'a
81	arranhar	karãi, oikarai,	karãi (rasgar)	karãi, nekarãi	carãi, nhecarãi	(ai)karãi,	(a) karãi,

		onhekāarai				ñekarāi	ñekarāi (coçar-se, esfregar-se)
		mondoró	mondorog (arancar, romper)	mondoró (romper, rasgar)	mondoró (rasgar, arrancar)	mondoro (rasgar)	mondoro (rasgar)
82	segurar	nhangara, onhāgara	ñangareko (cuidar)	ñangarekó (cuidar, guardar)	nhangarecó (cuidar, vigiar)	ñangareko (cuidar)	ñanguareko (cuidar)
		pyhy, oipyhyta	x	pyhy	pîhî (pegar, agarrar)	pyhy (agarrar)	(ai)pyhy (pegar, agarrar)
83	mulher	kunhā	kunā	kunā	cunhá	kunā	kunā
84	homem	kuimba'e	kuimba'e	kuimba'e	cuimba'e	kuimba'e	kuimba'e
85	pessoa	tapicha	tapicha (semelhante, próximo)	tapichá	tapichá	tekove	tapicha
		kente, kenti	x	x	x	x	la hente
		te'yi	te'yi (muitos)	te'yi (público, raça)	ta-îi	te'yi (tribo)	te'yi (público, tribo)
86	criança	kunumi	kunumi (menino)	kunumi (menino, menina)	cunumi (menino, garoto)	kunumi (menininho)	kunumi (menininho)
		mitā	mitāng	mitā	mitā	mitā'i	mitā
87	menino	mitā kuimba'e	x	mitākuimba'é	mitā-cuimba'é	mitākuimba'e	mitā kuimba'e
		kunumi	kunumi	kunumi (menino, menina)	cunumi (menino, garoto)	kunumi (menininho)	kunumi (menininho)
88	menina	mitā kunha, mitākunhā	x	mitākuñá	mitā-cunhá	mitākuña	mitā kuña
		cheindy	x	x	x	x	x
89	esposa	rembireko,	tembireko	x	tembericó	tembireko	tembireko

		hembireko, tembireko	(mulher)				
90	marido	mena, mena, imena	me	x	mena	ména	ména
91	animal	mymba	mymba (animal doméstico)	mymbá (doméstico)	mîmbá	mymba (animal doméstico)	mymba
		vixo	x	x	x	vicho	vícho
92	pássaro	gwyra	guyra	guirá	guirá	guyra	guyra
93	inseto	kávy	x	x	x	x	x
		nhentĩ, nheti	ñetĩ'u	ñetĩ (inseto pequeno)	nheti (mosquito)	ñetĩ (mosquito pequeno)	ñeti (mosquito)
		vixo'i	x	x	x	vichoi, icho'i	vícho'i
		vixo'i veve	x	x	x	x	x
		ysó	ysog (verme)	ysó (lagarta)	x	ysó (verme)	ysó
94	sangue	tugwy, rugwy	tuguy	tuguy	tuguĩ	tuguy	huguy
95	osso	ikangwe, kangwe	kãng	kangue	cangue	kangue	kangue
96	gordura	ikyrakwe	kyra	kyrakue	kyracué	kyrakue	kyrakue
		kyra, ykyra	kyra	kyrá (gordo)	kirá (gordo)	kyra	kyra
		nhandy	ñandy (óleo, gordura)	ñandy (óleo, manteiga)	nhandĩ	ñandy	ñandy
97	ovo	hupi'a, hupia, rupi'a	rupi'a	rupi'á	hupi-a, rupi-a	tupi'a, rupi'a	tupi'a, rupi'a
98	chifre	atĩ, hatĩ	hatĩ	atĩ (fonte da cabeça), hatĩ	atĩ (cabelo branco), hatĩ	tati, hatĩ	hatĩ (tem chifres)
99	cauda/rabo	huguai, hugwái	huguai	x	huguai	huguái, tuguái	huguái
100	pelo	hagwe, tagwe	ha- (cabelo do corpo)	hague'o (depenar/pena)	hagué (pena)	hague (cabeludo)	hagué (pena)
		pire	pire (pele)	pire (pele)	pire (pele)	pire (pele)	pire (pele, casa, couro, cútis)
101	asa	pepo, ipepo	pepo	pepó	pepó	pepo	pepo

		popoykãgwe	x	x	x	x	x
102	mato	ka'agwy, kaagwy	ka'a	ka' aguí (vegetal)	ca-aguí	ka'aguy (selva, bosque)	ka' aguy
		kap'ity	kapi'i (palha)	kapi'í (capim)	capi-itê (capinzal)	kapi'ity	kapi'ity (capinzal)
103	árvore	yvyra	yvyra	yvyrá	îvîrá	yvyrá	yvyra
104	folha	hogwe	ho	hogué	hogué	hogue	hogue
105	semente	há'yigwe, haÿgue, rayi	ha' ÿi	ra'ÿi	ha-îi ha-îingué	ha'ÿi, ra'ÿi	ha'ÿi, ra'ÿi
		jatypyrã	x		x	jaty (cobrir com terra)	x
		temity	temitÿma (semeado)	temity (sementeira)	tenîpî (plantação)	temitÿ (semeadura)	temytÿ (semeadura)
106	flor	ivity, yvoty	yvoty	yvoty	yvotî	yvoty	yvoty
		poty kwe	x	poty	potî	poty	poty
107	sol	kuarahy, kwarahy	kuarasy	kuarahy	curahi	kuarahy	kuarahy
108	lua	jasy	jasy	jasy	jassî	jasy	jasy
109	estrela	jasytata	jasytata	jasytatá	x	x	jasyrata
110	nuvem	ara'i, arai	a	arai	arai	arai	arai
111	vento	yvytu	yvytu	yvytú	îvîtu	yvytú	yvytu
112	água	y	y	y	î	y	y
113	pedra	ita	ita	ita	ita	ita	ita
114	fumaça	tatañ	tatañ	tatañ	tatañ	tatañ	tatañ
115	poeira	etimbó	yvy timbó (pó)	x	x	yvytimbo	x
		puera	x	x	x	x	x
		timboré	timboré	timbó	x	timbo (vapor)	x
		yvyku'i	yvyku'i	yvyku'i (pó de terra)	ivîcu-i (areia)	yvyku'i	yvyku'i (areia branca)
		yvytukya	yvytu (vento)	yvytimbó	îbîtimbó	yvytu (vento)	x
116	fogo	tata	tata	tatá	tatá	tata	tata
117	caminho	tape	tape	tape	tapé	tape	tape

118	cabeça	akāy	akāng	akā	akā	akā	akā
119	cabelo	akārangwe, akārangue	'a	x	acārangué	akārague	akārague
		ávy	'a	x	ava	áva	áva
120	olho	tesa, hesa	tesa, hesa	tesa, hesa	tesa, resá	tessá, hessá	tesa (tem olhos)
121	nariz	tĩ	tĩ	tĩ	tĩ	tĩ	tĩ
122	boca	juru	juru	jurú	juru	juru	juru
123	lábios	tembe, hembe	tembe (lábio inferior)	tembé	tembé, rembé	tembe	tembe, rembe
124	dente	tāi	tāi	tāi	tāi	tāi	tai
125	língua	apekū, inhapekū	apekū	apekū (paladar)	apecū (paladar)	apekū (paladar)	apekū (paladar)
126	orelha	nambi	nambi	nambi	nambi	nambi	nambi
127	pescoço	ajurupy	ajurupy	ajura	ajura	ajura	ajura
128	ombro	ati'y	ati'y	ati'y	ati'j	ati'y	ati'y
129	braço	jyva	jyva	jiva	jyva	jyva	jyva
130	axila	juvaguy	x	jyvaguy	jivagui	jyvaguy	jyvaguy
131	barriga, abdômen	tye	tye	tye	tye	tye	tye
		py'a	py'a	py'a	py'a	py'a	py'a
132	punho	punho	x	x	x	x	x
		mbareteha	x	x	x	x	x
		po pyte	popyte (palma da mão)	popyte (palma da mão)	popíté (palma da mão)	popyte (palma da mão)	po'apy
		poapy	poapy	pyapy	x	poapu'a	po'apy
133	mão	pó	pó	po	pó	po	pó
134	dedo da mão	ikuã, kwã	kuã	kuã	x	kuã	kuã
135	unha da mão	pysapẽ, posape, pyapẽ	poapẽ	pyapẽ	piapẽ	pyapê	pyapẽ
136	peito da	pyti'a, ipya, py'a	py'a (estômago,	pyti'á	pĩti-a,	pyti'a	pyti'a

	mulher		barriga, coração) poti'a (peito)		ipia (estômago), pia (estomago)		
		kami	kāma (peitos)	kama	cama	kāma	kama
		xixi, chichi, chichi	x	x	titi (seio)	x	titi
137	peito (tórax)	pyti'a, pytia	py'a (estômago, barriga, coração) poti'a (peito)	pyti'á	pîti-a	x	pyti'á (peito, seio)
		pexo	x	x	x	x	x
138	barriga	hy'e, ty'e, tye	tye	tyé	hîe, tíe	hye, tué	hye, tye
139	cintura	humby, tumby, ruby	humby (quadril, bacia)	humby, tumby (quadril)	humbî, tumbî (quadril)	humby (quadril)	humby (quadril)
		ku'a	ku'a	ku'á	cu'a	ku'a	ku'a
140	umbigo	chu'āi, xu'āi, xuāi	x	x	x	x	x
141	nádegas	kuarto	x	x	x	x	x
		hivi	tevi (assento)	x	hevi (ânus)	tevi	tevi
		tevi ro'o	tevi (assento)	teviro'ó	teviro'ó	tevi ro'o	tevi
		ko'há	x	x	x	x	x
142	vagina	hepotikwa	x	x	x	x	x
		pa'a	x	x	x	x	x
		pa'a juru	x	x	x	x	x
		tikwa	x	x	x	x	x
		xapa'a	x	x	x	x	x
143	pênis	hapi'a, tapi'a	hapi'a, tapi'a (testículo)	hapi'a, tapi'a (testículo)	hapi-a, tapi-a	tapi'a	hapi'a, tapi'a (testículo)
		hembo	hembo (membro genital)	tembó	tembó	tembó	tembo
144	perna	tetyma, hetymã, tyma	hetyma	tetymá	tetîmá	tetyma	tetyma (tem pernas)
145	joelho	yypy'a, typy'ã, typyã, tupu'a	x	x	x	x	x

		tetymy'ã	tenypy'ã	tenypy'á	tenîpî-ã	tenypy'â	tenypy'a
		sãkãrõ	x	sakarõ (osso da perna)	sacarõ (osso da perna)	sakarõ (osso)	sakarõ (tutano do osso)
146	calcanhar	calcanhá	x	x	x	x	x
		pyta	pyta	x	pîta	pyta	pyta
147	panturrilha	andagwy	x	x	x	x	x
		panturi	x	x	x	x	x
148	pé	ipy	py	py	pî	py	py
149	dedo do pé	kwa	kuã (dedo da mão)	kuã	cuã (dedo)	kuã	pysã
		pysã	pysã	x	pîssã	pysâ	pysã
150	unha do pé	pysã pẽ, pysãpe	pysapẽ	pyape (unha da mão)	pîssãpẽ	pyapê	pyape (unha da mão)
		pysãroy	x	x	x	x	x

Quadro 03 – Verificação do registro dos vocábulos Guarani Ñandeva nos dicionários (formulário 02)

N°	Itens em português	Respostas coletadas com os informantes	Montoya (2011[1639] – (T) 2002 [1640] – (V)	Sampaio (1986)	Tibiricá (1989)	Guasch & Ortiz (2001)	Assis (2008)
01	mãe	sy	sy	sy	sî	sy	sy
02	pai	túva, tua, ru	túva (V)	túva	tuva, tua	túva	túva, tua, ru
03	filho	memby kuĩba'é	x	membykuimba'e	x	x	x
04	filha	rajy, tajyra, jajýra	tajy	rajy	rajî, tajîra	tajýra, rajy	rajy,
		memby kuña	x	membykuña	x	x	memby kuña
05	tia	tia, iti'a	x	x	x	x	tía
		sy'y	sy'y	sy'y	si-i	sy'y (tia materna)	sy'y
06	tio	tio, iti'o	x	x	x	x	tío
07	prima	prima, iprima	x	x	x	x	x
08	primo	primo, iprimo	x	x	x	x	x
09	genro	jerno, gerno, ijerno	x	x	x	x	x
		tajyra mena	tajy me	tajyramena	tajîra mena	x	tajyra ména
10	nora	núra	x	x	x	x	x
		gerna	x	x	x	x	x
		taýra rembireko	x	ta'yrarembirekó	x	x	ra'y rembireko
		memby rembireko	x	membyrembirekó	memby rembireko	memby rembireko	memby rembireko
11	sogra	súera, sueyra	x	x	x	x	x
		mena sy, temberiko sy,	mendy	menasy	mena sî	menasy	mendy
12	sogro	suero, sueyro	x	x	x	x	x
		mena ru,	mendu	menarú	mena ru (sogro)	menaru	mena ru (sogro)

		tembireko ru			da nora)		da mulher)
13	compadre	kompáre, compare	x	x	x	x	x
14	comadre	komáre, comare	x	x	x	x	x
15	padrinho	paino	x	x	x	x	paíno
16	madrinha	maina	x	x	x	x	maína
17	noiva	novia, noiva	x	x	x	x	x
		tembireckorã, rembirekorã	x	x	x	tembirekorã	x
18	noivo	novio	x	x	x	x	x
		menarã, imenara	x	menarã	menarã	menarã	menarã
19	madrasta	syangá, sy'anga	sy anga	syangá	síanga	syanga	x
20	padrasto	tuvangá, tua'anga, tuanga, ruanga, tuva anga	tuvanga	tuvangá, tuangá, ruangá	tuvangá, tuangá, ruangá	tuvanga, tuanga, ruanga	tuvanga, ruanga
21	família	familha, família	x	x	x	x	x
		pehengue	pehẽngue (pedaço)	x	x	pehengue (parente próximo)	pehẽngue
22	cego	tesakuapé	tesakuape (torto de um olho)	tesakuapé (cego de um olho)	tesacuapé (vesgo, caolho)	tesakuape (cego de um olho)	x
		hesapê	hesape (iluminar)	x	x	x	x
		ohecha'yva	x	x	x	x	x
		ndohecha'i	x	x	x	x	x
23	míope	ndohechaporãiva, ndohechaporãê	x	x	x	x	x
		tesava	tesa vãng (olhos estrábicos)	tesava (estrábico)	hessavã (vesgo, estrábico)	tesava (estrabismo)	x
		ohecha poraỹva	x	x	x	x	x
24	surdo	apysapé	apysakua ranã	apysa'y	x	apysape	apysapé

			(surdez)				
		nohenduĩ, ohenduývã, ohendu'ýva	x	x	x	x	nohendúiva
25	desdentado	tãimbyté	x	tãimboré (?)	x	x	x
		raĩyngue, taĩygue, taĩyngue, raĩykue	x	x	x	x	x
		nahãiri	x	x	x	x	x
26	papo	ju'ái, juai	juái (nó da garganta)	ju'ái	ju-ái	ju'ái	ju'ái
		ay'o	x	x	x	x	x
27	manco	kare, ikãre, inkarém	karẽ (coisa torta)	karẽ (coxo)	carẽ (encurvado, torto)	karẽ	karẽ
28	ronco	kerambú, ikerambu	x	x	kerambu	kerambú	kerambu
		kororõ	kororõ	kororõ	cororõ	kororõ	kororõ
		ay'orykue	x	x	x	x	x
29	caspa	apiku'i	api ku'i (V)	apiku'í	apicu'í	apiku'í	apiku'i
		akãky'a, akãkui, aka ku'i,	x	x	x	x	x
		apysuĩ	x	x	x	x	x
30	calma	iguenóva	x	x	x	x	x
		kirirĩ, ekĩrĩrĩ	kirirĩ	kiriri	kirirĩ (calar, silenciar)	kirirĩ	kirirĩ
		carma	x	x	x	x	x
		py'aguapy	x	py'aguapy	pĩ-aguapy (paz interior, sensatez)	py'aguapy	py'aguapy (paz, tranquilidade)
31	paciência	paciência, ipaciencia	x	x	x	x	x
		hã'ãro	há'arõ	ha'arõ (aguardar,	rã-arõ	ha'arõ (esperar,	ha'arõ

			(aguardar)	esperar)	(esperar, aguardar)	aguardar)	(esperar, aguardar)
		haárõ kuaa	x	x	x	x	x
32	amor	mboraihu, mborayhú,	mborayhu (V)	mborayhú	mboraîhú	mborayhu	mborayhú
		haihu, joaihu, johayhu	hayhu, porayhu (V)	hayhú, johayhú	haîhú	hayhu, johayhu	hayhu, johayhu, joayhu
33	carinho	jeháihu, haihu, mborayhu	hayhu, mborayhu (amor) (V)	jehayhú	haîhu, mboraiîhú	hayhu, mbohayhu	jehayhu (querido, amado)
		carinho	x	x	x	x	x
		javi'u	x	havi'ú (acariciar)	x	havi'u (acariciar apalpando)	havi'u (apalpar a penugem)
34	alegria	yvy'a, vy'a	torýva (V)	vy'á	vi-a	vy'a	vy'a
35	tristeza	ñembyasy vai	ñemomby'a (V)	x	nhembîassi (aflição)	x	ñembyasy
		vy'a'ỹ, vy'aỹ, vyá'y	x	vya'ỹ	vi-a-în	vy'a'ỹ	x
36	ciúme	seloso	x	x	x	x	x
		kate'ỹ, hakate'ỹ, takate'ỹ, rankantey	takate' ỹ (mesquinho, escassez...) takate' ỹ (ciúme)	takate'ỹ (avarento)	hacate-in (avarento, mesquinho)	hakate' ỹ, takate'y (interesse, cuidado)	hakate'ỹ (avarento) takate'ỹ (avareza)
		kangue rasy	x	kangue rasy (dor nos ossos)	cangué rassî (dor nos ossos)	kangue rasy (dor nos ossos)	kangue rasy (dor lombar)
37	preguiçoso	ate'ý	ate'ý (fraqueza)	ate'ý	ate-în	x	ate'ỹ
		kaigue	x	kaigué (sem vontade de	x	kaigue	kaigue (estar com preguiça)

				trabalhar)			
38	teimoso	teimoso, teimosso	x	x	x	x	x
		kuaase'y	ku'asa (errar)	x	x	x	x
		iñatỹ	x	x	x	x	x
39	doido	itavý, tavý, tavyete, itavýva, tavyteeve, tavy teeve	tavy (engano)	itavyva (maluco)	tavî (ignorante, idiota)	tavy (ignorante, bobo)	tavy (ignorante)
40	burro	oikuaáýva opa mba'e	x	oikuaa' ýva	x	x	x
		ahe	x	x	x	x	x
		vyro	x	vyro (tonto, sonso)	x	vyro	výro (tonto, bobo)
41	bêbado	ika'úva, ka'u, kaú, ikaiu	ka'u (beber vinho)	ka'ú	ca-u	ka'u	ka'u
42	assassino	oporojukáva	x	x	x	x	x
		jukaha, jukaho	juka (ferir, matar)	juká (árvore cujo nome significa matar)	jucaharé	jukaha	jukaha
		porojukava'ekue	x	x	x	porojukaha	porojuka (matar) porojukaha (assassino)
		hojukava	x	x	x	x	x
43	ladrão	mondahá, nondaha	munda (furtar) mundára (V)	mondahá	mondahá	mondaharã	mondaha
44	prostituta	kuña rekovai, kuña reko vai, kuña heko vaiva	kuña areko (pecar com mulher)	kuñárekovai	cunhá hecó vai	kunã rekovai	kuña rekovai
		kuña vai, kuñavai, kuña va'i	x	x	x	x	x
45	avarento,	ipójopýva	x	x	x	x	

	econômico demais	po jopy, pojopy, akateĩ	x hakate'ỹ (mesquinhez)	pojopy takate'y (avarento)	pojopĩ hacate-in (avarento, mesquinho)	pojopy hakate'ý	pojopy hakate'ỹ (avarento)
		mba'e rakate'ỹ	x	x	x	x	
		pikotero	x	x	x	x	x
		imba'e rakãnteyiva	x	x	x	x	x
46	bobo	výro	x	výro	x	výro	výro
		tavyrei	x	tavyrai	x	x	havirai
		itavy'ua	itavyva'e (tonto) (V)	itavyva	x	x	x
47	viúvo	viúdo, viúzo, viúvo	x	x	x	x	x
		tembirekovey	hembireko manova'e	x	x	hembirekove'ýva	x
		ha'eñomi oikova	x	x	x	x	
48	finado	refinado, finazo	x	x	x	x	x
		omano akue ara	x	x	x	x	x
		omano va'ekue	x	omanovaekué	omanova	omanóva (que morre)	omanóva
		ñehundi va'ekue	x	ñehundi (desaparecer)	x	x	ñehundi (perder-se)
49	vizinho	vesíno	x	x	x	x	x
		ypypegua	x	ypype (pertinho)	ipipeté (bem pertinho)	x	ypýpe (perto de, próximo)
		oga ypypegua	x	ogaypypeguá	x	ogaykegua	ogapypegua
50	dono	ijára, jará	jára	jara	jara	jára	jára
		jaraite, ijaraité	x	x	x	x	x
		imba'e	x	imba'e (seu, sua, dele)	x	mba'e (coisa minha)	mba'e (propriedade)
51	xará	tokájo	x	x	x	x	x

		xará	x	x	x	x	x
		aheichagua herava	x	cheixaguá (igual a mim)	cheixagué (igual a mim)	x	chéicha (como eu, igual a mim)
52	amigo	amigo	x	x	x	x	x
		iru, irũete, che'irũete	irũ (companheiro)	irũ	irũ	iru (companheiro, sócio)	irũ
53	escola	ekúela, akuéla	x	x	x	x	x
		mbo'ehao	ñembo'eháva	x	mbo'ehá (regra, método)	mbo'eha	mbo'eha
54	aluno	aluno	x	x	x	x	x
		mitãkuéra	x	x	x	x	x
		temimbo'e	x	temimbo'é (a quem se ensina)	temimbo-é (discípulo)	temimbo'e	temimbo'e
55	professor	professor	x	x	x	x	x
		mbo'ehara	x	mbo'ehara	mbo'ehara	mbo'ehára	mbo'ehara
56	diretor	diretor	x	x	x	x	x
		mburuvicha guasu	mburuvicha (o que tem em si grandeza)	mburuvichá (autoridade máxima)	mburuvichá (chefe, cacique, autoridade)	mburuvicha	mburuvicha
		mboe'hao pega	x				
		omandava	x	x	x	x	x
57	coordenador	coordenador	x	x	x	x	x
		ñangarekoha mboe'haore	ñangarekuava (cuidados) (V)	ñangarekohá (cuidador, porteiro)	ñangarecohá (aquele que cuida, vigilante)	ñangarekoha (cuidador, porteiro)	ñangarekoha (aquele que cuida, curador, porteiro)
		tendota mbo'ehao pega	x	x	tendotá (o primeiro,	tendota (guia, condutor)	tendota (chefe, guia, condutor)

					chefe)		
		omandava	x	x	x	x	x
58	livro	livro	x	x	x	x	x
		kuatia	kuatia	kuatiá (papel, escrever)	cuatiá arandu (livro)	kuatia	kuatia
		aranduka	arandu (juízo)	x	aranducá	arandu (sábio)	aranduka
		caderno	x	x	x	x	x
59	caderno	kuatia morotĩ	kuatia (papel, escrever...)	kuatiá (papel, escrever)	cuatiá arandu (livro)	kuatia	kuatia
		caneta	x	x	x	x	x
60	caneta	jehaiha para	x	x	x	x	x
		lápiz	x	x	x	x	x
61	lápiz	jehaiva	x	x	haira (lápiz)	x	x
		jehaihacũ	x	x	x	x	x
		borracha	x	x	x	x	x
62	borracha	vojaxa	x	x	x	x	x
		mboje'oha	amboje'og (apagar)	mboje'ó (tirar manchas)	mboje-ó (descorar, borrar)	mboje'o (borrar)	mboje'o (borrar, tirar manchas)
		mbogueha	x	mbogúe (apagar)	mboguehá (apagador)	mbogueha (apagador)	mbogueha (apagar)
		prova	x	x	x	x	x
63	prova	katupyry voipa	katupyry (bom)	katupyry (bom, capaz)	catupîrî (hábil, capaz)	katupyry (capaz, hábil)	katupyry (hábil, capaz)
		lápiz de cor	x	x	x	x	x
64	lápiz de cor	haiha porãra	hai (risco, sinal)	x	x	x	x
		apontador	x	x	x	x	x
65	apontador	jehaiha mbohagua	x	x	x	x	x
		mbohakuaha	x	mbohakuá (fazer ponta)	mbohacuá (tornar aguda)	mbohakua (fazer ponta)	mbohakua (fazer ponta,

					a ponta)		apontar)
		apontaha	x	x	x	x	x
66	casa	oga	hoga	oga	oga	óga	óga
67	quarto	koty	koty	koty	koťî	koty	koty
		jekeha	x	jekeha	jekehá	jekeha	jekeha
68	sala	sala	x	x	x	x	x
		koty	koty (aposento, lugar onde a pessoa está)	koty	koťî	koty	koty
69	cozinha	cosina, kosiná	x	x	x	x	kosina
		tembi'u-koty	x	x	x	x	x
70	banheiro	banheiro, banhero	x	x	x	x	x
		ñembovevuiha koty'i, ñembovevuiha koty	x	x	x	x	x
		vaño	x	x	x	x	x
71	geladeira	moroyśá há, imoróysáha	x	moroyśá (esfriar)	moro-ïśśá (esfriar)	moro'ysá (esfriar)	moro'ysáha
		mbae mohoyśáha, mba'e moroyśá- há,	x	x	x	x	x
		jeladeira	x	x	x	x	x
72	cama	tupá	tupa	tupá	tupá	tupa	tupa
		katre	x	x	x	x	x
		tarimba	x	x	x	x	x
73	guarda- roupa	guarda-roupa	x	x	x	x	x
		ao ryru	ryru (vaso, cesto)	aóryrú	x	aoryru	aoryru
		ao koty, ao-koty	x	x	x	x	x
74	mesa	mesa	x	x	x	x	x

		tembiapo rupa	x	x	x	x	
75	cadeira	cadeira, cadeira	x	x	x	x	x
		apyka	apyka (banco, lugar onde se sentam)	apyká	apyka (banco, banqueta)	apyka (banco, assento)	apyka (banco, assento)
		guapy'aa	guapy (sentar-se)	guapihá (assento)	guapihá (assento)	guapiha (assento, banco)	guapiha (banco, assento)
		vango	x	x	x	x	x
76	televisão	televisão	x	x	x	x	x
		jechukapyha, jechoukapyha	x	x	x	x	x
		fogo, fogão, fogón	x	x	x	x	x
77	fogão	jatapyha	ajatapy (fazer fogo)	jatapy (acender o fogo)	jatapî (acender fogo)	jatapy (acender o fogo)	jatapy
		bicicleta, viciçleta	x	x	x	x	x
78	bicicleta	tenda piru	x	x	x	x	x
		karrosa	x	x	x	x	x
79	carroça	cajosa	x	x	x	x	x
		kavaju mba'eyru	x	x	x	x	x
		moto	x	x	x	x	moto
80	moto	tenda pya'e	x	x	x	x	x
		karro	x	x	x	x	carro
81	carro	cajo	x	x	x	x	x
		mba'eru, mba'eyru	x	x	x	mba'eyru	mba'eyru
		ônibus	x	x	x	x	x
82	ônibus	ônimo	x	x	x	x	x
		mba'eru puku	x	x	x	x	
83	sorvete	sorvete	x	x	x	x	x
		kũmby ro'ysã yku	x	x	x	x	x
84	picolé	picolé, picolá	x	x	x	x	x
		kumby roysã,	x	x	x	x	x

		kumby ro'ysã					
85	bala	bala	x	x	x	x	x
		akytaĩ re' ĩ	x	x	x	x	x
86	refrigerante	refrigerante	x	x	x	x	x
		yva rykuere	x	x	x	x	x
		mba'emorykue ro'ysã	x	x	x	x	x
87	suco	suco	x	x	x	x	x
		yva rykue	x	x	x	x	x
88	tereré	tereré	x	tereré	tereré	tereré	terere
		jai rykue	x	x	x	x	x
		jairy kue pyte	x	x	x	x	x
89	cerveja	cerveja, servesa, cervesa	x	x	x	x	servésa
		kavajuty	x	x	x	x	x
90	café	café	x	x	x	x	kafe
		rambosa	x	rambosá (primeira refeição do dia)	rambossá (fazer as primeiras refeições)	(a)rambosa (quebrar o jejum)	rambosa (quebrar o jejum)
		py'a joko,	x	x	x	py'ajoko	py'ajoko (merenda, lanche)
91	açúcar	açuca, asuká	asuka (V)	x	x	asuka	asuka
		eiratã	eira pu'ã (abelha)	eiratamã (colmeia)	eirãtã	eiratá	eirata hatã
92	sal	juký	juky	juky	jukî	juky	juky
93	calça	kasõpukú, kasõ puku, casõpuku, cazon puku	x	x	x	x	x
94	camisa	kamisá, camisa	x	x	x	kamisa	kamisa
		kamisa ijuvá	x	x	x	x	x

		pukua					
		kuimba'e camisa	x	x	x	x	x
95	saia	polhera	x	x	x	pollera	x
		saia, sái	x	sái	x	sái	sái
		typoi	x	typói (camisa ou blusa de mulher)	typói (espécie de saiate usado pelas mulheres)	typói (saia; camisa de mulher)	typói (blusa de mulher)
96	blusa	váta	x	x	x	x	x
		lusa	x	x	x	x	x
		ao aku	x	x	x	x	x
97	sapato	sapato, sapatu	sapatu	sapatú	sapatu	sapatu	sapatu
		pyrehegua, pyreheguá	x	x	x	pyrehegua	x
		pyrehegua isã'yua	x	x	x	x	x
98	sandália	sandália, sandalha	x	x	x	x	x
		kuña pyrehegua	x	x	x	x	x
99	tênis	tênis, téni	x	x	x	x	x
		pyregua isãva	x	x	x	x	x
		pyrehegua vevui	x	x	x	x	x
100	chinelo	chinelo, chinela	x	x	x	x	x
		pyregua pysãpa'u	x	x	x	x	x
		pyrehegua piro'y	x	x	x	x	x
		pyrehegua pererĩ	x	x	x	x	x

Quadro 04 – Verificação do registro dos vocábulos Guarani Kaiowá nos dicionários (formulário 02)

N°	Itens em português	Respostas coletadas com os informantes	Montoya (2011[1639] – (T) 2002 [1640] – (V)	Sampaio (1986)	Tibiricá (1989)	Guasch & Ortiz (2001)	Assis (2008)
01	mãe	sy	sy	sy	sî	sy	sy
		ha'i, há'i	há'i, pa'i	hay	x	há'i	há'i
02	pai	ru,	tu	x	ru	ru	ru
		hiu, hiú	x	x	x	x	x
		taita, taitá	x	taitá	taitá	taita	taita
03	filho	ta'yra, ta'yru	tajy	x	ra-î	ta'yra	ta'yra
		memby kuimba'e, memby kuĩmba'i	x	membykuimba'e	membî	memby	memby
		ra'y	ta'y (filho do homem) (V)	ra'ý	ra-î	ra'y (ter filhos)	ra'y (ter filhos em relação ao pai)
04	filha	jajýra	x	rajy	rajî, tajîra	tajýra, rajy	rajy
		rajy	tajy	rajy	rajî, tajîra	tajýra, rajy	rajy
05	tia	tĩa	x	x	x	x	tía
		ixé	x	x	x	x	x
		cherusu, xy'jrusu,	x	x	x	x	x
		atipe	x	x	x	x	x
06	tio	tĩo	x	x	x	x	tío
		tuty	tuty (irmão da mãe)	tutí	tuti	tuvy	tuvy
		tutyruso, tuty rusu	tuvy	x	x	x	x
07	prima	prima	x	x	x	x	x

		kypy'y	kypy'y (irmã menor e prima irmã)	kypy'y (irmã menor)	kîpî –î (irmã menor)	kypy'y (irmã menor)	kypy'y (irmã menor)
		teindy	teindy (diz o homem a sua irmã ou prima)	teindy (irmã maior e prima)	reindy (irmã)	teindy (diz o homem a sua irmã menor)	reindy (irmã do homem)
		reindy joapy	x	x	x	x	x
08	primo	primo	x	x	x	x	x
		kyvy	kyvy (dizem as mulheres a seus irmão e primos irmãos)	x	kîvî (irmão da mulher)	x	kyvy (irmão da mulher)
		kyvy joapy	x	x	x	x	x
09	genro	hanhygwe	x	x	x	x	x
		tatyú	x	tatyú (sogro)	tatiú (sogro)	x	x
		tanhyvê	x	x	x	x	x
		peũ, pehũ	peũ	peũ	peũ	x	peu
10	nora	gwächã,	x	x	x	x	x
		gwaxãmirĩ	x	x	x	x	x
		memby rembireko ta'y rembireko	x	membyrembirekó	memby rembireko	memby rembireko	memby rembireko
11	sogra	haicha, raixo	taicho	x	x	x	raicho
		mesy, mensy	mendy	menasy	mena sí	menasy	mendy
12	sogro	meduvy, mendury	mendu	x	x	x	mendy
		tatyú, tatyvu	tatyú	tatyú (sogro)	tatiú (sogro)	x	x
13	compadre	compare, kompáre	x	x	x	x	x
		nhevangaha	x	x	x	x	x
		tuvyguasú	x	x	x	x	x
		tamõĩ gwasu	tamõĩ (avô)	x	x	x	x
		nhamoĩvete	x	x	x	x	x
14	comadre	comare, komare,	x	x	x	x	x

		komáre					
		jarigwasu, javi gwasu	jarýi (avó)	x	x	x	x
		jarivete	jarýi (avó)	x	x	x	x
15	padrinho	paino	x	x	x	x	paíno
		taita'i	x	x	x	taita (pai)	x
		hoechakwe	x	x	x	x	x
		moĩruha kuĩmba'e	x	x	x	x	x
		xe ru ndive gwa	x	x	x	x	x
16	madrinha	maína	x	x	x	x	maína
		sy'i	sy'y (tia)	sy'y (tia)	sî-î	syraga	sy rekovia
		hoechakwe	x	x	x	x	x
		moĩruha kunhã	x	x	x	x	x
		xe sy ndive gwa	x	x	x	x	x
17	noiva	jegutaha, jegutaha, nhegutaha	x	x	x	x	jeguta (gostar, enamorar-se)
		tembirekorã, hambirekorã	x	x	x	tembirekorã	x
18	noivo	nhegutaha, jegutahá	x	x	x	x	jeguta (gostar, enamorar-se)
		kotija apyre	kotyaha (amigo)	x	x	x	x
		menarã, ménarã, ménama	x	menarã	menarã	menarã	menarã
19	madrasta	syanga, sy'anga	sy anga	syangá	sîanga	syanga	x
20	padrasto	tuanga, ruanga,	tuvanga	tuangá, ruangá	tuangá, ruangá	tuanga, ruanga	tuvanga, ruanga
		taita anga	x	x	x	x	x
21	família	família	x	x	x	x	x
		ogapygwa, ogaypygwa	ogpeguára (V)	x	x	x	ogapygwa, ogaypygwa
		terekwá	x	x	x	x	x

22	cego	pysó hesa mondoi	x	x	x	x	x
		hesakuape, hesakwapé, sakwape	tesakuape (torto de um olho)	tesakuapé (cego de um olho)	tesacuapé (vesgo, caolho)	tesakuape (cego de um olho)	x
		sapugwe	x	x	x	x	x
		ndohexai	x	x	x	x	x
23	míope	nanderesapysoi	x	x	x	x	x
		tesagãguê	tesa vāng (olhos estrábicos)	tesava (estrábico)	hessavã (vesgo, estrábico)	tesava (estrabismo)	x
		tesayvaraũ	tesay (lágrimas)	x	x	x	x
24	surdo	nohēndui	x	x	x	x	nohendúiva
		apysape	apysakua ranã (surdez)	apysa'y	x	apysape	apysapé
25	desdentado	taĩsē	x	x	x	x	x
		tāime'y, tā'ive'y	x	x	x	hāi'yva (circun)	hāi' yva
26	papo (pomo-de- adão)	ju'ai	juái (nó da garganta)	ju'ai	ju-ái	ju'ai	ju'ai
		ahy'o	x	ahy'o (garganta)	ahy'o (garganta)	ahy'o (garganta)	ahy'o (garganta)
		ahy'o kytã	aju kitã	ahy'o kitã	x	x	x
27	manco	ikarē, kare	karē (coisa torta)	karē (coxo)	carē (encurvado, torto)	karē	karē
		karēxo	karē (coisa torta)	karē (coxo)	carē (encurvado, torto)	karē	karē
		tetyma	(perna)	tetymá (perna)	tefímá (perna)	tetyma (perna)	tetyma (perna)
28	ronco	kerambu	x	x	kerambu	kerambú	kerambu
		kororõ, okorõrõ	kororõ	kororõ	cororõ	kororõ	kororõ
29	caspa	akãku'i, akã ku'é	x	x	x	x	x
		akã ku'i remoi	x	x	x	x	x
		akã piku'i	api ku'i (V)	apiku'í	apicu'í	apiku'í	apiku'í
		aka pegwe	x	x	x	x	x

30	calma	calma	x	x	x	x	x
		pyaguapy	x	py'aguapy	pî-aguapy (paz interior, sensatez)	py'aguapy	py'aguapy (paz, tranquilidade)
		ambé	ambé (espera)	x	x	x	ambé (espere, aguarde)
		hëarõ, eharõ, haárõ	há'arõ (aguardar)	ha'arõ (aguardar, esperar)	rã-arõ (esperar, aguardar)	ha'arõ (esperar, aguardar)	ha'arõ (esperar, aguardar)
		sapy'a	x	x	x	x	x
31	paciência	mbegwekatu	mbegue (brandamente)	x	mbeguecatu (devagar, em voz baixa)	mbegue (devagar, em voz baixa)	mbegwe katu (devagar, lentamente)
		heekatu	x	x	x	x	x
		anhangareko	toosãnga areko (V)	x	x	x	x
		mborayhu pópy <u>conferir acepções</u>	mborayhu (V)	mborayhú	mboraihú (fazer carinho, amor, amizade)	mborayhu	mborayhú
		ereko porã hapy	x	x	x	x	x
32	amor	hayhu	hayhu (V)	hayhú	haihú	hayhu	hayhu
33	carinho	carinho	x	x	x	x	x
		mbohory hory	x	x	x	x	x
		ajeavehy	x	x	x	x	x
		pixy, jopixy	pichy (esfregar)	pichy (esfregar, adular)	pichî (esfregar)	pichy (esfregar)	pichy (adular)
34	alegria	vy'á	torýva (V)	vy'á	vi-a	vy'a	vy'a
35	tristeza	yy'ai,	x	vya'ÿ	vi-a-în	vy'a'ÿ	x
		ndovyai, ndovy'ai,	x	x	x	x	ndovy'áiva (triste)
		yy'a re' ÿ	x	x	x	x	x
36	ciúme	iciume	x	x	x	x	x

		seroso, seróço	x	x	x	x	x
		johayhu asy,	x	x	x	x	x
		johayhu vai	x	x	x	x	x
37	preguiçoso	ikangy	x	kaigué (sem vontade de trabalhar)	x	kaigue	kaigue (estar com preguiça)
		ate'y, ate'yva, nhate'ỹ, inhate'ỹ	ate'ỹ (fraqueza)	ate'ỹ	ate-în	x	ate'ỹ
38	teimoso	ha'eseve, ha'eserve, ha'esemê	x	x	x	x	x
		nohendui	x	x	x	x	x
39	doido, maluco	itavy, itavytõ	tavy (engano)	itavyva (maluco)	tavî (ignorante, idiota)	tavy (ignorante, bobo)	tavy (ignorante)
		akã vai	akãng ai (má cabeça)	x	acã-vai (ficar perplexo)	x	x
		akã tavy	itavyva-e (tonto)	x	acã-tavî (tonto)	x	x
40	burro, ignorante	nainharandui	x	x	x	x	arandu'y
		ndoikwaai	x	x	x	x	x
		tavy	tavy (engano)	tavy (ignorante)	tavî (ignorante, idiota)	tavy (ignorante, bobo)	tavy (ignorante)
		itavyveva, itavy	tavy (engano)	itavyva (maluco)	x	x	x
41	bêbado	iku'a, ikua va, oka'ua	ka'u (beber vinho)	ka'u	ca-u	ka'u	ka'u
42	assassino	porojukahá,	x	x	x	porojukaha	porojuka (matar) porojukaha (assassino)
		oporojukava, ojojukava'eny	x	x	x	porojukaha	porojuka (matar)

		iporapiti	x	x	x	x	x
		mba'ejukaha	juka (matar)	mba'é juká (o matar)	x	jakaha	jukaha
43	ladrão	monda, mondaha, omondava, imondava	munda (furtar) mundára (V)	mondahá	mondahá	mondaharã	mondaha
44	prostituta	rapariga	x	x	x	x	x
		ojeuka reia'e	x	x	x	x	x
		anheme'ẽ reirei	x	x	x	oñeme'eva	x
		omeevaery	x	x	x	x	x
		gwevi omeẽva	x	x	x	oñeme'eva	x
		onheme'e va'etey	x	x	x	x	x
45	avarento, econômico...	erecomomizarã	x	x	x	x	x
		xuko	x	x	x	x	x
		hakãte'ỹ	takate' ỹ (mesquinho, escassez...) takate' ỹ (ciúme) (V)	takate'ỹ (avarento)	hacate-in (avarento, mesquinho)	hakate'ỹ takate'ỹ (interesse, cuidado)	hakate'ỹ (avarento) takate'ỹ (avareza)
		mba'eretagwasu	x	x	x	x	x
		oimembava	x	x	x	x	x
46	bobo	tavy	itavyva'e (tonto) (V)	tavy (bobo), itavyva (maluco)	tavî (ignorante, idiota)	tavy (ignorante, bobo)	tavy (ignorante)
47	viúvo	viura, viurã	x	x	x	x	x
		opoiva ekwe	x	x	x	x	x
		hembireko amonó va'ekwe	hembireko manova'e	x	x	x	x
		ménakwé	x	x	x	x	x
48	finado	omanoakwe, omanovaekwe, anano va'ekwe	x	omanovaekué	omanova	omanóva (que morre)	omanóva

		omano vaegue					
		myamyri	amiri (V)	x	x	x	x
49	vizinho	vizinho	x	x	x	x	x
		jererehe gua	jere (volta)	jerere (ao redor de)	jerere (ao redor de)	x	x
		ypypygua, ypypygwa,	x	ypype (pertinho)	ipipeté (bem pertinho)	x	ypype (perto de, próximo)
		oga ypy pygwa	x	ogaypypeguá	x	ogaykegua	ogapypegua
		oga ypyrupi	x	x	x	x	x
50	dono, proprietário	ijary	jará	jara	jara	jára	jára
		imba'e	x	imba'e (seu, sua, dele)	x	mba'e (coisa minha)	mba'e (propriedade)
		imbá ejary	x	mba'éjara	mba-é jara	mba'ejára	mba'ejára
		yára tee	x	x	x	x	x
		yvy jary	jará (dono, senhor)	yvyjara (dono da terra)	x	yvyjara	yvy jára
51	xará	tokája	x	x	x	x	x
		xexagua	x	cheixaguá (igual a mim)	cheixagué (igual a mim)	x	chéicha (como eu, igual a mim)
		rery chagwa, téry xagua	x	x	x	x	x
		há'exagwa	x	há'éicha (como ele)	há-eicha (como ele)	há'eicha (como eu)	x
52	amigo	amigo	x	x	x	x	x
		xendiegua	x	x	x	x	x
		irũ, inhirũ	irũ (companheiro)	irũ	irũ	iru (companheiro, sócio)	irũ
53	escola	ekorã	x	x	x	x	x
		mbo'eha oga, mboeroy	ñembo'eháva	x	mbo'ehá roga	mbo'eróga, mbo'eha	mbo'eha

54	aluno	arandu ray	arandi	x	x	x	x
		ekorero	x	x	x	x	x
		mitã kwéry	x	x	x	x	x
		temimbo'e	x	temimbo'é (a quem se ensina)	temimbo-é (discípulo)	temimbo'e	temimbo'e
		mbo'epy	mbo'e (ensinar)	x	x	mbo'epy	mbo'epy
		mbo'ea	mbo'e (ensinar)	x	x	x	
55	professor	mboehara, mbo'ehara, mbo'e hary	x	mbo'ehara	mbo'ehara	mbo'ehara	mbo'ehára
56	diretor (de escola)	mbo'eroy	ñangareko (cuidado)	x	x	x	x
		mboruixa, mboehara ruixa	mburuvicha (o que tem em si grandeza)	mburuvichá (autoridade máxima)	mburuvichá (chefe, cacique, autoridade)	mburuvicha	mburuvicha
		nhangarekaha mbo'eroy pygwa	x	ñangarekohá (cuidador, porteiro)	ñangarecohá (aquele que cuida, vigilante)	ñangarekoha (cuidador, porteiro)	ñangarekoha (aquele que cuida, curador, porteiro)
		mbogwataha	x	x	mboguatahá (condutor)	x	mboguataha (aquele que conduz)
		mbo'eroga	x	x	x	x	x
57	coordenador	mitã ruvicho mbo'eropygwa	x	x	x	x	x
		anhamokâyva mbo'eroy pygwa	x	x	x	x	x
		mbo'era ruixa	x	x	x	x	x
		moĩporãha kwatiá	x	x	x	x	x
		kwati ha mbo'e hara nhatendeha	x	x	x	x	x

58	livro	livro	x	x	x	x	x
		kwatia nhe'ë	x	x	x	x	x
		kwatia	kuatia	kuatiá (papel, escrever)	cuatiá arandu (livro)	kuatia	kuatia
59	caderno	jahai haty, jahai há	x	x	x	x	x
		kwatia	kuatia (papel, escrever...)	kuatiá (papel, escrever)	cuatiá arandu (livro)	kuatia	kuatia
		kwatia haihá	x	x	cuatiá-haihá (lápiz)	x	kuatihaiha (escritor)
60	caneta	caneta	x	x	x	x	x
		haiha	x	x	haihá (lápiz)	x	haiha (lápiz)
		hūa	x	x	x	x	x
61	lápiz	rapi	x	x	x	x	x
		kwatia mohūha	kuatia (escritura)	x	x	x	x
		hakwatu	hakua (ponta)	hakwā (ter ponta, pontudo)	x	x	x
		haiha	x	x	haihá	x	haiha
62	borracha	borracha	x	x	x	x	x
		kytyha	kyty (limpar, esfregar)	kyty (esfregar)	kîti (esfregar)	?	kyty (esfregar algo)
		kwatia kytyha	x	x	x	x	x
		mogweha	x	x	x	x	x
		monkanhyha	x	x	x	x	x
		mombaha	(a) mombáva (acabar, destruir)	x	x	x	x
63	prova	prova	x	x	x	x	x
		nheporandoha	aporandu (perguntar)	ñeporandú (interrogar)	nheporandu (interrogação)	ñeha'â	ñeporandu (prova)
		ikwaa pyrā	x	x	x	x	x

		arandu kwaa	x	x	x	x	arandukuaa
		moĩporãha	x	x	x	x	x
64	lápiz de cor	rapi de cory	x	x	x	x	x
		mbopara há, omboparaha	x	mbopará (pintalgar)	mbopará (pintar de várias cores)	mbopara (pintar de várias cores)	mbopara (pintar de várias cores)
		haihá isa'jva	x	x	x	x	x
		kwatia rembiapo	aikuatia (pintar (V))	x	x	x	x
65	apontador	pontada	x	x	x	x	x
		mboakwaha, mbohakuaha	x	mbohakuá (fazer ponta)	mbohacuá (tornar aguda a ponta)	mbohakua (fazer ponta)	mbohakua (fazer ponta, apontar)
66	oga	oga	hoga	oga	oga	óga	óga
67	quarto	koty	koty	koty	kotĩ	koty	koty
		ropy	x	x	x	x	x
		akeha	x	x	x	x	x
		koty jere, katy jere	x	x	x	x	x
68	sala	koty	koty (aposento, lugar onde a pessoa está)	koty	kotĩ	koty	koty
		ropy	x	x	x	x	x
		akeha	x	x	x	x	x
		koty jere	x	x	x	x	x
69	cozinha	cozinha	x	x	x	x	kosina
		tembi'u roy	x	x	x	x	x
		mba'e rendá mojyhá	x	x	x	x	x
		jatapyha	x	jatapy (acender fogo)	jatapĩ (acender fogo)	jatapy (acender fogo)	jatapy (acender fogo)
		mbojy haty	x	x	x	x	x

		tembi'u apo renda	x	x	x	x	x
70	banheiro	cazinha	x	x	x	x	x
		jahuha	jahu (banho)	jahuhá	jahuhá (banheira, piscina)	jahuha	jahuha (banheira, piscina)
		jahu haty, jahu katy, jahukaty	x	x	x	x	x
71	geladeira	geladeira	x	x	x	x	x
		moroysã há, ymoróysãha	x	moroysã (esfriar)	moro-îssã (esfriar)	moro'ysã (esfriar)	moro'ysãha
		mbae mohoyãha, mba'e moroysã-ha	x	x	x	x	x
72	cama	kehaty	x	x	x	x	x
		tupa	tupa	tupá	tupá	tupa	tupa
		nhenó haty	x	x	x	x	x
73	guarda- roupa	aogwarydaha	x	x	x	x	x
		aonhongatuha		x	x	x	x
		moãyha	x	x	x	x	x
		ao renda	x	x	x	x	x
74	mesa	mesa	x	x	x	x	x
		apyka haiha	apyka (banco)	apyká (banco)	apîcá (banco)	aripaka	apykahai (mesa escolar)
		akaruha	karuháva (V)	x	x	karuha	x
		tempiporu renda	x	x	x	x	x
75	cadeira	vãko, vanko	x	x	x	x	x
		gwapyhaty, gwapy haty, gwapy há	guapy (sentar- se)	guapihá (assento)	guapîhá (assento)	guapiha (assento, banco)	guapiha (banco, assento)
76	televisão	terevisão	x	x	x	x	x
		ãygue je heyaha	x	x	x	x	x
		aýgwe xukaha	x	x	x	x	x

		ta'anga sêha	x	x	x	x	x
		ta'anga ryryi	x	ta'angá (retrato)	ta-anga (imagem)	ta'anga (imagem)	ta'anga (imagem)
77	fogão	fogão	x	x	x	x	x
		jatapyha	ajatapy (fazer fogo)	jatapy (acender o fogo)	jatapî (acender fogo)	jatapy (acender o fogo)	jatapy
		tata apoha	tataupa	x	x	x	x
		mbojyha	x	mbojy (cozinhar)	mbojî (cozinhar)	mbojy (cozinhar)	mbojy (cozinhar)
		mba'e mbojy renda	x	x	x	x	x
		tembi'u mbojyha	x	x	x	x	x
78	bicicleta	chicleta, xicreta	x	x	x	x	x
		pikwe	x	x	x	x	x
		mba'e gwataha	x	x	x	x	x
79	carroça	caroça, karosa	x	x	x	x	x
		mba'ereruha	x	x	x	x	x
		mokoi ndururu	x	x	x	x	x
		kavaju mba'eyru	x	x	x	x	x
80	moto	moto	x	x	x	x	moto
		motoka	x	x	x	x	moto
		mboyapu'i	x	x	x	x	x
		mba'e renda nhagwĩ	x	x	x	x	x
81	carro	karo	x	x	x	x	carro
		mboyapu gwasu	x	x	x	x	x
		mba'e gwataha	x	x	x	x	x
		mba'e rytu nhangwĩ	x	x	x	mba'eyru	mba'eyru
82	ônibus	ônimo, onimu	x	x	x	x	x

		mba'e ryru nhagwĩ	x	mba'eryru (recipiente para transporte)	x	mba'e ryru (veículo)	x
		mba'e yrugwasu	x	x	x	x	x
83	sorvete	soryvete	x	x	x	x	x
		mbororoysã he'ẽ	x	x	x	x	x
		he'ẽva roysã	x	x	x	x	x
		mba'e he'ẽ roysã	x	x	x	x	x
84	picolé	picolé, pikoré	x	x	x	x	x
		he' ěatãva roysã	x	x	x	x	x
85	bala	bala, bara	x	x	x	x	x
		he' ěa	he' ě (doce)	he' ěa (doce)	he' ěa (doce)	he' ě (doce)	he' ě (doce, adoçado)
		juru mbotai	juru a'e (sabor)	x	x	x	x
		he' ěva apu'a	x	x	x	x	x
		mba'e he' ě	x	mbaeh'e' ě (coisa doce)	mba-é he' ě (doce)	mba'e he' ě (coisa doce)	mba'e he' ě
86	refrigerante	refrigerante	x	x	x	x	x
		je' ě	he' ě (doce)	x	x	x	x
		hykwerea	x	x	x	x	x
		mba'e he' ě, ma' ěh' ě' ěva	x	mbaeh'e' ě (coisa doce)	mba-é he' ě (doce)	mba'e he' ě (coisa doce)	mba'e he' ě
87	suco	suco	x	x	x	x	x
		yva rykwere	x	x	x	x	x
		hey' úa	x	x	x	x	x
		hye' ě	he' ŷ (brindar)	x	x	x	ry
		mba'e he' ě	x	mbaeh'e' ě (coisa doce)	mba-é he' ě (doce)	mba'e he' ě (coisa doce)	mba'e he' ě (coisa doce)
88	tereré	tereré	x	x	tereré	tereré	x
		ka'a	ka'a (a erva que bebem)	ka'a (erva)	ca-a	ka'a	ka'a (erva-mate)

		kaá jere	x	x	x	x	x
89	cerveja	ceryveja, seryveja	x	x	x	x	sévesa
		monga'u ha	x	monga'u (embriagar-se)	monga'u (embriagar-se)	x	x
		hypy lua	x	x	x	x	x
		yryjúiró	x	x	x	x	x
		mba'e he'ẽ, roysã tata	x	x	x	x	x
90	café	café, kafé	x	x	x	x	x
		huã	x	x	x	x	x
		mba'e hũe' ẽ, mba'e he'ẽ hũ	x	x	x	x	x
91	açúcar	açuca, asúka	asuka (V)	x	x	asuka	asuka
		moe êha	x	x	x	x	x
		he'ẽ	x	he'ẽ (doce)	he'ẽ (doce)	he'ẽ (doce, tem açúcar)	he'ẽ (doce, tem açúcar)
		mba'e he'ẽva	x	mbaehẽ (coisa doce)	mba-é he'ẽ (doce)	mba'e he'ê (coisa doce)	mba'e he'ẽ (coisa doce)
92	sal	juky	juky	juky	jukî	juky	juky
		rembochy	he' êmbochy (V)	x	x	x	x
93	calça	kasõ, kansõ	x	x	x	x	kasõ
		kasõ puku, kasõpuku	x	x	x	x	x
94	camisa	kambisá	x	x	x	kamisa	kamisa
		cambisapuku	x	x	x	x	x
		kwimba'e camisa	x	x	x	x	x
		kuimba'e rusa	x	x	x	x	x
		rusa	x	x	x	x	x
		pire jokohá	pire (pele)	x	x	x	x
95	saia	sái	x	sái	x	sái	sái
		hetéo	x	x	x	x	x

		typoi	x	typói (camisa ou blusa de mulher)	typói (espécie de saíote usado pelas mulheres)	typói (saia; camisa de mulher)	typói (blusa de mulher)
96	blusa	rusa	x	x	x	x	x
		kunha rusa, kunha rúsa	x	x	x	x	x
97	sapato	sapato	sapatu	sapatú	sapatu	sapatu	sapatu
		pyryru, py ryru	x	x	pîrîru (tudo que se calça)	pyryru	x
98	sandália	sandália, sandaia, sandaria	x	x	x	x	x
		pyryru kunhã	x	x	x	x	x
		py ryru	purû (pisar)	x	pîrîru (tudo que se calça)	pyryru (sapato)	x
		pyryru kava	x	x	x	x	x
99	tênis	téni	x	x	x	x	x
		pyryru jukohá	x	x	x	x	x
		py ryru	x	x	pîrîru (tudo que se calça)		x
		pyryru moroti	x	x	x	x	x
100	chinelo	xinera	x	x	x	x	x
		pypuku	x	x	x	x	x
		pekekatu	x	x	x	x	x

